



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**A METÁFORA NA LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE DA DOR:  
Glossário Bilíngue Espanhol-Português**

**MARTA INGRITH MOLINA CABRERA**

Brasília DF  
2024

**MARTA INGRITH MOLINA CABRERA**

**A METÁFORA NA LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE DA DOR:**

**Glossário Bilingue Espanhol-Português**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de pesquisa: Léxico e Terminologia. Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky.

Brasília DF

2024

## FOLHA CATALOGRÁFICA

### FICHA CATALOGRÁFICA

MM722m MOLINA CABRERA, MARTA INGRITH  
A METÁFORA NA LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE DA DOR:  
Glossário bilíngue Espanhol-Português / MARTA INGRITH MOLINA  
CABRERA; orientador Abdelhak Razky. -- Brasília, 2024.  
213 p.

Tese (Doutorado em Linguística) -- Universidade de  
Brasília, 2024.

1. A METÁFORA NA LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE DA DOR. 2.  
Glossário bilíngue Espanhol-Português de termos da dor. 3.  
Migração venezuelana em Brasília. I. Razky, Abdelhak ,  
orient. II. Título.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MOLINA, Cabrera Marta Ingrith. A metáfora na linguagem de especialidade da dor: Glossário bilíngue Espanhol-Português. (Tese de Doutorado em Linguística). Brasília: Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2024, 202 p.

### CESSÃO DE DIREITOS

NOME DO AUTOR: Marta Ingrith Molina Cabrera

TÍTULO DA TESE DE DOUTORADO: A metáfora na linguagem de especialidade da dor:  
Glossário bilíngue Espanhol-Português

GRAU: DOUTOR. ANO: 2024

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta tese de doutorado para única e exclusivamente propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta tese de doutorado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

---

Nome: Marta Ingrith Molina Cabrera.

E-mail: martamolnacabrera@gmail.com

## **BANCA EXAMINADORA**

### **A METÁFORA NA LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE DA DOR:**

#### **Glossário bilíngue Espanhol-Português**

Doutoranda: Marta Ingrith Molina Cabrera

#### **Composição da banca examinadora.**

---

Professor Doutor Abdelhak Razky (UnB/ UFPA/PPGL/LIP) (UnB/UFPA)  
Orientador (presidente)

---

Professora Doutora Flávia Cristina Cruz Lamberti Arraes (UnB/POSTRAD/LIP)  
Membro efetivo interno

---

Professora Doutora Marcela Moura Torres Paim (UFRPE)  
Membro efetivo externo

---

Professor Doutor Ariel Pheula do Couto e Silva (UNIFESSPA)  
Membro efetivo externo

---

Professora Doutora Sandra María Pérez López/ Suplente (UnB)  
Membro suplente

Brasília – DF, 07 de novembro de 2024.

## DEDICATÓRIA

*À meu pais  
Benício Dagoberto Molina Chavez e  
María Esther Cabrera León.  
Caminhantes de veredas remotas.  
(in memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à vida, a sua força misteriosa que me sussurrou ao ouvido: vá, caminhe, firme-se em seu eixo, respire, olhe, veja a beleza que a vida é, porque a vida misteriosa que me habita quer viver e pede passagem, a todo momento, e me sussurra para seguir me desafiando e me explorando e, eis que na madurez desta vida que me vive concluo a realização deste trabalho. Obrigada, Força Misteriosa, por me revelar a coragem que me habita.

A meu querido filho Nicolas e sua família, a minhas irmãs Maren e família, Silvia e família, por me acompanharem em todo o percurso, à distância, e por serem meu porto seguro. Obrigada, meus queridos!

No caminho do doutorado encontrei meu querido amigo Eduardo Melo Rebouças, nossas longas conversas, discussões, reflexões foram, sobre tudo, um bálsamo na aridez que o trabalho intelectual por vezes representa, ademais, a descontração e as risadas suavizaram o clima semideserto do Planalto Central. Obrigada por tudo, meu querido! Ambos os espaços, o acadêmico e o do cerrado, se assemelham na volição que se necessita para atravessar os longos meses de aridez, até a chegada das águas que regam, refrescam e permitem que a semente que foi plantada, brote, floresça e dê frutos.

Aos meus queridos amigos que esta Brasília me presenteou Iara Oliveira Fernandes, João Pedro Rodrigues de Souza, Janailton Mick Vitor de Souza, tão queridos e sempre presentes em todas as horas.

A Magali de Lourdes Pedro e Ricardo Macedo por serem meu amparo, é reconfortante saber que vocês estão ali, para o que der e vier.

Meu agradecimento ao Prof. Dr. Abdelhak Razky por sua orientação, incentivo e confiança a mim dispensados na concretização desta pesquisa. Muito obrigada, professor!

À querida e estimada Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Lamberti Arraes, por sua competência como terminóloga e por sua incrível humildade e humanidade que a caracterizam. Obrigada, minha querida professora!

A querida Neyara Macedo, por seu apoio incondicional, por sua fé em minha capacidade de concluir esta pesquisa, que por vezes fraquejava. Obrigada, minha querida!

Um agradecimento especial à secretária do PPGL Mariana Kern por sua competência como servidora pública ao lidar com o aparelho burocrático com sensibilidade e benevolência. Obrigada, Mariana!

À coordenação do Programa de Pós-graduação em Linguística e a todos os professores que despertam o interesse pelo estudo da língua, seu simbolismo, suas metáforas e suas significações, obrigada!

Meu agradecimento a todos os migrantes que participaram da pesquisa e que fizeram possível este estudo. Espero que o produto desta pesquisa seja uma mão na roda para todos vocês.

À Universidade de Brasília (UnB) e à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro advindo dos impostos de cada trabalhador brasileiro. Obrigada, meu povo!

A todos, de coração, meu mais profundo, Obrigada!

# A METÁFORA NA LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE DA DOR:

## Glossário Espanhol-Português

### RESUMO

A presente tese tem como objeto de estudo as metáforas especializadas na linguagem da dor. Lakoff e Johnson (1980), mediante a observação e análise de expressões metafóricas concluem que estas estão presentes no nosso cotidiano e nos auxiliam a compreender e nomear diversas experiências abstratas em termos concretos, como DISCUSSÃO É GUERRA. Dessa forma, a metáfora abandona o espaço de figura de linguagem para o de elemento constitutivo do pensamento e nessa nova perspectiva teórica ocorre uma conciliação de dois polos: o da experiência perceptiva que realiza a transformação do concreto, e seus componentes espaciais, em abstrato, instaurando o pensamento metafórico. Este estudo discute como metáforas conceituais estruturam conceitos da linguagem de especialidade da dor, para tanto, a fundamentação teórica se baseia na Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980, 1987, 1999), na Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) de Temermman (2000, 2004) e da Socioterminologia (Sager, 1995; Faulstich, 1995, 2010). Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram dois: uma entrevista semiestruturada e o questionário de termos de dor de *McGill* aplicados a 13 migrantes venezuelanos na cidade de Brasília/DF. Os resultados assinalaram muitas ocorrências metafóricas, revelando-nos que a metáfora está presente na maneira como as pessoas comuns nomeiam suas experiências com a dor, e, não usam os termos técnicos. Portanto, este trabalho, de natureza qualitativa, estabelece uma ponte entre o léxico geral e o léxico especializado, sintoma e dor integram a área da saúde e pertencem à linguagem especializada, mas quando o paciente fala da sua dor, recorre ao léxico de uso corrente em sua comunidade linguística, por exemplo: *dolor como latidos* (esp.) / dor latejante (port.); *sensación de hormigueo* (esp.) / sensação de formigamento (port.). Concluimos que os termos metafóricos utilizados pelas entrevistadas apresentam uma aproximação com as metáforas Ontológicas da Teoria da Metáfora Conceptual, visto que é uma maneira de representar experiências corporais mediante objetos e substâncias. O produto final desta pesquisa foi a compilação de um Glossário de termos da dor /Glos-Dor, para sua elaboração nos baseamos nos pressupostos teóricos de Faulstich (1995), Carvalho (2001) e Welker (2004), considerando o público menos especializado, no caso desta pesquisa, migrantes hispanos. Esta ferramenta bilíngue tem o intuito de contribuir para que o diálogo entre profissionais da saúde brasileiros e pacientes migrantes seja mais eficaz, humano e fluido.

**Palavras-chave:** Metáfora Conceptual; Expressões Terminológicas Metafóricas; Migrantes, Glossário Bilíngue.

# LA METÁFORA EN EL LENGUAJE ESPECIALIZADO DEL DOLOR

## Glosario español-portugués

### RESUMEN

Esta tesis tiene como objeto de estudio metáforas especializadas en el lenguaje del dolor. Lakoff y Johnson, mediante la observación y análisis de expresiones metafóricas, concluyen que están presentes en nuestra vida diaria y nos ayudan a comprender y nombrar diferentes experiencias abstractas en términos concretos, como DISCUSIÓN ES GUERRA. De esta manera, la metáfora abandona el espacio de figura retórica al de elemento constitutivo del pensamiento, en esta nueva perspectiva teórica se concilian dos polos: el de la experiencia perceptiva, que transforma lo concreto, y sus componentes espaciales, en abstracto, instaurando el pensamiento metafórico. Este estudio analiza cómo las metáforas conceptuales estructuran conceptos presentes en el lenguaje de especialidad del dolor, por lo tanto, su fundamento teórico se basa en la Teoría de la Metáfora Conceptual de Lakoff y Johnson (1980, 1987, 1999), en Terminología, se basa en Terminología de la Teoría Sociocognitiva (TST) de Temermman (2000, 2004) y Socioterminología (Sager, 1995; Faulstich, 1995, 2001). Los instrumentos de recolección de datos utilizados fueron dos: entrevista semiestructurada y el cuestionario de términos de dolor de McGill aplicado a 13 migrantes venezolanos en la ciudad de Brasilia/DF. Los resultados revelaron muchos términos metafóricos, lo que nos reveló que la metáfora está presente en la manera como la gente común nombra sus experiencias de dolor sin usar términos técnicos. Por tanto, este trabajo, de carácter cualitativo, establece un puente entre el léxico general y el léxico especializado, síntoma y dolor forman parte del área de la salud y pertenecen al lenguaje especializado, pero cuando el paciente habla de su dolor recurre al léxico de uso general en su comunidad lingüística, por ejemplo: dolor como latidos (esp.) / *dor latejante* (port.); sensación de hormigueo (esp.) / *sensação de formigamento* (port.). Concluimos que los términos metafóricos utilizados por los entrevistados se aproximan a las metáforas ontológicas de la Teoría de la Metáfora Conceptual, por ser una forma de representar experiencias corporales con objetos y sustancias. El producto final de esta investigación fue la creación de un Glosario de términos del dolor/Glos-Dol, para su elaboración nos basamos en los supuestos teóricos de Faulstich (1995), Carvalho (2001) y Welker (2004), considerando el público menos especializado, en el caso de esta investigación, inmigrantes hispanos. Esta herramienta bilingüe desea contribuir para que el diálogo entre los profesionales de la salud brasileños y los pacientes migrantes sea más eficaz, humano y fluido.

**Palabras clave:** Metáfora Conceptual; Expresiones terminológicas metafóricas; Migrantes, Glosario bilingüe.

## METAPHOR IN THE SPECIALIZED LANGUAGE OF PAIN:

### A Spanish-Portuguese Glossary

#### ABSTRACT

The object of this dissertation is specialized metaphors within the language of pain. Lakoff and Johnson (1980), through their observation and analysis of metaphorical expressions, conclude that metaphors are embedded in our daily lives and assist us in understanding and naming various experiences, such as “DISCUSSION IS WAR”. Thus, metaphor leaves the space of a figure of speech to become a constitutive element of thought. In this new theoretical perspective, two poles are reconciled: perceptual experience, which transforms concrete and spatial components into the abstract, thereby establishing metaphorical thinking. This study discusses how conceptual metaphors structure concepts of the specialized language of pain. Therefore, the theoretical foundation is based on the Conceptual Metaphor Theory of Lakoff and Johnson (1980, 1987, 1999), the Sociocognitive Theory of Terminology (TST) of Temermman (2000, 2004) and Socioterminology (Sager, 1995; Faulstich, 1995, 2010). Two data collection instruments were employed: a semi-structured interview and the McGill pain terms questionnaire, which were applied to 13 Venezuelan migrants in Brasília, DF. The results highlighted numerous metaphorical occurrences, revealing to us that metaphor is present in how ordinary individuals describe their experiences of pain, rather than relying on technical terms. Therefore, this work, of a qualitative nature, builds a bridge between the general lexicon and the specialized lexicon, symptom and pain are part of the health area and belong to the specialized language, but when the patient speaks of his pain, he uses the lexicon in current use in his linguistic community, for example: dolor como latidos (esp.) / dor pulsante (port.); sensación de hormigueo (esp.) / sensação de formigamento (port.). We conclude that the metaphorical terms used by the interviewees align with the Ontological Metaphors of conceptual metaphor theory, as they represent a way of expressing bodily experiences through objects and substances. The final outcome of this research is the compilation of a Glossary of Pain Terms (Glos-Dor). In preparing this glossary, we relied on the theoretical foundations of Faulstich (1995), Carvalho (2001), and Welker (2004), considering the less specialized public, particularly Hispanic migrants. This bilingual tool aims to make the dialog between Brazilian health professionals and migrant patients more effective, human and fluid.

**Keywords:** Conceptual Metaphor; Metaphorical Terminological Expressions; Migrants, Bilingual Glossary.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 Exemplo de categorização.....	43
Figura 1.2 Estrutura simbólica de Categorização.....	58
Figura 2.1 Dimensão pragmática das linguagens técnicas.....	67
Figura 2.2 Domínios alvo e fonte.....	85
Figura 2.3 Unidade de Interpretação.....	92
Figura 2.4 Estrutura morfológica básica da unidade terminológica.....	96
Figura 4.1 Processo de expansão do significado mediante a metáfora.....	150
Figura 4.3 Termo complexo: Dor surda.....	157
Figura 5.1 Verbetes “agulha”.....	170

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1 Projeção entre domínios.....	32
Quadro 1.2 Intensificadores do nome dor.....	52
Quadro 3.1 Perfil social das entrevistadas.....	126
Quadro 3.2 Estrutura do verbete.....	132
Quadro 3.3 Obras terminográficas em espanhol para elaboração do verbete.....	134
Quadro 3.4 Obras terminográficas em português para elaboração do verbete.....	135
Quadro 3.5 Modelo de Ficha Terminológica.....	137
Quadro 3.6 Ficha Terminológica do termo metafórico “hormigueo” .....	138
Quadro 3.7 Ficha Terminológica do termo metafórico “formigamento” .....	139
Quadro 4.1 Termos selecionados do questionário McGill em espanhol.....	142
Quadro 4.2 Termos selecionados do questionário McGill com “COMO” .....	143
Quadro 4.3 Termos propostos pelas entrevistadas.....	143
Quadro 4.4 Unidades terminológicas.....	145
Quadro 4.5 Unidades terminológicas potencialmente metafóricas.....	145
Quadro 4.6 Categorização dos termos metafóricos.....	149
Quadro 4.7 Domínio-fonte e domínio-alvo.....	151
Quadro 4.8 Metáfora conceptual Ontológica: DOR É UM AGENTE VIVO.....	153
Quadro 4.9 Categorias semânticas do conceito Dor.....	160
Quadro 4.10 Metáforas Divergentes .....	164
Quadro 4.11 Termos Divergentes .....	165

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ACNUR. – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

Adapt. – Adaptado de

Adj. – Adjetivo

Adv. – Adverbio

Art. – Artigo

Cat. - Categoria

F – Feminino

GLOS-DOL- Glosario de términos del dolor

GLOS-DOR - Glossário de termos da dor

IMDH - Instituto Migrações e Direitos Humanos

ISO – International Organization for Standardization

LC – Linguística Cognitiva

M - Masculino

Metf. – Metafórico

MCI - Modelos Cognitivos Idealizados

N – Nome

OBmigra – Observatório de Migrações

p. – página

PIM – Procedimento de Identificação de Metáforas

SEJUS – Secretaria de Justiça e Cidadania

ST – Socioterminologia

SUS – Sistema único de Saúde

TGT – Teoria da Terminologia Geral

TST – Teoria Sociocognitiva da Terminologia

UTCs - Unidade Terminológica Complexas

V - Verbo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – A dor e suas metáforas.....	21
1.1 A Linguística Cognitiva.....	21
1.1.1 Projeção metafórica .....	25
1.1.2 A metáfora e seu percurso .....	27
1.1.3 Metáfora como recurso cognitivo .....	30
1.2 Projeção entre domínios.....	38
1.2.2 Da teoria clássica à prototípica .....	40
1.3 Modelos cognitivos.....	45
1.3.1. Modelo de Esquema de Imagem .....	45
1.3.2. Modelo Cognitivo Proposicional.....	45
1.3.3. Modelo cognitivo metonímico.....	45
1.3.4. Modelo cognitivo metafórico .....	46
1.3.5. Modelo simbólico .....	46
1.4 A dor, apenas.....	47
1.4.1. A dor e suas formas na linguística.....	52
1.4.1.1 A dor expressada.....	52
1.4.1.2 A dor explicada.....	55
1.4.2. A categorização do conceito DOR .....	56
1.4.2.1. Dores prototípicas e Famílias de Dores.....	58
1.4.2.2. Categorização dos termos metafóricos do conceito DOR .....	60
CAPÍTULO 2 – A metáfora na terminologia da Saúde.....	62
2.1. Estudos do Léxico.....	63
2.1.1. A linguagem de especialidade .....	65
2.2 A Terminologia.....	71
2.2.1 O início da Terminologia.....	73
2.2.2 Novas tendências da Terminologia.....	77
2.2.2.1 A Teoria da Socioterminologia .....	77
2.2.2.2 A Terminologia Sociocognitiva .....	82
2.3 Conceito e Termo .....	88

2.3.1. A Terminologia e o conceito .....	91
2.3.2 O termo .....	95
2.4. A elaboração de repertórios léxico-terminográficos.....	101
2.4.1 Repertórios bilíngues .....	105
2.4.2 A equivalência em glossários bilíngues.....	108
2.4.3 O glossário e a adequação ao público-alvo .....	113
2.4.3 O Termo entrada e a definição na perspectiva teórica.....	115
<b>CAPÍTULO 3 – VEREDAS METODOLÓGICAS.....</b>	<b>116</b>
3.1 Abordagem e natureza da pesquisa.....	116
3.1.1 Contexto migratório de venezuelanos.....	118
3.1.2 Delimitação dos instrumentos de pesquisa.....	120
3.1.3 Questionário de dor <i>McGill</i> .....	121
3.1.4 A entrevista semiestruturada .....	122
3.1.5 As entrevistas.....	124
3.1.6 Perfil dos participantes .....	125
3.1.7 Recolha das unidades terminológicas.....	128
3.2 Metodologia de análise dos termos.....	128
3.3 Metodologia de construção do repertório terminográfico.....	130
3.3.1 Características básicas do glossário.....	130
3.3.2 Organização interna do glossário .....	131
3.3.3 A macroestrutura .....	131
3.3.4 A medioestrutura .....	131
3.3.5 A microestrutura.....	132
3.3.5 O verbete.....	132
3.3.6. A ficha terminológica .....	137
3.3.7. Validação das definições dos termos.....	140
<b>CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>141</b>
4.1 Fonte dos dados.....	141
4.2 Codificação dos dados.....	142
4.3 Classificação dos termos.....	144
4.3.1 Apuração dos dados e debate.....	145
4.3.2 Identificação de padrões dos termos da dor.....	145
4.3.3. Reconhecimento de metáforas conceptuais .....	146
4.3.4 Análise de termos metafóricos .....	150
4.3.5. Unidades terminológicas complexas (UTCs).....	157
4.3.6. As categorias do conceito DOR.....	161

CAPÍTULO 5 –GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO BILÍNGUE GLOS-DOL.....	168
5.1. Como consultar o Glos-Dol.....	169
5.2. A macroestrutura .....	169
5.3 A medioestrutura .....	169
5.4 A microestrutura .....	170
5.3.1. Lista de símbolos .....	171
5.3.2. Lista de abreviações.....	171
5.3.3 Lista de entradas .....	171
GLOS-DOL / GLOS-DOR.....	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
REFERÊNCIAS.....	190
ANEXO A – Aprovação de Pesquisa Conselho Nacional de Saúde.....	195
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	199
ANEXO C – Questionário McGill/Espanhol.....	200
ANEXO D – Referências GlosDol.....	201

## INTRODUÇÃO

Acreditamos que a análise linguística só pode ser verdadeiramente realizada quando consideramos a língua como o resultado da relação do mundo extralinguístico e da interação entre os indivíduos que a utilizam em situações concretas de comunicação. Partimos do pressuposto que a língua não é um reflexo dos fenômenos do mundo, e sim, a(s) co-construção(ões) humana(s) da realidade, ou seja, ela é simbólica, e por isso, é fundamento de abstração e princípio da imaginação criadora e construtora de mundos, de conceitos, de categorias, de palavras fugidias e arredias à fixação, por isso, mudam de sentido, de significado, em um eterno devir, acorde ao caráter fundamental do planeta Terra, ou seja, o seu estado de contínua transformação.

O léxico –quer seja comum quer seja especializado– expõe a arquitetura dessa construção simbólica, coletiva e particular, ademais, revela que tudo que existe dentro da vida social é, primeiro uma metáfora e depois, é interpretação dessas metáforas. Nietzsche em “Além do bem e do mal”, afirma que até as leis construídas pelos físicos são interpretações, portanto, também são metáforas. A linguagem da dor é fortemente metafórica, pois é a interpretação que se faz do que se sente nas entranhas do corpo daquele que a experimenta, a padece e é por ela atravessado, por isso, é amplamente metafórica.

Para tanto, inspirada e motivada por compreender a linguagem da dor e suas metáforas, esta pesquisa se propõe a investigar as unidades terminológicas do domínio da saúde –especificamente a linguagem da dor– sob a perspectiva socioterminológica e sociocognitiva, a primeira leva em consideração o fator social na construção e interpretação das terminologias, a segunda defende que na criação de conceitos há uma interconexão entre o social e a cognição, ademais, sustenta que a metáfora é cognitiva e conceptual. As unidades terminológicas desta pesquisa -amplamente metafóricas- foram assinaladas por um grupo de migrantes venezuelanos, residentes na cidade de Brasília – DF. A presente pesquisa se insere no marco de pesquisas de direitos humanos e éticos, para tanto, o projeto foi submetido ao Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (CONEP), em 29 de outubro de 2020, e foi aprovado em 17 de junho de 2021, sob o protocolo nº 44159121.0.0000.5540.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Anexo A

Considerando as várias dificuldades que os migrantes enfrentam ao deixar seu país de origem, sem dúvida, a língua é de suma importância, pois, atravessa todos os campos sociais, visto que é através dela que os migrantes vão falar de si, de suas fortalezas e fragilidades, vão negociar novas interpretações, novos códigos, criar novas histórias de vida. Por ser a língua o que é e o que não é, decidi expandir a pesquisa iniciada em meu mestrado sobre a terminologia da dor, devido a que “o conjunto identificado de termos ainda é restrito, doze termos, mas constitui uma proposta de projeto de trabalho terminológico, que tem o objeto de ser ampliado” (Molina, 2017, p. 21)<sup>2</sup>. Esse desejo, esse querer, foi concretizado nesta pesquisa; o número de termos foi ampliado de acordo com as informações que os migrantes proporcionaram. A terminologia da dor dá nome às impressões sensoriais dessa complexa experiência que envolve o corpo, a cognição e as emoções e para traduzir essa experiência intrincada, muitas vezes, se recorre a metáforas que podem estar presentes no léxico das línguas, ou podem ser geradas pela criatividade inventiva da mente humana.

O léxico simboliza, categoriza e codifica elementos discursivos, sociais, culturais e históricos de uma comunidade linguística, mostrando diferentes modos de conceber e simbolizar esse mundo percebido pelos sentidos. Ademais, o léxico é fundamental na veiculação do significado “que é, afinal de contas, o objeto da comunicação linguística. Sob outra perspectiva, o léxico está associado à produção de conhecimento e sua respectiva nomeação, esta, por sua vez, é o resultado de duas operações: a percepção e a cognição. Desse modo, no aparato linguístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras –os signos linguísticos” (Biderman, 1996, p.28). Ambas as dimensões lexicais, a de comunicação e a de nomeação, compõem a língua que usamos cotidianamente em diferentes contextos sociodiscursivos e sociointeracionais.

Este trabalho, de cunho socioterminológico e sociocognitivo, estabelece uma ponte entre léxico geral e léxico especializado, pois a dor, ao estar contida na área da saúde, pertence à linguagem de especialidade, porém o paciente ao nomear sua dor e comunicá-la, recorre ao léxico de uso corrente em sua comunidade linguística. No entanto, apesar desses termos serem usados por pessoas comuns, a categoria de léxico especializado não se desfaz, representa a marca de uma situação especializada no âmbito de uso do paciente, assim, podemos afirmar que há uma variação denominativa na terminologia da dor, haja vista seus interlocutores. De mais a mais, se insere no longo caminhar das ciências do léxico, quais

---

<sup>2</sup> Molina Cabrera, Marta Ingrith. Migrações e impasses no acesso à saúde: traduzir-se é preciso. Mestrado em Estudos da Tradução. Orientadora: Gorovitz, Sabine —Universidade de Brasília, 2017.

sejam, a lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia; é um passo a mais no fazer científico, na produção de conhecimento que visa acrescentar reflexões pertinentes à área da terminologia e da terminografia.

O viés socioterminológico é entendido aqui em um espectro que investiga o uso semiespecializado dos termos relacionadas ao universo da dor, para melhor observar, coletar, organizar e analisá-los dentro de um recorte sociolinguístico e sociocognitivo. Nota-se que teoria e prática estão intrinsecamente relacionadas, já que por um lado busca-se compreender a constituição do conjunto de termos de uma área e, por outro, busca-se fornecer suporte à elaboração de ferramentas de aplicação prática, como glossários e dicionários especializados. Essas ferramentas são elaboradas com o intuito de facilitar a comunicação entre profissionais das áreas especializadas e, em alguns casos, para facilitar a comunicação entre especialistas e o público não especializado, o cidadão que vai e vem a pé.

Conforme o mencionado, nosso público são os migrantes venezuelanos. Este coletivo vivenciou a crise global de migração, resultante das políticas econômicas promovidas pelo neoliberalismo, as quais foram exacerbadas durante a pandemia da COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, entre os anos 2000 a 2023. De acordo com Federico Martinez, representante adjunto do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)<sup>3</sup>, os países que mais recebem refugiados no mundo, ao contrário do que se pensa, não são os mais ricos, mas sim os países vizinhos dos estados-nações onde há um maior número de deslocamento transfronteiriço de pessoas.

A Venezuela é o segundo país, depois da Síria, com maior população deslocada em transfronteiras terrestres aos países vizinhos, neste caso Colômbia e Brasil, que são países considerados de baixa renda. Estes, por sua vez, vêm dificultando a entrada e permanência, mediante concessão de vistos, a essa população. O atual defensor público e coordenador do Grupo de Trabalho Nacional para Migrações, Apatridia e Refúgio na Defensoria Pública da União, João Freitas de Castro Chaves, declarou, em 2022, que “não há por parte do Ministério da Justiça e da Polícia Federal, modelos de flexibilização de exigências e de melhoramento do atendimento; hoje é praticamente impossível agendar um atendimento para requerer autorização de residência e até mesmo a emissão de CPF para migrantes irregulares foi dificultada<sup>4</sup>”. Essa declaração chama a atenção para os desafios enfrentados

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/897795-representantes-da-sociedade-civil-celebram-os-25-anos-do-estatuto-dos-refugiados/> Acesso em 15 de março de 2022.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/815637-atuacao-do-brasil-em-crise-migratoria-durante-a-pandemia-recebe-criticas-em-debate/> Acesso em 15 de março de 2022.

pelos migrantes no processo de regularização e obtenção de documentos essenciais, indicando que as políticas e procedimentos atuais estão criando obstáculos significativos, os quais ressaltam a importância de se discutir e abordar as questões relacionadas à migração e os potenciais impactos das políticas governamentais nesse contexto.

Embora, a recente pandemia da COVID-19 tenha provocado uma queda nos movimentos migratórios no ano de 2020 de um modo geral, estes continuaram de forma mais tênue. Há uma diferença entre ser migrante, ser imigrante ou ser refugiado. Segundo ACNUR o migrante é a pessoa que se desloca dentro do próprio país ou para outro país, por razões diversas como melhorar de vida, estudar, reunir-se com familiares ou por outras razões e, geralmente, o fazem de forma voluntária e itinerante. O imigrante é aquele que se estabelece em um país diferente do seu, com a intenção de se fixar por um longo período ou permanentemente. Já o refugiado é a pessoa que deixa tudo para trás para escapar de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para buscar segurança nos países mais próximos. Portanto, essa condição a impede de voltar ao seu país de origem, porque não tem mais segurança, corre risco de vida e, por isso, não pode voltar ao seu país de origem. O refugiado sofre perseguição em sua pátria, na maioria das vezes, por motivo político ou religioso. Contudo, o direito internacional através da Convenção da ONU de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados e outras legislações específicas, os ampara. Dessa forma, a lei os protege independente do país que os acolher. Para o migrante, temos no Brasil a lei 13.445, de 24/05/2017. Para o migrante refugiado, definido pelo direito internacional, temos no Brasil a lei nº 9.474/97, que determina como essa proteção internacional é aplicada e como se reconhece a condição de refugiado no Brasil.<sup>5</sup>

De acordo com os dados divulgados pelo Observatório de Migrações/ObMigra, 2020<sup>6</sup>, com base nas informações da Polícia Federal brasileira referente às solicitações de reconhecimento da condição de refugiado (2020), o país que encabeça a lista de pedidos é a Venezuela com 17.899 pedidos, seguido por Haiti com 6.613 e Cuba com 1347 pedidos de refúgio. Outros países como China, Angola, Bangladesh, Nigéria, Senegal, e outros somam um total de 28.899 pedidos no decorrer do ano de 2020.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://scalabrinianos.com/blog/qual-a-diferenca-entre-refugiados-e-migrantes/#:~:text=Diferente%20dos%20refugiados%2C%20que%20n%C3%A3o,emprego%2C%20de%20escola%20e%20viol%C3%A2ncia>. Acesso 18 de Nov. de 2024

<sup>6</sup> Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorios\\_conjunturais/2020/Dados\\_Consolidados\\_da\\_Imigracao\\_no\\_Brasil\\_-\\_2020.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorios_conjunturais/2020/Dados_Consolidados_da_Imigracao_no_Brasil_-_2020.pdf) Acesso em: 04 de Out. de 2023

Conforme os dados acima expostos, a migração venezuelana é a mais representativa, seguida da haitiana que corresponde a quase 70% dos registros. A pandemia redesenhou o mapa das cidades brasileiras que recebem o maior fluxo migratório, antes as cidades mais procuradas eram as metrópoles das regiões Sudeste e Sul; no entanto, hoje “a região Norte é a principal porta de entrada da imigração nesse ano atípico.” Segundo dados do ObMigra, (2023), a cidade brasileira que recebe o maior fluxo de migrantes venezuelanos é Pacaraima no estado de Roraima, na região Norte. Dentre as outras cidades brasileiras, Brasília está entre as dez cidades mais procuradas por os migrantes no atual cenário de mobilidade humana.

Na capital federal, Brasília, o acesso à saúde é regulamentado pela Secretaria de Estado da Saúde do Distrito Federal, que conta com 16 hospitais públicos, quase 4 mil leitos, 65 centros de saúde e 44 postos de saúde espalhados pelo DF.<sup>7</sup> É nesta cidade que este estudo se concentra com o intuito de mapear as dificuldades linguísticas que os migrantes venezuelanos enfrentam ao ter que comunicar verbalmente suas dores e seus sintomas aos profissionais de saúde brasileiros.

Esse coletivo de indivíduos migrantes, ao cruzar a linha fronteira que divide Venezuela e Brasil, se depara com um novo código de leis, de costumes, de direitos e deveres regidos pela lei de migração brasileira de nº 13.445, aprovada em 24 de maio de 2017. Essa lei garante a não criminalização da migração; promoção de entrada regular e de regulamentação documental; acolhida humanitária; inclusão social, laboral e produtiva do migrante por meio de políticas públicas; inviolabilidade do direito à vida, acesso aos serviços públicos de saúde e educação, dentre outros. Contudo, apesar das boas intenções da lei, os migrantes muitas vezes se enfrentam a dificuldades significativas na obtenção de atenção aos serviços públicos. Em um estado que já luta para atender às necessidades básicas de sua própria população, muitos migrantes se deparam com a realidade de um sistema de saúde sobrecarregado e serviços públicos insuficientes, refletindo as mesmas dificuldades enfrentadas pelos brasileiros naturais. Assim, embora a lei represente um avanço em termos de direitos e garantias, a implementação eficaz dessas medidas ainda é um desafio considerável.

---

<sup>7</sup> <https://www.saude.df.gov.br/estrutura>

Portanto, considerando as amplas dificuldades enfrentadas pelo coletivo de migrantes venezuelanos, e reconhecendo que a barreira linguística é uma das principais fronteiras que devem atravessar, propomos como **objetivo geral** deste trabalho:

Verificar, por meio de uma abordagem teórica linguística de base cognitiva, quais termos são utilizados por pacientes migrantes hispanos na descrição de suas queixas, com vistas a elaborar um glossário bilíngue que considere um modelo de microestrutura que atente para as reais necessidades de nosso público-alvo, migrantes venezuelanos -em particular- e falantes de espanhol em geral.

Para alcançá-lo, há um desdobramento em **objetivos específicos** que balizam as etapas a serem seguidas e cumpridas. Para tanto, graduamos a pesquisa em quatro (4) objetivos específicos, a fim de identificar, descrever, analisar e elaborar as definições dos termos.

- a) Localizar a comunidade venezuelana em Brasília e, seguidamente, realizar um levantamento dos termos mediante entrevistas semiestruturadas aos migrantes venezuelanos;
- b) Observar se os entrevistados utilizam metáforas ao falarem de suas dores ou se descrevem essas experiências de forma literal;
- c) Analisar como diferentes componentes da experiência algica podem se manifestar metaforicamente nos conceitos de dor;
- d) Constatar se a conceptualização metafórica da dor é igual no espanhol e no português ou se podem ser identificadas especificidades;
- e) Discutir sobre a elaboração de Glossário Bilíngue de termos da Dor bidirecional para auxiliar a comunicação entre o paciente migrante e o profissional da saúde brasileiro.

A relevância dessa pesquisa justifica-se pelo crescente fluxo das migrações internacionais, neste caso a venezuelana, pois traz para o centro das discussões a problemática das dificuldades linguísticas enfrentadas por esse coletivo, com foco em contextos ligados à saúde. Diante disso, surgem as perguntas:

- 1) Quais termos de sintoma e dor poderiam integrar este glossário bilíngue?
- 2) Como uma ferramenta dessa natureza pode atender para as reais necessidades desse público-alvo, os migrantes hispanófonos?

A relevância de um glossário como ferramenta de apoio ao atendimento à saúde por parte de falantes de línguas minorizadas, em situação de migração ou refúgio, já vem sendo sinalizada há tempos por várias organizações que defendem os direitos dessas populações, tais como ACNUR e Organizações Não-Governamentais (ONGs) que trabalham junto a esses coletivos, por exemplo, Tradutores sem Fronteiras (*Translators Without Borders*). Observamos em estudos anteriores, tais como Dias e Gonçalves, (2007), Sousa, (2012); Queiroz, (2014); Mateus, (2017) e Molina (2017), os quais assinalam que as limitações comunicacionais podem levar à restrição no acesso ao serviço de saúde brasileiro por parte dos migrantes que não falam o português, a língua oficial do Brasil –ao lado de libras– além de conduzir a diagnósticos equivocados, fato que vulnerabiliza ainda mais esse coletivo.

É nesse contexto de migrações no Brasil, em Brasília em particular, que se insere este trabalho de cunho sociocognitivo e socioterminológico –terminologia da dor e sintomas– na área da saúde. A motivação para sua realização foi a constatação que no vasto campo do fenômeno das migrações há algumas fragilidades que necessitam ser fortalecidas e atendidas. Dessa maneira, esta pesquisa busca viabilizar uma melhor expressão da dor por parte dos migrantes hispanos em espaços de atenção à saúde.

Portanto, nos dispomos a construir um Glossário bilíngue Esp/Por elaborado com o maior rigor científico, mas com a funcionalidade que uma obra de consulta dessa envergadura exige, esse processo será realizado com a maior precisão e leveza possível, com espírito de colaboração e, sobretudo, cientes que qualquer conhecimento é aproximado e construído, portanto, passível de mudança. Esta obra bilíngue está destinada a todo migrante hispano-falante que se encontre em terras tupiniquins e precise comunicar suas dores aos profissionais de saúde, ademais, está dirigido aos intérpretes comunitários e, por fim, a todos que tiverem interesse e necessidade de consultar essa ferramenta sobre a terminologia da dor e suas metáforas.

A criação de uma obra lexicográfica é uma tarefa que exige uma dose de arte e ciência, demandando de seus feitores capacidades científicas como agudeza cognitiva, imaginação, coerência e discernimento crítico, ademais de uma dose de intensa paixão de colecionador de palavras. Essa empreitada laboriosa e meticulosa requer talento e dedicação para produzir um trabalho de qualidade, pois é um rico artefato de estudo que põe em relação a língua e a cultura de uma sociedade e seus modos de perceber e categorizar a realidade, em determinado espaço e tempo histórico (WELKER, 2004).

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira: no **Capítulo 1** se apresenta e se discute o tema central da pesquisa: a dor e sua interface com a cultura, com a teoria das metáforas conceituais e, conseqüentemente, com a linguística cognitiva. O **Capítulo 2** é teórico, com foco nas escolas da Socioterminologia, da Terminologia Sociocognitiva e congêneres, cujo ponto central de suas teorias é o léxico especializado e sua interação com a variação terminológica e as metáforas conceituais com seus termos metafóricos presentes na linguagem especializada da área da saúde. O **Capítulo 3** é metodológico, nele se apresentam os caminhos percorridos para levar adiante a pesquisa e elaborar a ferramenta socioterminográfica: o glossário bilíngue de termos álgicos. O **Capítulo 4** apresenta o resultado, a discussão e a correspondente análise dos termos sob a perspectiva dos pressupostos das teorias apresentadas nos capítulos anteriores e, para finalizar, o **Capítulo 5** apresenta o glossário bilíngue Glos-Dol/Glos-Dor o qual busca estender uma ponte entre pacientes estrangeiros - falantes da língua espanhola - e profissionais da saúde brasileiros.

## CAPÍTULO 1 – A dor e suas metáforas

Esse é o problema da dor.  
Ela precisa ser sentida.  
John Green

Neste capítulo serão expostos os principais pressupostos da Linguística Cognitiva e da categorização semântica cognitiva, visto que é essa teoria que dá embasamento à análise de nosso corpus – termos da dor. Primeiramente, deteremo-nos na proposta de categorização trazida por Lakoff (1987) com vistas ao reconhecimento dos termos metafóricos da dor e do modo como podem ser categorizados sob essa perspectiva teórica. Seguidamente, nos focaremos na dor e suas formas linguísticas, visto que a dor é um rico domínio para o estudo de metáforas conceptual. Por meio do estudo das expressões linguístico-terminológicas, é possível revelar as metáforas conceptuais que subjazem suas diferentes formas linguísticas.

### 1.1 A Linguística Cognitiva

A linguística cognitiva irrompe nos círculos teóricos nos anos 70 do século XX, como resultado de estudos empíricos sobre a mente e de pesquisas científicas nas áreas da psicologia (Rosch), da linguística (Lakoff, Johnson, Langacker, Kövecses) e da neurociência que abrem um novo campo de estudos nomeado de Ciências Cognitivas. A Linguística Cognitiva – doravante LC – busca dar novas respostas a perguntas importantes como: qual a relação entre linguagem, corpo e mundo? O significado é reflexo da realidade? Como se dá a categorização? Essas e outras questões vão mover as pesquisas nesse novo campo teórico que traz como tema inovador a importância do corpo nos processos de conceptualização, significação, metaforização e de categorização, os quais tem lugar na mente corporificada, mas o que isso quer dizer?

Por longo tempo o corpo não esteve presente nas elucubrações de cientistas, a divisão mente/corpo estabelecida há séculos influenciou toda a linha de pensadores e de pesquisadores do mundo ocidental. Portanto, a tese de corporificação ou realismo experiencialista trazida por teóricos como Rosch, Lakoff, Johnson, Langacker, Talmy, Kövecses revolucionaram os estudos da linguística, até então fortemente influenciados pelo racionalismo dualista de corpo/ mente; corpo/razão que outorga um viés de positividade à mente/alma e um viés de negatividade ao corpo. “A mente (razão/alma) seria a morada das faculdades mentais que inclui, dentre outras, a capacidade da linguagem [...] o corpo seria tão somente a morada dos baixos instintos” (DA SILVA, 2018, p.115). Por outro lado, a LC

postula que o corpo humano, com sua natureza neurofísica, sua capacidade de locomoção bípede e sua postura ereta, desempenha um papel fundamental na formação dos conceitos mentais, que em sua maioria, são metafóricos. De acordo com essa perspectiva, nossa experiência sensorial e motora completa, desde a percepção tátil até o movimento físico, serve como ponto de referência crucial para a criação e compreensão de conceitos abstratos. Em outras palavras, a maneira como vivenciamos o mundo através de nossos corpos influencia diretamente a maneira como concebemos e interpretamos ideias complexas e simbólicas. Essa teoria sugere que os conceitos estão intrinsecamente enraizados em nossas experiências corporais (DA SILVA, 2018) e também na maneira que interpretamos culturalmente e socialmente essas experiências corporais (convenção social).

Lakoff e Johnson propõem uma teoria que inicialmente nomearam de experiencialismo em *Metaphors we live by* (1980), que depois denominaram como realismo corporificado em *Philosophy in the Flesh* (1999); nela os autores descrevem os princípios nos quais a LC se baseia. Ferrari (2011, p.22) apresenta os postulados dessa teoria de forma clara e resumida:

a- O pensamento é “enraizado” no corpo de modo que as bases de nosso sistema conceptual são percepção, movimento corporal e experiências de caráter físico e social.

b- O pensamento é principalmente inconsciente e imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia e imagética mental, caracterizados por ultrapassar o simples espelhamento da realidade.

c- O pensamento tem propriedades gestálticas: os conceitos apresentam uma estrutura global não atomística, para além da mera reunião de “blocos conceptuais” a partir de regras específicas.

A abordagem LC percebe a experiência como o produto das estruturas cognitivas e sensório-motoras corporificadas, que criam significado por meio de interações contínuas com ambientes em constante evolução e mudança. A experiência é sempre concebida como um processo interativo, no qual estão presentes as restrições fisiológicas e neurais do organismo, assim como os benefícios distintivos do ambiente e das interações com outras pessoas, adaptados às características específicas de nossos corpos e cérebros. Essa perspectiva enfatiza a interconexão dinâmica entre o ser humano e seu contexto, reconhecendo que a experiência é moldada não apenas pela mente, mas também pela interação complexa entre corpo, mente e ambiente. As unidades e as estruturas da linguagem

são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações das capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual (Da Silva, 1997, p. 59).

Dessa maneira, o entendimento do que é linguagem humana abandona a visão modular e autônoma da escola gerativista para concebê-la como uma ferramenta de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmática. Geeraerts apresenta os fundamentos da teoria nos seguintes termos:

[...] partindo da hipótese de que a linguagem se constitui a partir da capacidade cognitiva geral do ser humano, os seguintes aspectos adquirem especial interesse para a área: a categorização nas línguas naturais (prototipicalidade, polissemia sistemática, modelos cognitivos, imagética mental e metáfora); os princípios funcionais da organização linguística, tais como iconicidade e naturalidade; a interface conceptual entre sintaxe e semântica nos moldes explorados pela Gramática Cognitiva e pela Gramática de Construções; a base experiencial e pragmática da língua em uso e a relação entre linguagem e pensamento, incluindo questões sobre relativismo e universais conceptuais (Geeraerts, 1995, p.111-112).

Para a LC há uma interação entre as capacidades cognitivas gerais como a memória, o raciocínio, a percepção e a língua, assim como a troca e influências recíprocas entre estrutura linguística, conteúdo conceptual e construção de significados. O significado é (i) construído cognitivamente em diferentes perspectivas, portanto não é fixo; (ii) é enciclopédico, ou seja, está associado ao conhecimento de mundo que advém da interação com outras capacidades cognitivas; (iii) é flexível e dinâmico; (iv) se fundamenta tanto na experiência corpórea individual como na experiência coletiva sociocultural, ambos os espaços se retroalimentam e se complementam. (Da Silva, 1997, p. 60).

Seguindo a linha de questionamento da teoria objetivista sobre o significado e na busca por uma teoria que dê conta das mudanças de significado, já seja por polissemia, por mudança de significado lexical ou por ambiguidade pragmática, fenômenos semânticos que ocorrem, mas que não são contemplados em teorias objetivas da semântica, nas quais “o significado é pensado como basicamente uma relação entre palavra e mundo, isto é, entre uma forma linguística e um objeto ou estado referido ou descrito por aquela forma” (Abreu, 2015, p.32).

Na perspectiva da LC o significado não é mais um reflexo da realidade do mundo, e sim, uma construção cognitiva que possibilita a apreensão e experiência do mundo, e,

tem sua base assentada no uso. Para tanto, o conhecimento linguístico e o extralinguístico são importantes e não podem ser separados, de forma análoga ao conhecimento linguístico que não pode ser separado do conhecimento pragmático, ambos são importantes. O primeiro agrega questões vinculadas à forma, o segundo traz a informação sobre o uso e o contexto no qual ocorre, já que é o contexto que orienta a construção do significado. Tomemos como exemplo um conceito concreto como ‘faca’; podemos classificá-lo, primeiramente, dentro da categoria CUTELARIA. No entanto, em outro contexto social, dependendo do contexto de uso –quer seja linguístico, quer seja social– ‘faca’ pode pertencer à categoria ARMA, quando utilizada de forma intencional para ferir um ser humano, ou ainda na categoria FERRAMENTA, se utilizada para substituir, por exemplo, uma chave de fenda, ou ainda como um dos qualificadores metafóricos da dor: *dor como facada*. Daí, depreende-se que a categorização, mesmo em conceitos mais concretos, varia de acordo ao contexto de uso. Assim, podemos inferir que conceitos abstratos, que são ainda mais complexos, também sofrem variação de categorização, de acordo ao contexto de uso.

A categorização e o significado, ou seja, o conhecimento que temos das palavras que dão sentido ao nosso mundo, organizam o conhecimento de mundo de acordo aos significados contextualizados de fenômenos e objetos, advindos da experiência com os fenômenos do mundo, mundo esse percebido como desorganizado, e, por vezes, caótico. Por isso, na construção e organização das categorias, percebe-se que “não há uma relação especular entre linguagem e mundo, mas uma relação necessariamente mediada pela arquitetura cognitiva dos falantes, em termos de suas características e restrições” psicofísicas (Ferrari, 2011, p.32). Segundo Langacker (2000), a conceptualização compreende as experiências sensoriais, sinestésicas e emotivas agregadas ao reconhecimento do espaço no mundo (social, físico e linguístico). É a partir desse conjunto de experiências corpóreas que as categorias emergem conceptualmente e se organizam cognitivamente como processo mental de identificação, classificação e nomeação. Portanto, as categorias corresponderiam, então, a condições mínimas de organização para que possamos interpretar os fenômenos, proporcionando-lhes inteligibilidade; mais adiante, aprofundamos sobre o processo de categorização na LC.

No tocante à metáfora, sob este viés teórico, deixa de ser considerada mera figura de linguagem, pois a distinção entre sentido literal (denotativo) e sentido figurado (conotativo) revelou-se insuficiente para analisar o uso de metáforas, questão que será aprofundada na sequência deste capítulo. A metáfora, enquanto elemento conceptual, envolve dois domínios

cognitivos diferentes: o domínio-fonte e o domínio-alvo, o primeiro implica propriedades mais físicas da experiência, enquanto o segundo tende a ser mais abstrato, é “a integração de dois espaços do conhecimento de forma tão conexa, que um determina o que o outro será e, a partir daí, tudo que for criado orbitará ao redor do novo mundo criado a partir da metáfora. Portanto, a metáfora não é figura, é conceito.” (Da Silva, 2018, p.116). Lakoff e Johnson (1980) advertem para que não se confunda metáfora conceptual com expressão metafórica, a primeira é um processo cognitivo (interno), a segunda é a materialização mediante a fala ou a escrita de um conceito metafórico.

Desse modo, a LC apresentada por Lakoff e Johnson (1980, 1987) defende a importância do corpo no processo de elaboração de conceitos, traz a imaginação e o inconsciente como elementos básicos para a compreensão, significação e ampliação das experiências corpóreas que dão sustentação às elucubrações sobre a construção do significado, o qual não é essencial nem fixo, pelo contrário, é inovador e depende do contexto no qual é usado.

Tendo em vista o objeto de estudo desta pesquisa, nas próximas seções vamos nos adentrar na relação entre análise de termos metafóricos do conceito DOR e a projeção metafórica, ou seja, a correspondência que se estabelece entre domínios da realidade apreendida e sua interpretação, dependendo dos papéis e funções que lhes são atribuídas.

### **1.1.1 Projeção metafórica**

Como se dá a projeção metafórica? Como ocorre esse fenômeno cognitivo? Para explicar essa elaboração mental, Johnson (1987, p.28) desenvolveu o conceito de "esquemas de imagem" (*image schemas*). Esses esquemas são estruturas conceptuais pré-linguísticas, são padrões básicos de percepção e ação que emergem das primeiras experiências sensoriais e motoras no mundo físico. Johnson afirma que os esquemas de imagem são os conceitos mais básicos de nossa experiência pré-conceptual como FORÇA, ESCALA, CONTATO, SUPERFÍCIE, estes estão na base do nosso sistema conceptual e são os primeiros conceitos a virem à tona na mente humana. Lakoff (1987) os explica como estruturas simples que ocorrem frequentemente em nossa experiência corpórea ordinária, cita como exemplos RECIPIENTE; TRAJETÓRIA; FORÇA; EQUILÍBRIO; ademais das estruturas orientacionais e relacionais que estabelecemos com nosso corpo, por exemplo ACIMA-ABAIXO; FRENTE-TRÁS; PARTE-TODO; CENTRO-PERIFERIA, dentre outras. O autor

afirma que tais estruturas, em razão da natureza de nossos corpos e de seu *modus operandi*, as experiênciamos reiteradamente.

Lakoff (1987) explica algumas dessas estruturas corpóreas da seguinte maneira: o esquema de imagem de espaço ACIMA-ABAIXO advém da organização de nosso corpo: cabeça na cima e pés na base somada à experiência com a gravidade são os elementos responsáveis pela elaboração desse esquema. Outro exemplo trazido pelo autor é o esquema de imagem RECIPIENTE, um recipiente geralmente tem fronteiras claras que definem o que está dentro e o que está fora, tal como as experiências corpóreas de ingerir alimentos (dentro) e expulsar (fora) aquilo que o corpo não precisa. TRAJETÓRIA é outro esquema de imagem que o autor afirma vir de nossas experiências básicas de deslocamentos: ponto de partida-deslocamento-chegada.

Johnson, (1987) por sua vez, crê importante diferenciar ‘esquema de imagem’ de ‘imagem’; a primeira são estruturas que organizam a nossa representação mental advindas dessas experiências primordiais, já a segunda são àquelas figuras mentais captadas por nossa retina e guardadas na memória; ele esclarece que “um esquema de imagem não é uma imagem, mas um meio de estruturar determinadas experiências esquematicamente de forma a conferir ordem e conexão a nossas percepções e concepções” (1987, p.75). Seu repertório inclui os seguintes esquemas: RECIPIENTE, EQUILÍBRIO, COMPULSÃO, BLOQUEIO, FORÇA CONTRÁRIA, ATRAÇÃO, TRAJETÓRIA, LIGAÇÃO, CENTRO-PERIFERIA, CICLO, PRÓXIMO-LONGE, ESCALA, PARTE-TODO, CHEIO-VAZIO, CONTATO, PROCESSO, SUPERFÍCIE, OBJETO. (*op.cit*). O autor exemplifica com o esquema de imagem de EQUILÍBRIO cuja base se encontra nas experiências com nosso corpo para conseguir o “equilíbrio corporal em torno de um eixo vertical, com simetria de peso de ambos os lados do eixo, que não pode ser descrito por regras, que não pode ser tocado ou visto, que não corresponde a uma imagem mental” (Abreu, 2015, p.38).

Os esquemas de imagem básicos constituem o esteio para outros sistemas conceituais; a partir de um número limitado dessas estruturas, é possível construir inúmeros conceitos mais complexos e abstratos em um processo denominado de projeção conceptual. Johnson (1987) exemplifica essa projeção mediante o esquema de imagem RECIPIENTE, o qual é base de conceptualização de muitas experiências como a visão –algo entra ou sai do campo de visão de alguém– ou relacionamento –alguém entra ou sai de um relacionamento. O esquema de imagem TRAJETÓRIA também é base para a conceptualização de outros domínios como o de eventos complexos, que geralmente se entendem como caminhos a

serem percorridos e apresentam nessa trajetória um ponto de partida, avançar –estado intermediário– e um estado destino –estado final– (Johnson, 1987).

A projeção metafórica é o processo pelo qual esses esquemas de imagem são usados para entender conceitos abstratos. Por exemplo, quando falamos sobre compreender algo, podemos usar o esquema de imagem "TRAJETÓRIA" para representar o processo cognitivo de compreender algo: há um ponto de partida, um deslocamento em direção à compreensão e um ponto de chegada. “O esquema de EQUILÍBRIO é projetado conceptualmente via metáfora para os conceitos de PERSONALIDADE (pessoa equilibrada) SISTEMA (sistema equilibrado), EQUAÇÃO (equação balanceada), JUSTIÇA (a balança da justiça), entre outros (Abreu, 2015, p.40)”.

O esquema de imagem PARTE-TODO também é projetado metaforicamente para criação de novos conceitos abstratos. Lakoff (1987) explica que o esquema de imagem PARTE-TODO tem seus fundamentos na nossa experiência corpórea de experienciarmos nosso corpo como um todo com partes, ademais de observarmos outros objetos no mundo que apresentam essa estrutura de partes que conformam um todo. Esse esquema se projeta metaforicamente nos conceitos de FAMÍLIA, ESCOLA, HOSPITAL, os quais são entendidos como um todo com partes. Por exemplo, um hospital pode ser visto como um todo composto por várias partes, incluindo alas de internação, salas de cirurgia, emergência, laboratórios, farmácia, etc. Cada uma dessas partes desempenha um papel vital na prestação de serviços de saúde aos pacientes; assim, a concepção de "parte-todo" enfatiza a interdependência e a contribuição de cada parte para o funcionamento global da instituição.

Em suma, os esquemas de imagem apresentados por Lakoff e Johnson oferecem evidências de como conceitos abstratos são estruturados e compreendidos a partir da experiência corporal, ademais, de que conceitos abstratos, como o da dor –objeto desta pesquisa– são elaborados com base em projeções metafóricas advindas de domínios mais concretos que se baseiam em experiências corpóreas. Dessa forma, compreender esses mapeamentos entre domínios concretos e abstratos, que estruturam o processo de conceptualização e metaforização, deixa evidente o aspecto imaginativo do pensamento, que está acima da representação literal da realidade externa.

### **1.1.2 A metáfora e seu percurso**

A metáfora tem sido objeto de interesse pelos estudiosos da linguagem e, também, tem sido abordada desde distintas perspectivas ao longo de sua história. Sumariamente,

pode-se dividir os estudos da metáfora em dois grandes momentos, o primeiro é o período clássico ou aristotélico, no qual a metáfora era entendida apenas como uma figura estilística da linguagem e seu campo se restringia à retórica e à literatura; já no segundo, os estudos sobre a metáfora ampliam seu campo de atuação ao compreender que esta atua na compreensão e conceptualização das diversas experiências humanas que fazem parte do cotidiano, segundo a obra *Metaphors we live by*, 1980, apresentada por Lakoff e Johnson.

Etimologicamente, o conceito metáfora vem do grego *metaphorá,ês* no sentido de 'mudança, transposição', p.ext. em retórica 'transposição do sentido próprio ao figurado, metáfora', do v. *metaphérō* no sentido de 'transportar' (Huoaiiss, 2007). Nesse sentido, metáfora é sinônimo de “transporte”, “mudança”, “transferência” e em sentido mais específico, “transporte de sentido próprio em sentido figurado”. (Dicionário de termos literários). Aristóteles foi o primeiro –no mundo ocidental– a inclui-la em seus estudos de Retórica e Poética, ao estudá-la, divide seu uso nessas duas áreas. Na retórica –técnica de eloquência– a metáfora é utilizada como figura de persuasão e tem um caráter de transposição do sentido próprio da palavra por um sentido figurado, já na poética –arte de compor poemas– seu uso é o de adornar a poesia com imagens que certas palavras evocavam; na teoria aristotélica a metáfora cumpre essas duas funções; de persuasão e de estética (HILGERT, 2015).

Na “Arte Retórica”, Aristóteles (1992) ensina que não há ninguém que na conversação corrente não se sirva de metáforas. A inclusão do assunto nesta arte caracteriza a metáfora como um instrumento de comunicação tanto no discurso poético como no retórico. Por conseguinte, vê-se que o seu mecanismo básico, de transportar e da similaridade, exerce duas funções: uma poética, que está ligada à mimese, outra retórica, ligada à persuasão. Aristóteles, embora inclua a metáfora na “Retórica”, adverte que seu uso nessa área seja bem analisado e usado, pois “tudo quanto se diz por metáforas é obscuro” (Aristóteles, 1992, p. 200); ademais, proscreeve-a da argumentação científica por ser-lhe imprópria. Por outro lado, na “Poética” ela é a grande figura de linguagem, pois, é àquela que produz novos sentidos e significações; “mediante a contemplação da natureza, das coisas e dos seres, o bom poeta, pondera sobre as semelhanças possíveis e elabora as boas metáforas que criam novos significados.” (*op.cit*) Dessa maneira, apesar de Aristóteles considerar a metáfora como figura de linguagem e, por isso, estar circunscrita ao nível da palavra, também é considerada como um problema de linguagem, do tropo, do desvio do discurso ordinário Nas palavras de Ricoeur, de acordo com essa visão “o tropo, nada ensinando, tem

simples função decorativa; é destinado a agradar ao ornar a linguagem, ao dar a cor ao discurso, uma vestimenta à expressão nua do pensamento” (Ricouer, 2015).

Mosé ao discorrer sobre a linguagem, na perspectiva nietzscheana, afirma que para o filósofo a metáfora não é figura de linguagem, pelo contrário, é o que possibilita ao homem construir os signos e seus sentidos inúmeros “os conceitos, assim como as palavras, são resíduos de metáforas [...] Primeiramente transpor uma excitação nervosa para uma imagem! Primeira metáfora. A imagem de novo transformada em som articulado! Segunda metáfora! A metáfora é o fundamento de toda linguagem.” (Mosé, 2018, p. 70,71). Nietzsche (1978) leva a metáfora para além dos muros da retórica e da poética; em sua visão, a metáfora é linguagem fundante, ademais de ser a maneira eficiente do ser humano expressar seu poder criador, logo, de afirmar a vida. Para tanto, deve ser compreendida como um princípio onipresente do pensamento, como um fenômeno que permeia todo o discurso; dessa maneira, não pode ser reduzida à palavra.

Na virada do século XX prevalece o paradigma lógico-positivista nas ciências em geral; havia um interesse pelas condições de verdade, falsidade e objetividade; portanto, a metáfora continuou a ser deixada de lado pelos estudiosos da linguagem por não conter em si as condições de verdade e de objetividade. O paradigma positivista começa a ser questionado em meados do sec. XX por alguns teóricos das ciências humanas e isso reverbera nos estudos da linguagem e de pesquisas destinadas à compreensão do fenômeno metafórico, como Searle, Max Black, I.A.Richards.

I.A.Richards (1936) apresenta argumentos contundentes sobre a metáfora que reverberam na segunda metade do século XX. Entre esses argumentos estão o fato de que a metáfora já não deve ser considerada um problema de linguagem em si, e sim, um princípio organizador do pensamento, o qual cria novos conhecimentos e significados. Ademais, o autor afirma que não há sentido literal ou figurado preestabelecido; as palavras adquirem seus sentidos por meio do uso e do contexto. Nesta proposta, a metáfora é um processo que não incide na palavra isolada, mas na frase como um todo, como resultado da combinação entre os elementos da frase, os quais geram a interação. Berber-Sardinha, 2007, ao se deter na proposta de Richards, sinaliza alguns pontos fundantes de sua teoria, são eles:

- (i) Tópico: é a porção não-metafórica de uma expressão metafórica;
- (ii) Veículo: é a porção metafórica de uma expressão metafórica;
- (iii) Base: é a relação entre Tópico e Veículo;

(iv) Tensão: refere-se à incompatibilidade entre Tópico e Veículo, quando interpretados literalmente (BERBER-SARDINHA, 2007, p.27).

Os dois conceitos principais da teoria de Richards são Tópico e Veículo; vejamos: Tópico é a ideia principal e Veículo a ideia pela qual o Tópico é apreendido. A metáfora é resultado da relação entre Tópico e Veículo; ademais, a interação entre esses dois conceitos gera uma tensão, segundo Richards. A modo de exemplo, tomemos como base ‘*dor agulhada*’ nesta expressão dor é o tópico, agulhada é o veículo, e a base é a interação estabelecida entre dor e agulhada; portanto, agulhada indica metaforicamente que a dor é algo penoso e difícil. A tensão é criada pela dissemelhança entre dor (experiência subjetiva) e agulha (objeto de aço) ambos os termos possuem aspectos e características distintas. Nessa perspectiva, o sentido só pode ser notado através da interpretação metafórica, já que afirmar que dor é agulha, gera tensão entre os sentidos estabelecidos; essa tensão diminui quando se utilizam elementos semânticos mais próximos para estabelecer a relação metafórica.

Richards, no entanto, esclarece que o fator similaridade não é o mais importante ou exclusivo na relação estabelecida entre tópico e veículo; afirma que “alguma similaridade estará na base da alteração, mas a modificação peculiar do tópico originada pelo veículo é muito mais produto da dissemelhança do que da semelhança” (RICHARDS, 1936, p.127). Todavia, quanto mais distantes forem os domínios/contextos semânticos, maior será a tensão gerada pela base e mais produtiva será a metáfora. Sob a compreensão teórica de Richard fica evidente a divergência da teoria aristotélica, na qual a metáfora era, apenas, uma figura de linguagem; nesta teoria, a metáfora é entendida como um princípio onipresente da linguagem e diz respeito aos seus próprios alicerces, conceitos e significados.

Dessa maneira, discorrendo sobre os modos de entender a metáfora, primeiramente, como figura de linguagem na visão aristotélica e, secundamente, como elemento fundante do pensamento, ponto de vista defendido por Nietzsche (1890) e Richards (1937); chegamos à segunda metade do século XX, no qual há um movimento das ciências cognitivas, a metáfora ganha novos enfoques teóricos e passa a ser estudada por diversas disciplinas como a filosofia, a psicologia, a neurociência, a linguística e a antropologia, as quais geram um novo paradigma de análise da metáfora que detalharemos na próxima seção.

### **1.1.3 Metáfora como recurso cognitivo**

As transformações na gnosiologia e as teorias do conhecimento trazem em seu bojo mudanças de paradigmas, vórtice de novos olhares sobre a cognição e a metáfora. Sob esse

viés, a metáfora é a principal ferramenta cognitiva que o pensamento dispõe para conceituar e categorizar nossas experiências.

Até então, para muitos a metáfora era um mecanismo da imaginação poética e do requinte teórico: uma questão de linguagem extraordinária em vez da linguagem comum; era vista e estudada como uma característica da linguagem, era uma questão de palavras e não do pensamento. À vista disso, apesar de ela estar presente na fala cotidiana não era reconhecida como parte do diário viver, porém está presente no modo como pensamos e agimos, os pesquisadores concluem que “nosso sistema conceptual, a partir do qual pensamos e agimos; é fundamentalmente metafórico por sua própria natureza” (Lakoff e Johnson, 1980, p. 3).

Os autores, no livro gerador da teoria da metáfora conceptual de 1980, declaram que a metáfora não é figura de linguagem, é fundante do pensamento; este giro conceptual demanda um olhar atento sobre os vários pressupostos que alicerçam a tradição filosófica ocidental no tocante a significado, conceptualização, metáfora, razão, conhecimentos, verdade e linguagem, os quais são repensados, questionados e reavaliados nos seguintes termos: o pensamento requer um corpo, não no sentido genérico de necessitar de um cérebro físico para pensar, mas no sentido de a própria estrutura do pensamento vir da natureza do corpo, das experiências corpóreas que moldam a cognição. Dessa maneira, a construção metafórica da linguagem é considerada um dos primeiros elementos na elaboração da expressão linguística, visto que a metáfora é cognitiva, conceptual, neural e cultural (Kövecses, 2005).

Lakoff e Johnson (1980) destacam-se nos estudos da metáfora por terem feito uma ampla análise de enunciados da linguagem e terem chegado à conclusão que a nossa linguagem cotidiana revela um imenso sistema conceptual metafórico que rege nosso pensamento e ação. Os autores demonstraram, por meio de análises de expressões linguísticas que: 1º a base da metáfora é o pensamento e não a linguagem; 2º que ela é importante e indispensável na forma como o homem usualmente conceptualiza o mundo; 3º que o comportamento humano cotidiano reflete a compreensão metafórica de suas experiências.

Sobre a base da evidencia linguística acima de tudo, descobrimos que a maior parte de nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica. E encontramos uma maneira de começar a identificar detalhadamente o que são exatamente as metáforas que estruturam a maneira como percebemos, pensamos e atuamos (Lakoff e Johnson, 1991, pg.40).

A fim de ilustrar o que é um conceito metafórico e como esse conceito estrutura nossa atividade cotidiana, Lakoff e Johnson (1980) apresentam alguns exemplos de metáforas conceptuais que estão presentes no nosso diário viver, como o conceito DISCUSSÃO, exemplificado pela metáfora conceptual: DISCUSSÃO É GUERRA<sup>8</sup> com suas respectivas expressões metafóricas:

*Seus argumentos são indefensáveis.  
Ele atacou todos os pontos fracos de minha argumentação.  
Destruí sua argumentação (Lakoff e Johnson, 1986, p. 40).*

Segundo os autores, esse é um exemplo de como um conceito metafórico estrutura o que fazemos quando discutimos, e, também, a maneira como significamos o que fazemos. Apesar de DISCUSSÃO e GUERRA serem conceitos completamente diferentes –discurso verbal e conflito armado- a discussão é levemente estruturada, compreendida, realizada e encarada em termos de guerra. Vivenciamos a discussão como uma batalha, a qual perdemos ou ganhamos e a pessoa com quem discutimos a vemos como um adversário. Os autores afirmam que a construção de sentido implica no estabelecimento de conexões entre domínios cognitivos, essas conexões ocorrem mediante o processo denominado projeção de domínios. Há um domínio-fonte (mais concreto) para falar ou pensar outro domínio, denominado domínio-alvo (mais abstrato). No exemplo citado, observa-se como a estrutura do domínio GUERRA é parcialmente elaborada para se falar ou pensar o domínio DISCUSSÃO. Portanto, “a essência da metáfora é experienciar uma coisa em termos de outra” (Lakoff e Johnson, 1980, p.7). No quadro abaixo, pode-se observar a projeção entre os domínios e como cotidianamente vivenciamos algo usando a linguagem ou a estrutura de outra coisa para descrevê-la ou entendê-la:

Quadro 1.1 Projeção entre domínios

Domínio-fonte	Domínio-alvo
GUERRA	DISCUSSÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ posições opostas</li> <li>◦ adversarios</li> <li>◦ ataque</li> <li>◦ defesa</li> <li>◦ plano de estrategia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ opiniões diferentes</li> <li>◦ participantes</li> <li>◦ pergunta</li> <li>◦ resposta</li> <li>◦ argumentos</li> </ul>

<sup>8</sup> Neste trabalho, as metáforas conceptuais, aquelas que estruturam o pensamento, são nomeadas em letras MAIÚSCULAS e as expressões metafóricas que ilustram as metáforas são destacadas em *italico*, de acordo com a notação usada na TMC (Teoria da Metáfora Conceptual).

° força marcial	° fato
° rendição	° desistência
° vitória	° persuasão

Fonte: Adaptado de Lakoff e Johnson (1980)

Dessa maneira, observa-se que a atividade de debater é estruturada em termos de outra atividade, o combate físico, conseqüentemente, avalia-se que DISCUSSÃO É GUERRA, assim, emerge esse novo conceito metafórico. Entendemos que discussão e guerra são diferentes tipos de atividades e que a primeira é parcialmente estruturada em termos da segunda, sendo que apenas alguns elementos do domínio GUERRA são usados em termos de discussão, conforme explicitados no quadro acima.

À vista disso, afirma-se que a metáfora acima apresentada, não é uma figura de linguagem e nem do tropos pelo contrário, é uma operação cognitiva; falamos de discussão nesses termos porque a interpretamos desse modo e atuamos de acordo a nossa interpretação da realidade, a qual foi estruturada e ancorada nos moldes do sistema simbólico da cultura na qual estamos inseridos (LAKOFF e JOHNSON, 1980).

[...] as expressões metafóricas da nossa linguagem se encontram enlaçadas com conceitos metafóricos de uma maneira sistemática, podemos usar expressões linguísticas metafóricas para estudar a natureza dos conceitos metafóricos e alcançar uma compreensão da natureza metafórica em nossas atividades (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 43).

Sob esse viés a metáfora se situa na dimensão cognitivo conceitual, a qual estrutura nossas sensações mapeando domínios mais concretos e projetando-os a domínios mais abstratos de nossa experiência; ademais de comprovar que os processos do pensamento humano são, maioritariamente, imaginativos e de natureza metafórica, Oliveira, (2011, p.48), ao se referir à metáfora conceptual e afirmar seu status epistemológico, reitera que:

Tal afirmação colaborou com a queda da dicotomia há séculos estabelecida entre sentido literal versus sentido figurado: sendo a metáfora um fenômeno central da linguagem e do pensamento, e não um recurso ornamental marginal à boa comunicação, não poderíamos mais pensar em tal recurso apenas como ferramenta estilística empregada por poetas (Oliveira, 2011, p.48).

As metáforas linguísticas acompanhadas de suas expressões metafóricas, ou termos metafóricos, são reflexo da operação cognitiva denominada metáfora conceptual, a qual estrutura nosso pensamento. Essa estrutura conceptual elabora conceitos passíveis de serem observados em expressões metafóricas como “*Minha saúde é meu único capital*”. A primeira parte da estrutura *saúde* (elemento comparado) é integrada ao elemento comparante *capital*, ou seja, um bem fundamental, de muito valor; aí temos uma metáfora. Ali distinguem-se

dois domínios diferentes, de saúde e de capital, sendo saúde (domínio-alvo) entendida como capital (domínio-fonte); esses dois domínios distintos são unidos metaforicamente mediante mapeamentos (correspondências). O domínio-alvo é o que se deseja entender, enquanto o domínio-fonte é aquele a partir do qual se entende o alvo. As qualidades do elemento comparante (capital) são as que vão explicar, por exemplo, que saúde é algo que se perde, se ganha, se mantém, se tem posse, se conserva.

Os domínios concretos são mais experienciáveis e denominam-se domínios-fonte, é daí que surgem os mapeamentos para a conceptualização dos domínios-abstratos vinculados às experiências mais subjetivas, denominados de domínios-alvo. As experiências concretas dos domínios-fonte emprestam certos aspectos às experiências abstratas dos domínios-alvo a fim de estruturá-los, ativar o processo de construção de significados e elaborar seus conceitos. (Lakoff e Johnson, 1980). Como expusemos na seção 1.2.2, muitas metáforas surgem de nossas primeiras experiências corpóreas, elas são o germe das metáforas estruturais que apresentaremos mais adiante. Portanto, o novo paradigma da metáfora tem como método observar as expressões metafóricas e concatená-las às metáforas conceptuais para deprender a organização conceptual observável nas metáforas que nos atravessam e nas quais vivemos. Por isso, é importante fazermos a distinção entre metáfora conceptual e expressão linguística metafórica; a primeira sinaliza as distintas formas em que:

“o pensamento se organiza e como as pessoas interagem, enquanto uma metáfora linguística representa a realização, na fala ou escrita, de uma metáfora conceptual. Em outras palavras, a expressão linguística remete à representação metafórica conceptual” (Berber Sardinha, 2011, p.5).

As metáforas conceptuais, na maior parte das vezes, não têm expressões linguísticas metafóricas diretas. “Por exemplo, as pessoas geralmente não dizem ou escrevem DISCUSSÃO É GUERRA. Uma das exceções é TEMPO É DINHEIRO, que é uma metáfora conceptual e linguística ao mesmo tempo” (*op.cit.* p.6)

Para Lakoff e Johnson (1980) “o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada, e, conseqüentemente, a linguagem é metaforicamente estruturada” (*op.cit.* p.5). Johnson, declara que “as metáforas conceptuais são estruturas de compreensão, porque são padrões em termos dos quais nós nos apropriamos do mundo, o que corresponde à compreensão em seu sentido mais amplo” (Johnson, 1987, p.83).

Feltes (1999) ao se posicionar sobre o tema das metáforas conceituais, concorda que elas estão estruturadas em conceitos abstratos e projetadas por domínios-fonte que seguem uma estrutura descrita nos seguintes termos:

- (1) Há um domínio conceitual A bem estruturado (diretamente significativo) que chamamos de Domínio-Fonte
- (2) Há um domínio conceitual B que carece de estruturação para efeitos de sua compreensão – que chamamos de Domínio-Alvo.
- (3) Há um mapeamento que liga o domínio-fonte ao domínio-alvo, que chamamos de Projeção Metafórica.
- (4) A projeção metafórica de A para B é motivada naturalmente por uma correlação estrutural que associa A a B.
- (5) Os detalhes do mapeamento entre A e B são motivados pelos da correlação estrutural entre A e B.
- (6) Um modelo metafórico é um modelo em que A e B estão relacionados numa estrutura conceitual, sendo a relação específica de A para B (Feltes, 1999, p.66).

É importante observar que enquanto os primeiros são objetivamente estruturados por experiências físicas e concretas, já os segundos são mais abstratos e, por isso, é preciso fazer intervir os mecanismos imaginativos da razão –a metáfora e a metonímia– para a elaboração da estrutura conceitual; ademais, a projeção entre domínios é considerada estrutura de conhecimento armazenada na memória de longo prazo. Feltes explica a projeção entre domínios da seguinte maneira: “através da metáfora e da metonímia, enquanto espécies básicas de processamento cognitivo, as estruturas diretamente significativas seriam estendidas ou projetadas para o domínio abstrato, para que este possa ser de algum modo, estruturado e compreendido” (Feltes, 1999, p 53). Lakoff (1993) acrescenta que as expressões metafóricas não são fixas, pois, como os mapeamentos metafóricos acontecem no nível mental, as metáforas conceituais autorizam novos usos, novas invenções criativas, da racionalidade imaginativa. Os autores as categorizam em três grandes grupos –conforme suas semelhanças em (i) metáforas estruturais, (ii) metáforas ontológicas e (iii), metáforas orientacionais, as quais passamos a apresentar, seguidamente.

#### **(i) Metáforas estruturais**

Para a TMC, as metáforas estruturais são aquelas em que se percebe de forma clara a projeção entre os domínios concreto e abstrato; segundo a teoria, os mapeamentos são parciais não totais; se assim não fosse, um conceito seria o outro e, não apenas, entendido em termos de outro. Este princípio é exemplificado com a metáfora TEMPO É DINHEIRO. Nela há o conceito ‘tempo’ e o conceito metafórico ‘tempo é dinheiro’, representadas nas expressões: *a) perdi muito tempo quando fiquei doente; b) investi muito tempo nisso; c) seu*

*tempo está terminando; d) Este aparelho vai economizar horas para você; e) obrigada pelo seu tempo.* Os exemplos citados pelos autores demonstram que na cultura ocidental –em grande medida– o tempo é algo valioso; é um recurso limitado. Na estrutura do mundo capitalista, se tornou convencional pagar as pessoas por horas, dias e semanas de trabalho; dessa forma, o trabalho é medido e remunerado pelo tempo que ele leva para ser executado, sendo quantificado de acordo com as regras da estrutura capitalista. Os autores afirmam que essas práticas são relativamente novas na história da humanidade e não existem em todas as culturas. Elas surgiram nas modernas sociedades industrializadas e estruturam profundamente nossas atividades cotidianas básicas. Pelo fato de que agimos como se o tempo fosse valioso –um recurso limitado como o dinheiro– nós o concebemos dessa forma. Logo, compreendemos e experienciamos o tempo como algo que pode ser gasto, desperdiçado, orçado, bem ou mal investido, poupado ou liquidado (Lakoff e Johnson, 1980, p. 51). Pepe Mujica ao se referir a essa metáfora que em espanhol é: *El tiempo es oro*, explicita que “quando compramos alguma coisa, não compramos com dinheiro, mas sim com o tempo de vida que gastamos para conseguir esse dinheiro.”<sup>9</sup>

Agimos como se o tempo fosse algo muito valioso; já que, ao usá-lo, estamos perdendo ou ganhando dinheiro; se o tempo é gastado, não o conseguimos de volta, não há bancos de tempo, e sim, bancos de dinheiro que foi adquirido com o tempo dedicado ao trabalho; se dou a alguém meu tempo, esse alguém não pode me devolver esse mesmo tempo. As metáforas estruturam nossa compreensão em níveis muito básicos; logo, são cotidianas, ordinárias, comuns, já que definem nossas percepções e ações e não nos damos conta disso; procedemos de forma natural e intuitiva ao usá-las.

Na linguagem de especialidade da grande área Saúde também se encontram metáforas estruturais que estabelecem o mapeamento entre os domínios concreto e abstrato. Tomemos como exemplo a expressão metafórica *saúde de ferro*. A metáfora relaciona um conceito abstrato, "saúde", a um conceito concreto, "ferro". Aqui, a saúde, que é uma condição imaterial, é comparada ao ferro, um material concreto, físico e reconhecido pela sua força e resistência. De acordo com a teoria de Lakoff e Johnson, a metáfora conceptual SAÚDE É OBJETO, em que se leva em consideração a resistência do objeto *saúde de fer* é uma metáfora estrutural que utiliza o conceito concreto de "ferro" para organizar e

---

<sup>9</sup> "cuando compras algo, no lo compras con dinero, sino con el tiempo de vida que gastaste para conseguir ese dinero". Tradução nossa. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5sp6AXUV\\_6Y](https://www.youtube.com/watch?v=5sp6AXUV_6Y) Consulta em: 07/DEZ/2024

compreender o conceito abstrato de "saúde". Essa metáfora sugere que a saúde pode ser vista como algo resistente e inquebrável, promovendo uma visão culturalmente enraizada da saúde como sinônimo de força e durabilidade.

## **(ii) metáforas ontológicas**

A metáfora ontológica é aquela que, geralmente, examina a natureza fundamental de algo concreto, suas propriedades e características, para projetá-las a certos eventos e experiências mais abstratas, a fim de que apreendamos melhor esses eventos; os domínios envolvidos neste grupo de metáforas são menos estruturados. De forma geral, nas metáforas ontológicas há uma operação “em que algo abstrato é visto como concreto, ou em que algo concreto, mas inanimado, é representado como algo animado (personificação)” (SARDINHA, 2011, p.6).

Lakoff e Johnson (1987, 1999) exemplificam esse grupo com a metáfora INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, o conceito abstrato de inflação é representado como algo concreto, daí nascem expressões como; *a inflação está corroendo os salários, a inflação precisa ser combatida com a vacina certa*. Dessa forma, a metáfora ontológica é aquela em que algo abstrato (como uma emoção, ideia ou experiência) é tratado como se fosse uma entidade, substância ou objeto físico. Estas metáforas ajudam-nos a compreender e dar forma a conceitos intangíveis, tratando-os como se tivessem uma realidade física que pode ser manipulada ou controlada. (Lakoff e Johnson, 1987, 1999)

A dor, que é uma experiência subjetiva e invisível, encontra na metáfora ontológica DOR É OBJETO elementos que permitem que esta seja tratada como se fosse algo que pudéssemos ver, tocar ou manipular. Ao fazê-lo, torna-se mais fácil falar e pensar sobre a dor, dando-nos uma sensação de maior controle sobre ela. Por exemplo, ao falarmos ‘*quero eliminar a dor*’ sugere que temos poder sobre ela, como se fosse um objeto que podemos afastar de nós. Quando dizemos “*a dor está aumentando*”; concebemos a dor como uma substância que pode aumentar ou diminuir em quantidade, a dor é tratada como algo que pode crescer ou diminuir, como um líquido que se acumula. Ao falar sobre dor como se fosse uma substância ou objeto, podemos descrever melhor o impacto que ela tem sobre nós e como esperamos controlá-la ou superá-la.

## **(iii) metáforas orientacionais**

Estas metáforas conceptuais são projeções de esquemas de imagem que emergem de nossas primeiras experiências de orientação espacial, como foi apresentado na seção 1.2.2., estas organizam os conceitos que estão vinculados a nossas experiências corpóreas adquiridas precocemente. Para Kövecses, estas metáforas extrapolam a mera identificação de direção e movimento e de atitudes ou reações equivalentes ligadas a esse movimento. Para o autor, tais metáforas servem à organização coerente de grupos de metáforas, seu trabalho cognitivo é tornar coerente um conjunto de conceitos-alvo em nosso sistema conceptual. Talvez fosse mais apropriado chamar este tipo de metáfora conceitual de “metáfora de coerência”, o que estaria mais de acordo com a função cognitiva que essas metáforas desempenham (Kövecses, 2002, p.35).

A forma do nosso corpo com a cabeça no topo (em cima), as entranhas no centro (médio), os pés na base (embaixo) e nossas respectivas lateralidades (direita/esquerda) dão origem a complexos esquemas de imagem presentes em nossa memória de longo prazo, o qual é ativado no processo de conceptualização (Lakoff e Johnson, 1980, 1999). Por exemplo, o esquema de imagem de orientação espacial tem a capacidade de generalizar o que é comum a certas experiências e projetá-las em um novo sistema metafórico de divisão e orientação simbólica para conceituar experiências mais abstratas no mundo. “Eles são a base para conceitos metafóricos simbólicos, classistas, étnicos, sexistas, profissionais, também, designam aspectos agradáveis ou desagradáveis, elogiosos, humilhantes; tudo tendo como parâmetro, ângulo e limite a posição ortostática” (Da Silva, 2018, p.122). Estes conceitos emprestam coerência a um grupo importante de metáforas conceptuais e nascem dos orientadores posicionais e espaciais de nossa corporeidade; no entanto, na projeção entre domínios vão adquirindo perfis simbólicos como classe alta /média/ baixa, direita conservadora /centrão /esquerda festiva, por exemplo.

## **1.2 Projeção entre domínios**

Segundo Lakoff para que a correspondência entre um conceito e uma metáfora resulte em uma metáfora conceptual, é necessário que haja correspondência entre os domínios. Para tanto, em 1990, o autor propõe o princípio da invariância, o qual garante que mediante mapeamentos metafóricos os aspectos fundamentais sejam preservados “no processo de projeção entre domínios. A estrutura do domínio-fonte precisa ser preservada pela projeção, de modo consistente com o domínio-alvo” (Ferrari, 2011, p. 97). Esse princípio fica entendido nos seguintes termos: “para o esquema RECIPIENTE, interiores (do

domínio-fonte) são mapeados em interiores (do domínio-alvo), exteriores em exteriores e delimitações em delimitações; para o esquema de TRAJETÓRIA, pontos de partida em pontos de partida, destinos em destinos, trajetórias em trajetórias, ocorrendo o mesmo para outros esquemas de imagem” (Abreu, 2015, p.51).

A ligação metafórica que se estabelece entre dois domínios corresponde a um conjunto de semelhanças ontológicas e epistêmicas bem estruturadas entre os domínios em questão. A metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM exemplifica a correspondência ontológica entre as entidades do domínio AMOR e as entidades do domínio VIAGEM. As correspondências ontológicas que constituem a metáfora projetam a ontologia de viagem descrita acima na ontologia de amor nos seguintes termos:

- (i) AMOR -amantes, seus objetivos, suas dificuldades, o vínculo amoroso-,
- (ii) VIAGEM -os viajantes, o destino os obstáculos, o veículo, etc.

“As correspondências ontológicas que constituem a metáfora projetam a ontologia de viagem descrita acima na ontologia de amor” (Ferrari, 2011, p.99); há uma correspondência sistemática entre os domínios nos seguintes termos: os amantes se tornam viajantes, a relação amorosa é como um veículo, os objetivos de um relacionamento amoroso são semelhantes ao destino de uma viagem.

Lakoff e Johnson (1980) esclarecem que entre os domínios da metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM também há correspondências epistêmicas em que o conjunto de pressupostos a respeito de viagens é mapeado em direção à episteme que se têm do amor. O autor exemplifica as correspondências epistêmicas entre os domínios VIAGEM e AMOR nos seguintes termos: dois viajantes estão viajando para algum lugar em um veículo e ele atinge algum impedimento e fica parado, se eles não fizerem nada, não alcançarão seu destino. Há um número limitado de alternativas para a ação: i) eles podem tentar se movimentar novamente consertando o veículo ou fazendo com que ele contorne o impedimento; ii) eles podem permanecer no veículo e desistir de chegar ao seu destino no veículo; iii) eles podem abandoná-lo. Dois amantes estão em uma relação amorosa, com objetivos de vida em comum. A relação encontra alguma dificuldade que atrapalha a sua continuidade. Se eles não fizerem nada, eles não serão capazes de atingir seus objetivos de vida. Há um número limitado de alternativas para a ação: i) eles podem tentar continuar com a relação resolvendo o problema ou ignorando a dificuldade; ii) eles podem permanecer com uma relação problemática e desistir de atingir seus objetivos de vida; iii) eles podem desistir da relação. (Lakoff, 1980, p.48-49)

Como se pode observar, isso é consequência das relações estáveis e sistemáticas que se estabelecem entre os dois domínios, as quais permitem a aplicação do saber sobre viagem aos relacionamentos amorosos. Os mapeamentos são confirmados mediante distintas expressões metafóricas: *Não sei se quero embarcar nessa relação; o relacionamento chegou a um beco sem saída; nosso namoro não nos está levando a lugar algum*. Lakoff e Johnson (1999, p.59) afirmam que é praticamente impossível que pensemos em uma experiência abstrata sem metáforas, só funcionando normalmente no mundo; nós automaticamente e inconscientemente adquirimos e usamos um vasto número de metáforas. As metáforas são realizadas em nossas mentes fisicamente e estão, no geral, além do nosso controle. Elas são uma consequência da natureza de nossas mentes, de nossos corpos e do mundo que habitamos.

Dessa forma, concluímos que a metáfora é uma ferramenta importante do pensamento, e, não apenas uma figura de linguagem, pois mediante a transposição de conceitos concretos a conceitos mais complexos, permite a ampliação do significado através da ação criativa do pensamento. Nos termos qualificativos do conceito ‘dor’ pode-se observar esse processo de ampliação dos significados, para tanto, na próxima seção nos debruçaremos na categorização e no modo como os significados são agrupados nesse fenômeno linguístico.

### **1.2.1 A categorização**

Desde os tempos antigos, a categorização tem sido um elemento fundamental para a compreensão e organização do conhecimento. Faremos um breve recorrido por Aristóteles, que delineou as categorias básicas do ser, passando às contribuições de Eleanor Rosch e sua teoria dos protótipos; o primeiro categorizava com base em características essenciais e universais; a segunda contestou essa visão ao destacar a importância dos protótipos e da experiência perceptiva na formação de categorias. Passamos a apresentar de forma sucinta a teoria clássica e seguidamente a teoria dos protótipos e seus desdobramentos até chegarmos à Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, proposto por George Lakoff, dada sua e relevância no estudo da categorização de Modelos cognitivos metafóricos.

### **1.2.2 Da teoria clássica à prototípica**

Aristóteles, em sua filosofia, estabelece a distinção entre signo e linguagem; o primeiro refere-se ao plano mental —das ideias—, já a segunda refere-se à realidade representada pelo signo linguístico. Na visão aristotélica a “linguagem (dimensão do signo)

nos permite expressar, através da definição real ou essencial de suas categorias, a essência dos entes (realidade representada), impressa na alma do homem” (Duque, 2001, p.91). Nessa concepção filosófica, o significado é prévio à nomeação do objeto, pois tem relação com sua essência (plano das ideias) que é o que constitui cada ente e o diferencia dos outros. As categorias se organizam no plano mental e para que um objeto pertença a determinada categoria tem de possuir os traços necessários e suficientes dessa categoria; assim sendo, podemos afirmar que algo é uma formiga porque conhecemos o significado do nome formiga; logo, sabemos de sua essência e de seu pertencimento à categoria INSETO.

A teoria clássica do significado e de categorização aristotélica fundamenta-se em alguns pressupostos, quais sejam: (i) para que um elemento dado pertença a uma categoria deve possuir o conjunto de traços necessários que juntos são suficientes, se não possuir todos os traços, o elemento é excluído dessa categoria; (ii) os traços semânticos são binários [+ ] [- ] e não nortear a análise dos itens lexicais. A definição de criança se diferencia de menino pelo traço distintivo de gênero: CRIANÇA [+humano] [-adulto]; MENINO [+humano] [-adulto] [+masculino]; (iii) as categorias têm limites bem definidos; dessa maneira, a categoria MENINO é definida pelas três condições de ser humano, masculino e não adulto, cada uma é necessária e suficiente; (iv) não há membros mais representativos ou periférico; todos ocupam a mesma posição (DUQUE, 2001).

O paradigma clássico de categorização vai influenciar muitas escolas; dentre elas destacamos, na semântica estrutural, os estudos de Katz e Fodor (1963); Lyons (1964); que seguem a linha de estudo de categorização mediante os traços semânticos – diferença específica e gênero – (todas e cada uma) das unidades lexicais que integram uma categoria. “De acordo com esse modelo, as categorias apresentam limites rígidos e são tratadas, de modo objetivista, como reflexos diretos do mundo” (Ferrari, 2011, p.33), mas a realidade é muito mais complexa e vai além da descrição de seus fenômenos mediante traços semânticos essenciais, suficientes e necessários.

Wittgenstein (1953) questiona e aponta as dificuldades de analisar a categoria JOGO, que, por ser amplamente extensa, não se deixa analisar a partir de traços essenciais e necessários compartilhados por todos e cada um de seus integrantes; o autor aponta a disparidade dos membros dessa categoria: videogame, futebol, peteca, tênis, amarelinha, jogo da memória, jogo de cartas; possuem traços dissemelhantes, por isso não é possível encontrar traços suficientes e necessários compartilhados por todos e cada um dos membros da categoria. Entende-se que o “que permite chamar determinadas atividades de GAME é o

fato de cada uma delas manter alguns traços em comum com todas as outras, mas não necessariamente todos os traços” (Ferrari, 2011, p.33). Wittgenstein propõe então analisar a categorização por “parecenças de família”, que são um conjunto de traços compartilhados e semelhantes observados entre os membros de uma família: mãe e filho têm o mesmo formato de rosto e a mesma cor de olhos; pai e filho têm a mesma cor da pele; filho e filha compartilham o mesmo tipo de nariz, e assim sucessivamente. De modo análogo aos membros de uma família que compartilham alguns traços -mas não todos e cada um- os membros de uma categoria compartilham um conjunto de traços parciais e não exclusivos. Assim, as categorias podem ser observadas através de semelhanças de família, como defendeu Wittgenstein, e não necessariamente sob a análise de traços essenciais. Suas reflexões sobre a categorização vão influenciar o enfoque sociocognitivo que também vai se contrapor ao paradigma clássico de categorização.

Na década de 70, pesquisas experimentais desenvolvidas na psicologia cognitiva por Eleanor Rosch (1973) constatam que as categorias possuem elementos que são mais representativos mentalmente que outros. São pontos de referência cognitiva para os processos de classificação de nossas experiências ordinárias e são denominados de protótipos. Na categoria das cores básicas, verificou-se que dentro de cada conjunto de cores há um foco central primário e nossa percepção cognitiva capta o ponto mais saliente da cor, ou seja, o ponto prototípico; dessa forma, o azul, por exemplo, tem seu ponto prototípico e as demais tonalidades seriam a sua continuação: azul-celeste, azul-marinho, azul-turquesa, etc. Por conseguinte, categorizamos os objetos baseados em um elemento prototípico —o melhor exemplar— em torno do qual os outros membros da categoria se organizam. Ferrari, com base na teoria dos protótipos, explica a organização categorial da seguinte maneira:

A organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes muito periféricos, que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial (Ferrari, 2011, p. 41).

A partir desses pressupostos, a categorização é estruturada da seguinte maneira: (i) as categorias não representam divisões arbitrárias de entidades do mundo, mas surgem baseadas em capacidades cognitivas da mente humana; (ii) categorias fundamentam-se em protótipos conceptualmente salientes, os quais são sumamente importantes para sua constituição; (iii) as fronteiras das categorias cognitivas são difusas, dessa maneira, não há separação rígida entre categorias vizinhas, e sim, zonas de encontro e de cruzamento de atributos. (Ferrari, 2011). A teoria dos protótipos é revisada e ampliada na década de 80,

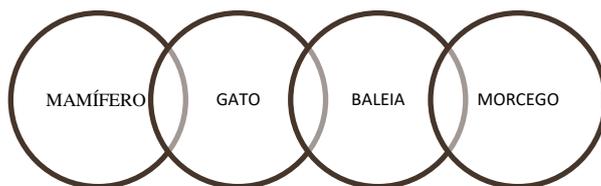
visto que estudos posteriores realizados com outras culturas e em contextos diversos comprovaram que o protótipo pode modificar-se de acordo a essas duas variáveis: contexto e cultura, isso fez com que o protótipo perdesse a noção de causa e passasse à noção de efeito, efeito prototípico. (Duque, 2001) Na versão ampliada o conceito de Wittgenstein de semelhanças de família é de veras importante, porque as categorias deixam de ser analisadas a partir de um centro prototípico:

Se, antes, era a noção de protótipo, que se situava no centro da categoria e servia para estabelecer as distâncias (graus) dos membros dessa categoria, agora o que se busca é outra coisa muito distinta: a distribuição da categoria que justifique o efeito prototípico (Duque, 2002, p.67).

O que se busca não é mais o elemento prototípico de certa categoria, e sim os efeitos protótipos de seus elementos e como eles se vinculam por parencças de família dentro da categoria. Este último tem um papel importante porque apresenta uma relação lateral entre os integrantes; as categorias organizam-se na horizontal e seus membros se associam por semelhanças, por exemplo, elementos de uma categoria que sejam A, B, C e D, colocados horizontalmente. O elemento A, que começa na esquerda, tem ao seu lado B que têm alguma semelhança, porém A não tem necessariamente semelhança com C. Em outras palavras, as categorias não são fechadas por aspectos pré-estabelecidos e podem atingir tamanhos incalculáveis. Os elementos se agrupam por semelhanças que são analisadas lateralmente — uma a uma— e não radialmente; por exemplo, o elemento A terá mais semelhanças com o elemento B, mas pouquíssimas, ou talvez nenhuma, com o elemento E; sua vinculação é feita em cadeia e cada membro está vinculado ao outro ao menos por compartilharem uma semelhança. “Dessa maneira a categoria deixa de ser estruturada a partir de um centro prototípico e passa a ser analisada mediante a organização colateral de seus elementos.” (Duque, 2002, p 67).

Se pensarmos na categoria MAMÍFERO com integrantes como gato, baleia, morcego:

Figura 1.1 Exemplo de categorização



Fonte: Elaborado pela autora

O elemento gato pode não ter relação uma relação direta com baleia e morcego. Gato é mais central; baleia e morcego são periféricos e se encontram mais próximos à fronteira categorial, mas, pensando em um *continuum*, pertencem à categoria MAMÍFERO, que apresenta grande variabilidade denotacional, mas mantém um encadeamento das semelhanças de família, o que permite manejar referentes tão díspares ademais de estabelecer vinculação entre diferentes categorias. Nesta etapa, os efeitos prototípicos são considerados superficiais e:

são utilizados [...] no pensamento – fazendo inferências, cálculos, aproximações, planejamentos, comparações, julgamentos – e também para definir categorias, estendê-las e caracterizar relações entre subcategorias. Os protótipos fazem uma grande porção do trabalho efetivo da mente e têm um amplo uso em processos racionais (Lakoff, 1987, p.145).

Lakoff (1987), com base nos estudos de categorização prototípica e seus efeitos prototípicos, argumenta que estes são superficiais e se originam em Modelos Cognitivos Idealizados, doravante MCIs. Esses modelos são construídos a partir de nossas experiências sensoriais, interações sociais e padrões culturais, os quais correspondem a estruturas que organizam nosso conhecimento e que guiam o significado e a estrutura de uma categoria linguística. Segundo o autor, os efeitos prototípicos são o resultado do conhecimento estar organizado de uma determinada maneira, em termos de MCIs, os quais podem ser a fonte dos efeitos prototípicos verificados na categorização. Afirma, “Nossa tese básica será a de que os efeitos prototípicos resultam da natureza dos modelos cognitivos, que podem ser vistos como ‘teorias’ sobre alguma matéria” (Lakoff, 1987, p.45). Ele une os estudos de categorização da psicologia cognitiva com estudos linguísticos sobre o significado; dessa maneira, o significado de expressões linguísticas estaria associado aos processos de categorização humana, que seriam compreendidos a partir dos estudos dos efeitos prototípicos que derivam de estruturas cognitivas complexas, decorrentes da organização mental de nossos conhecimentos e experiências.

O autor destaca que a categorização é possível apenas via um MCI, responsável pela organização de todo conhecimento; ademais são considerados idealizados por duas razões: a) por não se adequarem necessária e perfeitamente ao mundo, pois são fruto da interação do aparato cognitivo humano e da realidade perceptível; o que consta em um modelo cognitivo é determinado por necessidades, crenças, valores culturais; e b) pela possibilidade de construção de diferentes modelos para a compreensão de uma determinada situação, sendo que esses modelos podem contradizer-se. Portanto, são idealizados pois correspondem

a uma idealização da realidade, contudo, não à própria realidade (Lakoff, 1987). O autor argumenta que há cinco tipos de modelos que ajudam a organizar nossas experiências físicas tanto no nível puramente conceptual quanto no linguístico-conceptual, são eles:

### **1.3 Modelos cognitivos**

#### **1.3.1. Modelo de Esquema de Imagem**

Neste modelo, a compreensão conceitual é baseada em estruturas mentais que são derivadas diretamente da experiência sensorial e perceptiva. Os esquemas de imagem são formas básicas de organização cognitiva que surgem da interação entre o corpo, a mente e o ambiente. Por exemplo, modelos cognitivos que estruturam nossos conceitos primários de RECIPIENTE, LIGAÇÃO, TRAJETÓRIA, etc. (Lakoff e Johnson, 1987, 1999).

#### **1.3.2. Modelo Cognitivo Proposicional**

Este modelo é apreendido através da experiência direta e é estruturado com base nas propriedades dos elementos e nas relações entre eles. O autor apresenta dois aspectos de sua categorização: a) “eles contém entidades com suas propriedades e relações que se estabelecem entre elas ; b) “não usam mecanismos imaginativos, i. e., metáfora, metonímia ou imagens mentais” (Lakoff, 1987, p.285). Esses elementos ou conceitos de nível básico podem incluir entidades, ações, estados, propriedades; “assim, se entendemos algo a partir de uma relação entre um argumento e um predicado, assim como a partir de relações semânticas entre argumentos (AGENTE, PACIENTE, INSTRUMENTOS, ETC), fazemo-lo através de uma proposição simples” (Feltes, 1999, p.62); alguns exemplos desses modelos são os taxonômicos que classificam animais, vegetais, entre outros.

#### **1.3.3. Modelo cognitivo metonímico**

Origina-se a partir de um mecanismo imaginativo, metonímia conceptual, baseia-se na ideia de que entendemos conceitos através de associações e contiguidades, o significado é construído indiretamente através de experiências concretas. “Esses modelos ocorrem em um único domínio conceitual, onde há dois elementos, A e B, sendo que A pode ser ‘representado por’ B. Nesse modelo tomamos um aspecto considerado bem-entendido, ou de fácil percepção, que é utilizado para representar a coisa como um todo ou algum outro aspecto ou parte dela (Lakoff, 1987, p.77). Por exemplo, na frase *Borges é difícil de ler*, Borges é o escritor; portanto, é o elemento A, que é representado por B ‘seus livros’, dessa

maneira, o uso metonímico de Borges refere-se aos livros escritos por o autor. Lakoff observa que esse modelo é uma das fontes mais ricas de efeitos prototípicos porque sua estruturação se baseia em um membro específico de uma categoria, subcategoria ou submodelo, que é considerado representativo de toda a categoria ou modelo.

#### **1.3.4. Modelo cognitivo metafórico**

É um dos principais mecanismos através dos quais entendemos conceitos abstratos em termos de conceitos mais concretos e familiares. Há uma projeção no sistema conceptual entre um domínio fonte A –bem estruturado– para o domínio alvo B, que precisa ser estruturado para ser compreendido. Lakoff afirma que “as estruturas metafóricas e metonímicas transformam esquemas gerais definidos pela nossa experiência animal em formas de raciocínio” (1987, p.368); essa operação se dá via projeção metafórica/metonímica.

Portanto, os MCIs são estruturas que atuam diretamente na categorização de domínios físicos e não-físicos, os abstratos; enquanto os primeiros são mais objetivamente estruturados pela percepção, os segundos precisam fazer intervir os mecanismos imaginativos da razão –metáfora e a metonímia. Ou seja, “através da metáfora e da metonímia, enquanto espécies de processamento cognitivo, as estruturas diretamente significativas seriam estendidas ou projetadas para o domínio abstrato, para que este possa ser, de algum modo, estruturado e compreendido” (Feltus,1992, p.53).

#### **1.3.5. Modelo simbólico**

O último modelo exposto por Lakoff é o MCI simbólico que apresenta componentes linguísticos vinculados a elementos conceptuais; são exemplos de modelo simbólico as categorias gramaticais, os itens lexicais e construções gramaticais das línguas.

Dentre os MCIs apresentados por Lakoff, nos interessa, particularmente, o modelo MCI metafórico, pois ele nos auxilia no intuito de conceptualizar e categorizar os termos metafóricos da dor presentes na língua espanhola para, seguidamente, encontrar seu correspondente na língua portuguesa. Em síntese, podemos concluir que o MCI é um fenômeno intrínseco ao raciocínio e à categorização; conseqüentemente, ratificam a premissa da LC de que a conceptualização resulta da experiência física, cognitiva e cultural, ademais, o significado depende dessas premissas e do contexto social no qual ocorre.

A dor com suas formas linguísticas, significados em contexto e sua categorização é objeto de estudo da próxima seção.

#### **1.4 A dor, apenas**

Nesta seção, faremos um breve recorrido sobre a dor e como os modos sociais de representá-la mudam segundo a visão que se tem dessa experiência tão humana, portanto universal, no transcurso do tempo. Reconhecemos que a dor vai além de uma experiência física, abrangendo também dimensões emocionais, cognitivas e culturais. Esses diferentes aspectos se entrelaçam e influenciam mutuamente, configurando uma vivência simbólica profundamente humana. Como canta Caetano Veloso, "*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é*". A compreensão do significado de dor é crucial para a presente pesquisa, visto que é a base na qual este estudo se sustenta. A etimologia do conceito dor nos revela sua origem e significado, ademais o caminho que a palavra percorreu até chegar ao seu atual significado, também temporário.

Em outras sociedades, atuais e antigas, a dor por vezes se associa à presença de demônios no corpo e na alma, por isso mesmo, seu alívio era uma responsabilidade de feiticeiros e sacerdotes, que recorriam a ritos, procedimentos com caráter cerimonial, e ao uso de plantas para livrar àqueles que estavam acometidos por algum mal. Para Aristóteles tanto a dor quanto o prazer eram emoções, manifestações da alma; o filósofo sustentava que as sensações, incluindo a dor, eram uma função dos sentidos e do corpo. Ele descrevia a dor como uma sensação física ligada à percepção do corpo e também como uma emoção relacionada à percepção do dano ou ameaça, ademais, desempenhava um papel importante na vida moral e ética dos seres humanos, influenciando seu comportamento e suas escolhas. (Ética a Nicômaco, livro II).

Por outro lado, a visão de Descartes sobre a mente e o corpo é conhecida como dualismo cartesiano; ele sustentava que a mente e o corpo são duas substâncias distintas e separadas; a mente (ou alma) é uma substância não física, pensante e consciente, enquanto o corpo é uma substância física, extensa e não consciente; sua retórica influenciou profundamente a racionalidade científica. O corpo era uma máquina e a dor era a consequência do uso excessivo dos sentidos dessa máquina (Marquez, 2011).

Os significados da dor estão subsumidos nos significados que cada tempo lhe atribui, a dor de hoje e a mesma dor de ontem ou há diferenças? Não somos os mesmos de antes, mudamos sempre, apesar de resistirmos ao passar do tempo, ele passa por nós e muda nossa

aparência, nossos afetos, nossas sensações, nossa dor; ademais há mudanças não só no tempo, mas também no espaço (social e cultural), porque a cultura e a sociedade são dinâmicas e heterogêneas, assim como as línguas. De forma análoga, épocas distintas e culturas diferentes elaboram molduras que enquadram os modos como processamos e expressamos a dor, como se pode observar no caminho etimológico do termo dor: 1. Do grego *poín-e* (pagamento, pena, recompensa) 2. Do latim *poena* (pena, punição) e 3. Do inglês médio, do anglo-francês *peine* (dor, sofrimento) (Desantana, 2020).

A complexidade desse panorama linguístico etimológico ao longo da história é bem sintetizada por Navarro (2001)

Desde o nascimento da medicina científica, na Grécia, no século V a.C., o grego foi a língua da medicina durante toda a antiguidade clássica. [...] Durante a Idade Média não é possível falar de uma única linguagem da medicina, mas sim distinguir pelo menos três espaços linguísticos bem definidos. No Império Bizantino, a validade do grego foi mantida, mas o cenário principal do cultivo da medicina deslocou-se para o mundo islâmico, com a língua árabe, enquanto na Europa Ocidental, especialmente a partir do século XI, a língua da medicina foi o latim herdado do Império Romano. O Renascimento transferiu o conhecimento médico para a Europa, com a qual o latim se tornou a principal língua da medicina [...], todas as obras médicas foram então escritas em latim, que também se tornou a língua do ensino universitário durante séculos. (Navarro, 2001 p. 36-38. Tradução nossa).

A evolução da linguagem médica reflete como o conhecimento e as percepções sobre a saúde foram moldados ao longo da história. Durante o Renascimento, conforme aponta Navarro (2001), o latim consolidou-se como a língua predominante da medicina na Europa, uniformizando a transmissão e o ensino do saber médico por séculos. No entanto, a compreensão da dor e das experiências humanas ligadas à saúde transcende a padronização linguística, sendo profundamente influenciada pelas condições históricas e culturais de cada época. Como destaca Han Byung-Chul (2021) a dor é uma construção cultural cujo significado é determinado pelo contexto sociocultural em que se manifesta. Assim, ao longo da história, a linguagem e a cultura coexistiram como forças determinantes na forma como a medicina descreveu, interpretou e tratou os fenômenos ligados ao corpo humano. Nos finais do século XIX até os anos 40 do século XX a sociedade era concebida de uma determinada maneira e os seres humanos respondiam às concepções e ideais de sua época. Nesse tempo a sociedade era mais conservadora e introspectiva; havia o espaço da vida privada e o da vida pública, as instituições como o estado, a igreja ditavam as regras do bem viver que eram reproduzidas na família e na escola; era uma sociedade disciplinar (Foucault, 1987) e tinha na culpa a matriz de suas dores; havia uma relação interior com a dor. “Na

sociedade disciplinar, a dor ainda desempenha um papel construtivo. Ela forma o ser humano como meio de produção” (p.22) e mantém uma relação afirmativa com a dor; nessa concepção de mundo, a dor forja heróis, portanto “a vida deve ser equipada de tal modo que ela esteja “armada” a todo momento para o confronto com a dor.” (p.24). Nesse paradigma os modos simbólicos de expressão da dor são modos que enaltecem o corpo disciplinado e obediente, a dor é um modo de controle e de dominação. (Han, 2021). A letra da canção do cantor e compositor Itamar Assumpção descreve de forma poética esse sentir da dor.

*Leminski disse  
Um homem com uma dor  
É muito mais elegante  
Caminha assim de lado  
Como se chegando atrasado  
Andasse mais adiante  
Carrega o peso da dor  
Como se portasse medalhas  
Uma coroa, um milhão de dólares  
Ou coisa que os valha [...]  
Assumpção, Itamar, 1998.*

A dor é o troféu dado aos heróis de uma ordem mais elevada, àquele que aprendeu levar a dor como se portasse medalhas, aprendeu seu verdadeiro sentido que é mergulhar nas profundezas do ser dolorido e aprender a arte de viver na dor e no riso como se levasse uma coroa, um milhão de dólares, de *dolores*...

Segundo Han, o ser humano de ontem vivia sob regras rígidas e em nome delas abria mão de seus desejos; e do conflito entre as proibições e as vontades nasciam as patologias da época. A partir dos anos 50 do século XX, a sociedade ocidental (incluindo a América Latina) vive transformações significativas em todos os campos: econômico, social, cultural, tecnológico que vão trazer novas sensibilidades, simbolizadas em molduras menos íntimas; a configuração do mundo muda, há menos proibições, os interditos são nebulosos, há maior liberdade, a máxima da época pode ser resumida a um verso da canção de C. Veloso “*Eu digo não ao não, é proibido, proibir*”. A sociedade é convocada a agir, a fazer acontecer, a ter sucesso na vida; em lugar da proibição, há a incitação, há a premência de ser visto.

O ser humano de hoje tem menos patologias advindas da proibição e da culpa, e sim, da vergonha de si, de não conseguir chegar à perfeição imposta pela atual “sociedade do desempenho” como a nomeia Han (2021). “Exponha-se, mostre-se como você é capaz” é a nova ordem do dia, a vida privada se tornou pública, tudo é exposto, é mostrado sem pudor nas redes, a vida se tornou instagramável. Essa nova moldura de exigência performática adoece, provoca dor, mas ela não se torna pública, ela é vergonha, porque não entra na moldura da “sociedade do desempenho”, ela está desprovida de sentido e de utilidade. Para Han o que diferencia o ser humano do desempenho de hoje ao do disciplinado de ontem — ao disciplinado de ontem, de Foucault (1987) — é a nova fórmula de dominação “seja feliz”, “o dispositivo de felicidade neoliberal nos distrai do sistema de dominação existente” (p.27), nos anestesia para a vida. “A demanda pela otimização da alma, que, na realidade, obriga a uma adequação às relações de dominação, oculta misérias sociais” (p.28). Ao a dor ser vergonha, há uma demanda exacerbada de medicamentos na atual sociedade paliativa que “oprime e reprime a dimensão social da dor, que é o espaço coletivo onde ela se torna fala, crítica, ação e revolução” ((Han, 2021, p. 27, 28, 30). Esse espaço hoje se caracteriza não pela ação crítica e revolucionária, mas sim pela anestesia que paralisa a ação da dor como fenômeno de compreensão do humano e, conseqüentemente, de outras ações também anestesiadas nas águas paradas de um estupor coletivo.

Do ponto de vista da antropologia, Le Breton, em seus estudos sobre a dor, argumenta que esta é uma experiência desconcertante que “não se satisfaz com nenhuma fórmula simples, pois é simultaneamente experimentada e avaliada, integrada em termos de significado e valor ” (2013, p.17). O mundo humano é um mundo de significações e de valores acessíveis à ação do homem, portanto, a trama social e cultural em que o homem e a dor estão envolvidos influi sobre seu significado e valor. “Se o homem é uma consequência de condições sociais e culturais, também é o criador incansável dos significados com os quais convive.” (2013, p.22). A linguagem desempenha um papel crucial nesse processo, servindo como o principal meio através do qual as pessoas interpretam e expressam suas experiências de dor; através da linguagem, atribuímos significados e valores específicos à dor, moldando assim a percepção e resposta a ela (Le Breton, 2013). Por conseguinte, a compreensão da dor envolve o reconhecimento das complexas interações entre linguagem, significado e cultura.

As mudanças históricas que o ser humano atravessou e atravessa incidem nas formas culturais e simbólicas de expressão da dor que está ligada às diferentes formas de dominação

e representações; contudo, ela sempre pertenceu e continua pertencendo à esfera íntima. Na atual “sociedade do desempenho”, a dor se furta à lógica da otimização, revelando-se no foro íntimo, onde, embora seja experimentada como algo profundamente subjetivo, demanda mediações objetivas e coletivas para encontrar o bálsamo, a palavra e a justa medida que permitam tratá-la, mitigá-la e simbolizá-la coletivamente; além disso, como aponta a psicanálise lacaniana nos princípios do sadismo e do masoquismo, a linha que separa dor e prazer nem sempre é bem delimitada, sendo moldada por medidas protetivas da psique que hierarquizam valores e toleram a dor em função de algo considerado de maior valor.

Essa complexidade na vivência da dor, que transita entre o subjetivo e o coletivo, entre prazer e dor, também se manifesta na dor física. Embora pareça mais concreta e palpável, a dor física não está isenta de interpretações subjetivas e influências culturais, sendo igualmente marcada por mediações sociais que moldam sua percepção, expressão e enfrentamento. Entre a analgesia – doença rara em que o corpo não acusa a existência de dor e que solicita do doente um complexo e delicado aprendizado para viver – e a dor crônica, sensação de dor sempre presente no corpo, habita o ser humano. “Há, no humano, uma intimidade com a dor fazendo com que ela se torne particularmente difícil de ser precisamente conceituada e que só sua completa ausência, na analgesia, é capaz de revelar” (Berlink, 1999, p.47).

Estudiosos na área da saúde, congregados pela Associação Internacional para o estudo da Dor (IASP) chegam a um consenso de conceituá-la como “uma experiência sensitiva e emocional desagradável associada, ou semelhante àquela associada a uma lesão tecidual real ou potencial”<sup>10</sup>. No decorrer de 41 anos, houve avanços significativos na compreensão da dor, e a abordagem dicotômica -herança do cartesianismo- limitava a compreensão da dor apenas às categorias nociceptiva ou neuropática, o que deixava de fora seu componente emocional. “Atualmente, é sabido que a dor nem sempre está relacionada a uma lesão tecidual evidente em termos histopatológicos, e que o estado emocional do paciente influencia diretamente a percepção que ele tem sobre a dor” (Desantana, 2020, p.197).

A percepção que cada pessoa tem sobre sua dor e as formas simbólicas do sistema cultural no qual está inserida validam suas expressões linguístico-terminológicas, em grande

---

<sup>10</sup> Considerações sobre o novo conceito de dor. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/brjp/a/r7Ff7DKVGD8B776KPRyMMPr/?lang=pt> Acesso em: 22. Nov. 2024

medida, metafóricas. A dor como impulso nervoso e emocional precisa de palavras para sua expressão e comunicação no intuito de encontrar seu antídoto, e, assim, acalmar a dor, que embora sentida no foro íntimo, busca formas sociais e coletivas para sua expressão e significação.

#### **1.4.1. A dor e suas formas na linguística**

A dor se apresenta de diversas formas e tem seu centro de gravidade no interior do ser humano, mas se expressa no rosto, na voz, no olhar, no conjunto de sua corporeidade. Um dos grandes problemas que os pacientes têm é encontrar uma linguagem apropriada para expressar sua dor de modo que seja oportunamente identificada e cuidada.

Os recursos linguísticos utilizados em qualquer situação cotidiana são a fonte de elaboração de significado que possibilita aos falantes construir a realidade de suas experiências. A experiência da dor é elaborada através dos recursos semânticos que as línguas dispõem, os quais tecem as redes dos significados álgicos que determinada comunidade de falantes fará uso. Apesar de a dor falada não ser jamais a dor sentida, é mediante esse recurso simbólico sociocultural e individual que os enfermos interpretam e significam suas dores; tanto do ponto de vista cultural, quanto interpretação sensória (sentido interoceptivo).

A dor nos coloca frente a frente a nossa vulnerabilidade, nos fragiliza, rompe com a racionalidade, por isso, como traduzi-la, como expressá-la, como narrá-la? Embora ela seja uma experiência humana, por isso universal, também é particular e a sua tradução está tecida em acordos socioculturais, como diz Le Breton: “E a dor é uma, fechada na intimidade de um homem que tenta em vão traduzi-la para os outros, que só podem entendê-la de forma aproximada por uma tradução [...]” (Le Breton, 2013, p.45). Kövecses (2000) destaca três grupos nos quais podem se apresentar a linguagem da emoção, que o consideramos válido para a linguagem da dor, são eles: os termos expressivos, os intensificadores do nome ‘dor’/‘dolor’ e os termos metafóricos que descrevem distintos aspectos da dor. A seguir apresentamos esses três grupos e nos deteremos com mais atenção no grupo de termos metafóricos visto que é o foco de interesse desta pesquisa.

##### **1.4.1.1 A dor expressada**

Um dos recursos que a língua nos oferece para expressar as dores profundas, aquelas que se resistem às palavras, é a interjeição. É uma das maneiras que as culturas escolhem para expressar a dor aguda, onde as palavras sobram e a emoção transborda. Segundo o

dicionário Houaiss (2009) interjeição é: “palavra ou sintagma que, ger. sem combinar-se gramaticalmente com elementos de oração, forma frase que exprime uma emoção, uma sensação, uma ordem, um apelo, um chamamento etc.” pertence à classe de palavras invariáveis, cujos elementos formam enunciados exclamativos, que manifestam impressões, verbalizam sentimentos ou realizam atos de fala apelativos. Já o dicionário Aulete (2007) contempla a seguinte aceção: “há interjeições que são meros gritos ou emissões acústicas com valor expressivo”, ou seja, são carentes de caráter vocabular por estarem constituídas de sons inarticulados. Segundo Bechara (2012, p.112), essa classe não é entendida como “pura palavra, mas uma palavra-oração, que por si só pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional”, ou seja, constituem-se como orações completas, são autônomas. O autor admite que a interjeição “é a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos” (p.330).

Parafraseando a Bechara (2012), tais interjeições são, de certo modo, o limite da língua, pois embora sejam emissões acústicas realizadas com o aparelho fonador e tenham função expressiva e comunicativa, estão fora do sistema fonológico, assemelhando-se mais, a este respeito, a elementos não linguísticos ou supra linguísticos como os gestos, a onomatopeia. Esta última, se encontra entre os primeiros sons emitidos por nós humanos para representar os sons do mundo que percebemos; ademais de nossas primeiras sensações: dor, prazer, fome. As interjeições onomatopeicas que nossos entrevistados declararam usar são: ãhhhhh, aiiiiiii, âmmmm, auuuuu, uiiiiinii.

As interjeições onomatopeicas analisadas estão em ordem crescente e formam um *continuum* de emissões acústicas com valor expressivo. A vogal [a], central, aberta, oral [a] ou nasal[ã] [n/m] –dependendo do contexto fonológico onde ocorre – possui um som relaxado e a emissão desse som traz alívio ao dolorido; o tom de lamento é outra característica que, por sua vez, pode anular qualquer possibilidade de ambiguidade. Acrescentaram que quando a dor é muito forte é quase intraduzível em palavras: “quanto mais forte a dor, menos palavras são necessárias para expressá-la”.<sup>11</sup> Segundo os participantes, a melhor maneira de comunicar a dor aguda é mediante essas interjeições onomatopeicas que estão convencionadas na língua e na cultura de ambas as línguas aqui trabalhadas: português e espanhol.

---

<sup>11</sup> Quanto más fuerte el dolor, menos palabras se necesitan para expresarla.

Outro recurso que a língua oferece aos seus usuários para expressar a dor são os intensificadores,<sup>12</sup> estes permitem que expressemos o grau de sua força. A intensificação está relacionada a qualquer dispositivo que gradua uma qualidade, tanto para graus máximos, médios ou mínimos, e as línguas expressam esse fato de diferentes maneiras. Ao a dor ser uma emoção que não pode ser mensurada mediante exames clínicos, a língua é a ferramenta, por excelência, que proporciona os meios para aferir sua intensidade. Organizamos os intensificadores em dois grupos:

a) intensificadores denominais: que apresentam um correspondente nominal – puta, caralho;

b) intensificadores prototípicos: advérbios que deixaram de conter a característica primária dessa classe (modificar verbos), e passaram a modificar adjetivos e advérbios – muito, extremamente etc. (Morzycki, 2012). O que consideramos como adjetivos intensificadores, neste trabalho, modifica, especificamente, o nome dolor/dor. Vejamos como eles se apresentam no português e no espanhol.

Quadro 1.2 Intensificadores do nome dor

ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
Puta madre, que dolor!	Puta dor!
La concha, que dolor!	Dor do caralho!
Dolor de huevo!	Dor da porra!
Carajo, que dolor!	Caraca, que dor!

Fonte: autora, 2024

O que se pode observar é que, em ambas as línguas, as palavras de baixo calão são usadas para graduar a intensidade da dor sentida e não como um insulto. Com o passar do tempo cronológico, as palavras de baixo calão foram se distanciando do seu referente tradicional e se gramaticalizaram, ou seja, perderam sentido lexical e passaram a funcionar como modificadores com semântica de intensidade, ligados a emoções fortes como a dor. Segundo Basso (2018) há estudos científicos que demonstram que falar palavrões aumenta nossa força e resistência à dor. O autor acrescenta que os “palavrões” são processados em uma parte do cérebro conhecido como “sistema límbico”, que é responsável por funções corporais básicas, como a respiração e o batimento cardíaco. A pergunta que surge é: será

---

<sup>12</sup> Houaiss: 2 gram, ling que ou o que denota ser particularmente forte a noção contida numa raiz (diz-se de elemento) ou reforça ou hiperboliza; 3 gram, ling diz-se de ou palavra empregada como recurso expressivo para acentuar algo que é dito, descrito ou referido

que os palavrões desempenham também, em algum sentido, funções básicas? E por isso, podem servir para aumentar o limite da dor e a resistência física? Talvez seja por isso que quando a dor se apresenta em um grau máximo de intensidade, os falantes lançam mão desse recurso que as línguas oferecem, a fim de criar maior resistência tanto física quanto emocional. Isso possibilita que algo quase indizível possa ser extravasado mediante intensificadores fortes, provocando uma catarse dessa forte emoção. Na construção de sentido de algo intangível é que se pode entender a nova relação que se estabelece entre o código linguístico e o referente desse código, fenômeno que se dá em ambas as línguas.

#### **1.4.1.2 A dor explicada**

À diferença da dor expressada para a dor explicada consiste, basicamente, no fato de que esta, ao ter que ser comunicada a outra pessoa, é pensada, elaborada e, geralmente, acontece em um contexto público: a consulta médica. Neste momento, mediante o relato verbal, há que se traduzir o quase intraduzível, dizer o quase indizível, para que se chegue a um bom diagnóstico que ajude a planejar estratégias de prevenção e tratamento. Na explicação da dor observa-se que a linguagem metafórica é usada para revelar a dor: onde dói, como dói, quanto dói. Um halo de palavras emprestadas do vocabulário corrente, o mais próximo da experiência cotidiana, abrange a terminologia da dor. “A projeção de sentido assim realizada aposta na adição de termos insuficientes em si mesmos, mas cuja conjugação circunscreve pouco a pouco, à maneira de um negativo, um distúrbio que, de outro modo, seria inapreensível (Le Breton, 2013, p.45)”.

Na história da dor, esse empréstimo de termos de experiências mais concretas já vividas para nomear experiências mais abstratas, é perceptível. Uma das entrevistadas, A.R.A., ao narrar sua dor utilizou palavras emprestadas de outras experiências físicas para revelar, qual um negativo, suas dolências: “*as vezes a dor é como um choque; em outras vezes ela é como um puxão*”.<sup>13</sup> É na língua que o fenômeno da dor é entendido e expressado; por isso, analisaremos como a experiência da dor é construída e compreendida em termos metafóricos, os quais deixam em evidência que “nosso sistema conceptual humano ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é, basicamente, de natureza metafórica” (Lakoff e Johnson, 1980, p.3).

---

<sup>13</sup> “A veces el dolor es como si pasara corriente, en otras es como un tirón”. A.R.A.

A terminologia da dor tem um componente metafórico rico de ser analisado, pois essa experiência humana, coletiva, particular, cultural, sensorial e cognitiva, lança mão de experiências físicas mais concretas para explicar os diversos aspectos da dor, por exemplo: dor como formigamento, como agulhada, como pinçamento, como queimação, dormência, etc. Por meio de termos linguístico-metafóricos pode-se demonstrar que a dor como experiência simbólica é vivenciada em um nível físico e em um nível afetivo, simultaneamente, revelando processos metafóricos presentes não apenas na linguagem, mas também na cognição.

Sabe-se que a dor é a principal razão pela qual 75-80% das pessoas procuram o sistema primário de saúde (Pessini, 2009). Portanto, a dor é uma experiência na qual aspectos biológicos, emocionais e culturais estão ligados de forma indivisível, sendo que o cuidado da dor e do sofrimento é a chave para o resgate da dignidade do ser humano nesse contexto crítico. “A problemática da dor e do sofrimento não é pura e simplesmente uma questão técnica: estamos frente a uma das questões éticas contemporâneas de primeira grandeza e que precisa ser vista e enfrentada nas suas dimensões física, psíquica, social e espiritual.” (Pessini, 2009, p. 54). Do ponto de vista linguístico, é importante estarmos atentos a fala do paciente, visto que é através da língua que a pessoa dolorida pode comunicar sua dor, experiência complexa que lança mão de metáforas linguísticas, as quais são o fio de Ariadne que nos conduz pelo labirinto das metáforas conceptuais.

#### **1.4.2. A categorização do conceito DOR**

Tendo em vista os pressupostos apresentados nas seções anteriores sobre metáforas conceptuais presentes na cognição e no pensamento, vamos seguir o fio de Ariadne com o propósito de encontrar essas metáforas conceptuais que subjazem às expressões terminológicas; sabendo de antemão que estudos preocupados especificamente com a conceptualização e categorização de termos da dor — sob o viés da metáfora conceptual — sejam raros, seguiremos os vestígios das pistas da categorização das emoções para, gradativamente, chegar à elucidação das metáforas conceptuais das expressões terminológicas da dor. Recordando que, ainda que a dor possua causalidades físicas, ela se organiza numa ótica configuracional, isto é, sistemas subjetivos integram processos cognitivos e emocionais, dos quais emergem seus sentidos simbólicos e metafóricos. Os significados multifacetados da dor, muitas vezes são descritos por metáforas, isso demonstra a importância da compreensão desse fenômeno que “é cercado de aspectos complexos que

parecem resistir ao esforço humano de esclarecimento e de conceptualização” (Neubern, 2012, p.325).

O estudo da linguagem da dor e de sua conceptualização, sob a perspectiva da linguística cognitiva, não tem recebido muita atenção e, a nosso modo de ver, os estudos que mais se aproximam dessa experiência são aqueles que estão vinculados à conceptualização e categorização da emoção, em português temos sob esse viés, por exemplo, os trabalhos de Da Costa Júnior, D.F. O MODELO COGNITIVO IDEALIZADO DA ANSIEDADE E A METÁFORA DA ENCOMENDA, 2016. Abreu, D.T. METÁFORA E EMOÇÃO: SOBRE A CONCEPTUALIZAÇÃO NA LÍNGUA PORTUGUESA, 2015.

Essas pesquisas baseiam-se nos estudos do linguista Zoltán Kövecses, que é reconhecido como o maior estudioso do tema emoção e metáfora na linguística cognitiva; portanto, pôde conceptualizá-la. Em seu trabalho do ano de 2000, destacou três grupos nos quais se pode observar a linguagem da emoção, são eles (i) os termos expressivos; (ii) aqueles que descrevem propriedades particulares de emoção e (iii) as expressões figurativas as quais descrevem certos aspectos da emoção. Na linguagem da dor, esses três grupos também estão presentes; o primeiro grupo já foi descrito na seção 1.3.1.2; no segundo grupo, encontram-se termos que descrevem a dor do ponto de vista interoceptivo, tais como luxação, contusão, dor aguda e dor crónica; no grupo três, o de expressões figurativas, encontram-se os termos metafóricos como batida, latejante, explodir, dentre outros. Tendo como base as investigações desenvolvidas por Kövecses, 2000, e adaptando-as ao estudo do conceito dor, os termos metafóricos deixam em evidência vários aspectos do conceito DOR como espaço, periodicidade e intensidade, que se expressam mediante metáforas.

O uso de termos metafóricos é recorrente na expressão da dor e são o fio que nos conduz para acessar o conceito DOR e seus respectivos mecanismos de conceptualização e categorização semântica. Parafrazeando Johnson, a metáfora busca descrever a estrutura da experiência dolorosa, e não apenas a dor explicada ou sua conceptualização; quando sentimos dor “é uma sensação que não se pode articular proposicionalmente, pois ela ultrapassa as fronteiras da experiência puramente física” (1987, p.89).

A dor como experiência tridimensional se articula com o universo das emoções, isso é passível de ser observado em alguns termos descritores da dor que estão vinculados a metáforas de algumas emoções, como medo, nojo e raiva. A seguir, apresentamos alguns exemplos:

#### DOR COMO MEDO

*Dor torturante, que apavora*

DOR COMO NOJO

*Dor repugnante, enjoada*

DOR COMO RAIVA

*Dor irritante, exasperante, explodir*

Esses termos metafóricos deixam em evidência a base emocional de certo tipo de dor, revelando como a experiência de dor pode estar intimamente ligada a emoções intensas e viscerais. Ao expressar a dor como medo, nojo ou raiva, sublinha-se a complexidade e a profundidade da resposta humana ao sofrimento, enfatizando que a dor não é apenas uma sensação física, mas também um fenômeno profundamente emocional.

Seguindo o estudo de Kövecses (2000) sobre as metáforas conceptuais do domínio das emoções, contudo, adaptados ao domínio da dor, o autor assinala alguns padrões importantes para os conceitos do domínio emocional, que foram adaptados aos propósitos desta pesquisa, são eles: DOR COMO JORNADA OU VIAGEM: atravessar a dor, superar a dor, navegar pela dor. DOR COMO INIMIGO OU ADVERSÁRIO: lutar contra a dor, vencer a dor, enfrentar a dor. DOR COMO PRISÃO: preso na dor, aprisionado pela dor. DOR COMO PESO: um peso sobre os ombros, carregar o fardo da dor. DOR COMO FOGO: queimar de dor. Apesar de não serem termos metafóricos, e sim, expressões metafóricas, estão incluídas no conceito mais geral de dor que cremos ser importante apresentar. Embora não haja um mapeamento específico sobre a dor e suas metáforas conceptuais que contribuam para a delimitação de diferentes categorias da dor, decidimos categorizá-las em conformidade com suas diferentes parencas de família.

#### **1.4.2.1. Dores prototípicas e Famílias de Dores**

Do ponto de vista clínico, os estudos voltados à questão da dor enfrentam a complexa tarefa de compreender mais holisticamente o estado algico. Esse interesse se deve a mudanças que sucederam na compreensão do fenômeno devido a estudos levados a cabo nos últimos anos por uma comissão de profissionais da saúde e pesquisadores da área de dor em diferentes partes do globo terrestre. A nova definição de dor —como foi comentado na seção 1.3.1— reconhece sua heterogeneidade e complexidade, além de inclui-la “na Classificação Internacional de Doenças (CID). Atualmente a dor —especificamente a dor crônica— consta na CID11”, (Associação Brasileira para o Estudo da Dor, 2020, p.197). O conceito atualizado está composto por três categorias algicas, são elas: dor nociceptiva, dor neuropática e dor

nociplástica. Para além das três categorias médicas da dor, incluímos a interocepção por sua importância na percepção sensorial da dor.

A dor nociceptiva é consequência da ativação de receptores de dor (nociceptores) devido a lesões reais ou potenciais. São exemplos desse tipo a dor por inflamação e a dor visceral (Merskey, Borgduk, 1994, IASP, 2020).

A dor neuropática surge como consequência direta de uma lesão ou doença que afeta o sistema somatossensorial que pode levar a uma percepção da dor sem um estímulo apropriado dos receptores nervosos, por exemplo: dor do nervo trigêmeo e neuropatia diabética (Woolf, 2000, Chong, Bajawa, 2003).

A dor nociplástica é uma dor crônica que ocorre devido a uma mudança na maneira como o sistema nervoso central processa e interpreta os sinais de dor; embora não haja danos teciduais ou nervosos periféricos, a dor se faz presente. A fibromialgia, a dor miofascial e a dor pélvica crônica são exemplos dessa categoria. Ademais, tipologicamente, a dor pode ser aguda ou crônica, sendo que a dor aguda é funcional e é uma resposta fisiológica ao dano tecidual, já a dor crônica ocorre através de mecanismos psicológicos e comportamentais, dando ao caráter subjetivo desta dor um grau maior de complexidade (Associação Brasileira para o Estudo da Dor, 2020, p.197).

A interocepção é a capacidade que nosso organismo tem de se autoperceber, de notar e interpretar o que está acontecendo dentro do nosso corpo. É definida como o sentido que “percebe” e age sobre as sensações internas do nosso corpo, interagindo com a cognição e emoção, ou seja, é a habilidade de notar sinais no próprio corpo e conectá-los a um significado. Por exemplo: sentir o coração bater acelerado; perceber que o estômago está cheio após uma refeição; identificar uma sensação de ansiedade como aperto no peito ou "borboletas no estômago" (Clark, Lin Yua, Brown, 2024). A interocepção é importante para este estudo porque é mediante essa consciência corporal que se dá a percepção sensorial da dor, como: sensação de formigamento, sensação de queimação.

As categorizações médicas da dor (nociceptiva, neuropática, nociplástica) descrevem mecanismos físicos e fisiológicos subjacentes à dor, enquanto as metáforas conceptuais oferecem uma linguagem para comunicar e compreender aspectos subjetivos e emocionais dessa experiência. Por exemplo, a dor nociceptiva pode ser conceitualizada como "dor como fraturas ósseas, queimaduras, cortes", refletindo a percepção direta de dano ou lesão física nos tecidos. Já a dor neuropática pode ser entendida metaforicamente como "dor como choque", sugerindo uma sensação elétrica ou disfuncional no sistema nervoso. A dor

nociplástica, por sua vez, poderia ser descrita metaforicamente como "dor surda", indicando uma experiência de dor crônica e difusa sem causa objetiva, remetendo à complexidade e à falta de clareza na sua origem (Associação Brasileira para o Estudo da Dor, 2020, p.197).

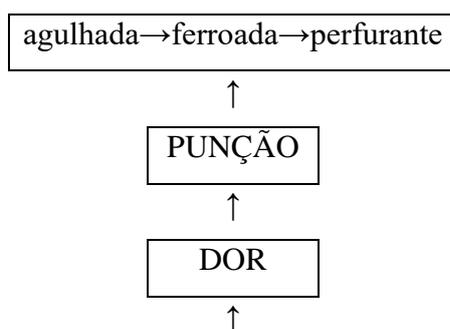
Portanto, na linguística cognitiva, a conexão entre categorizações médicas da dor e termos metafóricos da dor ocorre mediante o modo como conceptualizamos e expressamos a experiência sensorial e emocional da dor, utilizando metáforas que estão embasadas em nossas vivências corporais e emocionais.

#### 1.4.2.2. Categorização dos termos metafóricos do conceito DOR

A dor pode ser um sintoma comum a muitas doenças; pode ser um sintoma que não leva a um diagnóstico ou ter características bem definidas e delimitadas que podem auxiliar a identificar uma doença. Os termos da dor —advindos das entrevistas com os venezuelanos na cidade de Brasília— tem características delimitadas e próprias, por isso, para categorizá-los nos basearemos em Lakoff (1987), Johnson (1987) e Lakoff e Johnson (1999) por serem referências na temática da metáfora conceptual e sua categorização, recordando que os autores se baseiam na noção de categoria que Rosch desenvolve em suas pesquisas empíricas na Psicologia Cognitiva Experimental e que recebe o nome de Teoria Prototípica da Categorização, conforme apresentado na seção 1.2.1.

Compreendemos que os termos qualificativos da dor se vinculam por efeitos protótipos de seus elementos e por semelhanças de família entre os termos da categoria (Wittgenstein, 1953, Rosch, 1975/1978). Dessa forma, há termos do conceito DOR que partilham alguns atributos semânticos com seus membros, e, com outros membros compartilham outros atributos; porém, todos os membros compartilham de semelhanças familiares. Por exemplo, agulhada, ferroadada, perfurante, pertencem à categoria PUNÇÃO, que pertence à categoria DOR, que por sua vez pertence à categoria SINTOMA, e, por fim, à categoria DOENÇA, a qual se organiza hierarquicamente em uma estrutura semântica:

Figura 1.2 Estrutura simbólica de Categorização



SINTOMA



DOENÇA

Fonte: Elaborado pela autora

Na figura acima, descreve-se a dependência semântica de PUNÇÃO -e seus termos metafóricos- do conceito DOR, que, por sua vez, é compreendido em relação ao conceito SINTOMA e, finalmente, ao conteúdo conceptual DOENÇA (Ferrari, 2011, p. 60).

Dessa maneira, o conceito DOR não seria um estado álgico único, mas uma família de sensações relacionadas e integradas por termos ligados às características comuns desse grupo, que, por sua vez, integram a grande família conceptual representada na figura acima. Esta pesquisa tem como objetivo geral a elaboração de um glossário de termos da categoria DOR, a qual apresenta termos metafóricos e alguns que não são metafóricos.

Os termos metafóricos e os não metafóricos do conceito DOR serão categorizados por parencas de família. Além disso, “tendo em vista que a formação da maior parte das categorias é uma questão de grau [...], temos também conceitos graduados que caracterizam graus ao longo de uma escala [...]” (Lakoff e Johnson, 1999, p. 20). Os autores sugerem que há graus entre as categorias e que essa gradação permite distinguir as diferentes nuances atribuídas a um conceito, ademais de indicar níveis de intensidade dentro de uma categoria. É por meio da categorização que a experiência adquire significado. Dessa forma, as categorias propostas buscam organizar os significados da experiência álgica, para oferecer uma guia de expressão, a mais próxima ao que a pessoa estiver sentindo, neste caso, os migrantes venezuelanos —em particular— e falantes do espanhol no geral.

Resumindo...

Neste capítulo apresentamos os principais fundamentos da LC, detivemo-nos na teoria da metáfora conceptual por ser crucial para o estudo das expressões terminológicas metafóricas do conceito DOR, portanto, nos debruçamos na complexidade do fenômeno álgico que, hoje, é reconhecido como uma experiência complexa que compreende o corpo, a cognição e as emoções. Lembrando que a realidade que se apresenta para cada um é singular e representa uma construção pessoal em constante transformação.

*Menino, saiba que a alegria  
E a dor tão no mesmo lugar  
A diferença entre o remédio  
E o veneno, é a dose que se usa  
Fioti, 2020*

## CAPÍTULO 2 – A metáfora na terminologia da Saúde

*“O pensamento humano é feito de palavras,  
entre as palavras e os significados,  
entre o símbolo e o simbolizado  
há excesso ou carência.”  
Castoriadis.*

A terminologia é um campo fundamental na comunicação científica e técnica, responsável pela sistematização e padronização dos termos utilizados em diferentes áreas do conhecimento. Ela visa garantir clareza, precisão e consistência na transmissão de informações especializadas, através de seus conceitos os quais se materializam em unidades terminológicas. Porém, o que diferencia uma unidade lexical de uma unidade terminológica? A metáfora pode ser considerada uma unidade terminológica? Nesse contexto, a metáfora se inclui no campo das pesquisas terminológicas, já que, de acordo com o proposto pela linguística cognitiva, a metáfora é conceptual, portanto, designa conceitos, ademais revela como a ciência e a tecnologia também utilizam metáforas para compreender e comunicar experiências abstratas.

A intersecção entre Terminologia e metáfora é perceptível na comunicação científica e técnica, visto que várias áreas recorrem às metáforas não como ferramenta ornamental da linguagem, e sim, como elaboradora de conceitos complexos; seu uso facilita a assimilação desses conceitos por meio de comparações intuitivas e familiaridades cognitivas, as quais promovem uma compreensão mais profunda e dinâmica de fenômenos complexos.

Consequentemente, neste capítulo, introduzimos os estudos do léxico, passamos pela linguagem de especialidade e nos detemos nos estudos da Terminologia. Ali, apresentaremos um panorama desse campo de estudos, partindo de seus fundamentos propostos por Eugen Wüster, na década de 1930, seguindo pelas contribuições da socioterminologia de Gaudin, Boulanger, Faulstich, da teoria comunicativa da terminologia proposta por Cabré (1993) para finalmente chegar aos pressupostos da Teoria Sociocognitiva da Terminologia proposta por Rita Temmerman (2000, 2004), a qual inclui a metáfora dentro do campo terminológico e como produto da mente e do pensamento. Seguidamente, explicitaremos a presença da metáfora em áreas especializadas com ênfase no campo da saúde para, dessa forma, finalizarmos com um estudo sobre obras terminográficas bilíngues.

Uma unidade lexical torna-se uma unidade terminológica quando é utilizada em um contexto técnico ou especializado e possui um significado específico dentro desse domínio.

Para uma unidade lexical ser considerada uma unidade terminológica, ela precisa ser reconhecida e aceita por especialistas da área. Isso geralmente ocorre através de publicações, dicionários especializados e consenso na comunidade científica ou profissional. Enfim, o que distingue uma unidade lexical de uma unidade terminológica é o seu uso especializado, precisão de significado, aceitação por uma comunidade de especialistas, e a sua estabilidade e relação com outros termos no contexto de um campo específico.

## **2.1. Estudos do Léxico**

O termo léxico provém do vocábulo grego *leksikós* e se refere ao repertório de palavras existentes e possíveis de uma determinada língua. Como disciplina científica se ancora em distintas epistemologias as quais orientam paradigmas com um conjunto de práticas e teorias que balizam os modos de construção dos estudos lexicais. Segundo Biderman (1981, p. 131) “o estudo do léxico, ou a ciência da Lexicologia, tem uma longa tradição na Linguística Românica”, e se divide em três grandes áreas: i) a nomeação, ii) a significação e, iii) a etnolinguística. A onomasiologia se debruça sobre as designações e a semasiologia se dedica às significações, sendo direções opostas e complementares, já a etnolinguística estuda a relação entre a percepção e a conceptualização e ambas incidem nas representações culturais e linguísticas das diferentes sociedades. De um modo geral, as três áreas entendem o léxico “como uma categorização simbólica organizada, que classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura” (Biderman, 1981, p. 133).

Biderman (1996, p. 34) descreve o léxico como uma herança de signos, um patrimônio cultural imaterial, progressivo, adaptável e chama a atenção para o dinamismo que caracteriza a língua ao fazer notar que é possível que “palavras que estão em uso adormecem no seio da língua e as que estavam em desuso voltem a circular”, talvez com novos significados, talvez multiplicando seus sentidos que variam em outras palavras em um movimento circular, orgânico de trocas e negociações. Silva (2000, p. 42) afirma que “[...] as palavras e as expressões, com elas construídas, surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações, de sorte a promover o encontro marcado do falante com a realidade do mundo biossocial que o acolhe: o homem e o mundo encontram-se no signo”. O humano utiliza signos (como a linguagem, símbolos e imagens) para compreender e interagir com o mundo, ou seja, nossa compreensão e interpretação da realidade se dá através de signos. É através deles que atribuímos sentido ao mundo e nos relacionamos com ele; a relação que

estabelecemos com o mundo é mediada por signos, que não é a coisa em si, mas sim, a representação da coisa.

Para Marcuschi (2007) a palavra é abstrata e potencialmente polissêmica e é na comunicação e no intercâmbio de experiências através da linguagem que se constroem os possíveis significados como parte de um processo sociológico consoante ao contexto de uso e ao discurso, pois é no processo de atribuição de significado que o mundo se torna compreensível e habitável para o ser humano.

Ferrari (2011, p. 14), ao discorrer sobre léxico e a relação entre palavra e mundo, sugere que essa relação é mediada por processos inerentes à cognição humana, e que, ademais, “as palavras não *contêm*<sup>14</sup> significados em si, mas orientam a construção de sentido”. Na perspectiva da LC na interação entre mundo, cognição e palavra, há diferentes situações pragmático-discursivas que exigem a adequação do léxico a cada espaço comunicativo, visto que estes vão orientar a construção ativa do significado que estas contêm, o qual já não é mais entendido como reflexo do mundo e da realidade, e sim, como construção mental, “em movimento contínuo em interação com as estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais” (Ferrari 2011, p. 15).

Essa adequação do léxico ao contexto nos remete a diferentes situações discursivas; algumas requerem o uso do léxico mais geral e outras requerem o uso do léxico mais especializado, mas ambas têm como base o tear da palavra. Qual é a diferença que se estabelece entre os dois?

De forma ampla, o léxico geral refere-se às palavras e expressões comuns que se utilizam na comunicação, tais como as que usamos para descrever coisas, ações e sentimentos. Esse léxico não exige conhecimento técnico ou especializado para ser compreendido pelos falantes da língua em questão e permite o intercâmbio de informação entre falantes de uma mesma língua; são amplamente compreendidas, sua aprendizagem é natural, há maior flexibilidade semântica, pois frequentemente, têm múltiplos significados ou são polissêmicas, dependendo do contexto em que são usadas (Alves, 2003).

O léxico especializado é composto por termos técnicos e específicos de uma determinada área de conhecimento, como a medicina, o direito, a culinária, a cultura popular, entre outras. Essas palavras circulam frequentemente entre os profissionais e técnicos dessas áreas e, por isso, não são facilmente compreendidas pelo público que não tenha

---

<sup>14</sup> Grifo da autora

conhecimento específico da área em questão (Cabré, 1993). Consequentemente, não são amplamente compreendidas, seu uso ocorre em contextos técnicos, científicos, acadêmicos e profissionais; há uma maior precisão semântica e sua aprendizagem se dá mediante a educação formal e experiência profissional (Alves, 2003). A primeira se inclui nos estudos da língua geral e a segunda nos estudos da linguagem de especialidades; nos deteremos nos estudos da segunda por se relacionar diretamente com a Terminologia.

### **2.1.1. A linguagem de especialidade**

A linguagem é uma característica basilar do ser humano, é um sistema simbólico fundamental na mediação entre sujeito e mundo, cumpre as funções básicas de comunicação entre os indivíduos e de produção de conhecimento (Oliveira, 2019).

A linguagem, como sistema simbólico próprio dos grupos humanos, representa um salto qualitativo na evolução da espécie. É ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. É por meio dela que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas; desse modo, sociedades e culturas diferentes geram estruturas dissemelhantes; a cultura fornece ao indivíduo um sistema simbólico da realidade, ou seja, o universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real. Ela é o *locus* de negociações no qual seus membros estão em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significações (Vigostsky, 1988).

A linguagem e a cultura são formas de moldar a percepção do mundo, e isso significa que conceitos semelhantes podem ser interpretados de maneira diferente dependendo da cultura. Por exemplo: a noção de "tempo" pode ser vista como linear em muitas culturas ocidentais, enquanto em outras, como em algumas comunidades indígenas, pode ser entendida de forma mais cíclica. Essas diferenças influenciam não apenas a forma como as pessoas entendem o mundo, mas também como se comportam e se relacionam dentro dele. Portanto, o significado dos conceitos é culturalmente mediado, refletindo a diversidade nas formas de pensar e viver.

Do exposto acima, pode-se depreender que a linguagem é um fenômeno dinâmico e estático ao mesmo tempo. Algumas estruturas permanecem enquanto outras se transformam, acompanhando as mudanças sociais, históricas, políticas e econômicas. Dessa forma, a linguagem é flexível, pois, permite a construção e compreensão de um número imprevisível

de sentenças e enunciados a partir dos elementos que a compõem nos eixos paradigmáticos e sintagmáticos.

A Linguística Cognitiva descreve a linguagem como “o resultado da interação entre processos linguísticos e não linguísticos de ordem individual, social, histórica e cultural (Ferrari, 2011, p. 14).” Esta reflete propriedades fundamentais da mente humana que, segundo essa teoria, se rege por dois princípios: (i) princípio de generalização, que representa o compromisso de caracterização dos princípios gerais responsáveis por todos os aspectos da linguagem humana e (ii) princípio cognitivo, a partir do qual se propõe caracterizar os princípios gerais da linguagem que estão de acordo com o conhecimento que outras disciplinas fornecem sobre a mente e o cérebro. Por sua vez, o sentido linguístico é flexível, contextualizado, enciclopédico, não autônomo e baseado no uso e na experiência (Geeraerts, 2006).

Sager (*et al.* 1980) sugere que a definição de linguagem deve levar em conta três elementos: a dimensão pragmática, que considera a influência do assunto abordado, da posição social e da localização geográfica na utilização da língua; a dimensão semântica, que se refere aos significados do mundo que a língua constrói; e a dimensão sintática, que reconhece a linguagem como um sistema que possui estruturas e métodos próprios.

Embora essas descrições possam ser aplicadas tanto à língua geral quanto à linguagem de especialidades, é importante estabelecer algumas distinções entre esses conceitos. Afinal, a linguagem de especialidade - utilizada em áreas específicas do conhecimento - é caracterizada por um vocabulário técnico específico, que exige uma compreensão mais aprofundada e precisa do tema abordado.

Segundo a *International Organization for Standardization (ISO)*, a linguagem de especialidade é “um subsistema que utiliza uma terminologia e outros meios linguísticos com o objetivo de suprimir toda ambiguidade na comunicação própria de uma área específica.” Depreende-se a visão teórica prescritiva ao declarar que a ambiguidade, fenômeno inerente à linguagem, está descartada da comunicação técnico-científica. No entanto, a linguagem de especialidades utiliza os meios linguísticos da língua geral para veicular seus conhecimentos; logo, estão atravessadas por sua heterogeneidade e complexidade.

Os diferentes campos do saber criam os conceitos necessários para organizar o conhecimento da área, mediante o reaproveitamento de palavras e termos, conceitos e significados que a língua disponibiliza a seus falantes. O léxico (geral ou especializado) pode

ser ampliado indefinidamente, mediante os recursos morfológicos da derivação, composição, extensão metafórica, sempre “levando em conta o reconhecimento da carga semântica/pragmática/discursiva das formas/funções passadas nas formas/funções presentes” (Bagno, 2013, p. 122). Logo, pode-se afirmar que as lexias especializadas, ou seja os termos, aquelas que têm seu nascimento em âmbitos científicos e técnicos, satisfazem as condições do sistema linguístico no qual estão inseridas e são condicionadas por seus mesmos fenômenos linguísticos.

Para Sager *et al.* (1980), a linguagem de especialidades é um:

sistema semiótico complexo semiautônomo, baseado e derivado da língua comum, seu uso pressupõe educação especial e é restrito à comunicação entre especialistas da mesma área e de áreas estreitamente relacionadas (Sager, Dungworth, Macdonald, 1980, p. 69).<sup>15</sup>

O autor reconhece que a linguagem de especialidades e linguagem geral compartilham o mesmo sistema de signos que vai mediar a relação do humano com o mundo, ora em ambientes comuns, ora em ambientes especializados que são mais restritos.

Cabré (1993) argumenta que não há um sistema de linguagem especializado separado do sistema de língua geral; em vez disso, existem signos da língua geral que podem ser expressos tanto por lexias gerais quanto por lexias especializadas, dependendo de critérios temáticos e pragmáticos. Para a autora, a língua geral possui um conjunto de regras e unidades que os falantes têm integrado e que utilizam nas diferentes situações interativas, a autora denomina essas situações como *não marcadas*, já as situações, nas quais se utilizam a linguagem de especialidades, ela as denomina como *marcadas*. Essas têm particularidades “próprias e específicas de cada uma delas, tais como o assunto, o tipo de interlocutores, a situação comunicativa, a intenção do locutor, o meio em que se realiza a troca comunicativa e o tipo de troca, etc.” (Sager, 1993, p. 129).<sup>16</sup>

Para Pavel (1993), ao examinar e se posicionar sobre a linguagem de especialidades, declara que esta:

[...] não existe se não compartilhando a gramática da LG (língua geral) e uma parte de seu inventário léxico-semântico (morfemas, palavras, sintagmas e regras combinatórias), mas sim, fazendo, na verdade, um uso seletivo e criativo que

---

<sup>15</sup> special languages are semi-autonomous, complex, semiotic systems based and derived from general language; their use presupposes special education and is restricted to communication among specialists in the same and closely related fields.<sup>15</sup> (Sager, Dungworth, Macdonald, 1980, p. 69)

<sup>16</sup> propias y específicas de cada una de ellas, como pueden ser la temática, el tipo de interlocutores, la situación comunicativa, la intención del hablante, el medio en que se produce un intercambio comunicativo y el tipo de intercambio, etc. Tradução nossa.

reflete as particularidades dos conceitos em jogo e que apresenta variações sociais, geográficas e históricas (Pavel, 1993, p. 67).<sup>17</sup>

Pavel (1993) considera que há uma interação entre a linguagem de especialidades e a língua geral, já que nenhuma linguagem existe independentemente e isolada de um contexto social e do uso coletivo. Aquelas utilizam os elementos da língua geral para formular e transmitir seus conteúdos temáticos em distintas situações comunicativas, ademais de estarem sujeitas às mesmas variações geográficas, estilísticas, históricas, etc., que a língua geral apresenta.

Picht e Draskau (1985) *apud* Cabré (1993, p. 138) argumentam que cada linguagem de especialidade pode ser atualizada em diferentes níveis de especialização, sendo o nível superior a comunicação entre especialistas e seu ponto inferior a comunicação destinada ao público leigo. Os autores argumentam que o que vai definir se um texto é especializado ou não é sua temática; se estiver destinado ao público leigo, a temática terá que se adequar ao seu público-alvo e a linguagem será menos abstrata para que possa ser compreendido, mas não por isso deixará de veicular conhecimento científico expresso em linguagem de especialidade adequada à situação comunicativa e ao público-alvo. No entanto, se o mesmo texto estiver destinado à comunidade científica da área, a linguagem de especialidade será mais abstrata. O que varia é a língua e não a temática: mais abstrata ou menos abstrata, adequada aos usuários e as situações comunicativas que direcionará a escolha da terminologia, a qual apresenta uma variação denominativa.

Temmerman (2000; 2004) sugere que graças às lexias, tanto gerais quanto especializadas, a construção do mundo pode ser concretizada, já que estas são o combustível da mente que torna possível seu poder criativo; graças a elas, a construção do mundo pode ser realizada, por meio de modelos cognitivos idealizados. As lexias, gerais e especializadas, experimentam variações de distintas ordens ao longo do tempo; sendo assim, reconstruir seu itinerário significa refazer os fragmentos da história da experiência humana, ademais de poder observar o papel que a linguagem desempenha na criação e descrição de novas experiências. A autora entende que a comunicação e a troca de experiências por meio da linguagem fazem parte de um processo sociocognitivo, por isso as palavras têm a capacidade

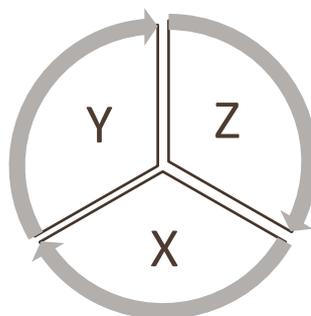
---

<sup>17</sup> [...] n'existe qu'em partageant la grammaire LG et une partie de son inventaire lexico-sémantique (morphème, mois, syntagmes et règles combinatoires) mais en fait un usage sélectif et créatif que reflète les particularités des concepts en jeu et qui présente des variations sociales, géographiques et historiques. Tradução nossa.

de se mover sutilmente, pois refletem diferentes facetas e nuances da experiência, o que, em parte, explica a polissemia.

Sager (*et al.*,1980), ao refletir sobre a complexidade da linguagem técnica, propõe um esquema ilustrativo de sua dimensão pragmática, que é também defendido por Cabré (1993). Esta dimensão é composta por três eixos: o eixo **X**, que diz respeito às diferentes áreas do conhecimento que integram a linguagem de especialidades, como agricultura, medicina, direito, química, ciências da informação, etc.; o eixo **Y**, que exemplifica os ambientes/situações nos quais essas linguagens circulam, quais sejam: conferências, espaços laborais, sala de aula, mídias, consultórios, etc.; e, finalmente, o eixo **Z**, que apresenta as localizações geográficas: internacional, nacional, regional, etc.

Figura 2.1 - Dimensão pragmática das linguagens técnicas



Fonte: Adaptado pela autora com base em (Cabré, 1993)

Esses três eixos revelam a heterogeneidade da linguagem de especialidades que manifesta características de variações linguísticas decorrentes da interconexão desses três eixos pragmáticos ilustrados na figura 2.1. Cabré afirma que os termos “são também unidades pragmáticas de comunicação e referência, portanto, aparecem em discursos específicos, realizados por indivíduos de determinadas características e em situações concretas de comunicação” (Cabré, 1993, p.220). Onde, quem e em quais situações circulam os termos são os fatores que vão influenciar na variação terminológica, pois assim como a língua geral se adapta ao contexto situacional, a linguagem de especialidade também o faz.

Faulstich (1995), ao se posicionar sobre o tema em questão, declara que este é um campo de estudo que tem ganhado cada vez mais importância no contexto atual, em que a tecnologia e a globalização tornam o conhecimento e a informação mais acessíveis a todo público. Até bem pouco tempo atrás eram registrados apenas os usos da linguagem escrita, mas com o avanço das tecnologias, da mídia e das redes sociais, a língua falada ganha importância e se faz necessário investigar as formas faladas do léxico especializado. Segundo a autora, a observação do uso permite a identificação, a categorização e descrição

das variantes linguístico-terminológicas em diferentes contextos (Faulstich, 1995). O léxico de especialidade é parte constitutiva da língua geral, assim, o signo linguístico pode se realizar quer seja como palavra, quer seja como termo a depender do contexto em que for utilizado.

Acreditamos que na linguagem de especialidades há um *continuum* de variabilidade, adaptabilidade e uso. Por exemplo: o termo “*água*” tem um significado e uso na linguagem da hidrologia que é empregado pelo público leigo, mas também carrega consigo uma especificidade terminológica compartilhada apenas na comunidade científica da hidrologia e áreas afins. Esse *continuum* entre língua geral e de especialidade confirma que os signos vão adquirir uso popular ou especializado a depender do contexto discursivo e pragmático nos quais serão utilizados.

Consideramos que os termos da dor (dor nociceptiva/dor latejante; dor neuropática/dor em queimação) integram esse espaço do *continuum*. Afirmamos que ambas as variantes pertencem à linguagem de especialidade da Saúde; todavia são usadas em diferentes situações comunicativas: as primeiras circulam entre pesquisadores, médicos, enfermeiros; as segundas são utilizadas pelos pacientes quando descrevem seus males aos profissionais da saúde. A terminologia médica, com suas variantes, é uma área rica de ser estudada, pois o reconhecimento do uso das variantes populares, por grande parte dos pacientes que são atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), é fundamental para evitar erros e garantir atenção mais cordial e efetiva entre profissionais e pacientes.

Com base nesse reconhecimento nos perguntamos como se dá a transição terminológica entre o leigo e o especialista? De que modo eles vão se comunicar e entender? Cabré (1993) destaca a importância da criação de recursos terminológicos para a área médica, tais como dicionários, glossários, etc. —que contemplem a variação denominativa— pois são fundamentais para a compreensão e utilização adequada da terminologia médica, especialmente em contextos migratórios.

Finatto (2007), por sua vez, destaca a importância da terminologia da área da Saúde em contextos específicos, nos quais a precisão e a clareza dos termos são fundamentais para garantir o atendimento adequado ao paciente. Além disso, a autora destaca a importância de uma abordagem interdisciplinar na análise da linguagem de especialidade envolvendo profissionais das áreas de linguística, medicina e informática (Finatto, 2007) e principalmente os pacientes.

À vista disso, entendemos que a linguagem de especialidade, como a terminologia médica, apresenta uma complexidade e variabilidade de acordo aos contextos comunicativos nos quais são utilizadas; quanto mais especializado o contexto for, mais abstratos os termos serão e menor variação haverá; por outro lado, em contextos de atenção à saúde, em uma situação de menor grau de especialidade, registra-se, portanto, a variação denominativa do discurso vulgarizado. Em ambos os tipos de uso, exige-se a mesma precisão e clareza na descrição de seus aspectos formal, conceptual e funcional, a fim de garantir a comunicação precisa e adequada ao contexto de uso.

Neste trabalho analisamos a variação denominativa vulgar na terminologia da dor e seus qualificativos, pois, de acordo com os autores apresentados nesta seção, o que vai qualificar uma lexia de especializada ou não, é o seu contexto de uso. Portanto, as lexias utilizadas pelos pacientes em um contexto de consulta médica podem ser considerados termos, embora não sejam termos técnicos e científicos, o são por circularem em ambientes especializados, dessa forma, integram a terminologia da saúde. Ao integrarem a terminologia da saúde, pertencem à linguagem de especialidade, logo à grande área da Terminologia. À vista disso, na próxima seção, recorreremos aos pressupostos teóricos de três escolas terminológicas, quais sejam, a Teoria da Terminologia Geral (TGT), a Socioterminologia (ST) e a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST).

## **2.2 A Terminologia**

Como os estudiosos e teóricos da área definem a Terminologia? Eugen Wüster (WÜSTER, 1998, p. 26), considerado fundador da teoria terminológica, a designou como um “campo interdisciplinar, no qual a linguística é um dos polos de convergência, ao lado da lógica, da ontologia, da ciência da informação e das diversas áreas do saber.”

Embora tenha sido definida pela International Organization for Standardization (ISO) como qualquer atividade relacionada à organização e representação de conceitos ou à apresentação de termos com base em princípios e métodos estabelecidos, bem como um conjunto de termos que formam um sistema de conceitos em uma determinada área, não existe um consenso claro ou uma definição definitiva do que constitui a terminologia. Cabré, 1993, infere que essa variação denominativa se deve à natureza multifacetada da Terminologia em relação às suas bases teóricas, abordagens e aplicações práticas, além da polissemia inerente ao termo "Terminologia", que pode se referir tanto a uma disciplina, a uma prática específica ou ao resultado dessa prática.

Por sua vez, Sager (1998) compartilha da perspectiva de Cabré e concorda que, do ponto de vista teórico, a Terminologia consiste em um conjunto de suposições, raciocínios e resultados essenciais para elucidar a interligação entre conceitos e termos especializados. No que tange à dimensão prática, a Terminologia engloba um conjunto de técnicas e atividades voltadas para a coleta, descrição, processamento e apresentação de termos. Por fim, sob a ótica do produto, a terminologia representa um conjunto de termos ou vocabulário específico de uma dada área de especialização.

Por outro lado, a Associação Internacional de Terminologia, (*apud* Sager, 1998), definiu-a como “o estudo e uso de sistemas de símbolos e signos linguísticos empregados na comunicação humana em áreas especializadas do conhecimento”. Essa definição corrobora seu viés interdisciplinar e ressalta a relação que ela mantém com a linguística.

Em um contexto mais genérico, a Terminologia representa o conhecimento técnico científico especializado, organizado através de manuais, de dicionários especializados e glossários. Esse saber se organiza sob normas e padrões linguísticos, ademais, de usar técnicas e tecnologia da ciência da informação, a fim de que, tanto a comunicação entre os especialistas quanto a transmissão de seus conhecimentos, se tornem mais eficazes e ágeis.

De acordo com a literatura da área, há duas acepções de Terminologia. A primeira, com **T** maiúscula, se refere às diferentes teorias e metodologias desenvolvidas ao longo do caminho científico, a segunda, com **t** minúscula, compreende o acervo de termos que cada área de especialidade arrola no transcurso de seu fazer e refazer científico, portanto, comporta essas duas acepções (Krieger, 2005).

Tendo em vista o acima exposto, compreendemos que a Terminologia é uma disciplina que pertence ao quadro das ciências do léxico que abrange as seguintes áreas: a Lexicologia/Lexicografia, a Semântica, a Pragmática e o Discurso. Cada uma contribui de maneira significativa para o entendimento e aplicação da Terminologia. A lexicologia é o estudo das palavras e seu funcionamento dentro do léxico de uma língua, enquanto a lexicografia é a prática de compilar, escrever e editar dicionários. Ambas são relevantes para a terminologia, pois a criação de glossários e dicionários terminológicos requer uma compreensão profunda da estrutura e função das palavras. Já a pragmática estuda o uso da linguagem em contextos de comunicação e como estes influenciam a interpretação dos significados, por conseguinte, a Terminologia não pode ser completamente entendida sem considerar os contextos nos quais os termos são usados; assim, a pragmática nos ajuda a entender como os termos funcionam em diferentes contextos comunicativos. O estudo do

discurso envolve a análise de textos escritos e orais e leva em consideração a estrutura e função da linguagem em uso. À vista disso, a Terminologia também se aplica ao nível do discurso, pois os termos são usados em textos especializados e em contextos orais específicos, quer sejam formais, quer sejam informais; portanto, esta se enquadra perfeitamente nas ciências do léxico.

Considerando a interdisciplinaridade da área e seu caráter multifacetado, seguidamente, apresentamos as noções básicas e aplicadas da Terminologia clássica, sua origem padronizadora de univocidade e sua posterior evolução à disciplina de cunho sociolinguístico, a Socioterminologia, a qual estuda o termo sob a perspectiva da interação e variação social e, seguidamente, discorremos sobre a teoria Sociocognitiva da Terminologia, a qual vê o termo como um construto que se instaura no contexto da comunicação especializada. Em tal perspectiva, o termo não existe a priori denominando um conceito pré-existente no mundo real, mas se constitui em um processo de conceitualização e categorização sociocultural. Essas correntes teóricas, que tiveram sua origem em contextos sócio-históricos específicos, trazem à tona “a diversidade de objetivos específicos e de finalidades pragmáticas que podem presidir o manejo social dos léxicos terminológicos” (Krieger, 2000, p. 213).

### **2.2.1 O início da Terminologia**

Entre os estudiosos da Terminologia, existe um consenso geral sobre quem lançou a pedra fundamental da Terminologia como disciplina teórica. Este acontecimento se deu por volta dos anos 30 do século XX com a tese de doutorado do engenheiro austríaco Eugen Wüster, na qual se assentaram os princípios metodológicos da disciplina. No entanto, as reflexões entorno à Terminologia e a necessidade de acunhar novos vocábulos às descobertas científicas é tão antiga quanto a própria humanidade. Ela confunde-se “em múltiplos aspectos, com o percurso e a aventura do ser humano, enquanto ser cultural” (Aubert, 2001, p. 11), em suas práticas cotidianas, sociais e científicas, pois, grande parte das palavras do nosso fazer cotidiano são termos, tais como a culinária, as práticas de tecer, as brincadeiras populares, as cantigas de roda, etc.

O alvorecer do século XX traz consigo profundas transformações nos níveis econômico, social e político que repercutem diretamente na ciência e na tecnologia. Esse desenvolvimento originou uma crescente necessidade de intercâmbio de informação, bem como novas modalidades de comunicação; dessa maneira, a mola propulsora dessa

necessidade está calcada no advento da internacionalização progressiva da ciência. A transferência desse novo conhecimento é afetada pela falta de terminologias consensuadas nos diferentes âmbitos do saber. Daí nasce o grande interesse pelo léxico científico que se materializa em publicações de glossários e dicionários de caráter especializado. Dessa forma, a Terminologia adquire um novo status como área científica capaz de enfrentar o desafio de criar denominações para expressar conceitos científicos (De Barcellos Almeida, 2003).

As primeiras décadas do século XX representam para a Terminologia um período de consolidação e também, de reconhecimento internacional. Científicos e técnicos encabeçam a iniciativa de harmonizar a profusão de novos termos nas diferentes áreas técnico-científicas. Nesse contexto cabe destacar a fundação da *International Electrotechnical Commission* (IEC) em St. Louis (Missouri, USA) no ano de 1904 com o objetivo de compilar e normalizar a terminologia da eletrotécnica. Com a mercantilização internacional se criam uma série de Escolas Superiores de Estudos Mercantis na Europa, nas quais se coloca uma grande ênfase na formação de linguagem especializadas. Esta corrente chamada *Wirtshaftslinguistik* é de suma importância para a evolução da Terminologia, pois coloca a ênfase na diferenciação entre objeto, conceito e denominação. Apesar de sua importância, ela não marca o princípio da terminologia como disciplina (Cabré, 1993).

E. Wüster (1899-1977) é a quem se atribui o despontar da Terminologia como disciplina científica ao estabelecer os preceitos do trabalho terminológico e perfila os princípios metodológicos para a criação de novos termos sob a perspectiva da univocidade e da monossemia. Seu trabalho não é apenas decisivo para a consolidação da terminologia moderna, mas também leva à criação do que mais tarde se denominou Escola de Viena. Sua obra também influenciou a criação da *International Standardization Organization* (ISO), dedicada à normalização da terminologia no âmbito internacional, vigente até os dias de hoje (Cabré, 1993).

Segundo de Barcellos Almeida, em 1979 é publicada, postumamente, a obra teórica de Wüster, na qual se expõe sua Teoria Geral da terminologia (TGT), definida face à linguística estruturalista como uma disciplina, orientada exclusivamente ao estudo das unidades lexicais especializadas, que parte da preexistência e autonomia do conceito e estabelece o caráter prescritivo de todo o trabalho terminológico. Wüster também considerava as terminologias como sistemas de noções interdependentes e não mais como lista de palavras; a univocidade do termo era considerada fundamental para a boa comunicação entre cientistas; por conseguinte, as linguagens de especialidade não deveriam

acolher ambiguidades decorrentes de denominações plurivalentes (homonímia e polissemia), múltiplas (sinonímia) e metafóricas. Segundo Wüster, essas ambiguidades que motivavam a variação eram consideradas anomalias terminológicas e que, ademais, perturbavam a unidade linguística, logo, não deveriam fazer parte da área da Terminologia. De Barcellos Almeida (2003) ressalta que:

O propósito de difundir terminologias normalizadas que contribuíssem para uma comunicação inequívoca regeu todo o trabalho de Wüster e acabou dando à TGT a configuração de uma terminologia representativa, já que era preponderante denominar e etiquetar a informação, e prescritiva, pois as terminologias precisavam ser controladas para que a comunicação fosse inequívoca e eficaz, segundo Wüster (2003, p. 214).

Wüster tinha como alvo alcançar a precisão terminológica via normalização, para assim, possibilitar a comunicação científica sem ambiguidades a nível internacional. Seu posicionamento estava alinhado às epistemologias de sua época (anos 30), que era predominantemente analítico e marcado pelo positivismo. “Acreditava-se na homogeneidade do conhecimento científico e na possibilidade de reconstrução lógica da linguagem, ou, dito de outro modo, considerava-se a possibilidade de uma linguagem universal” (Lara, p. 2004). Esta visão teórica traz em sua base epistemológica elementos das linhas filosóficas do século XX, como o positivismo lógico.

Como o pensamento científico era predominantemente o positivismo, a linguística de Saussure e a terminologia de Wüster são fortemente influenciadas por esse paradigma que validava os estudos científicos da época, prevalentemente o das ciências naturais. Apesar de ambas as correntes teóricas não estarem sob o campo das ciências naturais, e sim no das ciências humanas, aderem ao paradigma para serem validadas como ciência.

De acordo com Barbosa (2013), no paradigma positivista a realidade é apreendida a partir do estudo das relações entre variáveis, aplicando dados objetivamente processados com o apoio de métodos estatísticos que habilitam a construção de previsões e relações causais entre as variáveis. Para isso, a realidade é entendida como “um todo estruturado e matematicamente formalizado, o lado não previsível e dinâmico da realidade é tratado como algo secundário” (Barbosa, *et al.* 2013, p.4).

Segundo Lara (2004), o positivismo considerava a linguagem comum, impura e imprópria para descrever os conceitos científicos e constata, mediante observação, que os conceitos de determinada área de especialidade mantêm relações lógicas entre si; o resultado dessas relações é o que constitui a estrutura conceitual lógica dessa área. Os termos são estudados em um recorte sincrônico, priorizando a linguagem escrita sobre a falada, pois há

a ilusão de que na língua escrita há um maior controle sobre as variáveis. Wüster propõe como objetivo dos estudos terminológicos de sua teoria a normatização conceitual e denominativa e, como finalidade, a precisão e univocidade da comunicação profissional em âmbito internacional. Segundo Temmerman (2004):

O principal objetivo da padronização é a unificação de conceitos e termos, o que é uma atividade deliberada, consciente e socio economicamente motivada, visando à uniformização. A padronização uniformiza a compreensão e a comunicação a fim de tornar mercadorias e informações prontamente intercambiáveis” (Temmerman, 2004, p. 32).

Pode-se depreender a sistematicidade e coerência da TGT, cuja preocupação era garantir a comunicação estandardizada através do controle, da universalização e da padronização dos usos terminológicos em escala mundial, a fim de garantir uma comunicação transparente e inequívoca. Contudo, a TGT aplica uma sequência de concepções que não dão conta da complexidade das interações comunicativas por não levar em consideração a variedade de discursos que estão presentes em uma cadeia de produção e de comunicação técnico-científica.

A despeito de seu caráter prescritivo, a metodologia proposta pela TGT continua sendo aplicada, hoje em dia, em pesquisas da área das ciências exatas e das áreas tecnológicas e científicas, obtendo bons resultados, já que o “objetivo de delinear diretrizes pragmáticas de normalizar as terminologias, visando a facilitar seu uso unívoco mundialmente” (Kriegger; Finatto, 2004, p. 28), apresenta-se como uma alternativa para essa área que visa criar bancos terminológicos multilíngues para fomentar estudos transculturais.

Embora haja o reconhecimento da importância da *Escola de Viena* para os estudos terminológicos, esta passa a ser alvo de críticas devido ao seu enfoque prescritivo e logicista, centrado na universalidade do conhecimento especializado “explicitados, por exemplo, nas normas sobre princípios e métodos internacionais aprovadas pela ISO (Almeida, 2003, p. 215)”, as quais se alicerçam numa visão idealizada e normalizadora do componente lexical temático das linguagens de especialidade.

María Teresa Cabré e o grupo de pesquisa da Universidade de Pompeu Fabra criticam o fato de a TGT desconsiderar o caráter dinâmico e progressivo do saber especializado, assim como, de suas denominações, adotando um modelo de representação da realidade estático e reducionista. Desse modo, propõem a Teoria Comunicativa da Terminologia, introduzindo um novo paradigma na pesquisa terminológica ao considerar a variação linguística em toda sua dimensão e estabelecendo que:

Tanto o conhecimento especializado, quanto os textos especializados, como as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritas em diferentes níveis de representação. Só assim a terminologia do desejo passa a ser a terminologia da realidade (Cabré, 1999, p. 126, tradução nossa<sup>18</sup>).

Dessa forma, a Terminologia chega a uma encruzilhada, na qual se abrem outros caminhos teóricos e epistemológicos a serem trilhados, que levem em consideração a complexidade e diversidade dos discursos científicos, os quais geram uma gama de variações terminológicas que não podem mais ser negadas pela comunidade científica. Assim sendo, surge uma linha de pesquisa em terminologia, a qual julga que os termos devem ser analisados sob um olhar que leve em consideração os contextos socioculturais e “as funções linguísticas que estão sempre presentes, a serviço de necessidades sociais” (Ferreira, 2004, p. 27).

### **2.2.2 Novas tendências da Terminologia**

Os novos rumos da Terminologia refletem a constante evolução das disciplinas científicas e tecnológicas. Entre as novas tendências, destacamos a crescente ênfase na interdisciplinaridade, a preocupação com a variação terminológica advinda dos diferentes contextos culturais nos quais a linguagem de especialidade circula, e a certeza —por parte dos pesquisadores da área— que é necessário promover uma compreensão mais ampla e real do conhecimento especializado.

#### **2.2.2.1 A Teoria da Socioterminologia**

Os estudos socioterminológicos surgem como resposta às percepções de que a linguagem de especialidade é sujeita às mesmas variações da língua geral. A partir da década de 1970, há um interesse crescente em estudar os termos sob a perspectiva de sua funcionalidade e complexidade, tal como qualquer outra fração da língua, como estrutura maior, abrindo-se, assim, uma nova etapa no campo da terminologia e introduzindo questões ligadas à prática social e ao reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas.

---

<sup>18</sup> “Tanto el conocimiento especializado, como los textos especializados, como las unidades terminológicas, pueden ocurrir en distintos niveles de especialización posibles y ser descritas en diferentes niveles de representación. Solamente así la terminología del deseo pasa a ser la terminología de la realidad” (Cabré, 1999, p. 126).

O paradigma positivista, com sua visão lógico-matemática de observação e quantificação dos dados, é contestado pelas ciências humanas, pois estas lidam com dados e variáveis distintas das ciências naturais. Segundo Santos (2002) a compreensão dos fenômenos sociais, incluindo a Terminologia, decorre:

a partir da interpretação das atitudes e do sentido que os agentes conferem às suas ações e para tal é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético (Santos, 2002, p. 19).

Com o avanço da ciência e da tecnologia constata-se a complexidade da realidade, quer seja ela nas ciências naturais e exatas, quer seja ela nas ciências humanas; Santos (2002) afirma que o positivismo entrou em crise por não ser capaz de dar respostas aos problemas do mundo complexo e em constante transformação.

Há um redimensionamento epistemológico e paradigmático, surge o interpretativismo, que traz em seu bojo novas lentes, novas maneiras de observar a realidade e de produzir conhecimento, mais descritivo e menos prescritivo. Assim, da perspectiva do paradigma interpretativista “admite-se a complexidade emergente da produção de sentido humano e a natureza distinta do mundo social, que não podem ser entendidos da mesma forma que o mundo natural e físico” (Barbosa, *et al* 2013, p. 8).

A socioterminologia surge sob o paradigma interpretativista, visto que a língua não pode ser entendida da mesma forma que o mundo natural e físico; ela é o objeto observado e o observador ao mesmo tempo. Em um artigo de Jean-Claude Boulanger —publicado em 1981— em uma obra de Jean-Claude Corbeil, Gaudin (1993) verifica que desde a década de 1970 alguns trabalhos já discutiam a necessidade de contar com um enfoque teórico-metodológico mais amplo na análise do termo, que incluísse o aspecto social presente nas linguagens de especialidade, porém não reconhecido e, portanto, não analisado.

Gaudin, Gambier em trabalho de 1989, “desenha os contornos de uma socioterminologia que cobre um vasto campo interdisciplinar [...] (Gaudin, 1993, p. 69).” Esses são os trabalhos antecessores que possibilitam as reflexões desenvolvidas por François Gaudin sobre o termo sob uma perspectiva sociolinguística em sua tese de doutorado *Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*, de dezembro de 1993. Ali, é defendido com mais contundência o domínio da terminologia voltada para as práticas linguísticas e sociais dos usuários:

Sobre esse ponto, tentaremos mostrar como, no mesmo movimento que conduziu a linguística estrutural à sociolinguística, uma socioterminologia pode levar em conta a realidade do funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas linguageiras concernidas (Gaudin, 1993, p. 16).

Gaudin analisa os pontos centrais da terminologia wüsteriana e advoga a favor de uma teoria da terminologia com base nos pressupostos da sociolinguística, ou seja, uma socioterminologia. Percebe que a relação entre “linguagem e conhecimento obriga a prestar atenção às especificidades das línguas: a terminologia deve fazer respeitar as identidades culturais porque as línguas têm estruturas diferentes que correspondem a hábitos de pensamento e de expressão diferentes” (Gaudin, 1993, p. 120).

Dessa maneira, a teoria socioterminológica observa os termos em contextos de interação social real, os quais permitem identificar as variações linguísticas das unidades terminológicas, decorrentes do uso em contextos discursivos de diferentes níveis; do movimento da língua no percurso histórico; de empréstimos; de usos regionais; dessa forma, os termos são entidades passíveis de variação e de mudança, como ocorre de forma análoga, com as lexias da língua. Conclui-se que o termo é uma entidade variante porque pode assumir formas diferentes em contextos afins. O referido autor observa que a terminologia deve localizar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas também as causas de sucesso e as de insucesso, no âmbito das práticas linguísticas e sociais concretas das pessoas que empregam tais termos.

Tendo isso em vista, a socioterminologia inverte o ângulo dos estudos e reflexões linguísticas de cunho estruturalista e se propõe a observar o uso do termo tanto no discurso escrito quanto no discurso oral e, assim, identificar o uso de variantes seja em um mesmo contexto ou em contextos diferentes em que se faz uso do mesmo termo. “Variação e terminologia não se confrontam na abordagem atual. Pelo contrário, defendemos que a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, porque é de uso social (Faulstich, 2001, p. 16).” Esse fazer científico é o que vai dar sustento aos estudos teóricos da Socioterminologia.

Considerando que há três discursos que estão na base da produção terminológica, quais sejam, o científico, o técnico e o vulgarizado, é natural que haja variantes decorrentes do uso. A socioterminologia harmoniza essas variantes e reconhece que fazem parte de situações comunicativas distintas; logo, assumem formas diferentes, porém continuam mantendo seu significado intrínseco, pois os termos variam de acordo com o contexto em que circulam e com seus interlocutores. As variantes terminológicas se classificam em concorrente, coorrente e competitivas (Faulstich, 2001).

As variantes concorrentes são aquelas que competem entre si e contribuem para a mudança; não ocupam o mesmo espaço discursivo e dispõem-se em distribuição complementar, são variantes denominativas e se dividem em variantes formais:

- 1) formais terminológicas linguísticas,
- 2) variantes formais terminológicas de registro.

As variantes linguísticas “são aquelas cujo fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação” (2001, p. 15) e se subdividem em fonológicas, morfológicas, gráficas, lexicais e sintáticas. Por outro lado, as variantes de registro se subdividem em geográficas, discursivas e temporais. É sabido que a língua varia por uma necessidade de adaptação de comunicação às situações sociocomunicativas, por exemplo: um médico que se comunica com seus pacientes usando um alto grau de formalidade terminológica, é bem provável que seu paciente não o entenda; então, para que haja intercompreensão, há que se adequar o discurso ao meio social e interacional no qual este se produz. Nos artigos de divulgação científica, também se faz necessária uma adequação do grau de formalidade da linguagem técnica e científica, para que o conhecimento veiculado ali, possa ser compreendido por um grande número de leitores que não são especialistas da área, lançando mão das variantes de registro. Faulstich (2001), ao teorizar sobre o tema, argumenta que “as variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica faz do termo” (Faulstich, 2001, p. 22). Essas variações são funcionais para o uso e enriquecem o discurso científico, pois a língua varia por uma necessidade de comunicação adequada às situações sociocomunicativas.

As variantes coocorrentes “formalizam a sinonímia terminológica. A sinonímia terminológica relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo.” (p.31). Mas, a sinonímia não viria a ser uma variante discursiva? Há diferenças que não pretendemos resolver, mas sim, compreender, como por exemplo a diferença que a socioterminologia estabelece entre sinônimo e variante. Labov (1973) argumenta que a noção de sinônimo está na base da própria regra de variante e variação, pois o que rege as variáveis sociolinguísticas se assenta na possibilidade de o falante escolher entre duas ou mais formas para dizer a mesma coisa. Cada contexto situacional move sentidos afetivos que requerem a escolha do termo adequado à ocasião, por isso, resta “ao emissor do discurso, oral ou escrito, escolher

o sinônimo mais adequado ao contexto uma vez que os lexemas não são intercambiáveis em todos os contextos” (Labov, 1973, p. 27). Portanto, o sinônimo seria um tipo de variante terminológica discursiva que promove a fluidez e a coesão do discurso, tanto na escrita quanto na fala?

Cabré (1993), ao se posicionar, afirma que “em sentido amplo, duas unidades são sinônimas quando designam um mesmo conceito (1993, p. 216)”, acrescenta que em sentido estrito, na Terminologia, há sinônimo entre uma sigla e sua forma desenvolvida, entre uma forma abreviada e sua forma completa e, também, dentro de uma mesma área de especialidade —como na Química— é possível encontrar diferentes termos que denominam subcódigos nessa área, como Oxigênio – O.

Por outro lado, Oliveira (2001), ao ponderar sobre variante e sinônimo, conclui que os termos que têm marcas de uso —geográfica, discursiva, histórica— não estabelecem uma relação de sinonímia, e sim, de variante de diferentes ordens, uma vez que “toda sinonímia é variação, mas nem toda variação gera sinônimos (Oliveira, 2001, p. 32).” Depreende-se que a variação é um fenômeno mais amplo que abarca distintas variantes e que o sinônimo é apenas uma variante a mais desse fenômeno linguístico terminológico e se diferencia das demais por seu uso que “dependerá, sobretudo, do estilo, da condição ou da posição do locutor e do interlocutor, ou seja, do sentido que a palavra pode gerar em determinados veículos de comunicação e do uso de sinônimos que são adequados para determinados ambientes” (Faulstich, 2001, p. 39).

Dessa maneira, a questão aqui colocada é que variante e sinônimo são fenômenos linguísticos que estão presentes no grande leque da variação lexical, ora apresentando-se como variante, ora como sinônimo; o fenômeno variação abarca todas as variantes, dentre as quais o sinônimo é uma variante a mais. A terminologia com a qual trabalhamos provem do discurso de pacientes migrantes hispanófonos, ou seja, são variantes discursivas e de registro da área da saúde; logo, esse fenômeno discursivo de registro vulgarizado assinala a diferença na apreensão sensorial e perceptiva da complexa experiência álgica entre pessoas que denominam um conceito de maneiras diversas, trazendo para a cena da Terminologia a riqueza de variantes que a língua disponibiliza a seus falantes, quer sejam científicos ou não. Portanto, para os fins deste trabalho, incluiremos as variantes coocorrentes quando houver duas denominações para um mesmo referente, visto que “A sinonímia terminológica relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo”. (Faulstich, 2001, p.31)

Nesta seção destacamos a trajetória da socioterminologia como resposta às limitações de análise terminológicas sob o prisma da TGT que, ao considerar o termo como signo unívoco e não polissêmico, deixava de lado as variações e variantes que sempre estiveram presentes nas linguagens de especialidade, apesar de serem negadas. Hoje, a socioterminologia oferece um arcabouço teórico e metodológico que dá conta de gerir e administrar pesquisas socioterminológicas que se vertem em produtos terminográficos proveitosos para todos os que lidam na seara das linguagens de especialidade.

### **2.2.2.2 A Terminologia Sociocognitiva**

O *continuum* terminológico que estamos observando nos leva à Terminologia Sociocognitiva que compõe a tríade epistêmica aqui apresentada, a qual passamos a expor. Na virada do milênio e do século XX, eis que desponta uma nova teoria terminológica. A Teoria sociocognitiva da Terminologia (doravante TST) desenvolvida por Rita Temmerman, linguista e professora da Universidade Vrije de Bruxelas/Bélgica. Esse enfoque teórico, proposto pela autora, tem como base de seus pressupostos a linguística sociocognitiva, que considera a língua, essencialmente, como um instrumento de conceptualização, de cognição e de expressão de significados, a qual é produto da experiência corpórea no mundo e da experiência social que juntas tornam possível a simbolização de conceitos e a expressão de significados. Essa teoria linguística sustenta que o conhecimento decorre da “experiência como resultado de estruturas cognitivas e sensório-motoras corporificadas que geram significados através de interações permanentes com ambientes em constante mudança” (Ferrari, 2011, p. 25), ou seja, o conhecimento se constrói na interação entre o interno e o externo, entre a cognição e o sociocultural.

Temmerman questiona os pressupostos da Teoria Geral da Terminologia e propõe uma abordagem terminológica com base na Linguística Cognitiva, com ênfase na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados de George Lakoff (1980, 1987). A autora levanta cinco hipóteses que, segundo ela, produziriam uma teoria mais realista da Terminologia, são eles:

1. A análise deve partir das unidades de compreensão, caracterizadas recorrentemente por uma estrutura prototípica, ao contrário da teoria tradicional que parte de conceitos claramente definidos.

2. Uma unidade de compreensão é estruturada de maneira intra e intercategorial e funciona no interior de modelos cognitivos, diferentemente da teoria tradicional que atribui a cada conceito um lugar em uma estrutura conceitual lógica ou ontológica;

3. A definição varia conforme o tipo de unidade de compreensão e o nível de especialização do emissor e do receptor no *locus* onde acontece a comunicação. Na teoria tradicional a definição do termo pode ser intencional e/ou extensional;

4. A sinonímia e a polissemia devem ser descritas, pois estão ligadas à compreensão. A teoria tradicional defende o ideal de univocidade e o princípio de isomorfismo, no qual cada forma corresponde unidirecionalmente a um só significado, sem levar em conta a variação e a evolução dos significados. No tocante à sinonímia, a TST reconhece a sua existência e funcionalidade na descrição do significado.

5. As unidades de compreensão estão em permanente evolução e a diacronia é importante, dependendo do caso, para o entendimento das unidades. Além disso, modelos cognitivos, como os metafóricos, têm um papel de destaque no desenvolvimento de novas ideias, deixando claro que os termos são motivados. Já na teoria tradicional os termos são vistos como tendo relação arbitrária com o conceito e são estudados apenas sob a ótica da sincronia (Temmerman, 2000, p.222).

Recordando o exposto no capítulo 1, entendemos o mundo via modelos cognitivos (Lakoff, 1987) nos quais as unidades de interpretação prototipicamente estruturadas encontram-se relacionadas; o conhecimento é apreendido através de nossas percepções sensoriais como resultados da interação entre a linguagem, a mente, o corpo humano e o mundo. De forma análoga, Temmerman (2004) entende que o conhecimento científico e tecnológico se assentam nas mesmas bases e salienta a importância dos modelos cognitivos metafóricos no desenvolvimento do conhecimento científico; ademais sustenta que a metáfora faz parte da descrição de conceitos técnicos, sendo um importante meio para a conceptualização e criação de novos termos em várias áreas de especialidade.

A compreensão da linguagem não pode estar desvinculada da compreensão do mundo; por isso, o pensamento criador e imaginativo com frequência tem repercussão no uso dos modelos metafóricos que influenciam a classificação e a compreensão do mundo. A TST entende e aplica a noção de unidade de compreensão, em vez de conceito, pois a compreensão do mundo real é possível através de Modelos Cognitivos, conforme o explicitado anteriormente. Esses modelos cognitivos atuam tanto na linguagem comum como nas linguagens de especialidade, pois ambas recorrem aos mesmos caminhos de categorização e conceptualização cognitiva (*op.cit.* 2000).

A Terminologia sociocognitiva compreende o termo como uma criação mental que tem lugar no contexto da comunicação especializada; conseqüentemente, o termo não existe

a priori denominando um conceito pré-existente no mundo ideal, mas se constitui em um processo de conceitualização e categorização sociocultural (Temmerman, 2000). Esse processo, que ocorre dentro da língua, é mediado por modelos cognitivos, os quais viabilizam um melhor entendimento da realidade; seu pressuposto basilar “é o entendimento da união termo/conceito como uma unidade de compreensão de estrutura prototípica observável no contexto da comunicação da ciência e da técnica” (Temmerman, 2004, p.34). O termo, desde essa perspectiva, é tratado como unidade de entendimento, como produto da cognição humana, que é influenciado por diversos fatores, tais como, experiência com o mundo, modos de categorização, modos metafóricos, etc. Para a referida autora, “os termos são unidades de compreensão e de representação funcionando em modelos cognitivos e culturais” (2004, pg. 37); ao tratar o conceito como unidade de entendimento, confere-lhe o *status* de uma unidade interpretável, quer dizer, dependente do entendimento humano que se encontra em constante desenvolvimento e mudança. Para esse paradigma os termos mudam no transcurso do tempo, são polissêmicos, modificam-se de acordo com variáveis próprias da língua, são metafóricos, e seus significados se constroem na interação, não estão prontos nem acabados.

Tendo em vista que as expressões terminológicas da dor apresentam-se muitas vezes mediante metáforas, vamos nos deter a analisar a relação entre a terminologia e a metáfora. Como já foi dito aqui, o caráter prescritivo e normativo da TGT apagou, por um tempo, a variação denominativa presente nos discursos científicos, orais e escritos, e as metáforas tampouco eram reconhecidas na perspectiva tradicional da Terminologia. No entanto, a negação de algo não implica a não existência do fenômeno, e assim sucedeu com a metáfora, considerada por demais ambígua e figurativa para integrar o seletivo círculo da linguagem de especialidades e sua terminologia precisa e unívoca. Esse estado de coisas perdurou até o final do século XX e começo do século XXI.

A teórica concorda com Lakoff e Johnson (1980) de que grande parte do pensamento humano se estrutura com base em metáforas e, de forma análoga com Lakoff e Johnson (1980) que comprovaram que o pensamento metafórico é passível de ser observado mediante a linguagem; Temmerman (2000, 2004) faz um estudo exaustivo de textos científicos no domínio da Biologia, com foco no subdomínio da Genética e constata que a área recorre a metáforas para expor e explicar seus conceitos.

Mediante a análise textual da linguagem especializada, a autora comprova que os mapeamentos metafóricos do nosso sistema conceptual também são produtivos nas áreas do

conhecimento científico. Nesses textos, encontra uma série de unidades lexicais especializadas que para explicar o funcionamento dos genes, faz uso de metáforas. Por exemplo, para explicar a compreensão científica de Vida como informação, utiliza expressões metafóricas como DNA é linguagem; DNA é atlas de mapas; DNA é software, DNA é fita cinematográfica (Temmerman, 2000). Assim, a autora conclui que:

“O raciocínio analógico e a metaforização parecem estar intimamente ligados. As metáforas lexicais podem ser vistas como realizações superficiais de metáforas de conceitos implícitos que aparecem em metáforas de domínios mais complexos” (Temmerman, 2001, p.76).

Como foi exposto ao longo deste estudo, a metáfora é um fenômeno que pode ser visto desde sua dimensão linguística até sua dimensão cognitiva. Assim sendo, nos alinhamos à máxima preconizada por Lakoff e Johnson que afirmam que “a essência da metáfora é entender e experienciar uma coisa em termos de outra” (Lakoff e Johnson, 1980, p.41); é com base nessa premissa que se depreende o papel fundamental da metáfora para a conceituação de novas realidades, sejam elas de domínios cotidianos ou científicos, pois “[...] a metáfora é vista como um fenômeno em que a categorização, pensamento analógico, criatividade e expressão linguística se encontram” (Temmerman, 2000, p.160).

Outro elemento formador de termos é a metáfora, que se estrutura no sistema conceitual. Sardinha (2007) argumenta sobre a produtividade da metáfora nas linguagens de especialidade. Para exemplificar o fenômeno, o autor cita o percurso de definição do termo *átomo*, o qual foi denominado como bola de bilhar, pudim de passas, até chegar a atual denominação de sistema solar em miniatura. Segundo Sardinha (2007), as metáforas ajudam a mensurar aquilo que não pode ser visto claramente e também nos ajuda a entender o desconhecido em termos do conhecido.

Para Temmerman (2000), a metáfora é um dos mecanismos mais produtivos de extensão semântica, segundo a autora, há dois tipos de metáforas científicas: a criativa e a didática; por um lado, a didática exerce a função de auxiliar a apreensão de saberes técnicos e científicos, por exemplo, “DNA é software”; por outro lado, a metáfora criativa engendra neologismos que podem se firmar e, por isso, virem a se fixar como lexemas especializados. Da Silva (1997, p. 27) sugere que “os neologismos semânticos indicam a polissemia de uma unidade lexical e as metáforas são um dos mecanismos mais produtivos de extensão semântica, os neologismos semânticos correspondem a ninhos de metáforas.” Atualmente, com o avanço da tecnologia, pode-se observar o surgimento de uma grande quantidade e

variedade de termos que nascem; no processo de nomeação terminológica a língua recorre aos distintos nichos de extensão semântica de que dispõe, a fim de dar nome a novas realidades.

A pesquisa terminológica sociocognitiva, com enfoque em metáforas, vem ganhando terreno; por exemplo, em 2004, é traduzido do inglês - com permissão da autora, Temmerman, R.- seu texto basilar “*Sociocognitive theory of terminology*”, Tradução de Natacha Enzweiler e Luiza Araújo. Essa tradução foi importante para que estudantes e pesquisadores tivessem acesso mais direto à teoria apresentada por Temmerman. Desde então, começaram a surgir pesquisas terminológicas sob o viés da TST com enfoque em metáforas; como exemplos citamos a pesquisa desenvolvida por Huang, Carolina “A metáfora no texto científico de medicina: um estudo terminológico da linguagem sobre AIDS, 2005”, no qual a autora comprova que o uso de metáforas é frequente na linguagem de especialidades. No ano de 2007, a UFGRS desenvolveu um projeto de pesquisa “Metáfora em obras de Direito Ambiental” sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maity Siqueira, o qual vem fortalecer essa linha de pesquisa; por último citamos a pesquisa desenvolvida por Theciana Silva Silveira “Metáfora na terminologia do petróleo no espaço da comunidade de países de língua portuguesa (CPLP): Angola, Brasil e Portugal, 2021”.

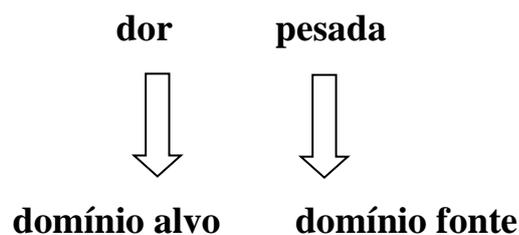
Este trabalho de pesquisa se soma a essa nova linha de estudos que inclui a metáfora no vasto campo denominativo terminológico. Embora as expressões metafóricas da dor pertençam à linguagem de especialidade, ou seja, à terminologia das ciências da saúde, têm sido objeto de poucos estudos, pois, como já foi mencionado aqui, em suas origens a Terminologia rechaçava a polissemia, a sinonímia, a homonímia e a metáfora, com o propósito de eliminar qualquer ambiguidade do discurso científico. Consequentemente, a metáfora não foi aceita nesse círculo, mas como a língua segue seu percurso natural, para além das vontades normativistas e prescritivistas, a variação e a metáfora também se fizeram e se fazem presentes na terminologia de várias áreas científicas, conforme o demonstrado acima.

No que tange ao campo da dor como experiência humana complexa, cultural e simbólica, verificamos que uma de suas formas de expressão é a metáfora, conforme explicitado no cap.1. Ao contrário do que dizia a TGT, que a linguagem figurada não deveria integrar a Terminologia, Temmerman (2004) valoriza o papel da metáfora na conformação das terminologias, pois considera que os modelos metafóricos são importantes para compreender o mundo, além de ser um dos principais mecanismos cognitivos de extensão

semântica. A metáfora é considerada um mecanismo de extensão semântica ou de ampliação de significado porque permite que uma palavra ou expressão adquira novos sentidos ao ser aplicada em contextos diferentes do seu uso original, ou seja, a metáfora cria ligações entre dois domínios de significado que normalmente não estariam conectados. Na metáfora, um termo ou expressão de um campo semântico (domínio fonte) é usado para descrever algo de outro campo (domínio alvo), baseado em uma relação de semelhança ou correspondência percebida. Ao fazer isso, a metáfora amplia o significado original dessa palavra, dando-lhe novos sentidos ou aplicações. (Da Silva, 1997)

Assim, a metáfora funciona como uma ponte entre significados, permitindo que a linguagem evolua e que novas expressões sejam criadas para refletir diferentes aspectos da experiência humana, como na expressão terminológica dor pesada.

Figura 2.2 Domínios alvo e fonte



Fonte: Elaborado pela autora

Ao associar dois conceitos diferentes, a metáfora cria uma nova camada de interpretação e compreensão, enriquecendo o uso linguístico; dessa forma, quando uma metáfora é usada, uma palavra adquire um novo significado ao ser transposta para outro contexto.

As expressões de dor têm um componente metafórico rico de ser analisado, pois essa experiência humana, coletiva, particular, cultural, sensorial e abstrata, lança mão de experiências físicas mais concretas para explicar as sensações incômodas que percorrem o corpo, em termos de experiências já vividas, porém mais concretas e tangíveis, tais como: formigamento, agulhada, pinçamento, queimação, dormência, etc. Essas unidades terminológicas metafóricas são variantes de registro denominativas popular. Há o termo técnico, porém não é o que nosso público-alvo utiliza e como o foco desta pesquisa é a elaboração de um glossário bilíngue para facilitar a expressão da dor por parte dos migrantes hispânicos, o termo técnico não será analisado, visto que não integra o escopo desta pesquisa.

Compreendemos que o modo de nos aproximarmos à realidade e de produzir conhecimento científico varia em consonância aos paradigmas operantes naquele momento, os quais provêm das epistemes de como a realidade é apreendida em determinado tempo-espço e da compreensão social de mundo. Ademais, cremos que há um *continuum* entre os paradigmas, pois a depender do tipo de pesquisa que queiramos realizar, haverá um único paradigma (mais raro) que melhor se adequa ao estudo em questão, ou a combinação de alguns para melhor responder às perguntas de pesquisa (mais frequente). De fato, não há uma única maneira de produzir conhecimento, não há uma única explicação para fenômenos sociais, não há uma única forma de interpretar dados, como tampouco não há a verdade única e inquestionável. Podemos adotar abordagens paradigmáticas diferentes para compreender um mesmo fenômeno, porém sabendo de antemão que cada uma balizará caminhos diferentes para se chegar à apreensão do fenômeno, em questão, analisado.

Para os fins desta pesquisa, adotaremos os pressupostos teóricos da Socioterminologia e da Terminologia Sociocognitiva, pois ambos os paradigmas aportam importantes insumos para analisar os termos da área da saúde, especificamente os termos da dor na variação de menor grau de especialidade (socioterminologia), e no uso de metáforas (TST) presentes nas expressões álgicas.

A seguir, apresentamos conceito e o termo analisado sob diferentes perspectivas, pois acreditamos que tais conceitos sobre o conceito e o termo, nos ajudam a compreender de forma mais apurada esses fenômenos centrais para a terminologia.

### **2.3 Conceito e Termo**

*“O conceito (de)limita e é, antes de tudo, ausência.”*

*Alicia Ferreira*

Cremos importante determo-nos no conceito de “conceito”, dada sua importância para a Terminologia, que como disciplina, estuda os conceitos e os termos que os designam e a relação que há entre ambos. Cada campo de saber cria seus conceitos “essas ferramentas mentais que, podemos dizer, nascem com a linguagem, que cria mundos” (Ferreira, 2013, p. 11). As linguagens de especialidade ao buscarem delimitar seus campos de saber elaboram seus conceitos e termos para que a comunicação especializada possa acontecer de forma mais precisa e objetiva, porque indubitavelmente não há campo de saber sem seu arcabouço de conceitos e não há conceito sem termo.

Ao buscarmos definir “conceito”, abre-se um leque de possibilidades, em razão dos diferentes paradigmas teóricos, dos campos de saber e dos variados discursos nos quais o termo conceito é usado, tais como na filosofia, na linguística, na terminologia, etc. No dicionário Houaiss, 2009 em versão online, o conceito é definido como “faculdade intelectual e cognoscitiva do ser humano; mente, espírito, pensamento, noção, concepção, ideia.” Já, no *Diccionario de organización y representación del conocimiento*, em versão online, o conceito é uma:

abstração ou noção que se refere a uma unidade de conhecimento independente de sua expressão linguística e inclui todas as suas características essenciais. O conceito, como representação simbólica, está na base da Teoria da Classificação e da Terminologia, pois é o elemento indivisível que permite representar o conhecimento contido nos documentos e organizar os enunciados correspondentes à ideia que se tem de qualquer coisa. Em vocabulários controlados e em linguagem natural, o conceito é apresentado por meio de um rótulo (Barité, 2000, p. 33)<sup>19</sup>.

Depreende-se uma visão clara e concisa de conceito no contexto da organização e representação do conhecimento; ademais, é destacada sua importância em diferentes tipos de documentos e por organizar os enunciados correspondentes às ideias, de maneira geral.

Por sua vez a ISO define o conceito como “[...] unidade de conhecimento criada pela combinação única de características.” Pode-se constatar que nas definições aqui apresentadas, há um consenso de que o conceito é uma unidade intelectual, ademais de ser a representação simbólica de um objeto concreto ou abstrato, não é a coisa em si, é sua representação, é ausência.

Vejamos como o conceito é apresentado na perspectiva da filosofia; “conceituar é pensar o mundo e as coisas que nele há e a partir daí, abstrair, criar um conhecimento geral que transcende a particularidade das percepções ao mesmo tempo que permite dar sentido a elas (Hardy-Vallée, 2013, p. 16).” O conceito é mental e representacional, opera no cerne da atividade cognitiva, ou seja, é abstração mental de algo do mundo das formas, não é a coisa em si, é a imagem mental da coisa, quer seja real ou imaginada. Segundo Kant (*apud* Hardy-Vallée, 2013) há três tipos de conceitos:

- (i) conceitos que provêm da experiência perceptiva e sensorial com os objetos do mundo das formas,

---

<sup>19</sup> Abstracción o noción que refiere a una unidad de conocimiento independiente de su expresión lingüística y comprende el conjunto de sus rasgos esenciales. El concepto, en tanto representación simbólica, está en la base de la Teoría de la Clasificación y de la Terminología, pues es el elemento indivisible que permite representar el conocimiento contenido en los documentos y organizar los enunciados correspondientes a la idea que se tiene de cualquier cosa. En vocabularios controlados y en lenguaje natural, el concepto se presenta mediante un rótulo. Tradução nossa.

- (ii) há conceitos *a priori*, que dependem da experiência e
  - (iii) conceitos *puros e a priori* os quais não dependem de qualquer experiência.
- (Hardy-Vallée, 2013, p.34),

Hardy-Vallée ao referir-se à terceira categoria de conceitos apresentada por Kant, fundamenta que “tais conceitos são *puros* na medida em que não resta nenhum conteúdo perceptivo, e são *a priori* no sentido de que esses conhecimentos são independentes de qualquer experiência” (Hardy-Vallée, 2013, p.34); estão no entendimento antes de qualquer experiência ou faculdade cognitiva e são utilizados pelo intelecto para elaborar outros conceitos, como o tempo. Os conceitos que provêm da experiência são os empíricos, os conceitos *a priori* provêm das faculdades cognitivas como o entendimento e a razão e se coadunam: “a percepção permite conhecer por meio dos sentidos, enquanto a concepção permite conhecer por meio da razão” (Hardy-Vallée, 2013, p. 26-27). O primeiro brinda, por meio dos sentidos, a particularidade da experiência sensorial; o segundo é a abstração, é o universal que interpreta a imagem capturada pela retina e dá sentido/significado à experiência; “passamos do universal ao particular, aplicando o conceito ao percepto, mas ao mesmo tempo do particular ao universal, subsumindo o percepto sob o conceito” (Hardy-Vallée 2013, p. 38). É uma força dupla que interage na dança circular da experiência conceitual. Experiência que se concretiza no fazer teórico humano, na descoberta e exploração do insólito, e avança nessa espiral circular, conferindo novas significações a conceitos já disponíveis e, ainda mais importante, supondo, imaginando, fazendo surgir novos olhares, novos conceitos.

Em contrapartida, na abordagem da LC o conceito provém da percepção e conceptualização humana do mundo; é mediante as experiências corpóreas que os conceitos, em sua maioria, se formam. Lakoff afirma que:

O sistema conceptual humano é produto da experiência humana, e esta experiência vem através do corpo. Não há conexão direta entre a linguagem humana e o mundo como se ele existisse fora da experiência humana. A linguagem humana está baseada em conceitos humanos, que são, por seu turno, motivados pela experiência humana (Lakoff, 1987, p 206).

Para a LC é mediante a mente corporificada que a cognição humana elabora conceitos abstratos, através de experiências concretas com estruturas básicas de compreensão que, segundo Lakoff e Johnson (1987), são potencialmente inatas e universais entre os seres humanos, as quais denominam de primitivos universais. Recordando o que foi apresentado

na seção 1.1.2, citamos alguns exemplos de conceitos que, segundo os autores, podem ser considerados primitivos universais:

-‘espaço’ como noção fundamental para a nossa percepção e cognição;

-‘tempo’, embora varie culturalmente em termos de como é medido e valorizado, é uma experiência universal;

-‘movimento’ algo que vai de um ponto a outro também é uma experiência compartilhada por todas as culturas;

-‘força’ a experiência de empurrar ou puxar, e as consequências de aplicar força, são universais (Lakoff, Johnson, 1999).

Os autores destacam que esses primitivos universais são aqueles que vão dar embasamento a muitos conceitos abstratos que são apreendidos de forma metafórica. Por exemplo, a ideia de "tempo" é frequentemente entendida no ocidente metaforicamente como um recurso físico ("economizar tempo", "gastar tempo"), algo que não é literalmente verdade, mas que ajuda a dar sentido ao conceito abstrato através de uma experiência mais concreta. Ao trazer essas ideias, Lakoff e Johnson nos convidam a reconsiderar como formamos nossos conceitos e a reconhecer a complexa interação entre o inato e o aprendido, bem como a importância das metáforas na nossa compreensão de mundo.

De acordo com Langacker (2000), o processo de conceptualização se dá mediante o encontro entre as experiências sensoriais, sinestésicas e emotivas com os objetos do mundo perceptível e imaginado. Os objetos que aparecem externamente como fenômenos surgiriam internamente como conceitos que se organizam cognitivamente em um processo de identificação, classificação, categorização e abstração. (Langacker, 2000). Vale lembrar que o conceito é a representação e simbolização da coisa no pensamento, não a coisa em si, ele é a não presença da coisa.

### **2.3.1. A Terminologia e o conceito**

O papel da cognição na representação que se faz do mundo é de suma importância para a organização do conhecimento e conceitos e, também, para a comunicação desse conhecimento mediante palavras e termos; o conceito, entidade abstrata, confere ao termo a propriedade de referenciá-lo. Para a terminologia tradicional o conceito é o cerne do trabalho terminológico, Barros (2004) ao referir-se ao posicionamento da escola de Viena, mediante seu expoente Wüster, declara que:

[...] a concepção de termo de Wüster caracteriza-se pela possibilidade de descrição de um conceito por meio de uma definição como passo anterior à própria relação conceito-termo. Em outras palavras, para Wüster, pode-se identificar um conjunto de conceitos de um domínio especializado, organizá-los em um sistema estruturado e defini-los sem mesmo identificar com precisão os termos que os designam. Haveria, portanto, uma total independência entre a expressão e o conteúdo (Barros, 2004, p. 55 -56).

Observa-se, no pensamento de Wüster, uma preponderância por questões de identificação e de organização lógico-conceptual; no entanto, os estudos concernentes à relação conceito-termo, ou seja, a nomeação do conceito, ocupam um lugar secundário, apesar do reconhecimento de sua importância para comunicar o conhecimento produzido. “O conceito era uma entidade abstrata e buscava-se que sua definição fosse com base em características suficientes e necessárias; em relação à nomeação, essa deveria ser unívoca, monossêmica e sincrônica” (Barros, 2004, p.56).

Esse olhar teórico começa a ser questionado, pois a estrutura conceptual não é estática e tampouco sua denominação. Se os conceitos e sua estruturação lógica representam a realidade mutante, isso “explica que uma mesma parcela da realidade (uma área especializada) possa gerar estruturas simultâneas diferentes (teorias científicas diferentes) ou sucessivas (produto de mudanças científicas)”<sup>20</sup> (Cabré, 1993, p. 97).

A autora propõe diferenciar entre as unidades conceptuais abstratas e os objetos da realidade que representam os conceitos; argumenta que “Os conceitos, que são representações mentais desses objetos, são o resultado de um processo de seleção das características relevantes que definem uma classe de objetos e não objetos individuais.”<sup>21</sup> (Cabré, 1993, p. 195). Segundo a autora, há um processo de conceptualização no qual observa-se o objeto e se extrai as principais características que conformarão o conceito e os vários objetos que compartilharão dessas características, desde os mais representativos até os mais periféricos.

Barros (2004), ao discorrer sobre a questão do conceito, argumenta que este apresenta características que são entendidas como “[...] representações mentais de propriedades de um objeto”. Estas podem ser essenciais ou secundárias; as primeiras são mais relevantes na definição do conceito e as secundárias “são complementares às características essenciais,

---

<sup>20</sup> explica que una misma parcela de la realidad (un área especializada) pueda generar estructuraciones simultáneas diferentes (teorías científicas diferentes) o sucesivas (producto de cambios científicos) Tradução nossa

<sup>21</sup> Los conceptos, que son representaciones mentales de estos objetos, son fruto de un proceso de selección de las características relevantes que definen una clase de objetos y no objetos individuales. Tradução nossa.

sem uma importância fundamental na descrição do conceito” (Barros, 2004, p. 107). Os conceitos mais abrangentes possuem todas as características que o conceito carrega, já os conceitos menos abrangentes compartilham algumas características e acrescentam alguma característica nova. A autora expressa que os conceitos na Terminologia são:

- a) conceito próprio de um domínio: conceito particular ou exclusivo de um domínio;
- b) conceito emprestado: conceito que pertence mais especificamente a um outro domínio, mas é igualmente utilizado pelo domínio em estudo. Um exemplo é convés, que tem sua origem no domínio da construção naval e designa os pavimentos a bordo dos navios, mais propriamente os pavimentos descobertos ou semidescobertos. Trazido para o domínio da extração petrolífera, designa os espaços abertos das plataformas. Mantém, assim, uma zona de intersecção semântica com o conceito de origem, mas possui traços semânticos que o primeiro não tinha, ou seja, o fato de os espaços abertos encontrarem-se em plataformas petrolíferas;
- c) conceito que ultrapassa o domínio; conceito utilizado por vários domínios sem pertencer particularmente a um único. Ex. embarcar / desembarcar (Barros, 2004, p. 107).

Nessa lógica, podemos entender que há usos de conceitos e não campos definidos de fixação de conceitos; há universos discursivos em espaços específicos que acionam conceitos expressados através de termos que “não pertencem a um domínio, mas são usados em um domínio com um valor específico exclusivo”<sup>22</sup> (Cabré, 1999, p. 124). Ambas as autoras concordam que os conceitos não pertencerem a um domínio, e sim, são usados em domínios específicos e daí inferem seus significados.

Desse modo, um mesmo conceito pode ser interpretado de diferentes maneiras, a depender da área, da teoria e da situação comunicativa. O termo ‘linguagem’ pode representar diferentes conceitos a depender da área a qual se vincula, como em comunicação, artes, arquitetura, ou na própria linguística. Também em uma situação cotidiana o falante comum pode expressar-se utilizando o termo linguagem com sentido diferente e menos especializado, mas em todos os seus usos tende a manter-se algum grau de relação semântica, alguns, mais centrais, outros mais periféricos, como assinalado pelas autoras.

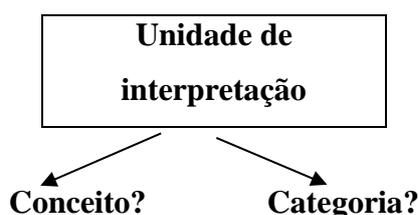
Temmerman (2000), ao desenvolver a TST, postula que há poucos conceitos que existem objetivamente; em sua grande maioria os conceitos vão surgir da interrelação do ser humano com os fenômenos do mundo perceptível. Declara que “o conceito é por demais restritivo em sua definição tradicional” prescrita pela ISO, e se alinha aos pressupostos teóricos da LC ao afirmar que “as pessoas entendem o mundo via sistemas cognitivos

---

<sup>22</sup> no pertenecen a un dominio, pero se utilizan en un dominio con un valor singularmente específico.

(Fillmore, 1985; Fillmore; Atkins, 1992) ou modelos (Lakoff, 1987) nos quais as unidades de interpretação prototipicamente estruturadas encontram-se relacionadas” (Temmerman, 2004, p. 36). A autora propõe o termo ‘unidades de interpretação’, para estudar e analisar os termos de uma determinada área de especialidade; estes poderão ser conceitos, se forem entidades abstratas, ou categorias se apresentarem estrutura prototípica. Ela esquematiza essa proposta da seguinte forma:

Figura 2.3 Unidade de Interpretação



Fonte: adaptado pela autora com base em Temmerman, 2000.

Por meio do estudo das unidades de interpretação se saberá se é um conceito ou se é uma categoria. Temmerman (2004) desvia o foco da análise terminológica do conceito para a categoria, pois segundo a autora “compreender é categorizar, é estruturar prototipicamente”, já que “entender a estrutura prototípica faz parte do processo de entendimento de um termo” (Temmerman, 2004, p. 38). Para a autora (2001), responsável pela proposta, a definição de conceito da terminologia tradicional, como unidade de pensamento constituída por abstração de propriedades, é muito restritiva, já que poucos conceitos existem de forma objetiva. O mundo é melhor compreendido no marco dos modelos cognitivos nos quais se relacionam diferentes unidades de compreensão ou entendimento estruturadas de forma prototípica. Essa é a razão pela qual propõe substituir a noção de conceito por unidade de compreensão (entendimento) observando que grande parte das unidades ditas conceituais têm uma estrutura prototípica e que podem, dessa forma, denominar categorias (Temmermann, 2001).

Mediante sistemas simbólicos diversificados o conceito, a categoria e o protótipo representam a experiência humana, por intermédio da significação das formas linguísticas ligadas ao conhecimento enciclopédico e ao conhecimento categorial. Ambos vão direcionar a construção e interpretação de uma realidade perspectivada e representada no signo linguístico, ora no signo geral, ora no signo especializado, o termo.

### 2.3.2 O termo

O termo, unidade lexical básica das linguagens de especialidade, é uma entidade complexa e heterogênea que ocupa um lugar de destaque nos estudos terminológicos, porque é através da denominação que temos acesso ao fazer científico e tecnológico das diferentes áreas do conhecimento; os termos organizam a estrutura de base dos distintos campos científicos. Por isso, a nomeação terminológica, segundo a TGT, exige precisão e univocidade como forma de garantir a clareza na comunicação entre a comunidade técnico-científica. Por trás dessa proposta, há o ideal de monorreferencialidade —a cada conceito um termo— de monossemia —a cada significante um conceito, de restrição designativa— indicar algo, ou seja, cada conceito é expresso por um único e inequívoco termo; no entanto, ideal e real nem sempre andam de mãos dadas e o termo não é a exceção dessa máxima. Dessa forma, ao observarmos a relação que há entre significado e significante de um termo, constata-se que essa relação não é unívoca, mas constitui-se por elementos variados, apesar do desejo de univocidade terminológica balizado pela teoria clássica wüsteriana. (Kriegger; Finatto, 2004)

Assim sendo, Wüster (1998) buscou eliminar das linguagens de especialidade qualquer ambiguidade, como a polissemia, a homonímia, a sinonímia e qualquer variante que pudesse vir a perturbar a comunicação entre técnicos e científicos tanto no âmbito nacional quanto no internacional. Esses postulados sobre a designação do conceito começam a ser questionados, pois cada vez mais terminólogos se dão conta dos contratempos de sustentar os pressupostos da TGT e novos paradigmas surgem, os quais destacam a perspectiva linguística do termo, a qual fundamenta que o termo é “um item lexical que, para além de uma dimensão cognitiva, compreende uma face linguística, portanto sofre implicações dos sistemas linguísticos e do funcionamento da linguagem” (Krieger, 2011, p. 446). Embora designem conceitos das áreas de conhecimento especializado, os termos não estão separados da língua geral, por isso se comportam como signo linguístico integrável nos enunciados e obedecem às condições sintáticas da língua na qual estão inseridos, estando sujeitos a todas as variações da linguagem geral.

A divergência sobre a natureza do termo se instaura; por um lado está a ideia prescritiva de que os termos são unidades de conhecimento, valorizando seu componente conceitual, e por outro está o entendimento de que os termos “são unidades lexicais, e como tais, componentes naturais dos sistemas linguísticos” (Krieger, 2001, p. 116). Esta discussão

traz em seu cerne ventos de mudanças teóricas que vão ampliar a concepção de unidade terminológica, já que:

[...] motivam a Terminologia a avançar na perspectiva de estudos descritivos, clamando, em última instância pela valorização da dimensão comunicativa do componente lexical especializado, evocando a relevância dos aspectos linguísticos, textuais e pragmáticos que a identificação das terminologias envolve (Krieger, 2001, p. 115).

Esse novo paradigma terminológico abarca dimensões da linguística até então não consideradas nos estudos terminológicos, apesar de sempre haverem estado presentes, eram ignoradas. A autora chama a atenção para dois processos pelos quais as unidades lexicais especializadas passam e que estão para além do princípio de univocidade proclamado pela Escola de Viena. São eles “a terminologização, processo que sofrem palavras da língua comum, ao passarem pelo fenômeno de ressignificação” (*op cit* p. 124); há a transposição de uma unidade lexical, da língua comum para a linguagem de especialidade. Serve de exemplo a palavra ‘solução’ como está registrado no Houaiss, dicionário de língua geral, que registra o processo de ressignificação lexical:

#### **solução**

**1** aquilo que resolve, que soluciona (algum problema); saída, recurso <para o médico a s. era a cirurgia>

**5** FARM líquido no qual estão dissolvidos sais, extratos e outras substâncias solúveis <s. de óleo essencial em álcool>

[...]

**7** MAT conjunto de operações que devem ser executadas para se encontrar a resposta de um problema ou equação <este problema tem várias s.> (Houaiss, 2009)

Podemos acompanhar o processo de ressignificação da lexia “solução” registrado no dicionário, cuja marca de especialização se apresenta a partir da quinta acepção que mantém o étimo do latim com sentido de “decompor, dissolver, derreter, dissipar”. O traço semântico de “dissolução” é que se especializa nas áreas da Farmácia e da Matemática, passando a integrar a terminologia de seus respectivos discursos.

O segundo fenômeno ocorre no sentido contrário, ou seja, um termo da linguagem de especialidade passa pelo processo de “vulgarização” e se torna palavra da linguagem comum. Tomemos como exemplo o termo “onda” e como o processo de vulgarização é registrado no dicionário Houaiss:

#### **onda**

1 HIDROL, OCN cada uma das depressões e elevações sucessivas da superfície de águas que se deslocam ou parecem deslocar-se; vaga

2 p. *metf.* Sensação, emoção ou sentimento que se manifesta com intensidade variável e se propaga como uma onda; vaga <uma o. de simpatia percorreu o auditório>

[...]

11 B; *infrm.* o que está em moda; o estilo em voga <calça boca de sino foia o. da década de 1970>

12 B; *infrm.* prazer, êxtase, conjunto de sensações provocadas pelo uso de alguma substância alucinógena, droga, bebida, etc.; barato, fissuração, viagem. (Huoais, 2009)

Verifica-se a passagem do termo especializado da área Hidráulica Oceânica para o da língua comum mediante a metaforização que é um dos instrumentos de ampliação de significados que a língua utiliza, e o de informalização; em ambos se mantem o étimo “*lat. unda,ae* no sentido de água (considerada em movimento) [...]”, é esse significado etimológico de movimento que permanece na migração do termo. Observa-se a circularidade entre as significações dos signos entre língua comum e linguagem de especialidades.

Barbosa (2006, p. 48) ao discorrer sobre o tema nos recorda que “é preciso lembrar, entretanto, que, no nível de sistema, as unidades lexicais são plurifuncionais. O estabelecimento preciso de sua função depende de sua inserção em uma norma discursiva, que determina, então, o estatuto de vocábulo ou termo”. Essa dinâmica própria do sistema linguístico corrobora a afirmação de “que uma unidade lexical não é termo ou vocábulo, em si mesma, mas, ao contrário, está em função “termo” ou em função “vocábulo, ou seja, o universo de discurso em que se insere determina o seu estatuto, em cada caso” (Barbosa, 2006, p. 50). Observamos que o termo, como unidade lexical especializada, está sujeito às vicissitudes da linguagem, portanto varia e adquire significados de acordo com os contextos nos quais circula, desde contextos altamente especializados os quais requerem discursos mais normativos, até contextos populares os quais exigem a adaptação terminológica em conformidade com os usuários. Ambos os fenômenos “coexistem e cruzam fronteiras nos universos discursivos dos conhecimentos especializados” (Kriegeer, 2001, p. 124).

Esse ir e vir entre as unidades lexicais especializadas e as unidades lexicais da língua geral deixa evidente que os limites entre o universo lexical de ambas as linguagens não são tão nítidos como proclamavam os estudos iniciais da Terminologia, ademais de realçarem o pertencimento dos termos ao sistema linguístico:

Assim, o termo compreende tanto uma vertente conceitual, expressando conhecimento e fundamentos dos saberes, quanto uma vertente linguística, determinando sua naturalidade e integração aos sistemas linguísticos, além dos aspectos sociais que se agregam a uma de suas funcionalidades básicas: a de favorecer a transferência de conhecimento (Kriegeer, 2001, p. 127).

O processo onomasiológico, tão caro à TGT, relegou ao plano secundário os aspectos linguísticos e pragmáticos do termo que são tão importantes quanto sua nomenclatura e funções, revelando seu pertencimento ao sistema linguístico em todos os níveis, desde o morfossintático até o discursivo.

Segundo Cabré (1993, p. 169)<sup>23</sup> “os termos, tal como as palavras do léxico geral, são ao mesmo tempo unidades sígnicas distintivas e significativas, que ocorrem naturalmente no discurso especializado”. Para a autora, o termo — do ponto de vista formal— não apresenta diferenças em relação às lexias comuns, visto que “ambos tipos de unidades respondem às mesmas regras do sistema linguístico”. A autora corrobora a indivisibilidade do léxico geral e do especializado; o termo passa a ser estudado também em sua dimensão linguística, cognitiva e social; cai por terra a ilusão da neutralidade e monorreferencialidade do discurso científico.

Neste trabalho, entendemos que as unidades lexicais especializadas integram o sistema linguístico da língua geral; portanto são passíveis de variação terminológica a qual se expressa ao longo de um eixo *continuum* que vai do mais alto grau de especialidade ao mais alto grau de socialização terminológica e, dessa maneira, se comprova a plurifuncionalidade das unidades lexicais.

De acordo com especialistas da área, Alves (1990), L’Homme (2004); Barros (2007); Cabré (1993); Faulstich (1980) no universo lexical especializado, as unidades terminológicas podem ser simples, complexas e compostas. Segundo as estudiosas, o termo simples é composto de um lexema “*une seule entité graphique*” (L’Homme, 2004, p. 59) e pode ser estruturado por derivação e por composição, mas mantém a extencionalidade de uma “única entidade gráfica”, ou seja, os elementos que o compõe não estão desunidos por “*trait d’union ou l’apostrophe*” (idem), ademais de ser “reconhecido através de seu sentido composicional (ABREU, 2013, p. 2)”. Barros afirma que um termo simples é composto de apenas um “lexema, independente do processo de formação deste.” (2007, p. 399) Por exemplo, o sufixo *ite*, de origem grega, unido a uma base de parte do corpo, é produtivo na área da saúde, pois carrega consigo o significado de inflamação: *faringite*, *apendicite*, etc. Compõe-se de base+sufixo e mantém a extencionalidade de um único vocábulo.

Faulstich (1980) argumenta que as unidades terminológicas podem ser simples, compostas, complexas ou um agrupamento de lexias. A simples é equivalente à palavra da

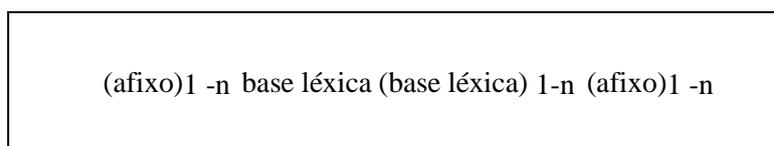
---

<sup>23</sup> “los términos, como las palabras del léxico general, son unidades sígnicas distintivas y significativas al mismo tiempo, que se presentan de forma natural en el discurso especializado.” Tradução nossa

língua comum, a composta é consequência de uma inclusão semântica formalmente manifestada e a complexa é a sequência em processo de lexicalização (Faulstich, 1980).

Cabré (1993, p. 174), explica que as unidades terminológicas, do ponto de vista morfológico, se comportam da mesma maneira que as lexias da língua geral, ou seja, podem ser “simples -se constam de um morfema-, ou complexas -se estão formadas por mais de um morfema”.

Figura 2.4 Estrutura morfológica básica da unidade terminológica



Fonte: Adaptado pela autora com base em Cabré (1993, p.192)

Segundo Cabré na categoria de termos complexos podem-se encontrar:

1) complexo e derivado, formados por acrescentar afixos a bases léxicas: formiga→formigamento;

2a) os complexos e compostos formados por base+base: micronutriente, anticoncepcional;

2b) os compostos formados por combinações de bases léxicas, atuais ou históricas, com a possibilidade de posteriormente acrescentar-lhes afixos: dolorido rad. de *dolor* (f. ant. de *dor*)ido, criado p. ana. como part. de um suposto v. *dolorir*; ver <sup>1</sup>*dol-*) (Houaiss, 2009);

3) os termos complexos, por sua vez, podem estar formados, também, por uma combinação de lexemas com uma determinada estrutura sintática, os quais são denominados de sintagmas terminológicos: *dolor sordo*; ver *borroso*. (1993, p.176-177)

Os sintagmas terminológicos obedecem às mesmas regras de combinação que os sintagmas utilizados na linguagem comum. Faulstich explica que a formação de unidades terminológicas complexas:

é um fenômeno que se dá num contínuo conceitual que vai do + geral ao + específico. No lugar do formativo mais geral está uma base lexical de caráter genérico que opera um significado abrangente e da língua comum, ou mais próximo desta. A base sustenta um predicado, organizado por meio de argumentos, que atribuem à base o caráter particularizante de ‘especialidade’ e forma a unidade terminológica complexa (UTC) [...] Faulstich, 2003, p. 61).

O processo de formação terminológica é descrito como um fenômeno que ocorre em um contínuo conceitual, partindo de um ponto mais geral e genérico até chegar a um ponto

mais específico e especializado, explicitando que a formação de termos especializados envolve a adaptação de palavras comuns, ampliando seus significados e organizando-os de forma a atender às necessidades de precisão e especificidade de áreas especializadas do conhecimento.

Do ponto de vista da função que cumprem no discurso, os termos se agrupam nas seguintes categorias: nome, adjetivo, verbo e advérbio, sendo que, assim como na linguagem comum, há um número mais elevado de nomes em comparação com as outras categorias funcionais. Dessa maneira, conclui-se que a Unidade Terminológica Complexa -UTCs- são unidades lexicais complexas que carregam um todo de sentido, ademais de identificar um conceito no âmbito de uma linguagem de especialidade.

No que concerne ao significado, “os termos podem ser classificados de acordo com classe de conceitos que denominam” (Cabré, 1993, p. 180), e das características que compartilham, a depender das relações que estabelecem entre si. Estes vão se agrupar nas seguintes classes funcionais em espanhol e português:

- 1) objetos ou entidades → nomes
- 2) processos, operações, ações → verbos, nominalizações verbais;
- 3) propriedades: estados e qualidades → adjetivos;
- 4) relações → advérbios, verbos

Desse modo, cada área de especialidade encontra sua forma de organizar seus conceitos que resultará em sistemas conceituais estruturados, os quais refletem o processamento e a experiência cultural e social dessa comunidade científica. Neste trabalho, nos ateremos à classificação proposta por Cabré (1993) e Faulstich (2003).

Para os fins deste trabalho, entendemos que os termos são unidades lexicais especializadas que integram a língua geral; portanto, estão sujeitos ao movimento circular das línguas vivas. Compreendemos que a função principal da linguagem é instaurar a comunicação, portanto, a diversificação do público representa, também, o uso de uma linguagem heterogênea, quer seja ela comum ou especializada. Dessa forma, os termos circulam desde os espaços científicos e técnicos até os espaços de ampla divulgação, fato que registra o processo de vulgarização e variação de grau de especialidade das unidades especializadas em um *continuum* socioterminológico.

As unidades terminológicas com as quais trabalhamos pertencem à área de especialidade da saúde e apresentam variação denominativa tanto no discurso de

especialização quanto no discurso vulgar; algumas são unidades terminológicas metafóricas e outras não apresentam essa característica. A variação denominativa vulgar na terminologia da dor estabelece uma ponte entre a comunidade de especialistas e o público leigo.

Podemos observar e constatar que a relação entre a língua comum e a linguagem de especialidade nos processos de formação terminológica é fundamental, pois a terminologia frequentemente se baseia nos mesmos processos de formação de conceitos e palavras da língua comum para criar termos técnicos precisos e específicos, de acordo a Cabré e Faulstich. Como constatamos, esse processo envolve a adaptação e a especialização de palavras comuns para atender às necessidades comunicativas de um campo específico do conhecimento. Por exemplo, na medicina, o termo "célula", que na língua comum refere-se a uma unidade básica de vida, adquire significados mais específicos quando combinado com outras palavras, formando termos como "célula-tronco" ou "célula cancerosa". Assim, a língua comum serve como um ponto de partida essencial para a criação de uma linguagem de especialidade, facilitando a compreensão inicial e a comunicação entre especialistas e leigos.

Até aqui, vimos como a Terminologia surge nos círculos científicos e, também, como foi se reinventado com o avanço dos estudos e das pesquisas na área, seu caráter interdisciplinar faz com que esta mantenha um diálogo profícuo com a linguística, a informática e ciências afins, como a lexicografia. Como esta tese propõe um produto final, o Glossário de Expressões da dor na próxima seção cremos pertinente apresentarmos os princípios teóricos que são aplicados na elaboração e confecção de dicionários e glossários especializados.

#### **2.4. A elaboração de repertórios léxico-terminográficos**

A arte de nomear e de compilar, completa ou parcialmente, as unidades léxicas de uma língua jamais alcançam a exaustão descritiva, advinda da dinamicidade que caracterizam as línguas. Os dicionários —como registro do acervo do capital simbólico— de determinada língua, vêm atuando na vida de indivíduos em sociedade há um tempo considerável. Lara (2004, p. 20) afirma que “o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas”, já que “constitui o acervo e o registro das significações que nossa memória não é capaz de reter.”

A criação de uma obra lexicográfica é uma tarefa que exige uma dose de arte e ciência, demandando de seus feitores capacidades científicas como agudeza cognitiva,

imaginação, coerência e discernimento crítico, ademais de uma dose de intensa paixão de colecionador de palavras. Essa empreitada laboriosa e meticulosa requer talento e dedicação para produzir um trabalho de qualidade, pois é um rico artefato de estudo que põe em relação a língua e a cultura de uma sociedade e seus modos de perceber e categorizar a realidade, em determinado espaço e tempo histórico (Welker, 2004).

A lexicografia se dedica à elaboração dos dicionários das línguas vivas, ou seja, é a parte aplicada da lexicologia; por outro lado, a terminografia também se dedica à feitura de dicionários e glossários, contudo, estes pertencem à linguagem de especialidades de um determinado domínio. Ambas as áreas desenvolvem esse fazer de maneira científica e analítica, refletindo sobre a metodologia aplicada à elaboração de seus respectivos repertórios quer sejam monolíngues, bilíngues ou multilíngues, levando em conta as necessidades dos consulentes das respectivas obras (Costa, 2015).

Durão (2010), desde uma perspectiva histórica sobre a origem da prática de listar palavras inusuais, relata que os primeiros registros têm lugar na escola suméria, na qual monges copistas, escreviam o significado de palavras nas laterais dos livros, sendo assim os precursores rudimentares do dicionário. Essa atividade de arrolar palavras, quer seja em língua estrangeira, quer seja em língua vernácula culta, portanto desconhecidas por uma parcela da sociedade, se intensificou na idade média:

quando a linguagem vulgar já apresentava tantas diferenças com o latim (língua da cultura, da liturgia e do direito), que se tornou necessário explicar as palavras de difícil compreensão por meio de glosas [...] podem ser distinguidas glosas interlineares e marginais. Alguns desses textos primitivos com glosas são preservados; por exemplo, na Espanha, as *Glosas Silenses* e as *Glosas Emilianensis*. Notemos de passagem que ainda hoje se usam, em certos textos escolares escritos em língua estrangeira, glosas marginais para explicar ao aluno palavras e expressões difíceis. Quando glosas aparecem alfabeticamente ou sistematicamente, no final de um texto, falamos de um 'glossário' (Haensch, 1982, p. 1-2.)<sup>24</sup>

Depreende-se, no texto acima, duas acepções organizacionais para o termo glossário:

(i) no sentido de anotações na lateral dos textos – glossa— (ii) no sentido de anotações ao final do texto e em ordem alfabética —glossári. De acordo com Nunes (2006, p. 47), “as

---

<sup>24</sup> cuando la lengua vulgar ya presentaba tantas diferencias con el latín (lengua de la cultura, de la liturgia y del derecho), que se hizo necesario explicar las palabras difícilmente comprensibles por medio de glosas (...) se pueden distinguir glosas interlineales y marginales. Se conservan algunos de estos textos primitivos con glosas; por ejemplo, en España, las *Glosas Silenses* y las *Glosas Emilianensis*. Señalemos de paso que aún en la actualidad se usan, en ciertos textos escolares escritos en lengua extranjera, glosas marginales para explicar al alumno palabras y giros difíciles. Cuando las glosas aparecen en forma alfabética o sistemática, al final de un texto, hablamos de 'glosario'. (Tradução nossa)

línguas faladas apresentavam-se tão diferentes do latim clássico, língua do direito, da igreja e da difusão do saber e da cultura, que a prática de fazer listas temáticas de palavras e explicá-las por meio de glosas tornou-se indispensável.” Em sua maioria, as glosas estavam organizadas alfabeticamente integrando os textos, eram adotadas na prática docente como ferramenta de consulta para “a decodificação e interpretação de textos em latim e grego nas escolas (Nunes, 2006, p. 47)”. Sua função era esclarecer, segundo Nunes (2006), “palavras difíceis” substituindo-as por “palavras fáceis ou do vernáculo.” Os glossários marcavam no texto o termo mais genérico e pretendiam, dessa maneira, facilitar aos leitores a compreensão dos textos.

Nos dias de hoje, essa diferenciação se mantém: no sentido primeiro, é comum encontrarmos glossário machadiano, de Guimarães Rosa, etc., os quais explicam o significado de palavras utilizadas por autores e que são de difícil compreensão. Já no sentido segundo, aqui no Brasil, seu uso se tornou mais frequente nas distintas áreas de especialidade, por exemplo: glossário de termos ecológicos, de termos químicos, do meio ambiente, de sintoma e dor; podendo ser monolíngue, bilíngue, plurilíngue, ademais de contar com um número limitado de termos. É na Idade Média que encontram-se os primeiros glossários especializados por áreas temáticas, de lá até os dias atuais, muitas mudanças ocorreram no formato desses repertórios, mas são necessários ora para buscar o significado de palavras na própria língua, ora em uma língua estrangeira.

Com o avanço da tecnologia o acesso ao acervo de termos especializados se popularizou através dos diferentes meios de divulgação científica; esse fato possibilitou a circulação desses termos em camadas da sociedade até então excluídas desses espaços, o que levou a uma maior inclusão de termos especializados nos dicionários de língua geral. Segundo Faulstich (2020, p. 15) esse fato é passível de observação “o vocabulário do *Dicionário Houaiss* contempla vocabulário amplo e abrange a terminologia atual do setor tecnológico e científico, assim como nomenclaturas atualizadas no campo da zoologia, botânica e anatomia.” Esses registros diatécnicos “indicam e explicitam as determinadas acepções de uma palavra que correspondem a seus usos técnicos ou científicos” (Bevilaqua, Finatto, 2006, p. 49). Embora a marca de uso especializado seja cada vez mais frequente em dicionários gerais, a produção e divulgação de dicionários e glossários especializados vêm em aumento, haja visto a interconexão fluída entre comunidade científica, meios de divulgação e público geral.

Segundo Barbosa (2001, p. 26), se levarmos em conta “o conjunto de obras terminográficas produzidas em épocas mais recentes, diríamos que não se tem muita clareza, quanto às fronteiras conceptuais, denominativas e definicionais dos tipos desses textos.” Não há um consenso em relação à terminologia das obras lexicográficas e terminográficas; alguns órgãos normalizadores as definem de uma maneira e outros diferem. Como exemplo, apresento algumas referências listadas e traduzidas pelo Grupo de Trabalho da Comissão de Estudo Especial Temporária de Terminologia (CEETT), instituído no contexto do IBICT/ABNT, mencionadas em Barbosa (2001):

6.2.1. Dicionário: Repertório estruturado de unidades lexicais contendo informações linguísticas sobre cada uma dessas unidades.

6.2.1.1. Dicionário terminológico (termo tolerado: dicionário técnico):

Dicionário (6.2.1) que compreende dados terminológicos (6.1.5) relativos a um ou a vários domínios (2.2) particulares.

6.2.1.1.1. Vocabulário: Dicionário terminológico (6.2.1.1) baseado num trabalho terminológico (8.2) que apresenta terminologia (5.1) de um domínio (2.2) particular ou de domínios (2.2) associados” (Norma ISO 1087 – Terminologia – Vocabulário, tradução de Guidi et al). (Barbosa, 2001, p. 27).

Esta mesma lista de definições de obras terminográficas, em tradução revista e comentada, foram redigidas da seguinte maneira:

6.2.1. Dicionário: repertório estruturado de unidades lexicais contendo informações linguísticas sobre cada uma dessas unidades.

6.2.1.1. Dicionário terminológico (termo tolerado: dicionário técnico): dicionário (6.2.1) que compreende dados terminológicos (6.1.5) relativos a uma ou várias áreas (2.2).

6.2.1.1.1. Glossário (termo tolerado: vocabulário): dicionário terminológico (6.2.1.1) baseado num trabalho terminológico (8.2) que apresenta a terminologia (5.1) de um domínio (2.3) ou de subdomínios (2.4) ou de vários domínios associados” (Norma ISO 1087 – Terminologia – Vocabulário, revisão conceitual/denominativa por Alves et al) (Barbosa, 2001, p. 28).

Reconhece-se, no acima exposto, uma variação denominativa no tocante aos repertórios terminográficos, que ora são denominados como dicionários, ora como glossários, ora como vocabulários, não havendo um consenso sobre o que diferencia uma obra da outra. Em traços gerais, o que distingue dicionários de glossários, é que os segundos não têm uma pretensão exaustiva de coleta de termos, ademais de tratarem apenas da terminologia de um domínio específico (Krieger; Finatto, 2004). Portanto, depreende-se que os glossários são obras de uma área específica que auxiliam na sistematização do conhecimento de domínios científicos, ademais, de facilitar a divulgação e popularização desse corpo de conhecimentos.

Faulstich (1995) ao discorrer sobre o tema, concebe as obras de recopilação de termos especializados, do ponto de vista da Socioterminologia e as delimita e denomina da seguinte forma:

- 8.13. vocabulário: Repertório que inventaria os termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por esses termos por meio de definições ou de ilustrações.
- 8.21.1. glossário: Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas (...)
- 8.21.2. Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência
- 8.21.3. Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência (Faulstich, 1995, p. 6).

Nota-se que as fronteiras entre um tipo de repertório terminográfico e outro são um tanto quanto difusas; portanto, para os fins do produto final que esta pesquisa se propõe a criar, nos atemos à definição **8.21.2.** de Faulstich (1995). Acreditamos que a ordem alfabética seja a mais indicada para nosso público-alvo, uma vez que é a forma canonizada das obras lexicográficas e, por isso, estão familiarizados com essa tipologia e, conseqüentemente, a consulta é mais rápida e eficaz.

Hoje, os glossários continuam mantendo sua original particularidade de esclarecer palavras, termos e expressões pouco conhecidas, seja por serem de natureza científica, técnica, regional ou de outra língua, seja por estarem focalizados a uma área específica do saber. A produção e divulgação de dicionários e glossários especializados vêm em aumento, pois auxiliam e preenchem lacunas na formação de técnicos das mais distintas áreas, de tradutores e do público leigo que têm necessidade de compreender a linguagem especializada para poder se comunicar melhor e ser atendido em suas reais necessidades. O glossário que nos propomos a elaborar é de natureza bilíngue, para tanto, na próxima sessão, discorreremos sobre as peculiaridades desse tipo de repertório.

#### **2.4.1 Repertórios bilíngues**

Segundo Welker (2004), os sumérios, babilônios e egípcios organizavam listas de palavras bilíngues em ordem alfabética e desde a antiguidade clássica até a Idade Média, há registros dessas listas de palavras e de glossários bilíngues. A prática de elaborar listas de palavras temáticas bilíngues se propagou como as ondas do mar; estas, em sua maioria, estavam vinculadas a um campo de atividades: botânica —ervas e especiarias—, profissão, instrumentos bélicos, etc. O período medieval é reconhecido por sua intensa atividade lexicográfica, com destaque especial para os glossários.

Os repertórios bilíngues surgem da necessidade de suprir as falhas comunicacionais entre povos com línguas diferentes advindas de interações em espaços distintos como discursos diplomáticos, comerciais e religiosos. Biderman (1984) salienta o caráter prático e instrumental dessas obras, em sua maioria, direcionadas à explicação de palavras estrangeiras por meio de paráfrases ou sinônimos na língua materna dos povos locais.

Assim, ao longo do tempo, as obras bilíngues foram suprimindo as necessidades de comunicação entre os povos - quer seja por razões comerciais, diplomáticas, etc., quer seja por aprendizagem – em princípio eram feitas artesanalmente até o surgimento da imprensa. Com o passar do tempo e com o aumento da tecnologia, atualmente encontramos no mercado obras lexicográficas impressas, digitais e on-line.

As obras bilíngues, ao lidarem com dois códigos linguísticos, implicam uma complexidade que vai além do cotejo entre essas duas línguas, “[...] é principalmente o motivo pelo qual as línguas são postas em contato [...] (Faulstich, 2021, p. 5)”; é para a tradução? é para a aprendizagem? é por trabalho? é para a comunicação em geral? Essas questões balizam as escolhas do termo equivalente na língua-alvo, pois cada uma contempla aspectos diferenciados que precisam ser considerados no momento da produção de repertórios bilíngue, os quais confrontarão “dois sistemas linguísticos e, notadamente, dois sistemas lexicais (Faulstich, 2021, p. 6)”, cujo propósito é de suprir as necessidades elucidativas e comunicativas de seus usuários.

Segundo Gómez González - Jover (2006) há vários tipos de obras lexicográficas bilíngues, cada uma delas é elaborada tendo em vista seus usuários, as razões que levaram a sua feitura e posterior consulta e o número de línguas que são postas em conexão, por isso, há alguns tipos de produtos bilíngues. De acordo ao referido autor, pode-se encontrar obras como:

- Monolíngue com equivalências
- Bilíngue
- Bilíngue monodirecional
- Bilíngue bidirecional
- Bilingualizado
- Plurilíngue

Como já mencionado, o dicionário bilíngue é um recurso que conecta o vocabulário de duas línguas por meio de palavras equivalentes. Ele é utilizado tanto para a criação de textos —escritos e orais— quanto para a interpretação de textos em uma língua estrangeira.

Geralmente, apresenta exemplos de uso, detalhes gramaticais, pronúncia e algumas notas adicionais, mas nem sempre oferece informações detalhadas sobre o significado das palavras.

Ademais, o dicionário bilíngue pode ser dividido em duas categorias: monodirecional e bidirecional. O monodirecional é bastante parecido com o dicionário monolíngue que oferece equivalências, pois não permite a busca de informações nos dois sentidos. Por outro lado, o dicionário bilíngue bidirecional é o mais comum e permite a consulta em ambas as direções, com as informações apresentadas tendo o mesmo valor de verdade nas duas línguas.

O dicionário bilingualizado está baseado em outro dicionário prévio monolíngue para adaptar, por meio da tradução parcial ou total, as informações de cada entrada, principalmente a definição.

Mantém as entradas e exemplos de uso como no dicionário monolíngue e adicionam uma tradução na outra língua materna do usuário, para facilitar a compreensão. Este tipo de dicionário é conhecido também como *bridge* (ponte, em inglês), muito apropriado para tradutores ou estudantes de línguas estrangeiras, os quais, ao não conhecerem o significado de uma palavra, não precisam obrigatoriamente consultar o dicionário monolíngue. (Pascua Vílchez, 2014, p.149)

Depreende-se que a tipologia dos diferentes dicionários bilíngues se aplica também às obras terminográficas, assim, nossa obra se adequa tipologicamente a obras bilíngues derivadas de uma monolíngue:

Para nomear tal critério de classificação com um pouco mais de clareza, sugiro “forma de concepção da obra”, com as possibilidades: original ou derivada. A original é a concepção em primeira versão, a derivada é a concebida a partir de uma obra já existente, com adaptações específicas para determinados fins. (Pascua Vílchez, 2014, p.150)

No que concerne ao nosso glossário de termos da dor, tipologicamente é bilingualizado original e derivado. O texto da definição em espanhol é original, já a definição em português é derivada —traduzida a partir da definição elaborada pela autora em espanhol— com base em consultas a bibliografia da temática e adaptadas às necessidades do público-alvo. Essas adaptações visam tornar o texto da definição mais claro e acessível para o público-alvo para que as condições de verdade do texto definitório sejam semelhantes em ambas as línguas. Por isso, optamos pela tradução ao português do texto da definição.

Creemos que isso ajudará o consultante a ter acesso rapidamente a informação que necessita para falar de suas dores aos profissionais de saúde brasileiros.

No tocante às definições terminológicas, Finatto (2014) considera importante coadunar as teorias linguísticas e terminológicas a fim de se obter a definição dos termos, visto que essa prática possibilita a elaboração de repertórios qualificado. A autora argumenta que esse tipo de obra:

[...] lida com a descrição de propriedades linguísticas, conceituais e pragmáticas das unidades terminológicas em uma ou mais línguas, visando à produção de obras de referência, tais como dicionários, glossários ou vocabulários, tanto em formato impresso quanto eletrônico, como também bases de dados terminológicas, bases de conhecimento especializado (Finatto, 2014, p. 248).

No que se refere aos repertórios bilíngues Durão e Werner (2012) os classificam em dois grupos: os que têm um caráter didático —estão voltados para a aprendizagem de uma língua estrangeira—, e os que estão direcionados à consulta para solucionar problemas de recepção ou de produção de textos orais e escritos. Cada uma das duas vertentes tem sua metodologia e seus métodos de elaboração dos respectivos repertórios. Nosso repertório se classifica no segundo grupo; é um glossário bilíngue que tem por objetivo solucionar os entraves comunicacionais, tanto de produção como de recepção, entre os migrantes hispanos da cidade de Brasília em particular e do Brasil em geral, visto que:

Todos esses sujeitos têm necessidades terminológicas diversas e processam a informação obtida de maneira diferente em função de saberes prévios e experiências variadas que constituem seu perfil. Todos eles poderiam se beneficiar de um recurso [...] que contivesse informações sobre características, funções e aspectos relevantes para a construção e entendimento do significado dos termos relacionados a suas necessidades (Bocorny; Rebechi; Kilian; 2022, p. 127).

No tocante a obra terminográfica que nos propomos elaborar —Glossário de termos da dor/ Glos-Dol— teremos em conta o público-alvo —migrantes venezuelanos— em cada etapa de sua produção, ou seja, em sua macroestrutura e microestrutura, portanto, buscamos que a informação transmitida na definição de cada termo-entrada seja simples, clara e direta.

#### **2.4.2 A equivalência em glossários bilíngues**

Entendemos que a feitura de um repertório bilíngue é importante para garantir o direito de atenção à saúde e o direito a um diagnóstico preciso por parte dos migrantes hispanos; portanto, a busca pelo termo equivalente é outro desafio a vencer, pois é sabido

que esta é uma questão bastante complexa tendo em vista que cada língua-cultura faz um recorte da realidade e a categoriza de acordo com seus valores culturais e sociais.

Há autores que consideram a equivalência como “um tipo de definição”, outros a consideram como “sinônimos, mas na outra língua” [...] (WELKER, 2004, p. 194). Eis a questão, como encontrar o equivalente adequado ao contexto específico? O autor aconselha como primeiro passo usar o conhecimento prévio que se tem da L2 e, seguidamente, corroborá-lo com pesquisa em textos similares na L2, pois cada termo pode assumir diferentes significados de acordo com o contexto de uso. A título de exemplo, vejamos como o termo *sintoma* é definido nos dicionários de português e espanhol, respectivamente:

### **sintoma**

substantivo masculino

- 1 MED; ant. acidente produzido pela doença, do qual se tira algum presságio ou consequência sobre o seu curativo e esperanças dele
  - 2 MED fenômeno subjetivo (dor, malestar etc.) referido por um paciente acerca da sua doença, freq. us. para estabelecer o seu diagnóstico
  - 2.1 MED em sentido lato, manifestação de alteração orgânica ou funcional
  - 3 PSICN manifestação de conflito psicológico
  - 4 ALT mal súbito
  - 5 p.ext. indicação da existência de (algo); indício, sinal
- [...] (HOUAISS, 2009)

Agora, observemos como o mesmo termo é definido no dicionário da língua castelhana:

### **síntoma**

Del lat. tardío *symptōma*, y este del gr. *σύμπτωμα* *symptōma*.

1. m. Manifestación reveladora de una enfermedad.
2. m. Señal o indicio de algo que está sucediendo o va a suceder. (DRAE, 2016)

O dicionário Houaiss contempla cinco (5) acepções do termo ‘sintoma’ e todas têm a marca de especialidade; uma (1) tem a marca de extensão de significado do termo. Por outro, lado o dicionário da *Real Academia Española* registra duas (2) acepções para a entrada ‘*síntoma*’, contudo, sem a marca de especialidade; a primeira pertence, claramente, a grande área de especialidade “MED”, porém não registra as nuances de significado que os diferentes domínios da área possam lhe atribuir como o dicionário Houaiss o faz; na segunda acepção se registra o significado do termo expandido, porém sem essa marca, como o dicionário em português o faz. Assim, fica evidente que a busca e escolha do termo equivalente não é uma questão simples; pelo contrário, exige pesquisa minuciosa das nuances de significados e culturais que cada termo carrega.

O desafio da equivalência ou correspondência<sup>25</sup> —de acordo com Linguística Contrastiva— é explicitado por Hartman (2007, p.15) que recorre a Zgusta (1971, p.294), quem desenvolveu a conhecida ideia de “**aisomorfismo**” semântico e cultural, fato que conduziu a pesquisas mais focadas a essa questão na Lexicologia Contrastiva. A fim de entender melhor esse conceito, recorreremos ao dicionário que nos informa o significado de isomorfismo, para dali depreender o significado e *aisomorfismo*:

**isomorfismo**

n.m.

MIN. propriedade de dois ou vários corpos de igual constituição química terem formas cristalinas análogas

MAT. correspondência bijetiva entre os elementos de duas estruturas que preserva as operações de ambos

BIO. semelhança na forma e na aparência entre seres de raças ou de espécies diferentes

FIL. semelhança entre formas que permite relação de correspondência.<sup>26</sup>

Das quatro acepções que o dicionário oferece, todas têm a marca de área de especialidade, porém a que melhor se adequa a esta discussão é a quarta, a da filosofia: “semelhança entre formas que permite relação de correspondência”, e, nesse sentido, o que Zgusta (1971, *apud* Hartmann, 2007) quer significar ao utilizar o termo **aisomorfismo**<sup>27</sup> é que é praticamente impossível haver uma correspondência semântico-cultural completa.

Budny, 2016, ao discorrer sobre a problemática da equivalência recorre a autores como Snell-Hornby (1983), Hartmann (2007), os quais se debruçaram no estudo da lexicologia bilíngue e advertem que não devemos confiar “na ilusão de equivalência entre lexemas, mas na percepção de que a cobertura parcial e a não equivalência são uma realidade da comparação interlinguística” (Budny, 2016, p.11). Diante da complexidade do que é a língua, e, sabendo que cada língua cultura faz um recorte da realidade único, só nos resta aceitar que a correspondência total entre lexemas e termos de línguas diferentes, beira o impossível, contudo, o impossível às vezes acontece.

Segundo Welker (2004), apesar de a prática lexicográfica bilíngue ser muito antiga, ela não conta com um grande acervo de pesquisas, visto que difere em poucos aspectos da lexicografia monolíngue. Um dos aspectos diferenciadores é a questão da equivalência.

---

<sup>25</sup> Termo utilizado por pesquisadores da linguística contrastiva bilíngue.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/isomorfismo> Acesso: 01/Ago. 2024.

<sup>27</sup> pref. de orig. gr. com a acp. de 'privação, negação' (Houaiss, 2009)

(Welker, 2004). O autor cita alguns teóricos que abordam a problemática das obras bilíngues, dentre eles “Al-Kasimi (1997), Kromann et al. (1984), Métrich (1993), Carvalho (2001), Welker (2003) [...]”. A tese de Carvalho —mais exatamente, o seu segundo capítulo— é, portanto, o primeiro trabalho brasileiro a oferecer uma visão geral da lexicografia bilíngue” (Welker, 2004, p. 193).

Carvalho (2001) desenvolve uma pesquisa robusta sobre a lexicologia bilíngue; em seus estudos sobre a equivalência, a autora sugere uma gradação que vai desde a equivalência total até nenhuma equivalência:

- 1) equivalência total entre o lexema AL1 e o lexemaBL2 (= “congruência”, “mono-equivalência”): oxigênio → ingl. Oxygen, orquídea → ingl. Orchid (em geral, são termos técnicos ou lexemas que designam objetos muito específicos, como orquídea);
- 2) relação “divergente”: um único lexema (com vários sememas) na L1 → vários lexemas na L2; firma → ingl. Firm, signature; flor → ingl. Flower, blossom, bloom;
- 3) relação “convergente”: dois ou mais lexemas na L1 → um único lexema (polissêmico) na L2; veja os exemplos no parágrafo anterior em sentido inverso; nesse caso, o dicionário tem que indicar em que acepção o lexema da L2 é usado; ingl. Finger → dedo (da mão), toe → dedo (do pé);
- 4) relação “multivergente”: combinação da divergência e da convergência; é a relação mais comum; flor → ingl. flower, blossom, bloom; ingl. bloom → flor, florescência, frescor, beleza θ ausência de equivalência; ocorre sobretudo nas seguintes áreas: atividades e festividades, vestuário, utensílios, fatos históricos, comidas e bebidas, religião, educação e áreas especializadas;
- 5) ausência de equivalência: Há, porém, um outro tipo de situação, em que o item só faz parte do universo real do falante da língua-fonte e, portanto, só possui expressão lexical nessa língua. Essa situação, associada a elementos culturais específicos de uma sociedade, não é tão incomum entre duas línguas e percorre os mais diversos campos semânticos, aparecendo, sobretudo, nas seguintes áreas: (a) atividades e festividades, (b) vestuário, (c) utensílios, (d) fatos históricos, (e) comidas e bebidas, (f) religião, (g) educação e áreas especializadas (Schorr, 1986: p. 56-60 *apud* Carvalho 2001, p. 117).

Para este último caso, Carvalho (2001), com base em Schnorr, propõe as seguintes alternativas para se encontrar um correspondente que se aproxime ao universo da L2, são eles: empréstimo, seguido de explicação; decalque (tradução cópia); item lexical análogo e a paráfrase. Scholze-Stubenrecht (1995) indica outros tipos de correspondência, entre os quais destaca a semântica como a mais importante. Além disso, lista outras categorias, das quais salientaremos aquelas que estão em sintonia com esta pesquisa:

- a estilística (mesmo registro);
- a pragmática (o equivalente deve poder ser usado nas mesmas situações de comunicação);
- a terminológica (um termo técnico deve ser traduzido por um termo técnico na L2);
- a contextual (o equivalente deve poder ser usado nos mesmos co(n)textos);

- a metafórica (uma metáfora deve ser traduzida por uma metáfora); (Scholze-Stubenrecht, 1995, *apud* Welker, 2004).

Por outro lado, a LC não discute diretamente o fenômeno de equivalência entre línguas; no entanto, discorre sobre a potencialidade universal das metáforas conceptuais baseadas em experiências corpóreas. Kövecses (2005) fez um estudo exaustivo sobre as metáforas da emoção e sua conceptualização em diferentes línguas e constatou que algumas metáforas conceptuais são encontradas em línguas bem distantes como o inglês, o húngaro e o mandarim. As metáforas FELICIDADE É PRA CIMA, FELICIDADE É LUZ, FELICIDADE É UM FLUÍDO EM UM RECIPIENTE, foram encontradas no inglês (KÖVECSES, 2005) e no mandarim (YU, 1995, 1998). Kövecses explora esse fenômeno por meio de três hipóteses: (i) aconteceria por acaso; (ii) seriam empréstimos linguísticos metafóricos; e (iii) a possibilidade de uma motivação universal para as metáforas surgirem em diferentes culturas. Ele defende a terceira hipótese como a mais plausível, argumentando que as metáforas são motivadas por correlações fundamentadas na experiência corporal. Dessa forma, as experiências humanas básicas, compartilhadas universalmente, proporcionam um terreno comum para o surgimento de metáforas semelhantes em diversas línguas e culturas, reforçando a ideia de que há um substrato cognitivo universal que orienta sua criação e entendimento.

Embora a correspondência de metáforas conceptuais decorrentes de vivências corporais tenha sido evidenciada em diferentes línguas pela Linguística Cognitiva, reconhece-se que a conceptualização pode variar entre línguas e culturas distintas. Comprovou-se que esse mecanismo cognitivo não se baseia apenas em experiências corpóreas, mas também em modelos culturais e contextos situacionais, embora tenha suas raízes, em grande medida, na fisiologia universal; assim, depreende-se que falantes de línguas diferentes conceptualizam suas experiências de acordo com seus modelos culturais, o que abre espaço para que a possibilidade de variação cultural metafórica aconteça (Kövecses, 2000).

O autor em questão, ao investigar a variação cultural de metáforas em diferentes línguas, observa que essa variação pode ocorrer devido ao fato de um conceito apresentar diferentes metáforas conceptuais em sua base e exemplifica com o conceito de FELICIDADE no inglês e no mandarim, apesar de o conceito de FELICIDADE ser representado por algumas metáforas semelhantes em inglês e mandarim, há diferenças culturais que resultam em metáforas exclusivas de cada língua. No inglês, uma das metáforas utilizadas é FELICIDADE É ESTAR FORA DO CHÃO que não encontra correspondente

no mandarim, por outro lado, no mandarim está a metáfora conceptual FELICIDADE É FLOR NO CORAÇÃO, que não existe no inglês. “A metáfora chinesa refletiria o caráter mais introvertido daquela cultura e a metáfora inglesa revelaria o caráter relativamente mais extrovertido da cultura estadunidense” (Abreu, 2015, p.63).

São dois cenários em que pode ocorrer variação metafórica: o primeiro é o mencionado anteriormente e o segundo ocorre quando um conceito com as mesmas metáforas conceptuais é compartilhado por duas línguas ou culturas, mas seus falantes escolhem determinadas metáforas em lugar de outras; pode haver então variação metafórica cultural. O autor exemplifica com o conceito VIDA no inglês estadunidense e no húngaro. Os mapeamentos preferidos pelos falantes do inglês são VIDA É UMA POSSE PRECIOSA e VIDA É UM JOGO. Por outro lado, os falantes do húngaro preferem os mapeamentos VIDA É UMA LUTA e VIDA É UM ACORDO. Essas escolhas sinalizam distintas concepções de vida demonstradas por estadunidenses e por húngaros, passíveis de serem comprovadas nas diferentes escolhas de expressões metafóricas que cada cultura faz (Kövecses, 2005).

Dessa forma, por nosso corpus revelar um número importante de termos metafóricos, nos pareceu importante apresentar os estudos culturais sobre as metáforas conceptuais desenvolvidos por Kövecses, nos quais se constatou que as escolhas metafóricas são, geralmente, de ordem cultural, pois é nesse espaço que se encontra a visão de mundo e o recorte que cada cultura faz da realidade percebida.

Tendo em vista a complexidade da lexicologia bilíngue, nos basearemos nas propostas de Carvalho (2001), de Scholze-Stubenrecht (1995), sobre a equivalência, além dos estudos de Kövecses (2000, 2005) sobre a metáfora conceptual sob o viés cultural. Estes pressupostos nortearão nossa busca pelo termo correspondente na L2, que neste estudo é o português. Analisaremos no caso do par de línguas espanhol-português a correspondência mais adequada a cada termo do domínio da saúde, da categoria sintoma e dor.

#### **2.4.3 O glossário e a adequação ao público-alvo**

O glossário como ferramenta elucidativa atinge seu objetivo, no momento em que adapta a linguagem utilizada para que seja compreensível e acessível ao público-alvo. Essa adequação vincula-se ao uso de terminologias e definições que sejam relevantes e pertinentes ao contexto no qual a obra circulará, migrantes hispanófonos. Isso inclui considerar o nível

de conhecimento e familiaridade dos consulentes com o assunto abordado, bem com o uso de uma linguagem clara, concisa e precisa. Cabré (1993) argumenta que:

[...] todo trabalho terminológico sobre um tema determinado deve levar em conta seu público-alvo. [...] Um público pouco especializado requer um tipo de trabalho ágil, de leitura e consulta fáceis; por outro lado, um público altamente especializado rejeitaria uma obra com informação excessivamente básica ou muito redundante (Cabré, 1993, p. 293).

Considerando as necessidades comunicacionais de nosso público-alvo, nos propusemos a adotar uma linguagem de acordo a suas demandas para que o glossário seja efetivo como ferramenta de intercomunicação. Para tanto, nos ateremos ao que as autoras supracitadas ressaltam como importante para a elaboração da definição terminológica; nos propomos a realizar essa tarefa fazendo um levantamento minucioso em: (i) artigos científicos, dissertações e teses na área da saúde; (ii) sites que versam sobre sintomas/ dores; (iii) dicionários de língua geral e especializada. Foram coletados os contextos definitórios que esclarecem a construção de uma definição socioterminológica, com o fim de apreender o significado da unidade terminológica e, desta maneira, assegurar uma definição que possibilite ao consulente —migrantes hispanófonos— obter uma compreensão satisfatória do significado do termo e de seu uso adequado ao contexto discursivo. Faulstich (1995b, p. 35) declara que “identificar o consulente é o primeiro passo de um trabalho terminográfico, pois determina a estrutura e o tipo de obra que será elaborada.” Tendo isso em vista, é importante não esquecermos que, para que o glossário atinja seu objetivo de intercomunicação, precisa dar conta das exigências dos consulentes, já que cada público tem interesses particulares, portanto:

nas boas práticas terminográficas, a adequação do trabalho terminológico às condições específicas de cada situação indispensável para assegurar o êxito de um dicionário, entendendo neste caso como êxito a possibilidade de seu uso como ferramenta habitual de consulta (Estopà, 2014, p. 576).

Na nossa perspectiva, falar sobre a adequação do glossário para um público específico, é chamar a atenção para a seleção dos textos a serem consultados para elaborar as definições, que é o principal elemento do glossário, pois é por meio dessas definições que os consulentes compreendem o significado dos termos. Portanto, tanto para a apresentação da estrutura geral do glossário —a macroestrutura— quanto os detalhes específicos de cada entrada —a microestrutura— é de suma importância escolher as palavras apropriadas para alcançar a efetividade e aceitação por parte dos usuários.

Acreditamos que a elaboração desse repertório de estrutura bilíngue e socioterminográfica é fundamental para que os migrantes hispanófonos possam compreender a natureza de suas dolências, e assim, comunicá-las com mais propriedade aos seus interlocutores brasileiros.

### **2.4.3 O Termo entrada e a definição na perspectiva teórica**

Consideramos que o termo entrada é a unidade linguística que representa um conceito, é a expressão terminológica na linguagem de especialidade, Lima (2010), ao discorrer sobre o tema, argumenta que:

Denominação e definição estão ligadas por uma relação sinonímica, mas a definição se distingue da denominação pelo fato de aquela, por meio da paráfrase, descrever, explicar (ou seja, decodificar) o conceito (ou conceitos) contido(s) na denominação. Ambas se distinguem do conceito, pois este é uma unidade do conhecimento, que pode ser expressa tanto por signos linguísticos quanto por signos não-linguísticos (como fórmulas, iconografias, símbolos etc. (Lima, 2010, p. 75).

É importante ressaltar que apesar de a denominação, a definição e o conceito estarem intrinsecamente ligados, não se confundem, cada um cumpre seu papel no jogo de representações e significações conceituais. A elaboração da definição do termo é uma etapa de análise e discriminação minuciosa, visto que a dor e os sintomas são difíceis de traduzi-los em palavras, pois estão no campo das sensações e impressões que cada pessoa sente e que se manifesta de forma particular e única cada vez que se apresenta, quer seja na mesma pessoa, quer não seja. Por isso, cremos que elaborar as definições em espanhol é deveras relevante para que os migrantes possam primeiramente interpretar bem seus sintomas, dar-lhe nome e, secundamente, encontrar o termo equivalente em português para comunicá-lo corretamente ao profissional da saúde.

A definição, quer seja em dicionários de língua geral, quer seja em glossários de linguagem especializada, requer precisão, objetividade e clareza na decodificação do conceito. Finatto (1998), ao se posicionar em relação à definição terminológica, esclarece que:

podemos considerar que a definição terminológica é o lugar de encontro entre o aspecto conceptual e o linguístico, uma vez que o texto da definição tem a função de descrever as características que delimitam um conceito e a função de particulariza-lo num determinado sistema conceptual ou domínio (Finatto, 1998, p. 212).

O texto da definição é encontro entre ausência e presença, ausência da coisa em si, porém representada por meio da linguagem; é por meio da definição linguística que se compreende o conceito, então a definição é o resultado da relação entre conceito e significante, entre o abstrato e o concreto, entre presença na ausência (Bessé, 1997).

Temmerman (2000) sugere que a definição siga uma estrutura prototípica na qual a categoria se organiza mentalmente a partir de um padrão de compreensão formado por distintos módulos de informação, mais ou menos essencial, em função da unidade de compreensão. Estabelece que “a informação essencial para a definição de uma unidade de compreensão poderá variar em função do seu tipo e do nível de especialização do emissor e do receptor na comunicação especializada” (Temmerman, 2000, p. 226). Por sua parte, Finatto (2002) ressalta pontos importantes referentes à elaboração das definições terminológicas e assinala que:

Entre diferentes tipos de definição, a definição terminológica (doravante DT) se particulariza por ser o enunciado-texto que dá conta de significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência. Nesse caso, *grosso modo*, definir equivale a expressar um determinado saber, uma porção de conhecimento especializado. Esse enunciado envolve, portanto, uma representação conceitual particular, vinculada a um saber técnico, científico ou tecnológico (Finatto, 2002, p. 74).

Assim sendo, depreende-se que a definição terminológica coaduna tanto o aspecto conceitual quanto o linguístico, haja vista que “o texto da definição tem a função de descrever as características que delimitam um conceito e a função de particularizá-lo num determinado sistema conceptual ou domínio” (Finatto, 1998, p. 212).

Pearson, 2004, ao se posicionar sobre a definição terminológica, ressalta a importância da pesquisa em textos especializados —artigos acadêmicos, textos de divulgação científica, sites da área— para identificar os termos e o contexto no qual eles ocorrem, os quais oferecem informação do conceito ao qual se referem. Se os textos forem dirigidos à comunidade científica, haverá descrições mais abstratas, porém, se os textos forem de divulgação científica —aqueles que compartilham informações, pesquisas e conceitos a um público leigo— utilizará mais exemplos, comparações e explicações, ou seja, será menos abstrato e contará com uma densidade de elementos definitórios mais elevada. A autora afirma que a relação entre o autor e leitor balizará a quantidade de explicações a serem fornecidas nos textos (Pearson, 2004).

Para os fins do produto final desta pesquisa, *Glosario de términos del dolor* GLOS-DOL – Glossário de termos da dor GLOS-DOR, buscamos que o texto da definição fosse

claro, conciso e simples, para ser entendido pelos migrantes —público leigo— e pelos profissionais da saúde —público técnico— considerando as características narrativas do nosso público-alvo e da prosa científica.

Neste capítulo apresentamos as principais escolas terminológicas com seus paradigmas e sua evolução de disciplina lógico-prescritiva a disciplina linguístico-descritiva. Assumimos que os termos são unidades léxicas especializadas que participam de todos os fenômenos que atravessam as línguas, tais como, formação de termos, variação e variantes que dependem do contexto e do discurso nos quais ocorrem, metaforização, etc. Reconhecemos que há um *continuum* terminológico que se estende dos domínios mais especializados ao mais amplo, porém mantendo nesse *continuum* as características de lexias especializadas, pois pertencem a certos domínios científicos e/ou técnicos. Ademais, foi apresentada a questão teórica da elaboração de obras terminográfica, com ênfase na bilíngue, visto que o produto final desta pesquisa é a confecção de um glossário bilíngue de termos álgicos, que denominamos Glos-DoL/Glos-Dor.

## CAPÍTULO 3 – VEREDAS METODOLÓGICAS

*“nada pode ser intelectualmente um problema se antes não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.”*  
Minayo (2010)

Neste capítulo descrevemos a metodologia qualitativa empregada para examinar as dificuldades linguísticas enfrentadas por migrantes venezuelanos na expressão de suas dores. Optou-se por uma abordagem qualitativa devido à sua capacidade de capturar as experiências subjetivas e complexas dos participantes, essenciais para compreender as barreiras linguísticas e culturais no contexto da saúde. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com migrantes venezuelanos, permitindo, dessa maneira, explorar suas percepções e vivências. A análise terminológica foi utilizada para registrar os termos recorrentes que fornecem um entendimento dos desafios enfrentados por esta população ao buscar atendimento médico.

### 3.1 Abordagem e natureza da pesquisa

Ao nos dispormos a observar um determinado recorte da realidade, abre-se um caminho de descobertas a serem exploradas. Por mais que tenha que se ter um plano a seguir, há que se estar aberto ao imponderável que emerge do trabalho de campo, na pesquisa aprendemos a (re)considerar, a ter os sentidos e a cognição aguçados a fim de encontrar a melhor maneira de analisar os dados que emergem da realidade observada, sempre em movimento, em (trans)formação, que não se exaure. Assim sendo, qual metodologia propor para analisar dois universos linguístico-culturais distintos que são traçados por linhas visíveis e invisíveis nos movimentos migratórios? Dentre as fronteiras que os migrantes atravessam até chegar ao seu destino, a língua é sem dúvida uma das mais complexas, porque é um sistema simbólico que carrega a visão de mundo da pessoa. É sobre essa fronteira que nos debruçamos, na busca de respostas às perguntas que orientam este estudo.

Minayo (2021, p. 14) ao discorrer sobre metodologias de pesquisa, afirma que esta “inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade)”. Considerando esta tríade metodológica entre teoria, prática e criatividade na coleta dos dados, optamos pela

metodologia de pesquisa qualitativa, pois é a que melhor coadjuva com os objetivos desta pesquisa e proporciona um balanço flexível entre teoria e prática.

Segundo Braga (1988), essa perspectiva de pesquisa viabiliza o estudo de fenômenos sociais e humanos, amplia a legitimidade dos temas estudados e analisa os microprocessos, apreendendo as ações sociais desde o interior desses fenômenos. É uma metodologia que se opõe aos modos tradicionais de manipular os problemas da estrutura social, compreendendo a realidade a partir de um viés interativo, em que a narrativa é um ponto importante a se considerar, pois é através dos relatos dos agentes que os significados vão se tecendo palavra a palavra, silêncio a silêncio.

Concordamos com Minayo ao afirmar que o fazer científico articula teoria método e técnicas e os três se articulam e se complementam, pois “o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta de dados.” (2012, p. 2) A qualidade de uma análise depende também da arte, da experiência e da capacidade de aprofundamento do investigador que imprime seu tom e som ao trabalho que elabora.

Esta investigação enquadra-se no âmbito dos estudos sobre direitos humanos e ética. Como já foi mencionado na Introdução, o projeto foi submetido à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (CONEP), recebendo a aprovação em 17 de junho de 2021, sob o protocolo nº 44159121.0.0000.5540. Acatamos a preconização da resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde que prescreve os aspectos éticos da pesquisa que envolve seres humanos, dentre os quais observo e realço os seguintes pontos:

A eticidade da pesquisa implica:

- a) respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos riscos;
- c) garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- d) relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (Conselho Nacional de Saúde, 2012).

Buscamos em todo momento harmonizar os objetivos da pesquisa com as condições especificadas pelo Comitê de Ética. Para garantir a livre expressão dos entrevistados, desde o começo estabelecemos um canal de comunicação aberto e responsável. No primeiro

contato com os migrantes, apresentamos a natureza da pesquisa, assim como seus objetivos e lhes perguntamos se desejariam participar e colaborar com a pesquisa. Logo após, solicitamos a autorização para o trabalho de investigação mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.<sup>28</sup> A eles lhes foi dada a garantia de que a informação que compartilhassem seria analisada com cuidado ético e científico, pois cremos que “na realidade histórica de seu devir, o procedimento científico é, ao mesmo tempo, aquisição de um saber, aperfeiçoamento de uma metodologia, elaboração de uma norma” (Bruyne, 1995, p. 16).

### **3.1.1 Contexto migratório de venezuelanos**

O ser humano transita desde os primórdios da humanidade e sempre seguirá a percorrer novos caminhos, enquanto houver motivação e necessidade para isso, portanto, a transitoriedade, o dinamismo e a especificidade são características de qualquer questão social, quando combinados, esses três conceitos permitem uma compreensão mais holística do fenômeno estudado. A transitoriedade e o dinamismo garantem que a pesquisa considere a natureza fluida e evolutiva das experiências dos migrantes, enquanto a especificidade assegura que as particularidades individuais não sejam perdidas na análise. No caso deste estudo, a questão social que nos convoca é a migração de venezuelanos para o Brasil, escolha dessa comunidade específica se deve à presença significativa de sujeitos dessa nacionalidade em território brasileiro. A migração de venezuelanos para o Brasil, é de longa data, mas nos últimos anos tem havido um aumento do fluxo migratório devido às assimetrias das relações socioeconômicas que a Venezuela atravessa. De acordo com os dados do ObMigra, atualmente o fluxo migratório de venezuelanos é o maior no país, portanto, essa circunstância socialmente condicionada de migrantes e refugiados que se encontram residindo em Brasília (DF), é nosso público-alvo.

Apesar de venezuelanos e brasileiros compartilharem o gentílico de latino-americanos, concordamos com Minayo (2021, p. 13) que “cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras.” Ambos os países se localizam na América do Sul com histórias semelhantes de colonização europeia - espanhóis e portugueses -, que enfrentam os mesmos desafios de pertencerem a

---

<sup>28</sup> Anexo B

países do “sul global”<sup>29</sup>, ricos em matéria prima, porém pobres economicamente, herança de seu passado comum de países que lutaram “pela emancipação do jugo colonial, afirmação da independência política e busca pela emancipação da jovem América do Sul” (Gehre, 2010, p. 28). O que os diferencia é, entre outras coisas, a língua, que como sistema simbólico cultural orienta a construção das subjetividades e da idiosincrasia de um povo. A Venezuela, ao ser colonizada por espanhóis, tem como língua oficial o espanhol, já o Brasil, ao ser colonizado por portugueses, tem como língua oficial o português, daí a necessidade de elaborar um repertório que contemple as dificuldades comunicacionais da comunidade de migrantes venezuelanos, especificamente no quesito atendimento na atenção à saúde.

Considerando o movimento global migratório, e o particular - migração de venezuelanos - a seguir descreveremos um dos destinos que essas pessoas “escolhem” para seguir na luta do diário (sobre)viver: Brasília, capital do Brasil, localizada no Planalto Central, coração do Brasil.

Brasil e Venezuela são países vizinhos, sul-americanos, que compartilham uma fronteira de 2.199 km, linha divisória que, em sua maioria, está localizada em áreas remotas e inacessíveis, contando com apenas uma fronteira terrestre que está entre as cidades de Pacaraima/Roraima-Brasil e Santa Elena de Uairén/Venezuela. A Venezuela compartilha características culturais tanto com os povos amazônicos, como com os andinos e caribenhos, é o principal produtor de petróleo do mundo, mas apesar de toda essa riqueza natural, desde o ano de 2013, quando Maduro assumiu a presidência o país atravessa uma importante crise econômica, advinda do bloqueio econômico imposto pelo governo dos Estados Unidos. Em decorrência disso, houve um deterioramento tanto econômico como comercial e muitos venezuelanos, ao não encontrar trabalho em seu país, decidiram migrar para o Brasil, Colômbia, Chile, etc. No Brasil eles são recebidos pelo Governo brasileiro de Roraima e são redirecionados por todo o país em busca de melhores condições de vida.

De acordo com os dados proporcionados pela Secretaria de Justiça e Cidadania (SEJUS), o número oficial de refugiados na capital federal é indeterminado, isso se deve ao fato de alguns migrantes estarem de forma irregular no país. A SEJUS informou, em

---

<sup>29</sup> O termo “Sul” apareceu no vocabulário internacional em 1980 e sua associação com o adjetivo “Global” ocorreu a partir do final da Guerra Fria, com a intensificação do discurso e das dinâmicas da Globalização (DIRLIK, 2007). Devido à referência aos países pobres e “em desenvolvimento” em contraste com os mais ricos e desenvolvidos, o Sul Global é herdeiro do conceito de “Terceiro Mundo”, atualmente em desuso. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/06/30/o-sul-global-como-projeto-politico>. Acesso em: 19, out. de 2022

entrevista a Thaís Umbelina,<sup>30</sup> que o Distrito Federal conta com várias outras instituições humanitárias tais como: “Defensoria Pública, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Cáritas Internacional, Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), e outros entes da sociedade que prestam apoio a migrantes e refugiados”<sup>31</sup>. Ao haver várias instituições que trabalham com migrantes, é mais difícil saber o número exato de venezuelanos que residem em Brasília, suas identidades e suas localizações. No entanto, o OBmigra, afirmou que havia entre 5 e 15 mil migrantes de longo termo (tempo de residência superior a um ano) no DF, no ano de 2020.

É com esse público migrante que realizamos as entrevistas semiestruturadas, este método possibilitou uma compreensão aprofundada das dificuldades linguísticas e das suas implicações no cuidado à saúde dos migrantes.

### **3.1.2 Delimitação dos instrumentos de pesquisa**

A fim de apreender melhor o fenômeno estudado —dificuldades de ordem linguística de pacientes migrantes venezuelanos— optou-se por uma coleta de dados que abarca duas técnicas qualitativas: entrevista semiestruturada e aplicação de questionário, de modo a retratar de forma mais integral o fenômeno pesquisado. A abordagem qualitativa se apresenta propícia, visto o viés social da presente pesquisa, pois essa aproximação ao fenômeno “objetiva gerar conhecimentos para a aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos (Braga, 1988, p. 35)”, que neste caso, a aplicação prática é gerar um glossário bilíngue, espanhol - português, dirigido à solução das dificuldades linguísticas enfrentadas por os migrantes em uma consulta médica ao ter que relatar as particularidades e nuances de suas dores em outro código linguístico. Seguidamente, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa:

- a) desenho dos experimentos para o levantamento de dados (questionário e entrevistas semiabertas);
- b) seleção dos participantes;
- c) entrevistas e aplicação do questionário;

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4871032-novo-comeco-na-capital.html> Acesso em: 16 de Set. de 2021.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4871032-novo-comeco-na-capital.html> Acesso em: 16 de Set. de 2021.

- d) extração das unidades terminológicas selecionadas para o feitiço do glossário;
- e) elaboração das fichas terminológicas;
- f) confecção do verbete;
- g) validação das definições com profissional da área de saúde;
- h) validação das definições com grupo de migrantes venezuelanos;
- i) Composição do glossário bilíngue de termos de sintomas e dor.

A fim de obter uma melhor compreensão do problema de pesquisa, utilizamos duas ferramentas qualitativas para o levantamento de dados: entrevista semiestruturada e o questionário *McGill* <sup>32</sup> de termos álgicos. Dada sua relevância para o tema que nos concerne e por sua especificidade terminológica no campo semântico da dor, incluímos o Questionário de dor *McGill* como procedimento na coleta de dados para termos “uma ideia mais ampla e inteligível da complexidade de um problema” (Goldenberg, 2004, p. 61-62). A combinação de distintos procedimentos no estudo do mesmo fenômeno, “tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo” (Goldenberg, 2004, p. 50).

### **3.1.3 Questionário de dor *McGill***

O referido repertório de termos de dor é um instrumento confiável e genuíno; por isso, decidimos adotá-lo como uma das ferramentas de pesquisa, devido a sua ampla aplicação em investigações sobre a dor em diversos países (Correia; De Carlo, 2012). Desde a sua elaboração, há mais de 50 anos, “é o instrumento mais usado, até hoje, para avaliar outras características da dor, além da intensidade” (Pimenta; Teixeira, 1996, p. 474), sendo parâmetro em pesquisas sobre a dor em diversos países, convertendo-se no questionário especializado mais citado em pesquisas sobre a dor (mais de mil citações só em Medline). Já foi traduzido para mais de 15 idiomas - incluindo o espanhol e o português - sendo reconhecido como uma ferramenta importante para realizar pesquisas qualitativas e quantitativas a partir de descrições verbais” (Pimenta; Teixeira, 1996, p. 478) sobre a experiência simbólica e cultural que a dor representa.

O supracitado questionário foi desenvolvido por Melzack e Torgerson, professores e investigadores da Universidade *McGill*, Montreal - Canadá, em 1971, a partir da

---

<sup>32</sup> Anexo C

comprovação da necessidade de elaborar um instrumento linguístico que permitisse mensurar a dor desde uma escala tridimensional, o qual levasse em conta as facetas sensitiva, afetiva e cognitiva desse fenômeno individual e subjetivo que é a dor.

A pesquisa terminológica sobre a dor desenvolveu-se nessa universidade, dada a ausência, até aquele momento, de repertórios linguísticos para mensurar a dor, uma vez que se contavam apenas, com escalas unidimensionais, isto é, numéricas, para aferi-la. Melzack e Torgerson pesquisaram em vários sites de medicina, especialistas em dor, e elaboraram uma lista de 102 adjetivos que, dispostos em ordem alfabética, foram apresentados a pacientes, estudantes, médicos e trabalhadores da saúde para que os classificassem em função de afinidade, sinonímia e níveis de intensidade. Após essa consulta, a lista definitiva se compôs de 78 adjetivos, reunidos em 20 subgrupos, sendo que cada um contém de dois a seis termos dispostos em ordem de intensidade crescente. O resultado dessa pesquisa pode ser encontrado nos seguintes artigos: Melzack, R. (1975). The McGill Pain Questionnaire: Major properties and scoring methods. *Pain*, 1(3), 277-299. Melzack, R. (1983). The McGill Pain Questionnaire. In: Turk DC, Melzack R, eds. *Handbook of Pain Assessment*. Guilford Press. Katz, J., Melzack, R. (1999). Measurement of pain. *Surgical Clinics of North America*, 79(2), 231-252.

Esse método de avaliação da dor baseado no autorrelato do paciente utiliza elementos linguísticos que ajudam na comunicação dos sintomas, uma vez que considera a natureza individual e subjetiva da experiência algica, dessa forma, esse procedimento permite uma compreensão mais precisa e eficaz dos sintomas relatados pelo paciente. À vista disso, decidimos adotá-lo como uma das ferramentas metodológicas na realização do levantamento de dados.

Os instrumentos de levantamento de dados de pesquisas que envolvem pessoas, devido ao distanciamento social imposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como medida preventiva no controle à pandemia do SARS-COV, foram impedidos de serem aplicados, por isso, a coleta de dados da presente pesquisa só pode ser realizada a partir do abrandamento da pandemia e, conseqüentemente, das medidas restritivas de interação presencial.

### **3.1.4 A entrevista semiestruturada**

A entrevista forma parte dos instrumentos de pesquisa qualitativa, a qual busca compreender de forma mais aprofundada o problema a ser avaliado, em busca de soluções.

Na entrevista é possível observar as percepções e emoções dos migrantes venezuelanos sobre suas dificuldades em comunicar seu sintoma e dor em outra língua.

A entrevista é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter as informações necessárias, mediante um roteiro de perguntas em torno de uma problemática central (Minayo, 2021). Priorizamos a entrevista semiestruturada, porque o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, a partir do tema proposto pelo entrevistador, ao passo que permite respostas livres e espontâneas dos participantes. Ao elaborar as perguntas para a entrevista tivemos em mente o embasamento teórico da pesquisa e as informações que queríamos recolher sobre essa questão particular - dificuldades linguísticas - dentro do grande fenômeno social das migrações internacionais.

As entrevistas viabilizam apreender a perspectiva de um lado dos migrantes, e do outro, dos trabalhadores da saúde, para assim, termos uma visão mais holística do delicado tema de fronteiras linguísticas; ademais esse método é utilizado para complementar os dados obtidos mediante a aplicação do questionário de dor McGill. Diante disso, elaboramos as perguntas com o objetivo de aprofundar a compreensão do tema estudado, visando identificar lacunas e extrair exemplos de suas experiências em espaços de atenção à saúde na cidade de Brasília. O convite para participação na entrevista foi feito através da psicóloga Juliana Sangoia, que trabalhava como Assistente de Proteção na ONG “Aldeias Infantis”, na recepção dos imigrantes venezuelanos em Brasília, no ano de 2022. Na seção “Aplicação dos instrumentos de pesquisa” nos estenderemos nesses pontos.

Há um roteiro que guia a entrevista, porém sempre há a abertura para que o/a entrevistada possa narrar sua experiência de maneira fluida e natural, e assim, dar seu testemunho, seu olhar sobre questões importantes para se elaborar a ferramenta linguística. O objetivo desse tipo de método, é permitir ao entrevistado responder livremente e emitir sua opinião sobre a questão das dificuldades linguísticas enfrentadas no momento de ser atendido. A fim de que eles pudessem se expressar de forma espontânea e com mais propriedade, decidimos realizar a entrevista em espanhol - língua materna dos venezuelanos. Esse método de avaliação da dor baseado no autorrelato do paciente utiliza elementos linguísticos que ajudam na comunicação dos sintomas, uma vez que considera a natureza individual e subjetiva da experiência dolorosa.

O desenho da entrevista está traçado em nove (9) perguntas, todas subjetivas divididas em três seções: (i) perfil do entrevistado, (ii) questões sobre as dificuldades

enfrentadas na intercomunicação em consultas médicas, (iii) aplicação do questionário de termos álgicos e sugestões de termos que não constavam no questionário.

### **3.1.5 As entrevistas**

No decorrer do ano de 2022, com a diminuição do contágio da Covid-19 e das medidas restritivas, começamos a traçar os planos para realizar encontros presenciais com nosso público. Entramos em contato com a dra Ocampos, D.L., médica de família da secretaria de Saúde do DF, atuando na pasta “Gerencia de atenção à saúde a populações em situação vulnerável” que inclui a população de migrantes e refugiados.

Em entrevista, ela nos disse que não há uma política nacional de saúde voltada especificamente para essa população, mas há uma Nota Técnica SEI-GDF n.º 10/2018 - SES/SAIS/COAPS, cujo objetivo é “informar e orientar as equipes dos serviços de Atenção Primária à Saúde do Distrito Federal sobre a atenção à saúde da população imigrante ou refugiada”<sup>33</sup>. O referido documento consta de 29 itens: base legal, contexto e determinações, neles se detalha o direito de assistência à saúde por parte de imigrantes e refugiados nos serviços públicos da Rede de Atenção à Saúde, ademais de garantir um atendimento com equidade, este insta aos profissionais a estarem atentos às questões de pronúncia clara e compreensível, a fim de evitar problemas na comunicação.

A dra. Ocampos também nos facilitou vários contatos de organizações que trabalham no acolhimento de imigrantes venezuelanos em Brasília (DF). No entanto, acordar as visitas e entrevistas presenciais foi um longo caminho de paciência e perseverança.

Mediante os contatos fornecidos pela servidora acima citada, nos comunicamos com a Organização Não Governamental -ONG- “Aldeias Infantis” localizada em SGAN 914/Asa Norte;<sup>34</sup> presente na sociedade brasileira desde 1968. É uma ONG dedicada aos cuidados de crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade e situações de emergência. A crise humanitária que a Venezuela atravessa - advinda do bloqueio econômico imposto pelo governo do EUA – somada à Pandemia, fez com que muitas instituições beneficentes lhes oferecessem ajuda - dentre elas Aldeias Infantis - que passaram a receber migrantes venezuelanos como parte de sua política de atuação global em situações emergenciais. O local onde se encontra estabelecida a ONG Aldeias Infantis em Brasília, é agradável, as casas são comunitárias, há um pátio com árvores para as crianças brincarem e

---

<sup>33</sup> Disponível em: Nota Técnica SEI-GDF n.º 10/2018 - SES/SAIS/COAP. Acessado em: 15 de Nov. de 2022

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.aldeiasinfantis.org.br/> Acessado em: 15 de Nov. de 2022

as famílias disfrutarem do ar fresco que corre embaixo das árvores nos dias quentes do cerrado. Há um espaço aberto e coberto e foi ali que nos reunimos para termos uma roda de conversa.

O primeiro encontro realizou-se no dia 03 de novembro de 2022, de 15h a 17h, que contou com a participação de sete (7) migrantes. Nessa ocasião contamos com a colaboração da psicóloga Juliana Sangoia -assistente de proteção aos imigrantes- e da professora Uliana Dias Campos Ferlim - do departamento de Música da UnB - que dirige há alguns anos o projeto de extensão “Canto Coletivo Improvisado”, que visa práticas musicais criativas e colaborativas com os recursos da voz e do corpo, ela foi convidada e aceitou nos acompanhar.

Explicou-se com detalhes o objetivo daquele encontro e, seguidamente, a professora Uliana dirigiu a roda de apresentação das pessoas mediante jogos de improvisação de voz e corpo, essa prática possibilitou uma interação mais fluida e dinâmica do grupo. Logo após, conversamos em roda sobre as barreiras linguísticas na explicação da dor e como a dor em si mesma é difícil de explicar e comunicar, sabemos o que estamos sentindo, mas é difícil de traduzir as sensações corpóreas em palavras. Para facilitar a expressão da dor, apresentamos o questionário de dor *McGill*, que tem vários termos qualificativos da dor e pedimos que assinalassem aqueles que, segundo seu parecer, facilitariam a descrição de suas dores. No entanto, durante a roda de conversa, notou-se uma certa dificuldade das participantes em expor suas experiências, porque a narrativa da dor requer de conversas pessoais em espaços reservados, pois, dessa maneira, os entrevistados se sentem mais a vontade para narrar suas histórias. À vista disso, foi feita uma nova solicitação, junto à psicóloga Juliana Sangoia - assistente de proteção aos imigrantes-, para realizar as entrevistas individuais e obtivemos sua autorização.

As entrevistas foram realizadas no mesmo espaço que ocorreu a roda de conversa, nos dias 10 e 13 de novembro de 2022; em novembro de 2023 voltamos à OnG Aldeias Infantis para realizar novas entrevistas; os dados sociais das entrevistadas são os expostos na tabela abaixo:

### **3.1.6 Perfil dos participantes**

A tabela abaixo apresenta o perfil dos participantes que ingressaram ao Brasil por Pacaraima, Roraima, entre 2019 e 2022. Os nomes exibidos são pseudônimos, utilizados para proteger a identidade dos participantes, conforme as diretrizes éticas da pesquisa.

Quadro 3.1 Perfil social das entrevistadas

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Roxana	F	31-50	Universitário
Valentina	F	acima de 50	ensino médio
Mercedes	F	31-50	Universitário
Teresa	F	31-50	ensino médio
Yamila	F	31-50	ensino médio
Carmencita	F	31-50	ensino médio
José	M	acima de 50	pós-graduação
Consuelo	F	31-50	ensino médio
Dulcinea	F	31-50	ensino médio
Dolores	F	31-50	ensino médio
Naomi	F	31-50	ensino médio
María	F	31-50	ensino médio
Pedro	M	18-30	ensino médio

Fonte: Elaborado pela autora -2023

As entrevistas realizadas com os migrantes venezuelanos, contribuíram com um rico conteúdo sobre as dificuldades de ordem linguística defrontadas por esse coletivo. A modo de exemplo, transcrevemos breves trechos das entrevistas, no qual as migrantes narram suas experiências no SUS. Dulcinea nos relatou que *“si no hablas portugués las cosas se hacen más difíciles para todo, para conseguir empleo para que te entiendan [...] es una frustración, es una lucha!”* Por outro lado, Carmencita declarou que está há cinco meses em Brasília e tem utilizado bastante o serviço de saúde, segundo ela *“escucho y entiendo muy bien cuando me hablan, pero me dificulta responderle, saber hablar el idioma [...] muchas veces no me entendían que era lo que me dolía, y por eso, por no hablar el mismo idioma se me dificultó bastante”*. Já, Dolores disse que sempre foi bem atendida *“nunca me discriminaron por ser venezolana o porque no entendía bien el idioma, no tenía conocimiento de cómo expresarme o cómo decirle las dolencias, buscaban solución, me ayudaban a expresarme”*, se sente agradecida porque sempre que necessitou dos serviços de atenção à saúde foi bem atendida.

Com o propósito de termos uma visão mais holística do problema de pesquisa, no segundo semestre de 2022, entrevistamos o enfermeiro MORAIS, L.T. - via plataforma

*Google-Meet*, que trabalha na atenção aos migrantes venezuelanos em Roraima, desde 2020, até o presente. Morais trabalha em uma instituição que organiza a resposta humanitária e a operação Acolhida no estado de Roraima, ele faz a ponte entre as pessoas migrantes e refugiadas e o serviço de atenção à saúde. Afirma que uma das primeiras barreiras que eles se deparam é a linguística e a cultural, as quais dificultam ainda mais o acesso dessa população aos serviços de atenção à saúde:

“é um estado que vem depreciado nas questões de saúde e aí chega a comunidade venezuelana num volume de afluxo muito grande e encontra esse sistema já fragilizado, né? Esse sistema de saúde, ele fica na defensiva no sentido de que, bom, é muito mais confortável ficar naquela zona de conforto, né? De trabalhar como eu trabalhava antes, né? É... de uma forma insuficiente de atenção à população nacional, então eu pouco vou me mover também pra criar bases e talvez uma nova sistemática, novos fluxos, que deem conta das particularidades dos venezuelanos, então é esse estado e nesse sistema de saúde que a gente começa a trabalhar. Acho que sua pesquisa traz uma questão interessante, de talvez olhar, fazer o recorte sobre essa problemática, a partir desse recorte da percepção e da expressão de dor, né? Porque é algo que perpassa várias clínicas e várias linhas de cuidado, né? Dentro de uma unidade básica de saúde, dentro de um hospital, de uma policlínica, abre um leque de possibilidades de estratégias de lidar com a dor com públicos distintos [...] Eu falo espanhol, mas tem colegas que trabalham comigo que não falam espanhol e muita gente na unidade de saúde não fala espanhol, né? então a gente tem que contar com recurso de áudio, mas ainda não contamos com esse recurso. A gente tem algumas cartilhas que são bilíngues que ajudam a gente fazer a comunicação dos nossos temas com a população migrante: maternidade, enfermidades de transmissão sexual, etc., mas e se o paciente não é alfabetizado? Seria muito bom contar com uma ferramenta de áudio e de cartilhas com figuras humanoides para eles sinalizarem qual região do corpo está doendo, isso ajudaria muito.”

Depreende-se, da fala do enfermeiro Morais, a real necessidade de melhorar a comunicação nos espaços de atenção à saúde, tanto para a população brasileira como para os migrantes, a fim de que o governo federal crie estratégias que realmente respondam às necessidades de saúde integral de ambos os coletivos —nativos e migrantes— e, particularmente, o segundo grupo, possa ter um melhor acesso a esses serviços públicos, de acordo com a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017.<sup>35</sup>

Entre os diversos desafios que os migrantes atravessam ao se encontrarem em território brasileiro, a língua é um assunto de suma importância, pois é mediante ela que comunicarão suas alegrias, suas dores, suas queixas e agradecimentos. Daí, a importância de

---

<sup>35</sup> Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3565\\_27\\_12\\_2017.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3565_27_12_2017.html). Acessado em: 15 de Nov. de 2022

pensarmos na elaboração de ferramentas linguísticas que contemplem essa lacuna comunicacional entre servidores da saúde e a população migrante.

### **3.1.7 Recolha das unidades terminológicas**

Os dados advindos dos dois instrumentos metodológicos acima mencionados, possibilitaram recolher os termos que os migrantes assinalaram como importantes para sanar os percalços comunicacionais; do questionário *McGill* extraíram-se vinte e sete (27) termos, dezessete (17) termos foram propostos pelas migrantes nas entrevistas. Essa combinação resultou em quarenta e quatro (44) termos que se desdobraram em mais sete (7) termos, somando um total de cinquenta e um termos (50)

A análise dos relatos e das preferências feitas pelos entrevistados é uma abordagem amplamente utilizada nas pesquisas de dor (Grossman; Cardoso, 2006; Santos; *et al.*, 2022; Monteiro; Pinto, 2021); pois é mediante a narrativa do enfermo que se busca compreender a experiência subjetiva da dor. O questionário *McGill* é uma ferramenta amplamente utilizada para avaliar e medir a intensidade da dor, mediante o relato dos pacientes sobre o que lhes sucede e como lhes afeta; seus relatos são de extrema importância para que se chegue a um bom diagnóstico.

Os vinte e sete (27) termos extraídos desse questionário incluem termos como “*punzante*”, “*latidos*” “*hormigueo*” e outros descritores sensoriais comumente associados à dor. Além disso, os dezessete termos propostos pelos entrevistados indicam a importância de considerar as percepções individuais e experiências pessoais na avaliação da dor. Esses termos emergem como resultado de vivências únicas dos participantes e fornecem percepções valiosas para a compreensão da dor em diferentes níveis. É importante ressaltar que estes termos são utilizados pelos pacientes na tentativa de colocar em palavras as sensações que a dor provoca no corpo, portanto, não são termos científicos. A busca do termo correspondente em português levará em conta o caráter não científico do termo em espanhol para, dessa maneira, encontrar o seu correspondente funcional, buscamos verificar como o paciente brasileiro comum se expressa ao comunicar sua dor: com metáforas, com termos comuns, mas nem por isso deixam de pertencer à área da saúde.

### **3.2 Metodologia de análise dos termos**

Após a identificação dos termos que arrolam e configuram a realidade do domínio algico, passamos a sua compreensão e análise, que consiste (a) na seleção das unidades terminológicas, (b) na identificação das unidades metafóricas orientada pelo método PIM

(2007), (c) na categorização, (d) na leitura de artigos de ampla divulgação científica e blogs da área da saúde.

Decidimos adotar o método de identificação de metáforas (PIM) desenvolvido pelo Grupo Pragglejaz, 2007, já que no bojo de sua proposta tem como “objetivo geral é apenas oferecer uma ferramenta de pesquisa que seja relativamente simples de usar e que possa ser adaptada por pesquisadores interessados no conteúdo metafórico do discurso natural.” (2009, p.79) A seguir detalhamos os procedimentos que o PIM propõe para a identificação de metáforas:

1. Leia todo o texto/discurso para estabelecer um entendimento geral do seu significado.
2. Defina as unidades lexicais do texto/discurso.
- 3.(a) Para cada unidade lexical do texto, determine o seu significado no contexto, isto é, como ele se refere a uma entidade, relação ou atributo na situação evocada pelo texto (significado contextual). Leve em conta o que antecede e o que precede a unidade lexical.  
(b) Para cada unidade lexical, determine se há um significado atual mais básico em outros contextos do que no contexto em questão. Para os nossos propósitos, significados básicos tendem a ser:
  - mais concretos (o que evocam é mais fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e sentir o gosto);
  - relacionados ao funcionamento do corpo;
  - mais precisos (em oposição a vagos);
  - historicamente mais antigos;Significados básicos não são necessariamente os mais frequentes da unidade lexical.  
(c) Se a unidade lexical tem um significado atual/contemporâneo mais básico em outros contextos do que no contexto em questão, decida se o significado contextual se opõe ao significado básico, mas pode ser entendido em comparação a ele.
4. Se sim, marque a unidade lexical como metafórica (Pragglejaz 2009, p.79).

Vale recordar que os dados desta pesquisa provem das entrevistas orais realizadas aos migrantes, que, ademais, incluía o questionário de dor McGill, portanto, nossa base de dados textual é a procedente desses textos orais. O reconhecimento dos termos metafóricos estiveram baseados nessa proposta metodológica.

Os aspectos formais e funcionais dos termos foram analisados com base em Cabré, (1993), Faulstich (1980), já os aspectos metafóricos foram examinados sob a perspectiva teórica da metáfora de Lakoff e Johnson (1985, 1987, 1999), Kövecses (2000, 2005) e Ferrari (2011).

### 3.3 Metodologia de construção do repertório terminográfico

A partir do levantamento dos termos e sob os pressupostos da metodologia terminográfica elaborou-se o glossário bilíngue de termos álgicos -Espanhol/Português. Os termos de especialidade são constitutivos do domínio da Saúde, área onde há a necessidade de se estabelecer a garantia dos direitos linguísticos à população migrante e, conseqüentemente, seus direitos humanos. Vale ainda lembrar que “os produtos terminográficos, dicionários técnico-científicos, glossários e bancos de dados terminológicos, entre outros instrumentos de referência, refletem as relações teoria e prática no atendimento de necessidades sociais.” (Krieger, 2000, p. 227). Desse modo, sua elaboração efetuada à luz de princípios socioterminológicos consiste numa forma de evitar o apagamento das variações que os léxicos terminológicos também comportam na diversidade de seus contextos de ocorrência.

#### 3.3.1 Características básicas do glossário

Nesta seção apresentamos o percurso do feito da ferramenta terminográfica bilíngue com base nas perspectivas teóricas propostas por Carvalho (2001), Faulstich (1995, 2010), e Welker (2004). Recordamos que essa obra tem como seu primeiro público-alvo a comunidade de migrantes venezuelanos, no particular, migrantes hispanos no geral, cujo propósito é o de dar suporte para suprir as falhas comunicacionais dessa população. A seguir expomos o passo a passo dessa criação terminográfica.

**i) quanto à classificação tipológica:** é um glossário bilíngue/bilingualizado. Diferente de um glossário bilíngue tradicional, que se limita a fornecer traduções diretas de termos entre duas línguas, um glossário bilingualizado oferece, além da tradução, definições na língua de origem e na língua de destino, este não é apenas o produto final da pesquisa, mas sim a coluna vertebral de todo o trabalho. Entendemos um glossário como um repertório terminológico específico de uma área científica ou técnica, no qual os verbetes estão organizados em ordem alfabética e incluem informações como categoria gramatical, definição, variantes, sinônimos, contexto de uso, remissivas, bem como o termo correspondente, disposto ao lado, na língua de chegada.

**ii) quanto ao público-alvo:** migrantes venezuelanos, em particular, e todo migrante hispano que se encontre em terras brasileiras e precise comunicar suas dores aos profissionais de saúde brasileiros.

**iii) quanto à natureza das informações incluídas nos verbetes:** é de natureza linguística e se for necessário, se incluirá em nota explicativa as informações enciclopédicas que forem pertinentes.

**iv) quanto ao número de línguas:** é bilíngue e unidirecional. Coloca duas línguas em contato: espanhol -língua materna dos venezuelanos- e o português – língua oficial do Brasil e segunda língua dos imigrantes. Considerando essa questão, a direcionalidade da obra é (L1>L2)  $\Rightarrow$  L1 espanhol  $\Rightarrow$  L2 Português. A língua de comunicação e de interação entre os migrantes é o espanhol; por isso nos repertórios bilíngues a L1 é a língua materna do falante, o que na composição de dicionários e glossários é considerada a língua de partida, a língua fonte; a L2 é a segunda língua que o falante aprende e é considerada a língua de chegada, a língua-alvo (Faulstich, 2010, p.172).

**v) quanto à dimensão de unidades terminológicas:** cinquenta e uma (50) entradas integram o glossário, todas sinalizadas por nossos entrevistados.

**vi) quanto à ordem das entradas:** Sua apresentação segue a ordem alfabética contínua por ser a forma mais comum, simples e prática para o usuário.

### **3.3.2 Organização interna do glossário**

Estruturalmente um glossário se organiza em três eixos: o da macroestrutura, da medioestrutura e o da microestrutura que, seguidamente, passamos a apresentá-los.

#### **3.3.3 A macroestrutura**

A macroestrutura apresenta as características gerais da obra, como as listas, as abreviaturas, os verbetes, as páginas finais, que contém anexos, informações enciclopédicas, etc. (Welker, 2004). A macroestrutura, também conhecida como paralexiconográfica, é a parte da obra que se encontra toda a informação de sua organização e de como fazer um bom uso dela. É ali que se encontram todas as explicações de como a obra está organizada, ademais da estrutura interna do verbete (Faulstich, 2010).

#### **3.3.4 A medioestrutura**

A medioestrutura diz respeito ao sistema de remissões, de referências interligadas elaboradas de modo a remeter o usuário a informações que ampliam e ultrapassam os limites do verbete. Biderman (2001) enfatiza a facilidade proporcionada pelo estabelecimento das remissões no interior dos verbetes. Se o verbete se refere à “microestrutura”, a remissiva se

refere à “medioestrutura” (Polguère, 2018, p.248-249), justamente por corresponder a uma interligação entre dois ou mais verbetes, sem mais informações além de uma marcação, abreviação ou expressão como “ver”, “veja”, que indica consulta a outro verbete por razões semânticas (sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia...), formando uma rede conceitual e tornando a obra sistêmica, como descreve Faulstich (1993).

### **3.3.5 A microestrutura**

Apresenta a organização interna do verbete: a entrada corresponde a cada termo inscrito no glossário; após o lema está “o conjunto de informações ordenadas que se seguem à entrada e que tem uma estrutura constante, correspondente a um programa e a um código de informação aplicáveis a qualquer entrada” (Barbosa, 1989, p. 570), não perdendo de vista o usuário da obra. Faulstich a descreve como sendo o verbete e todas as informações que constituem o verbete, a autora propõe o seguinte esquema “ Verbetes = + entrada + categoria gramatical (± substantivo, ± sintagma terminológico, ± verbo) ± gênero ± sinônimo ± variantes ± fonte ± área ± subárea ± definição ± fonte + contexto + fonte ± remissivas ± equivalentes ± fontes” (Faulstich, 1995, p.10). É importante destacar que a microestrutura deve ser elaborada levando em consideração o objetivo do instrumento a ser confeccionado. Dessa forma, Welker (2004, p. 109) aponta que “o lexicógrafo pode a princípio elaborar qualquer tipo de microestrutura”; no entanto, é indispensável que a sequência padrão dessa microestrutura seja observada em todos os verbetes. Esta organização inicial, em que são selecionados os elementos a estarem presentes em um verbete, é denominada por Welker (2004, p. 108) de “microestrutura abstrata”.

Em contrapartida, o referido autor apresenta o termo “microestrutura concreta” referindo-se à “forma concreta em que as informações sobre o lema são dadas” (2004, p. 108), ou seja, microestrutura abstrata é o roteiro que estabelece um padrão comum para os verbetes, e a microestrutura concreta são os enunciados lexicográficos pré-definidos que foram preenchidos e estarão presentes no verbete.

Nossa proposta é criar um roteiro lexicográfico, relativo à microestrutura abstrata, com o objetivo de definir as informações lexicográficas a estarem presentes no verbete e, posteriormente, esta estrutura será preenchida nos verbetes, ou seja, na microestrutura concreta.

### **3.3.5 O verbete**

O verbete é considerado, entre lexicógrafos e terminógrafos, como a parte mais importante da obra, já que é nele que se encontra a informação que o consulente necessita. Os verbetes estão organizados em ordem alfabética e sua estrutura interna segue o esquema proposto por Faulstich (1995), porém adaptado ao público-alvo.

Quadro 3.2 Estrutura abstrata do verbete

entrada+ referência gramatical ± marca de uso + definição ± variante/sinônimo + contexto de uso ± fonte ± nota + fonte ± remissiva + correspondente em português
--

Fonte: adaptado pela autora com base em Faulstich (1995)

O símbolo (+) indica que essa informação é relevante para o público-alvo e vai estar presente em todos os verbetes; o símbolo (±) sinaliza que essa informação pode constar ou não no verbete. A seguir, explicitamos cada um dos elementos que integram o verbete.

**i) Termo entrada**

É o termo propriamente dito, separado do enunciado terminológico. É a expressão terminológica na linguagem de especialidade, o conceito como entidade pré-sígnica é expressado mediante signos linguísticos e não linguísticos, neste trabalho lidamos com signos linguísticos - unidades terminológicas -. É importante ressaltar que apesar de a denominação, a definição e o conceito estarem intrinsecamente ligados, não se confundem, cada um cumpre seu papel no jogo das significações.

**ii) Referência gramatical**

Indica a categoria lexical: nome, adjetivo, verbo e, ademais, a categoria gramatical: gênero e número de um termo. As referências gramaticais seguem as seguintes abreviaturas na cor **amarela**:

**adj.** adjetivo

**n.** nome

**v.** verbo

**f.** feminino

**m.** masculino

**iii) Marca de uso**

Esta marca é um dado que informa sobre o valor de uso das unidades terminológicas, sob perspectiva socio discursiva. Para Strehler, as marcas de uso “caracterizam as palavras que fogem, sob certos aspectos, ao uso corriqueiro, normal, da língua de uma comunidade linguística; são instrumentos do lexicógrafo para indicar as variações” (Strehler, 1998, p. 179). As marcas de uso remetem a aspectos de variação temporal, geográfica, social e de níveis de discurso. O referido autor esclarece que “as marcas de uso estão estritamente ligadas à variação que a língua sofre no tempo, no espaço e em contextos de usos especializados” (Strehler, 1998, p. 1). Dentre as marcas de uso mais recorrentes na lexicografia, este glossário fará uso da marca ‘metáfora’ abreviada, em letra itálica e na cor amarelo escuro: *metf.* porque grande número dos termos entrada são metafóricos. Vilarinho esclarece que as “marcas de uso devem ser estabelecidas de acordo com o público-alvo, porque ele precisa compreender a funcionalidade delas” (Vilarinho, 2017, p. 377). Tendo em vista o público-alvo deste glossário, acreditamos ser importante aplicar a marca de uso *metf* pois esta oferece ao consulente a compreensão de que certos termos usados por eles são metafóricos. Ao sinalizar que um termo é metafórico, o glossário ajuda o leitor a captar as nuances e o contexto correto, o que é essencial para uma compreensão aprofundada e precisa, especialmente em áreas técnicas ou especializadas.

#### v) Definição

Para a elaboração das definições, consideramos alguns critérios que julgamos importantes, tais como: adequação ao público, redação da definição no modo afirmativo e uniformidade sintático-semântica. Para levar adiante esse objetivo, aplicamos os parâmetros discutidos na parte teórica de elaboração de repertórios bilíngues, especificamente na seção 2.3.2.1 para, desta maneira, assegurar uma definição que possibilite ao consulente obter uma compreensão satisfatória do significado do termo e de seu uso adequado ao contexto discursivo. Ademais de textos científicos de ampla divulgação e blogs da área, foram consultados os seguintes dicionários de língua geral em espanhol:

Quadro 3.3 Obras lexicográficas em espanhol para elaboração do verbete

<b>Título</b>	<b>Versão</b>	<b>Ano</b>
<i>Diccionario de la Real Academia Española - DRAE</i>	<i>on-line</i>	2014
<i>Diccionario del español de Mexico -DEM</i>	<i>on-line</i>	2018
<i>Diccionario Panhispánico de dudas - DPD</i>	<i>on-line</i>	2006

Fonte: a autora

O uso dos mencionados dicionários para a elaboração de definições terminológicas, justifica-se por várias razões, dentre elas, por serem considerados referências de autoridade na língua espanhola. O *DRAE* é o dicionário oficial da língua espanhola e é amplamente utilizado em toda a comunidade hispânica, é o resultado da colaboração de todas as academias de língua dos países hispânicos. O *DEM*, por sua vez, representa as vozes hispânicas, já o *DPD*, por sua vez, esclarece dúvidas comuns de uso da língua espanhola. Todas as obras lexicográficas citadas passam por processos constantes de atualização e revisão. O *DRAE*, por exemplo, possui edições atualizadas regularmente, incorporando novos termos e significados à medida que a língua evolui. O *DEM* e o *DPL* também são atualizados periodicamente para refletir as mudanças pelas quais a língua passa e esclarecer dúvidas sobre seus diferentes usos. Por outro lado, os dicionários da língua portuguesa passam pelo mesmo processo de revisão e atualização.

Embora esses dicionários não sejam especializados, abrangem um amplo espectro de termos gerais, dessa maneira, fornecem definições básicas de alguns termos, ademais de indicar algumas variantes terminológicas. No entanto, as definições que essas obras oferecem não estão destinadas a um público específico e nem são obras especializadas, por isso, são mais gerais.

Para a elaboração dos verbetes em português, consultamos as seguintes obras lexicográficas:

Quadro 3.4 Obras lexicográficas em português para elaboração do verbete

<b>Título</b>	<b>Versão</b>	<b>Ano</b>
Dicionário Houaiss	<i>on-line</i>	2009
Dicionário Caldas Aulete	<i>on-line</i>	2007

Fonte: a autora

Estas obras lexicográficas são utilizadas pelo público em geral, por isso, não contemplam as áreas de especialidade, especificamente, todavia auxiliam na busca do sentido etimológico dos termos que estão incluídos nas obras, ademais de serem amplamente reconhecidas no âmbito da lexicografia; nesse sentido, a proposta deste glossário é preencher essa lacuna na área da terminologia de alguns sintomas, da dor e seus qualificativos. Ademais, consultamos em sites, blogs e artigos de ampla divulgação científica para, dessa

maneira, complementar com a informação adequada à elaboração do texto da definição dos termos tanto em espanhol como em português.

Portanto, a definição está redigida, elaborada e adaptada pela autora, em linguagem simples, clara e visa às características comuns de ambas as línguas aqui representadas, a saber, espanhol e português.

**iv) sinônimo**

As possíveis variantes lexicais sinonímicas ocorrem em seguida à definição, após o advérbio ‘também’ que indica condição de sinonímia terminológica na mesma variante diastrática que o glossário apresenta, e não constitui uma nova entrada. Atemo-nos ao conceito de sinônimo de Faulstich ao afirmar que são “formas coocorrentes no discurso da linguagem de especialidade cujo significado é idêntico ao do termo da entrada. (Faulstich, 2010, p.175)

**v) Contexto de uso**

O contexto de uso acrescenta informação prática que leva em conta como o termo é utilizado na prática. O exemplo é definido no “Dicionário de Usos do Português” (Borba, 2002, *apud* Welker, 2004, p. 150) como “frase ou trecho de frase que serve para exemplificar uma acepção ou uma construção sintática dos dicionários”. Os exemplos serão retirados de duas fontes: a) fóruns, blogs e, se for preciso, serão adaptados; b) das entrevistas realizadas aos migrantes e aos profissionais da saúde. Nos primeiros, a fonte será informada em ‘fontes codificadas’ (\*+ número) para consulta nas referências do Glossário.

**vi) nota explicativa**

As notas explicativas acrescentam informações linguísticas que se considere relevante para melhor compreensão do termo e as informações enciclopédicas importantes do termo, não previstas na definição. Os excertos serão retirados de artigos científicos, teses e dissertações em ‘fontes codificadas’ (\*+letra) para consulta nas referências do Glossário.

**vii) remissiva**

O sistema de remissões estabelece a relação de complementariedade entre os termos. O elemento Remissiva está presente em todos os verbetes, pois, ademais de sua função convencional, insere o termo em sua categoria semântica. **Ver** seguida do símbolo ► informando os verbetes que têm sentido relacionado, seguido de indicação da categoria semântica do termo entre parênteses (Cat. ...).

**viii) Equivalente**

Tendo em vista a complexidade para se encontrar o termo correspondente adequado, nos propomos a pesquisar em dicionários bilíngues, corroborar com consulta ao dicionário monolíngue, textos da mesma área e mesmo nível de língua e, finalmente, ratificar com um especialista da área. O registro do termo em língua portuguesa, é feito na cor **verde**.

### **3.3.6. A ficha terminológica**

A confecção da ficha terminológica é fundamental, pois é nela que se registram as informações essenciais referentes a um termo. “É a partir de um protocolo estabelecido entre terminólogo e especialista que conseguimos definir quais campos são relevantes para a área de especialidade e como esses campos serão preenchidos.” As especialistas propuseram campos considerados essenciais para a área e para o público-alvo, como entrada e definição, por outro lado, consideramos os campos que a literatura da lexicografia julga indispensável que estejam completados, como informação gramatical, contexto de uso, remissivas, variantes, sinônimos, nota. Todas essas informações são importantes, visto que é nessa mesma etapa que a definição é elaborada, levando em conta cada item da ficha terminológica. “Isso significa que cada termo contém uma “bagagem”, ou melhor, um conjunto de traços semânticos que o definem. Esses traços são percebidos nos contextos de uso ou contextos definitórios e auxiliam na etapa de elaboração da definição terminológica” (Balestero, Murakawa, 2020, p. 621).

Faulstich propõe um modelo de ficha terminológica que contempla os seguintes campos:

Quadro 3.5 Ficha Terminológica Abstrata

FICHA TERMINOLÓGICA	
Número	
1. entrada	
2. categoria gramatical	
3. gênero	
4. variante (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	
7. definição	
8. fonte da definição	
9. contexto	
10. fonte do contexto	
11. remissiva (s)	
12. nota	
13. equivalente <sup>38</sup>	
14. autor	
15. redator	
16. data	

Fonte: adaptado de Faulstich, 2010, p. 183

Tendo em vista o público-alvo desta pesquisa — migrantes venezuelanos —, adaptamos a ficha terminológica proposta por Faulstich, em conformidade com as orientações das especialistas. Assim, alcançamos um consenso que integra tanto as contribuições das especialistas como as recomendações essenciais da literatura lexicográfica e terminográfica para obras da área.

Tendo isso em vista, elaboramos uma ficha terminológica que contempla as seguintes informações: 1) entrada -espaço destinado à inserção do termo; 2) referência gramatical -categoria do termo e gênero-; 3) marca de uso; 4) definição -conjunto de características que elucidam o significado; 5) variante sinonímica 6) contexto de uso -*em itálico*; 7) remissiva -formas linguísticas relacionadas à entrada; 8) nota – informações complementares, quer seja de ordem linguística ou enciclopédica; 9) equivalente – termo equivalente em língua estrangeira; 10) autoria – profissional responsável pela criação do verbete.

Os exemplos do português alguns são traduções diretas, outros não, alguns foram exemplos para fins terminográficos e possuem tradução direta entre as duas línguas, os que

estão marcados advêm de sites e blogs da área de saúde. A única vez em que os contextos não são tradução direta é no caso em que em ambas as línguas os contextos advêm de fontes externas; as referências aparecem ao final do exemplo <sup>\*+1</sup> quando for adaptada de blogs e fóruns da área. A fonte das notas explicativas se farão de forma análoga à dos contextos, mas com letras <sup>\*+a</sup>.

Decidimos unir em um componente a informação da categoria gramatical e gênero do termo, o espaço destinado à ‘variante’ não foi utilizado, pois os termos que compõem o glossário estão na variante usada pelos nossos entrevistados. Outras variantes diatópicas não foram contempladas, pois não fazem parte do escopo desta pesquisa. Da mesma forma, o item ‘sinônimo’ não foi incluído, uma vez que o foco da pesquisa é analisar o uso específico dos termos propostos pelos entrevistados, sem explorar variações sinonímicas que poderiam desviar do objetivo principal, ademais ao longo da análise, não encontramos relações sinonímicas entre os termos. O campo ‘remissiva’ foi incluído porque ali encontramos as parencas de família entre os termos. A modo de exemplo, apresentamos a ficha terminológica preenchida com os dados do termo “hormigueo”.

Quadro 3.6 Ficha Terminológica do termo metafórico “hormigueo”

Ficha terminológica		
Número		
1	entrada	<b>Hormigueo</b>
2	inf. gram.	<b>n.m.</b>
3	marca de uso	<i>Metf.</i>
4	definição	sensación desagradable y molesta que se asemeja a hormigas caminando por alguna parte del cuerpo.
5	contexto	<i>“siento dolores en las piernas y a veces siento un hormigueo, esa sensación es muy molesta, y más aún cuando te despiertas y la tienes ahí”.</i>
6	nota	-
7	remissiva	- <b>Ver</b> entumecimiento, picazón (Cat. Sensitivo 1)
8	equivalente	<b>Formigamento</b>
9	autoria	MIMC

Por ser uma obra bilíngue, as fichas terminológicas foram preenchidas em ambas as línguas: espanhol e português, o quadro abaixo ilustra a ficha terminológica com o termo **formigamento**.

Quadro 3.7 Ficha Terminológica do termo metafórico “formigamento”

<b>Ficha Terminológica</b>		
<b>Número</b>		
<b>1</b>	<b>entrada</b>	<b>Formigamento</b>
<b>2</b>	<b>inf. gram</b>	<b>n.m</b>
<b>3</b>	<b>marca de uso</b>	<i>Metf.</i>
<b>4</b>	<b>definição</b>	sensação anormal como se formigas passassem por dentro de uma parte do corpo ou sobre a pele devido à compressão de nervos sensitivos.
<b>5</b>	<b>contexto</b>	<i>“do nada meu pé começou a apresentar uma sensação estranha, como se milhares de formigas estivessem andando por ele ao mesmo tempo”</i>
<b>6</b>	<b>nota</b>	-
<b>7</b>	<b>remissiva</b>	adormecimento, coceira (Cat. Sensitivo 1)
<b>8</b>	<b>equivalente</b>	<b>Hormigueo</b>
<b>9</b>	<b>autoria</b>	MIMC

As fichas terminológicas proporcionam uma visão estruturada e integral de todo o processo que a pesquisa representa. Nelas as informações -em síntese- de cada espaço correspondem a um dos aspectos da pesquisa terminológica, ademais, permitem a elucidação e a revisão de cada parte que integra o todo. Dessa forma, o processo de organização da microestrutura possibilita, de forma eficaz, a elaboração do glossário bilíngue, considerando que esse tipo de trabalho exige uma abordagem que realmente leve em conta as especificidades dos dois sistemas linguístico culturais em questão: português do Brasil e espanhol latino.

### **3.3.7. Validação das definições dos termos**

De acordo a tradição em pesquisas terminográficas, recorreremos a duas profissionais da saúde, falantes nativas do espanhol, e a uma profissional brasileira, falante nativa do

português, a fim de que elas validassem as definições. Para tanto, consultamos as especialistas na área da saúde Molina Cabrera, Sonia Maren -Bacharel em enfermagem com especialidade em Saúde Familiar- diretora do *Centro de Salud Familiar San José de Chucunco/ Maipú, Santiago de Chile*; Dr.<sup>a</sup> Villamor, Maria Mercedes -clínica geral- atua na cidade de Montevideú/Uruguai. Ambas as profissionais atendem a migrantes venezuelanos em seus respectivos centros de trabalho; portanto, compreendem a importância de contar com uma ferramenta terminológica como suporte linguístico, para que a comunicação entre ambas as partes, médico/paciente-migrante, seja mais eficaz.

Para as definições e exemplos de contexto de uso em português, contamos com a colaboração de Dr.<sup>a</sup> Ocampos, D.L., bacharel em medicina e mestra em Administração da Saúde, atuando na Secretária de Saúde de Brasília-DF. Consequentemente, após a validação das definições em ambas as línguas, passamos à confecção de nosso Glossário bilíngue de termos álgicos Glos-Dol/Glos-Dor.

Neste capítulo, apresentou-se a metodologia mais apropriada para levar adiante esta pesquisa, expondo, primeiramente, informações pertinentes em relação ao levantamento do *corpus* e, posteriormente, à construção do glossário bilíngue. O *corpus* de análise, delimitado até agora, será estudado sob os pressupostos teóricos apresentados no capítulo I. Em suma, apresentou-se a maneira pela qual os dados serão sistematizados e apresentados no próximo capítulo, referente aos resultados e à discussão dos dados.

## CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

*“As significações ditas léxicas de certos signos são sempre apenas significações contextuais artificialmente isoladas ou parafraseadas. Considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de um signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo.”*  
Hjelmslev

O presente capítulo apresenta os resultados da pesquisa e a análise detalhada dos termos associados à dor. Inicialmente, serão expostos os dados qualitativos obtidos através dos instrumentos de pesquisa aplicados, seguidos pela interpretação desses resultados à luz das teorias discutidas no referencial teórico e na metodologia, os quais serão a base para a elaboração dos verbetes do produto final desta pesquisa: ferramenta terminológica bilingue de sintoma e dor GLOS-DOL.

Antes, nos parece importante esclarecer que o sintoma – é uma sensação anormal, subjetiva, referida pelo paciente, como dor, náusea, ou seja, são os distúrbios subjetivos relatados pelo paciente dos quais o médico toma conhecimento sobretudo através da narrativa do adoecido sobre seus sintomas. Segundo Pimenta, sintoma é um termo mais amplo “que engloba qualquer manifestação subjetiva de uma condição médica, incluindo a dor, que é um tipo específico de sintoma relacionado a uma sensação desagradável.” (2003, 223). Concluimos então que nem todo sintoma é dor, mas toda dor é um sintoma.

### 4.1 Fonte dos dados

Dos 13 migrantes entrevistados na OnG Aldeias Infantis, doze eram do sexo feminino e um era do sexo masculino, todos possuíam ensino médio completo, uma possuía ensino universitário e um possuía pós-graduação. Observa-se que a pesquisa apresentou uma predominância de participantes do sexo feminino, o que está em consonância com estudos científicos que indicam que as mulheres tendem a buscar mais atenção médica e também relatam com maior frequência a possibilidade de sentir dor e estar doentes. A modo de exemplo, citamos os seguintes trabalhos: Da Silva, J. A., & Ribeiro-Filho, N. P. (2011). A dor como um problema psicofísico; Palmeira, C. C. D. A., Ashmawi, H. A., Oliveira Junior, J. O. D., & Posso, I. D. P. (2011). Opioides, sexo e gênero. *Revista Dor*, v. 12, p. 182-187; Palmeira, C. C. D. A., Ashmawi, H. A., & Posso, I. D. P. (2011). Sexo y percepción del dolor y analgesia. *Revista Brasileira de Anestesiologia*, v. 61, p. 820-828, 2011. As idades variaram entre 30 e 50 anos,

maioritariamente, comprovando que há uma tendência de crescimento álgico nessa faixa etária, o qual pode interferir na qualidade de vida e também no desempenho laboral, como declarou Yasmin “*vivo siempre con dolor y eso me deprime y a veces no tengo ganas de salir de la cama, no es fácil, dicen “el que quiere puede”, pero no es fácil. Sé que tengo que dormir en el piso, porque estoy con sobrepeso y eso tampoco ayuda*”.

As palavras da entrevistada, Yasmin, refletem uma realidade enfrentada por muitas pessoas que sofrem de dor crônica na faixa etária entre 30 e 50 anos. A citação destaca a presença constante da dor em sua vida, o que tem um impacto significativo em seu bem-estar emocional e físico. A referência à frase “*el que quiere puede*”, que sugere que quem quer consegue, mostra o estigma enfrentado por muitas pessoas que vivenciam a dor crônica. Em geral, as palavras da entrevistada destacam a importância de abordar a dor crônica de forma holística, considerando os aspectos físicos e emocionais envolvidos. É crucial oferecer suporte médico e psicológico adequado, tratamento para a dor e estratégias para melhorar a qualidade de vida. A dor crônica é uma condição complexa, e o respeito à experiência individual de cada pessoa é fundamental para proporcionar um tratamento eficaz e compreensivo.

A seguir, apresentamos os termos advindos da metodologia adotada nesta pesquisa —de ordem qualitativa—, os quais foram selecionados e sugeridos pelos migrantes nas entrevistas pessoais semiestruturadas que somaram um total de quarenta e dois (42) termos.

## 4.2 Codificação dos dados

Os termos selecionados do Questionário *McGill* em espanhol foram divididos em dois quadros: no primeiro estão os termos que não incluem o advérbio “como”; já no segundo estão aqueles que integram o advérbio “como”

Quadro 4.1 Termos selecionados do questionário *McGill* em espanhol

<i>acalambrado</i>	<i>fastidioso</i>	<i>Punzante</i>
<i>agobiante</i>	<i>irradia</i>	<i>Referida</i>
<i>ardor</i>	<i>náusea</i>	<i>Retortijón</i>
<i>desgarro</i>	<i>perforante</i>	<i>Sofocante</i>
<i>entumecimiento</i>		

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Quadro 4.2 Termos selecionados do questionário *McGill* com “COMO”

<i>(como) agarrotado</i>	<i>(como) si quemara</i>
<i>(como) agujas</i>	<i>(como) un hormigueo</i>
<i>(como) latidos</i>	<i>(como) un pellizco</i>
<i>(como) pulsaciones</i>	<i>(como) un tirón</i>
<i>(como) si apretara</i>	<i>(como) una corriente</i>
<i>(como) si fuera a explotar</i>	

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Os próximos termos foram propostos pelas entrevistadas:

Quadro 4.3 Termos propostos pelas entrevistadas

<i>aura</i>	<i>moscas volantes</i>
<i>dolor sordo</i>	<i>ver borroso</i>
<i>escalofrío</i>	<i>vértigo</i>
<i>llagas</i>	<i>zumbido</i>
<i>mareo</i>	

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Do total de quarenta (42) termos sinalizados por nossos entrevistados, vinte e quatro (24) estão no Questionário *McGill*, dezessete (17) não estavam nesse questionário e foram sugeridos nas entrevistas; esses são os termos usados por os pacientes migrantes que, conseqüentemente, compõem as entradas do glossário. Embora os termos venham das entrevistas com a comunidade venezuelana, o glossário está destinado a todo migrante hispano que se encontre em terras brasileiras e necessite de atenção médica, pois, apesar da variação linguística presente no espanhol –tanto latino-americano quanto europeu– há uma tendência a ser mais uniforme na linguagem de especialidade. Isso se deve a que a dor é uma experiência intrinsecamente humana e, apesar de ser subjetiva, muitas formas de descrevê-la (ardor, pontadas, pressão) encontram uma base comum. Portanto, mantêm um certo grau de uniformidade devido à padronização técnica e à universalidade da experiência.

A entrevistada Consuelo disse que ao chegar a Brasília a mudança de clima lhe provocou algumas moléstias, narrou “*llegué en temporada fría, el cambio de clima me*

*produjo una rinitis alérgica, estornuda sin parar, me ardía la garganta, tenía mucha fatiga. Fui al médico, me hicieron el test de Covid, gracias a Dios, salió negativo, pero no se me iban los síntomas. Iba a la farmacia nadie me entendía, entonces hablé con mi mamá y ella me enseñó unos remedios caseros: tisanas, limón, ajo, y de a poco se me fue yendo la alergia [...]”.*<sup>36</sup> Depreende-se na fala da entrevistada, suas dificuldades de adaptação a um novo espaço diferente a tudo que estava habituada: clima, paisagem, idioma, isso repercutiu em sua saúde negativamente. Afirmou ser muito importante poder contar com uma obra bilingue que as auxilie a se comunicarem de forma mais fluente.

### 4.3 Classificação dos termos

A análise das unidades terminológicas, do ponto de vista formal e da função será feita com base em Faulstich (1995, 1980), Cabré (1993). As unidades terminológicas metafóricas serão analisadas sob a perspectiva teórica da teoria da metáfora de Lakoff e Johnson (1980,1987, 1999) e da teoria terminológica sociocognitiva de Temmerman (2000, 2004), conforme o explicitado no capítulo 1 e 2.

Do ponto de vista formal da língua espanhola, as unidades terminológicas se classificam em:

- a) simples (8,3%);
- b) complexas e derivadas (75%);
- c) complexas formadas por uma combinação de palavras que segue determinada estrutura sintática, ou seja sintagmas terminológicos (Cabré, 1993, p. 177) (8,3%).

Do ponto de vista da função que desempenham no discurso, se classificam em:

- a) nomes (52,7%);
- b) adjetivos (30,5%);
- c) verbos (11,6%).

Da mesma forma que na língua geral, há um número mais elevado de nomes em comparação com as outras categorias funcionais. No entanto, é interessante notar que o uso de adjetivação é importante na classificação da dor, pois quando não há um termo denominativo, se recorre às estratégias estruturais de adjetivação e adverbiação.

---

<sup>36</sup> “Cheguei na estação fria, a mudança do clima me deu rinite alérgica, espirrava sem parar, minha garganta ardia, sentia muita fadiga. Fui ao médico, me fizeram teste de Covid, graças a Deus deu negativo, mas meus sintomas não passaram. Ia à farmácia, mas ninguém me entendia, então conversei com minha mãe e ela me ensinou alguns remédios caseiros: chás de ervas, limão, alho e aos poucos minha alergia foi embora.”

### 4.3.1 Apuração dos dados e debate

A análise e discussão tem como objetivo explorar as diferentes formas como a dor é descrita e entendida, considerando tanto as expressões literais quanto as mais figurativas que possam emergir no discurso. Nosso foco é observar os padrões linguísticos utilizados para descrever a dor e, dessa maneira, identificar as possíveis categorias desses termos.

Esperamos que esta análise revele as nuances da linguagem da dor, contribuindo para uma compreensão mais profunda de como as descrições linguísticas podem impactar a percepção, o diagnóstico e o tratamento da dor. Esta seção, portanto, pretende lançar luz sobre as complexidades inerentes à comunicação da dor, oferecendo uma perspectiva enriquecida sobre a experiência dolorosa e sua articulação verbal.

### 4.3.2 Identificação de padrões dos termos da dor

Após a organização dos termos da dor escolhidos e propostos por nossas entrevistadas, constatamos que estes apresentam dois padrões mais gerais: unidades terminológicas que descrevem a dor de maneira mais direta e literal e termos que utilizam uma linguagem que evoca imagens e sensações de outros domínios para comunicar a intensidade, a qualidade ou o impacto da dor, que categorizamos como termos potencialmente metafóricos, pois transcendem a descrição literal. Nós os organizamos em duas tabelas:

Quadro 4.4 Unidades terminológicas

(1) Unidades terminológicas	
<i>agobiante</i>	<i>fastidioso</i>
<i>ardor</i>	<i>irradiado</i>
<i>acidez</i>	<i>náusea</i>
<i>desgarro</i>	<i>pinchazo</i>
<i>entumecimiento</i>	<i>referido</i>
<i>escalofrio</i>	
<i>fatiga</i>	

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

No quadro abaixo destacamos as unidades terminológicas que as entrevistadas assinalaram como importantes para expressar suas dores, moléstias e queixas.

Quadro 4.5 Unidades terminológicas potencialmente metafóricas

<b>(2) Unidades terminológicas potencialmente metafóricas</b>		
<i>abrasador</i>		
<i>(como) agarratado</i>	<i>(como si) quemara</i>	<i>Difuso</i>
<i>(como si) apretara</i>	<i>(como un) pellizco</i>	<i>Mareo</i>
<i>(como una) corriente</i>	<i>(como) pulsaciones</i>	<i>moscas volantes</i>
<i>(como si) explotar</i>	<i>(como un) tirón</i>	<i>Perforante</i>
<i>(como un) hormigueo</i>	<i>(como un) zumbido</i>	<i>Punzante</i>
<i>(como un) latido</i>	<i>dolor sordo</i>	<i>ver borroso</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

A entrevistada Roxana se referiu a dor que sente como “*una corriente que empieza en la cintura y me baja por toda la pierna*”<sup>37</sup>. Por outro lado, Valentina explicou suas dores da seguinte maneira “*siento como si la cabeza me latiera, los latidos se van intensificando, hasta que parece que la cabeza me va a explotar, es horrible*”<sup>a</sup>. Já Teresa narrou sua dor nos seguintes termos “*tengo dolores constantes, a veces es perforante, otras, punzante, y casi siempre, tengo un dolor sordo que me acompaña por días*”<sup>b</sup> As entrevistadas apresentam três diferentes descrições de dor, cada uma em termos de intensidade e sensação, destacando como a experiência da dor pode variar entre indivíduos. A primeira entrevistada, Roxana descreve a sua dor como uma "corrente", sugerindo algo que flui pelo corpo, o que pode indicar uma dor irradiada, comum em condições como a ciática. Já Valentina utiliza uma linguagem mais dramática ao comparar sua dor de cabeça a latejadas que vão crescendo em intensidade até parecer uma explosão, o que pode remeter a um tipo de dor de cabeça. Por fim, Teresa oferece uma visão mais abrangente e variada, com diferentes tipos de dor (perforante, punzante e surda), sugerindo uma condição crônica e multifacetada. Estas descrições revelam o caráter subjetivo da dor, variando não só na intensidade, mas também na forma como cada pessoa a percebe e expressa.

Seguidamente, nos debruçaremos na análise dos termos potencialmente metafóricos a fim de corroborar, se são ou não, metafóricos.

#### **4.3.3. Reconhecimento de metáforas conceituais**

---

<sup>37</sup> “Um choque que começa na minha cintura e desce por toda a minha perna”. “Sinto que minha cabeça lateja, as batidas vão se intensificando, até parece que minha cabeça vai explodir, é horrível.”<sup>a</sup> “Sempre tenho dores, às vezes é penetrante, outras vezes é pontada, e quase sempre, tenho uma dor surda que me acompanha por dias.”<sup>b</sup>

Com base nos estudos sobre a metáfora conceptual apresentados no percurso teórico desta tese e no Procedimento de Identificação de Metáforas – PIM (adaptado) passamos a identificar as metáforas vinculadas à linguagem da dor. De acordo com a metodologia PIM (adaptada) identificamos como metafóricas as unidades terminológicas do corpus que demonstraram um significado diferente ao seu significado mais básico em outros contextos e que puderam ser entendidas a partir da comparação de seu significado primário. Apresentamos algumas delas a modo de exemplo: *hormigueo, borroso, latido, explotar, corriente, agarrotado*,

Ademais, nos apoiamos no que Deignan (1999) assinala como importante para identificar as metáforas, o autor sustenta que: “O pesquisador utiliza sua intuição para decidir se uma dada citação de uma palavra é metafórica, considerando sua própria definição de metáfora. Intuição é também necessária para decidir se uma metáfora linguística é a realização de certa metáfora conceptual” (1999, p.180). A partir das leituras sobre metáfora conceptual, intuímos que algumas expressões terminológicas do conceito DOR -reconhecidas no corpus- são realizações de metáforas conceptuais, tais como:

DOR É FORÇA EXTERNA

*dor como pancada (a golpes)*

DOR É CALOR

*dor ardente, queimação (ardor, quemazón)*

DOR É PESO OU CARGA

*dor opressiva, cansativa (opressivo, cansador)*

DOR É ESPAÇO

*dor difusa, irradiada (difuso, irradiado)*

DOR É TEMPO

*dor pulsante, latejante (pulsátil, latidos)*

DOR É FORÇA FÍSICA

Nesta metáfora conceptual convergem duas metáforas, que são passíveis de serem observadas nos seguintes termos: *como se fosse explodir, como um choque (como si fuera a explotar, como una corriente)*

DOR É FORÇA (explotar; explodir)

DOR É ELETRICIDADE (corriente; choque)

Essa análise leva em conta a historicidade da experiência ocidental com a eletricidade e com corrente elétrica e a diferença dessa experiência no corpo em relação a um choque físico, uma contusão.

Nos exemplos acima é possível observar que os conceitos adquiridos em nossas primeiras experiências sensoriais e motoras como RECIPIENTE, FORÇA, TRAJETÓRIA, ESPAÇO, pertencem ao primeiro estágio do processo de conceptualização, os quais são projetados em espaços de experiências mais abstratas que dão o suporte para a elaboração de metáforas conceptuais, como as acima apresentadas. Parafraseando a Johnson, a metáfora busca descrever a estrutura da experiência dolorosa, e não apenas a dor explicada ou sua conceptualização; quando sentimos dor é uma sensação que não se pode articular proposicionalmente, pois ela ultrapassa as fronteiras da experiência puramente física. (1987, p.89). O caráter amplamente figurativo na expressão de experiências como a dor é exemplo da importância da metáfora para a compreensão e conceptualização da experiência álgica.

Por outro lado, notamos que alguns termos descritores da dor estão associados a metáforas conceptuais de algumas emoções, como medo, nojo e raiva. Desse modo, a seguir, as apresentamos juntamente com suas metáforas terminológicas:

DOR É MEDO

*dor torturante, que apavora (dolor terrible, aterrador)*

DOR É NOJO

*dor enjoada, dá náusea (dolor fastidioso, provoca náuseas)*

DOR É RAIVA;

*que queima, em brasa ((como si quemara, abrasador)*

Segundo os estudos de Kövecses (2000) sobre as metáforas conceptuais do domínio das emoções, no entanto, adaptados ao domínio da dor, encontramos esses termos metafóricos que fazem alusão às metáforas conceptuais do domínio das emoções, mas vale lembrar que a emoção é um fator presente no fenômeno da dor orgânica. “A sua percepção é claramente uma rica e multidimensional experiência, a qual varia tanto em qualidade quanto em intensidade sensorial, assim como em suas características afetivo-motivacionais” (Da Silva, 2011, p.138); a dor é um artefato subjetivo, uma vez que “o problema da avaliação e da mensuração da dor torna-se genuinamente um problema psicofísico, envolvendo a detecção, a discriminação e a magnitude da sensação a estímulos dolorosos.” (*op. cit.* p.139) É comprovado que a dor é uma experiência

tridimensional, ou seja, ela é sensorial, avaliativa e afetiva; portanto, não é estranho que metáforas conceituais do domínio Emoção se estendam ao domínio da Dor.

Das dezenove (19) unidades terminológicas metafóricas em espanhol, onze (11) são introduzidas pelo advérbio comparativo “como”, por isso, vamos analisá-lo, separadamente, para entender sua importância nas construções terminológicas metafóricas.

**(dor) como (*dolor*) como**

Passemos a análise; o advérbio “como” é resultado do processo de “lexicalização do sintagma latino *quo modo* no sentido ‘de que modo’ [...] (Houaiss, 2007)”, sendo assim, conserva a referência léxica à noção de modo (Allarcos, 1999), quer dizer, dessa maneira. Sob uma perspectiva funcional, o advérbio “como” desempenha o papel de introduzir uma oração subordinada adverbial comparativa, que veicula significados discursivos importantes. (Stassi-sé; Pezatti, 2017). As construções que envolvem o advérbio “como” emergem no nível da organização do discurso do falante, quando este diz que:

algo é como X

Essa comparação estabelece uma relação entre o sintoma, a sensação e a dor — que são experiências abstratas e complexas— e algo tangível no mundo físico e natural: dói assim, parecido a, como se... Ademais, “é uma das estratégias pelas quais os interlocutores articulam o texto falado”, pois as relações de significado mediadas pela sintaxe “refletem as intenções do Falante na construção do seu discurso [...] (Stassi-sé; Pezatti, 2017, p.274)”. O falante em seu discurso lança mão da metáfora para significar a sua dor/sensação/sintoma, já que é no nível semântico que se estabelece a relação metafórica e é no nível sintático que essa relação de significado é construída.

As construções terminológicas com o advérbio ‘*como*’ revelam o caminho metafórico que perpassam a percepção e a cognição até chegar a expressão linguística. Qual padrão de comparação se estabelece? Qual a motivação da metáfora nas denominações álgicas? Examinando as expressões terminológicas, nota-se que se estabelece uma interrelação entre a dor —nível abstrato da experiência— e o mundo natural —nível mais concreto— lembrando que “diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas (Ferrari, 2011, p.91)”. Tendo em vista a relação que o advérbio ‘*como*’ estabelece entre os domínios concreto e abstrato,

agrupamos os termos que são introduzidos por essa partícula em diferentes categorias metafóricas, e também, agrupamos os outros termos metafóricos que compartilham parencenas de família em cinco (5) categorias:

Quadro 4.6 Categorização dos termos metafóricos

Aplicação de força física	Sensação zoomórfica	Sensação de calor	Ritmo breve e repetitivo	Domínio visual
- aperto ( <i>apretar</i> )	- formigamento ( <i>hormigueo</i> )	- ardor ( <i>arder</i> )	- latejante ( <i>latidos</i> )	- aura
- choque ( <i>corriente</i> )	- moscas volantes ( <i>moscas volantes</i> )	- queimação ( <i>quemar(a)</i> )	- pulsante ( <i>pulsátil</i> )	- vista embaçada ( <i>ver borroso</i> )
- explodir ( <i>explotar</i> )	- zumbido ( <i>zumbido</i> )	- em brasa (abrasador)		
- pancada ( <i>garrote</i> )				
-beliscão ( <i>pellizco</i> )				
-puxão ( <i>tirón</i> )				

Fonte: a autora

Até então, classificamos os termos da dor e observamos como algumas expressões terminológicas remetem às metáforas conceptuais mais básicas assim como ao domínio das emoções, que são aplicáveis ao domínio da dor, bem como os termos metafóricos que utilizam o advérbio comparativo ‘*como*’. Seguidamente, vamos analisar alguns termos metafóricos a fim de observar como a metáfora é construída mediante a projeção entre o domínio-fonte e domínio-alvo.

#### 4.3.4 Análise de termos metafóricos

Conforme o discorrido no capítulo1, as metáforas conceptuais estruturam nosso pensamento e são passíveis de serem observadas nas expressões metafóricas que cruzam nosso diário viver, estas permitem que analisemos a estrutura conceptual e as relações que se estabelecem entre os domínio-fonte e domínio-alvo. O primeiro é mais concreto e bem estruturado, já o segundo precisa ser estruturado para ser compreendido, pois é mais abstrato. A modo de exemplo, discutiremos e analisaremos três termos metafóricos: 1) formigamento (*hormigueo*); 2) choque (*corriente*); 3) queimação (*quemara*); então, mãos a obra!

dor como **formigamento** (dolor como *hormiguelo*)

Claramente se nota que: a) formiga é um inseto, b) dor não é inseto. Por um lado sabemos que formigas picam, por outro, sabemos que a dor dói, mas, como associar dor e formiga? São conceitos diferentes que se unem para criar um novo significado metafórico. Como se dá esse processo metafórico? Para deprender seu significado não basta desembrulhar a expressão terminológica, então vamos lá.

Do substantivo *hormiga* -que nomeia a coisa no mundo- se deriva o verbo *hormigu-ear*; (DRAE, 2009) o sufixo **-ear** forma verbos derivados de substantivos e adjetivos – *hormiguelar, falsear, tutear*-; destes derivam os nomes deverbais: *hormiguelo, falseo, tuteo* com o sufixo **-eo**, o qual forma nomes deverbais, o primeiro com significado de ação e efeito.

Figura 4.1 Processo de expansão do significado mediante a metáfora



Fonte: Elaborado pela autora

No português, a formação de verbos a partir de nomes e adjetivos frequentemente segue a norma morfológica de adicionar o sufixo "-ar", enquanto a derivação de nomes a partir de verbos com o sufixo "-mento" denota "ação ou resultado de ação, processo" (Aulete, 2007). Um exemplo claro dessa estrutura é a palavra "formiga". A partir do substantivo "formiga", é possível derivar o verbo "formigar", que significa produzir uma sensação semelhante ao movimento de formigas sobre a pele. Em seguida, o verbo "formigar" pode ser transformado no substantivo "formigamento", que descreve a sensação de picadas leves ou adormecimento na pele, como resultado da ação de "formigar". Esse processo de derivação não apenas ilustra as regras morfológicas do português, mas também demonstra como as mudanças gramaticais refletem nuances semânticas.

De acordo com os estudiosos, Lakoff e Johnson (1980) o sentido se constrói mediante conexões que se estabelecem entre domínios cognitivos, estas sucedem por meio do processo denominado projeção de domínios, há um domínio A (bem estruturado) e um domínio B (precisa ser estruturado) que estabelecem correspondência unidirecional: a relação é de A (formigamento) para B (dor), e não o contrário. Neste caso,

formigamento é o domínio-fonte (concreto, experienciável) e dor/sensação é o domínio-alvo (abstrato, subjetivo).

Quadro 4.7 Domínio-fonte e domínio-alvo

Domínio-Fonte	Domínio-alvo
FORMIGA	DOR
° formigar	° perturbação da sensibilidade
° formigamento	° parestesia

Fonte: Elaborado pela autora

Mediante a identificação do conceito ‘formiga’ e do conceito ‘dor’, se estabelece a projeção entre os domínios: do mais concreto (inseto) ao mais abstrato (sensação), há uma tensão gerada pela dissemelhança entre os conceitos, a qual diminui quando há o reconhecimento de elementos semânticos periféricos de ambos os domínios que estabelecem a relação metafórica. De acordo com Lakoff e Johnson, entre os dois domínios estabelecem-se analogias estruturais, ou seja, “são processos de pensamento em que implicações de um domínio interagem com implicações de outro, estendendo e reorganizando fronteiras conceptuais (Lakoff; Johnson, 1980 p. 46).” A projeção metafórica é que possibilita o reconhecimento de certa uniformidade, oposição, diferença; é essa operação cognitiva de reconhecimento de suas semelhanças e diferenças que a integra. Dessa operação cognitiva surge a metáfora conceptual que possibilita a imaginação e criação um novo conceito, de uma nova realidade, que possui características de ambos os conceitos, mas com aspectos particulares, únicos (Lakoff e Johnson, 1980, 1987, 1999).

Dentre as três categorias de metáforas apresentadas no capítulo 1: a ontológica, a estrutural e a orientacional, a expressão metafórica “*dor como formigamento – dolor como hormigueo*” apresenta maior afinidade com a metáfora do tipo ontológica porque esta nos ajuda a entender conceitos abstratos (a dor) como se fossem objetos ou substâncias concretas; daí emerge a metáfora conceptual “DOR É UM AGENTE VIVO”. Nessa metáfora, a dor é personificada ou comparada a algo que possui comportamento e ação próprios, como um agente ou uma entidade viva —formiga—, ou seja, a dor é representada como um ser vivo (uma entidade) que causa sensações específicas no corpo. O formigamento é uma maneira de descrever como a dor se comporta, como se pequenos

seres vivos (formigas) estivessem se movendo sob a pele. Dessa maneira, o conceito abstrato de dor se torna mais concreto e fácil de entender ao ser comparado a uma sensação familiar e concreta como formigamento. Assim, nessa metáfora conceptual o termo ‘formigamento’ usa a ideia de pequenos agentes (formigas) para descrever a experiência da dor de maneira mais vívida e compreensível.

A entrevistada Carmencita utilizou a metáfora linguística que reflete essa metáfora conceptual ao narrar sua experiência álgica: “*siento dolores en las piernas y a veces siento como si me caminaran hormigas por las piernas, esa sensación es muy molesta, y más aún cuando te despiertas y la tienes ahí*”. Johnson explica que “as metáforas conceptuais são “estruturas de compreensão” porque são padrões em termos dos quais nos apropriamos do mundo, o que corresponde à compreensão em seu sentido mais amplo (Johnson, 1987, p. 83)”. Ademais o autor destaca que, pelo fato de a metáfora ser uma operação cognitiva, ela segue o padrão de nosso pensamento lógico, o que permite que seu uso seja automático e inconsciente, ou seja, espontâneo, como foi corroborado por nossa entrevistada ao explicar a moléstia que ela sentia, utilizando a metáfora linguístico terminológica: *dor como formigamento - dolor como hormiguelo*.

Os termos metafóricos que se incluem na metáfora conceptual "DOR É OBJETO PONTUDO" são:

Quadro 4.8 Metáfora conceptual Ontológica: DOR É OBJETO PONTUDO

<b>Metáfora Ontológica: DOR É OBJETO PONTUDO</b>	
<b>ENTIDADE CONCRETA</b>	<b>METÁFORA TERMINOLÓGICA</b>
objeto → agulha ( <i>aguja</i> )	Como agulhada ( <i>como agujas</i> )
objeto → chicote ( <i>látigo</i> )	Como chicotada ( <i>como latigazo</i> )
objeto → formiga ( <i>hormiga</i> )	Como formigamento ( <i>como hormiguelo</i> )
objeto → maribondo ( <i>avispa</i> )	Como ferroadada ( <i>como un pinchazo</i> )
objeto → estocada ( <i>asta</i> )	Como fisgada ( <i>una puntada</i> )
objeto → abelha ( <i>abeja</i> )	Como zumbido ( <i>como un zumbido</i> )

Fonte: Elaborado pela autora

Ao descrever a dor como uma ferroadada, fisgada, zumbido, pancada, agulhada, e outros, estamos atribuindo características concretas a uma experiência abstrata, que é a dor, uma vez que não sentimos o chicote, a agulha e a formiga, mas a ação desses elementos no nosso corpo. Primeiro, há aí um processo metonímico que substitui uma ação com um instrumento (furar com agulha) pelo instrumento (agulha). Dessa maneira,

teríamos em seguida um processo metafórico que relaciona o domínio da dor ao domínio desse instrumento ou da lesão que ele causa. Isto é, nesses exemplos não temos apenas uma metáfora, mas um *blending*, a ocorrência de uma metonímia e de uma metáfora simultaneamente. Ferrari (2011) informa que, propostas recentes “argumentam que, embora haja casos claros de metáfora e metonímia, não há sempre uma distinção nítida o suficiente para identificar onde termina uma e começa outra” (Ferrari 2011, p.104); percebe-se que há uma interação, um *continuum*, entre metáfora e metonímia. De forma análoga, Lascaratou (2007) argumenta que “os aspectos físicos (quase) universais da dor, ou seja, efeitos sensoriais metonimicamente conceituados em termos de tipos particulares de dano tecidual, motivam e restringem a representação metafórica da dor.” (Lascaratou, 2007, p.166<sup>38</sup>) Dessa forma, se a dor provoca uma sensação de picada, o conceito de objeto pontiagudo pode ser aplicado de forma metonímica, originando a metáfora DOR É OBJETO PONTUDO, que, por sua vez, se manifesta em diversos termos linguísticos de caráter metafórico.

#### Dor como **choque** (*dolor como corriente*)

A metáfora expressa no termo ‘choque’/‘*corriente*’ estabelece uma comparação entre o fenômeno físico (choque) e dor (experiência complexa); dessa maneira, cria-se um novo sentido e significado que expressa um tipo de moléstia específica. A projeção metafórica entre os domínios A (bem estruturado) e B (menos estruturado) é motivada por uma correlação estrutural que estabelece a correspondência entre os dois domínios; vale lembrar que “a estrutura do domínio-fonte precisa ser preservada pela projeção, de modo consistente com o domínio-alvo” (Ferrari, 2011, p.97). O domínio-fonte transfere o fenômeno físico ‘choque’ ao domínio alvo ‘dor’ mais abstrato e complexo:

- Estou com uma dor que parece um choque (estado)

Segundo Ferrari (2011) esse transporte se sustenta quando o domínio-alvo é um estado, aí se estabelece uma relação estável e sistemática entre os dois domínios conceptuais. “A estrutura conceptual e a linguagem do domínio-fonte são usadas para retratar uma situação no domínio-alvo” (*op.cit.* p.97) dor como um **choque** / *dolor como una corriente*.

---

<sup>38</sup> if the (near-) universal physical aspects of pain, i.e. sensory effects metonymically conceptualised in terms of particular types of tissue damage, motivate and constrain the metaphorical representation of pain. Tradução nossa.

Dessa operação resulta a metáfora conceptual DOR É ELETRICIDADE, na qual a dor é comparada a um choque elétrico, sugerindo uma experiência intensa, ora localizada, ora espalhada. Ademais, essa metáfora conceptual leva em conta a historicidade da experiência ocidental com a eletricidade e com corrente elétrica que é transferida à experiência no corpo em relação a uma dor como choque físico, uma contusão.

Conceito: o conceito abstrato é a dor, que é um artefato simbólico e complexo.

Metáfora: a metáfora é “choque”, que compara a dor a força física que causa uma reação imediata e forte, como um choque elétrico.

Metáfora conceptual: A metáfora conceptual envolve a ideia de que a dor pode ser como um choque elétrico, que provoca uma resposta instantânea e potente.

Expressão terminológico-metafórica: Dor como um choque. *Dolor como una corriente.*

Por outro lado, o termo ‘explodir’ (*explotar*) observável na expressão terminológica: Minha cabeça parece que vai explodir de tanta dor. *Tengo un dolor de cabeza tan fuerte que es como si me fuera a explotar.*

Nesse caso, a dor é comparada a uma explosão, implicando uma sensação de dor que é muito intensa, surge subitamente e vai aumentando a pressão até provocar a sensação de explosão. A metáfora conceptual subjacente dessa UTC DOR É FORÇA FÍSICA, traduz a intensidade de certo tipo de dor como uma força física que se manifesta fortemente, qual uma explosão. A categoria de metáfora ontológica nos ajuda a concretizar a experiência subjetiva da dor, tornando-a mais compreensível através da associação com fenômenos físicos intensos, conhecidos e experienciáveis. (Lakoff e Johnson, 1987, 1999).

dor como **queimação** (*dolor como si quemara*)

Neste termo metafórico, a dor estabelece um paralelismo, mediante o advérbio comparativo ‘como’, com algo que é exposto demasiadamente ao calor e se queima. É essa experiência corpórea, concreta, visível de queimar que empresta alguns de seus aspectos para explicar algo que não é visível, que não é óbvio, que é mais intangível, a dor. Observemos como se dá a projeção metafórica.

O elemento comparado ‘dor’ é a primeira parte da estrutura terminológica que é integrada ao elemento comparante ‘queimar’. Há dois elementos distintos: dor e queimar, sendo dor (domínio-alvo) entendida em termos de fogo/calor (domínio-fonte); os dois

elementos se juntam através de mapeamentos que identificam aspectos do conceito A que podem ser projetados ao conceito B. Algumas das qualidades do elemento comparante (queimar) confrontadas ao elemento comparado (dor) são as que vão atribuir as qualidades de fogo/calor a certo tipo de dor. (Sardinha, 2007)

O domínio-fonte inclui conceitos relacionados ao fogo, ao calor: como calor, como brasa, queimação e o domínio-alvo é a experiência da dor. Daí surge a metáfora conceptual: "DOR É FOGO". Assim como as metáforas ontológicas em geral, esta metáfora transforma a experiência abstrata da dor em termos concretos de calor ou fogo. A sensação de queimação é uma experiência sensorial comum que todos podemos entender, tornando a experiência da dor mais tangível e fácil de comunicar. Os termos metafóricos que estão incluídos na metáfora conceptual "DOR É FOGO" são: ardência, em brasa, queimação (*abrasador, ardor, quemara*).

Observamos que as metáforas ontológicas são as que mais estão presente, porque permitem que conceitos abstratos sejam compreendidos e manipulados como se fossem objetos ou substâncias físicas, facilitando a comunicação sobre experiências que de outra forma seriam difíceis de expressar. Os termos metafóricos apresentam diferentes metáforas conceptuais do conceito DOR representado na fala dos entrevistados, o que permite destacar diversos aspectos da experiência física e cognitiva humana presentes nas duas línguas aqui analisadas.

Kövecses (2005), ao realizar um estudo cultural sobre as metáforas conceptuais baseadas em experiências corpóreas, argumenta que elas são potencialmente universais, ou seja, há muitas possibilidades de que estas coocorram em diversas línguas e culturas, porém apresentam alguns matizes morfossintáticos. O autor alega que não se deve criar a expectativa de que “as metáforas corporificadas na experiência universal devam ser encontradas em todas as línguas” (Kövecses, 2005), e sim, entender que elas são potencialmente universais. Com base na linguística cognitiva, a qual afirma que as metáforas estão motivadas por correlações baseadas em experiências corpóreas, e a dor ao ser uma experiência corpórea universal, é possível encontrar as mesmas metáforas conceptuais representadas em metáforas linguísticas adequadas às diferentes línguas-cultura. Kövecses (2000) sustenta que a formação de conceitos é fortemente moldada por características universais do corpo humano, e que a possível universalidade de certas metáforas conceptuais se origina de aspectos universais da fisiologia corporal. Ele observa que indivíduos de diversas línguas e culturas compartilham ideias semelhantes sobre seus

corpos e passam por processos fisiológicos muito semelhantes ao vivenciarem certas experiências, como é o caso das experiências dolorosas.

#### **4.3.5. Unidades terminológicas complexas (UTCs)**

Nesta seção, deteremos nossa atenção sobre as UTCs complexas que correspondem a 8,3% do total das Uts. De acordo com os termos indicados pelos entrevistados, a estrutura gramatical é a seguinte:

i) nome + adjetivo → dor surda (*dolor sordo*); moscas volantes (*moscas volantes*); vista embaçada; no espanhol a UTC correspondente tem a seguinte estrutura: verbo + adjetivo → *ver borroso*)

Segundo Faulstich, “[...] a construção de terminologias complexas é um fenômeno que se dá num contínuo conceitual que vai do + geral ao + específico [...]” (Faulstich, 2003, p.61), como se pode atestar nas UTCs acima apresentadas. A autora acrescenta “[...] que no intervalo que vai do +geral ao +específico se processa o novo conceito, que seja próprio da área de especialidade que pertence o termo em causa (op. cit. 2003, p.62)” como dor surda, por exemplo. No nosso corpus, encontramos duas (2) estruturas de UTC aquela na qual a base se matêm com sentido prototípico e o segundo termo é metafórico: dor surda (*dolor sordo*); vista embaçada (*ver borroso*), aquela que nenhum dos termos se mantem com seu sentido prototípico, tudo é metafórico: moscas volantes. Cada uma dessas UTCs têm características prototípicas próprias que serão analisadas separadamente, a seguir, nos debruçaremos na análise da UTC ‘dor surda’ (*dolor sordo*).

#### **Dor surda (*dolor sordo*)**

Termo complexo formado por nome+adjetivo, no qual “dor” opera como conceito mais geral e “surdo” atribui à base o caráter particularizado da experiência; o primeiro termo mantém o sentido prototípico e o segundo carrega um sentido metafórico, ou seja, o primeiro elemento é modificado pelo segundo termo, em termos de Faulstich. Sager, 1993, identifica as unidades complexas como a combinação de dois ou mais termos, que juntos formam uma nova unidade sintagmática, com um novo significado independente das partes que o compõe, a qual representa um novo conceito. Da combinação desses dois termos, dor + surdez, que mescla o sentido do tato responsável pela recepção da dor com o sentido da audição responsável pela percepção dos sons nasce a UTC, a qual estabelece uma analogia entre a experiência concreta da surdez como uma das qualidades da dor.

Como mencionado anteriormente, nem toda dor está diretamente relacionada ao sistema nervoso periférico. Temos o sentido interoceptivo, que é responsável pela nossa percepção da dor, juntamente com outras sensações como fome, sede e prazer. Assim, podemos pensar que a dor está para interocepção da mesma forma que o som está para a audição; dessa forma, estabelece-se uma relação sinestésica entre dois domínios no reino dos sentidos e cria-se uma relação sinestésica entre dois domínios no reino dos sentidos:

Figura 4.3 Termo complexo: Dor surda



Fonte: Elaborado pela autora

Há a construção e expansão do significado motivado por projeções metafóricas, ou seja, projeções entre domínios que nos permite compreender as relações possíveis de conexão entre universos de experiências. A surdez é ausência do sentido da audição; no dicionário Houaiss, na entrada do substantivo surdo, em sua quinta acepção, registra um dos sentidos figurados “pouco sonoro, pouco audível <ruído surdo>” e, na sexta acepção “que se faz sem ruído, em silêncio ou em segredo”. Portanto, *dor surda* se percebe como algo indistinto, escondido, secreto, calado, que não se manifesta de forma clara e aberta, e sim, oculta, velada, sorrateira. O novo significado “se produz com o rastreamento de habilidades e informações inatas e adquiridas a fim de que a pessoa as combine, as adapte a diferentes domínios cognitivos e as reconfigure para a resolução de novos problemas, num processo de crescente flexibilidade e manipulabilidade dos significados de qualquer natureza (Gerhardt, 2003, p. 24).”

Quando construímos qualquer interpretação, mobilizamos uma enorme quantidade de conhecimento armazenado na memória de longo prazo, que é selecionado implicitamente para ser usado no novo contexto. Segundo Fauconnier, ao construirmos significado e interpretação, visualizamos apenas “a ponta do iceberg, que é a língua e as palavras que evocam o sentido; imersos, encontram-se todos os recursos cognitivos dos quais precisamos para elaborar sentido e realizar a interpretação (Fauconnier, 1997, p.1).” Dessa maneira, a expressão linguística “dor surda” (*dolor sordo*) mostra apenas “a ponta do iceberg” na construção do significado de uma das qualidades da dor explicada em

termos de outro sentido - a audição - passando a ser uma experiência sinestésica; há uma integração entre o domínio-fonte e o domínio-alvo, daí, surde - vem à tona - um novo conceito que carrega um único sentido, o qual baliza uma das manifestações da dor. Pode-se dizer que há uma “redescrição representacional, termo cunhado por Karmiloff-Smith, 1992, que se “produz com o rastreamento de habilidades e informações inatas e adquiridas a fim de que a pessoa as combine, as adapte a diferentes domínios cognitivos e as reconfigure para a resolução de novos problemas, num processo de crescente flexibilidade e manipulabilidade dos significados de qualquer natureza (Gerhardt, 2003, p.25).” Dessa maneira, se confirma um dos princípios da linguística cognitiva sobre o significado, ao afirmar que não há significados prontos, estáticos ligados às lexias, e sim, significados que se constroem com o conhecimento linguístico e o conhecimento enciclopédico já que “o significado associado às palavras, sempre envolve o significado pragmático (Ferrari, 2011, p. 18)”.

Ao buscar-se o termo correspondente, nos deparamos com uma relação isomórfica entre as UTCs em espanhol e português. Segundo Carvalho, este tipo de “correspondência interlingual em termos semânticos e pragmáticos é um fenômeno raro entre duas línguas, mas pode ocorrer, sobretudo quando o lema em questão é um termo técnico normativo.” Nota-se entre os dois termos - L1 e L2 - a mesma “delimitação de significado e uso” (Carvalho, 2001, p. 114)”. Ambas as UTCs são utilizadas para descrever uma experiência de dor específica, muitas vezes difícil de ser localizada com precisão, que é contínua, constante e pouco intensa. O português apresenta uma variante mais popular “dor cansada”, o que comprova a hipótese de Carvalho ao afirmar que “os termos de uso estritamente técnico com definição normativa podem apresentar variações” (*op. cit.* 114). Por outro lado, Kövecses (2005) esclarece que uma metáfora conceptual pode ser mais elaborada em uma língua do que em outra e, conseqüentemente, ser representada por um número maior de metáforas linguísticas, como neste caso, em que o português apresenta duas metáforas para essa característica da dor: dor surda e dor cansada, ambas metafóricas.

### **moscas volantes (*moscas volantes*)**

A experiência de ver manchas flutuantes no nosso campo visual é abstrata e difícil de descrever. Ao estabelecermos a comparação com "moscas", tratamos de descrever algo

intangível, que está no nosso campo visual, mediante experiências mais concretas, que revelam imagens conhecidas. Vejamos como a cognição elabora a projeção de imagens.

Temos o domínio-fonte (Objetos Físicos) → Insetos voadores (moscas)

Temos o domínio-alvo (Experiência Visual) → Imperfeições visuais que flutuam no campo de visão.

Vamos por partes: moscas são entidades voadoras que se movem de maneira errática, uma experiência visualmente familiar e concreta, por outro lado, temos manchas ou pontos flutuantes na visão, que também se movem de forma flutuante e imprevisível. Nesta unidade terminológica complexa ocorre um mapeamento simultâneo, segundo Lakoff (1993). O termo ‘moscas’ está baseado na metáfora conceptual: "IMPERFEIÇÕES VISUAIS SÃO OBJETOS FÍSICOS." Aqui, ‘moscas’ são objetos físicos que se movem no campo de visão, tornando a experiência de ver manchas mais compreensível, enquanto que ‘volantes’ faz uso da metáfora "VER É PERCEBER OBJETOS NO ESPAÇO", que estrutura a experiência visual em termos de percepção física de objetos que entram, saem, se movem no espaço visual. Portanto, a saber:

- a) Metáfora Ontológica: Transformação da experiência abstrata (imperfeições visuais) em algo concreto (moscas voando).
- b) Metáfora Estrutural (secundária): Percebe-se uma estruturação adicional, na qual ‘ver claramente’ é percebido como ter uma visão desobstruída, e imperfeições visuais são obstáculos que se movem como moscas, entrando e saindo do campo visual.

A UTC ‘moscas volantes’ (*moscas volantes*) é um exemplo de mapeamentos simultâneos de metáfora ontológica e metáfora estrutural previstas por Lakoff e Johnson, (1987, 1999). Essa projeção é possível porque as duas metáforas consideram diferentes aspectos do conceito de visão; a primeira utiliza a familiaridade com insetos voando para descrever uma experiência sensorial abstrata de maneira concreta, e a segunda utiliza o esquema de imagem Recipiente aplicado ao espaço visual; ambas necessárias para dar conta da compreensão dessa experiência visual complexa e abstrata e, também, facilita a comunicação entre o público migrante e os profissionais de saúde.

Foi interessante notar que a maioria das metáforas terminológicas da dor utilizam objetos, fenômenos físicos, animais para representar a intensidade ou tipo de dor,

pois estas traduzem os aspectos subjetivos e emoções que emergem a partir da experiência álgica. Portanto, inferimos que a metáfora ontológica é a que apresenta maior afinidade com a terminologia da dor, em seu aspecto informal.

A metáfora conceptual basilar EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS de Lakoff e Johnson (1987, 1999) é a matriz da categoria de metáforas que os autores denominam de Ontológica, estas emergem de nossas primeiras experiências com elementos físicos, especialmente nossos corpos, balizando-nos na conceptualização de ideias, emoções, sensações como ENTIDADES FÍSICAS. Essa metáfora primeva dá sustentação à criação de muitas outras metáforas ontológicas mais específicas que subjazem nossos conceitos, como ficou comprovado neste estudo. As metáforas primárias se estruturam desde a experiência e relacionam experiências subjetivas a experiências sensório-motoras. Na TMC comprova-se que a personificação é uma metáfora conceptual, pois há um mapeamento entre um domínio-fonte mais experienciável (mais animado) e um domínio-alvo menos experienciável (algo inanimado); elas servem de base para a conceptualização da experiência abstrata, subjetiva. Os autores afirmam que dificilmente podemos pensar sobre experiências abstratas sem metáforas, fato que pudemos comprovar na discussão e análise dos termos selecionados e propostos por nossas entrevistadas.

Esse percurso analítico culmina na categorização semântica dos termos de dor, classificando-os em diferentes categorias baseadas em seus significados e contextos de uso. Essa categorização não apenas revela padrões e regularidades na forma como a dor é expressa, mas também ilumina as nuances culturais e psicológicas que influenciam essas expressões, proporcionando uma compreensão mais aprofundada e detalhada das formas como a dor é concebida e comunicada linguisticamente.

#### **4.3.6. As categorias do conceito DOR**

Os termos metafóricos do conceito DOR foram categorizados por parencas de família e protótipos, de acordo com a perspectiva de categorização trazida por Lakoff e Johnson. Desse modo, cada família álgica se forma mediante um tema e de nuances desse tema; seus membros compartilham algumas peculiaridades e uma gradualidade que caracteriza a relação entre seus membros. Como afirmam os autores, “a formação da maior parte das categorias é uma questão de grau [...] temos também conceitos graduados que caracterizam graus ao longo de uma escala [...]” (Lakoff e Johnson, 1999, p.20); essa

gradação permite distinguir e indicar níveis de intensidade dentro de uma categoria. A categorização proposta para os termos do conceito DOR são as que seguem abaixo:

Quadro 4.9 Categorias semânticas do conceito Dor

<b>TEMPORAL</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>° dolor agudo - menos de tres meses / dor aguda</li> <li>° dolor crónico - más de tres meses / dor crônica</li> <li>° intermitente (de a rato) /intermitente (vai e volta)</li> </ul>
<b>TEMPERATURA</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>° abrasador / abrasadora</li> <li>° acidez / queimação</li> <li>° ardor /ardência</li> <li>° escalofrío / calafafrio</li> <li>° piel de gallina / arrepio</li> <li>° reflujo / azia</li> </ul>
<b>COMPRESIÓN /COMPRESSÃO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>° agarrotado /contratura muscular</li> <li>° calambre / câibra</li> <li>° desgarro / distensão muscular</li> <li>° pellizco / beliscão</li> <li>° retortijón / cólica</li> <li>° tirón / puxão</li> </ul>
<b>INTENSIDAD / INTENSIDADE</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>° leve/débil (leve/fraca) (1,2,)</li> <li>° moderado (moderada) (3,4,)</li> <li>° intenso/fuerte (intensa/forte) (5,6)</li> <li>° muy fuerte (muito forte) (7,8,9)</li> <li>° insoportable (insuportável) (10)</li> </ul>
<b>MOVIMIENTO / MOVIMENTO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>° latidos / latejante</li> <li>° pulsátil / pulsante)</li> <li>° difuso /espalhada</li> <li>° irradia / irradiada</li> <li>° referido /referida</li> </ul>
<b>SENSORIAL 1</b>

<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ agujas / agulhada</li> <li>◦ entumecimiento /dormência</li> <li>◦ hormigueo / formigamento</li> <li>◦ picazón /coceira</li> <li>◦ pinchazo / ferroadada</li> <li>◦ puntada /fisgada</li> <li>◦ punzante /perfurante</li> </ul>
<b>FUERZA FÍSICA / FORÇA FÍSICA</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ corriente / choque</li> <li>◦ latigazo /chicotada</li> <li>◦ martillazo(s) /martelada(s)</li> <li>◦ explotar / explodir</li> <li>◦ opresivo / opressiva</li> </ul>
<b>ESPACIO / ESPAÇO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ profundo /profunda</li> <li>◦ superficial /superficial</li> </ul>
<b>PERCEPCIÓN / PERCEPÇÃO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ dolor sordo /dor surda</li> <li>◦ fatiga /fadiga</li> <li>◦ fastidioso /chata</li> </ul>
<b>Sensorial 2 (audição, visão)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ aura /aura</li> <li>◦ mareo /tontura</li> <li>◦ moscas volantes /moscas volantes</li> <li>◦ náusea /enjoo/</li> <li>◦ ver borroso /vista embaçada</li> <li>◦ vertigo /vertigem</li> <li>◦ zumbido /zumbido</li> </ul>

Fonte: a autora (2024)

Os termos da categoria “Temporal” descrevem a dor em relação a dimensão do tempo: de curta, média ou de longa duração.

A categoria “Temperatura” refere-se a conceitos associados à sensação de calor ou frio. Caracteriza estados térmicos corporais —internos ou externos— que podem expandir-se a contextos emocionais.

A categoria “Compressão” agrupa os termos que assinalam a dor como força contrária, que restringe o movimento, fluxo ou função normal, provocando uma sensação de pressão, de torção, de desconforto. pressão, tensão muscular, resistência e impacto.

A categoria "Intensidade" refere-se à percepção subjetiva do grau -sua escala- de uma sensação dolorosa e descreve a magnitude ou a potência desse estímulo percebido pela pessoa.

A categoria “Movimento” engloba conceitos relacionados a movimentos internos ou rítmicos no corpo. Expressa a dor como se fosse uma substância líquida que pode mover-se e ocupar diferentes locais do corpo de maneiras diversas.

A categoria “Sensitivo” nucleia os termos que descrevem diferentes tipos de estímulos que podem causar dor e são percebidos pelo sistema sensitivo do corpo.

A categoria “Sensorial 1” agrupa os termos que descrevem, no domínio físico, como percebemos a dor em relação às sensações corporais de contato, penetração, irritação, que proporcionam uma compreensão mais concreta dessas experiências.

A categoria “Força Física” envolve termos que são utilizados metaforicamente para descrever a intensidade, persistência e impacto de certas experiências sensoriais e fazem referência à maneira como percebemos a dor em relação às sensações corporais de pressão e tensão.

A categoria “Espaço” agrupa termos que descrevem as qualidades e relações de extensão, profundidade e superfícies da dor.

A categoria “Percepção” agrupa diferentes estados anímicos e os associa a certas experiências ou sensações, que são conceptualizadas de forma a relacioná-las com nossa compreensão física e espacial do mundo como superfície, profundidade, peso.

A categoria “Sensorial 2”, alude a algumas impressões e sensações complexas transmitidas aos centros sensoriais do ouvido e da vista, traduzidas em termos mais tangíveis, facilitando, desse modo, a comunicação dessas sensações.<sup>39</sup>

As categorias foram organizadas com base na semelhança entre seus membros, a as quais refletem as capacidades cognitivas humanas de agrupar e distinguir conceitos. Diferente de categorias rigidamente definidas, as categorias -sob a perspectiva da LC- possuem fronteiras fluidas, sendo assim, há um espaço onde os termos convergem (se

---

<sup>39</sup> As definições das categorias foram elaboradas com base nas definições dos dicionários de língua geral mencionados na metodologia, blogs da área da Saúde e adaptados e validados por uma profissional da área: Dr.<sup>a</sup> Ocampos, D.L.

aproximam em significado) e divergem (se afastam em significado) como uma dança de significados do conceito DOR expressados em suas diferentes metáforas conceptuais com seus respectivos termos metafóricos.

Delimitar os diferentes aspectos da dor expressada, proporciona instrução e informação necessárias para que os diferentes termos álgicos não sejam vistos e analisados isoladamente, mas sim, nas relações que estes estabelecem entre si e com a categoria, assim, alguns apresentam certas semelhanças em comum, como sensitivo/sensorial, outros apresentam certas semelhanças em força física, e todos se agrupam por parencas de família nas diferentes categorias do conceito dor para dar conta da expressividade dessa experiência complexa e multidimensional que a dor representa.

No estudo realizado dos termos metafóricos em espanhol e seus equivalentes em português, notamos que ambas as línguas e culturas compartilham das mesmas metáforas conceptuais ontológicas. Isso indica que, em um nível cognitivo, há uma tendência comum em ambas as culturas de representar conceitos abstratos de maneira semelhante, utilizando metáforas relacionadas a agentes físicos ou processos naturais. No entanto, também identificamos que alguns poucos termos que são metafóricos em espanhol não possuem o mesmo valor metafórico em português, e vice-versa. Essas discrepâncias sugerem nuances culturais e linguísticas específicas que influenciam a forma como certas experiências são conceptualizadas. Por exemplo:

Quadro 4.10 Termos metafóricos divergentes

Espanhol	Português
acidez	<i>metf.</i> queimação
<i>metf.</i> desgarró	distensão muscular
<i>metf.</i> reflujó	Azia
<i>metf.</i> piel de gallina	Arrepio

Fonte: autora

Esses exemplos mostram que, embora "*acidez*" em espanhol seja usado em um sentido mais literal para descrever a sensação de ardência no estômago, em português, a mesma sensação é descrita metaforicamente como "queimação". Por outro lado, "*desgarro*" é uma metáfora em espanhol que evoca a imagem de um rasgo ou ruptura, enquanto em português é utilizado o termo "distensão muscular", que é uma descrição

mais técnica e menos figurativa. Da mesma forma, "*reflujo*" —que no espanhol significa movimento de retrocesso da maré— é utilizado de forma metafórica; por outro lado, embora haja o termo refluxo em português, o termo preferido pelos falantes é "azia", que não é metafórico, isso indica diferenças na conceptualização dessas sensações em cada língua. Essa preferência dos falantes foi-nos atestada pela Dr.<sup>a</sup> Ocampos.

No caso do termo metafórico "*piel de gallina*" em espanhol, que literalmente se traduz ao português como "pele de galinha", esse termo evoca a imagem da pele com pequenas protuberâncias, semelhantes às de uma galinha depenada, para descrever uma reação fisiológica causada por febre, frio ou medo. Esta é uma metáfora ontológica, na qual uma condição física ou sensorial é comparada a uma entidade visual concreta. Em português, o equivalente mais próximo é "arrepio". No entanto, "arrepio" não é uma metáfora; ele descreve diretamente a sensação de rigidez ou erguimento dos pelos da pele, associada à febre, frio ou medo, sem o componente imagético de "*piel de gallina*". Portanto, "arrepio" é um termo literal que reflete diretamente o fenômeno fisiológico, ao contrário do termo espanhol que utiliza uma metáfora visual. Essa diferença reflete como as duas línguas~cultura utilizam mecanismos diferentes para representar a mesma experiência sensorial. Enquanto o espanhol opta por uma imagem visual mais detalhada e específica (*piel de gallina*), o português adota um termo que se foca na sensação imediata (arrepio), sem a mesma carga imagética. Dessa forma, comprova-se o que Kövacsés afirmou em seu estudo cultural de metáforas, ao comprovar que esse mecanismo cognitivo não se baseia apenas em experiências corpóreas, mas também em modelos culturais e contextos situacionais.

Na análise das diferenças e semelhanças entre os cinquenta e um (50) termos em espanhol e português, observamos que, apesar das raízes comuns e das influências linguísticas compartilhadas em ambas as línguas, há dois termos no nosso corpus que podem levar a confusões, são eles:

Quadro 4.11 Termos divergentes

Espanhol	Português
<i>llagas</i>	Afta
<i>latido</i>	Latejante

Fonte: autora

O termo espanhol "*llagas*", que se refere a pequenas feridas na boca e garganta, pode ser confundido foneticamente com "chagas" em português, que designa a doença de

Chagas, a qual é denominada em espanhol de “*enfermedad de Chagas*”. Deduz-se que a dificuldade de compreensão do termo “*llagas*” se deve a dois fenômenos fonéticos: o primeiro refere-se ao dígrafo em espanhol ‘Ll’, que se realiza, em algumas regiões - Argentina, Uruguay- foneticamente como [ʎ] (consoante fricativa pós-alveolar surda) e corresponde ao mesmo som no português do dígrafo ‘Ch’ [ʃ]. No espanhol o dígrafo ‘Ch’ se realiza foneticamente como [tʃ] ‘chagas’ /tʃagas/, distinto de ‘llagas’ /ʎagas/na fonologia do espanhol. No entanto, ‘llagas’ (espanhol) e chagas (português) se pronunciam de forma bem semelhante, pois em português, [ʃ] é parte do fonema /ʃ/, e [tʃ] é parte do fonema /t/. Um falante de português, ao ouvir [tʃagas] ou [ʃagas] vai tender a associar com a palavra /ʃagas/ 'chagas' do português. Portanto, essa semelhança fonológica exige atenção na comunicação para que se evite mal-entendidos que podem levar a diagnósticos equivocados que colocam em risco a saúde de pacientes.

O outro termo do espanhol “*latido*”, que descreve uma sensação pulsante, tem a mesma forma no português, porém com outro significado. Ambas as palavras, nas duas línguas compartilham da mesma forma gráfica, mas o ponto de divergência se encontra no significado que não apresenta correspondência semântica; é um exemplo de vocábulos heterosemânticos. Para Bechara e Moure (1998, p.17), essa categoria apresenta forma semelhante com significados diferentes no uso atual, embora sejam vocábulos que possuem a mesma origem, chegando inclusive a compartilhar o mesmo significado em etapas anteriores de ambas as línguas; hoje isso não ocorre. O termo ‘latir’ com origem no latim, significa pulsar, latir (o coração) e também ladrar (o cachorro). (DRAE, 2007). No movimento da língua, no percurso histórico, o português atual só manteve o sentido de ladrar, enquanto que no espanhol se manteve, apenas, o significado de latir, pulsar. Ao comparar as definições *latido*/*latejante*, percebe-se que compartilham do significado semântico de pulsar, latir. O DRAE se refere ao latir do coração, mas não à dor como um *latido*. Esse sentido é dado pela metáfora ‘*como latidos*’ que em português é obtida através do adjetivo ‘*latejante*’, o qual conserva um dos significados de sua origem: pulsar.

Reconhecemos que as palavras não são etiquetas que correspondem à realidade; são molduras vazias que mediam a intensidade da vida e o significado depende do contexto e da evolução e transformação natural das línguas vivas. No tocante a dor, inferimos que há um substrato comum na experiência humana e universal da dor; portanto, foram encontrados poucas metáforas divergentes nas duas línguas~cultura aqui representadas.

Constatamos que as metáforas utilizadas são amplamente compartilhadas em ambas as línguas cultura, e podem ser definidas como uma forma de conhecimento prático, pois possuem um saber cognitivo~afetivo orientado para a compreensão e comunicação de experiências mais subjetivas. As entrevistadas descreveram a sua dor fazendo associações e utilizando metáforas que a representavam como formigamento, explosão, latejante; a busca de termos para expressar essa experiência corporal, cognitiva e emocional, dada sua complexidade, faz com que, muitas vezes, recorramos a metáforas para representá-la simbolicamente.

Sistematizando, neste capítulo apresentamos a análise e os resultados a partir do referencial teórico da presente pesquisa. Identificamos e classificamos os termos, primeiramente do ponto de vista formal, e, secundamente, os termos potencialmente metafóricos e aqueles que, a nosso modo de entender, não tinham essa característica. Seguindo a metodologia de identificação de metáforas, pudemos distinguir os termos metafóricos daqueles que não o são, a partir daí, identificamos as metáforas conceptuais que subjazem aos termos metafóricos. Seguidamente, propusemos uma categorização semântica de todos os termos qualificativos da dor. Nesse percurso de estudo e análise, pudemos constatar que a metáfora não é uma figura de linguagem, apenas, é conceito que estrutura a cognição humana e auxilia no processo de categorização das experiências humanas tanto concretas quanto abstratas. A abordagem da Metáfora Conceptual fundamentou a conceptualização metafórica da dor e nos mostrou que os diferentes conceitos de dor engendram diferentes expressões metafóricas. Isso se deve ao fato que tendemos a entender conceitos complexos e abstratos, como a dor, mediante a associação de nossas primeiras experiências corporais com objetos e substâncias, as quais dão sustentação à elaboração de conceitos mais abstratos, como ficou demonstrado nas análises das metáforas terminológicas da linguagem da dor. Estas têm como pilar a metáfora ontológica EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS, que estabelece uma relação de semelhança com nossas experiências mais concretas e nos habilitam a conceptualizar eventos, emoções, ideias, sensações como entidades físicas. Portanto, concluímos que em grande medida, as metáforas conceptuais da experiência algica são, maioritariamente, ontológicas.

Concordamos com Lakoff e Johnson que o pensamento se enraíza no corpo e dele subtrai as metáforas que permeiam a pujança da vida; como dizia Nietzsche “entende-se com os músculos, lê-se mesmo com os músculos [...] comunicam-se movimentos, signos

mímicos a partir dos quais chegamos aos pensamentos”. Relacionar-nos com a dor como signo mímico, é aprender com ela a viver as múltiplas tonalidades e estímulos do corpo que serão traduzidas em metáforas no nosso diário viver. Que o poder da força da dor seja também o poder do enfrentamento com as contradições da vida e da morte e que nos ensine a aceitar a viver na dor e na alegria a impossibilidade de aprisionar a vida, porque:

*El ojo además de ver, llora.  
El oído además de oír, escucha.  
La nariz además de respirar, une.  
La lengua además de degustar, canta.  
El tacto además de sentir, acaricia, y  
El pensamiento además de pensar, crea!*

## **CAPÍTULO 5 – GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO BILÍNGUE GLOS-DOL / GLOS-DOR**

Esta obra suscinta está dedicada a todas as pessoas que tiveram que deixar seu país de origem, por razões diversas, e se aventuraram a experienciar a vida desde outro recorte da realidade com novos sons, novos sabores, novos odores, novas tonalidades e texturas. Nessa novidade toda surgem resistências, reticências, estranhezas que podem trazer informações guardadas na memória, de dores antigas ou de dores adquiridas nessas travessias. Este glossário de termos da dor do par linguístico Espanhol→Português visa cobrir a necessidade de comunicar aquilo que é quase incomunicável em palavras técnicas —a dor— por caminantes de diásporas várias e de motivos diversos. Os termos técnicos da dor no linguajar do povo é assaz metafórico, pois é ali que a cognição encontra as ferramentas necessárias para imaginar e criar novas formas de dizer o quase indizível. Portanto, a obra tem como seu primeiro público-alvo os migrantes hispanos que se encontram em solo brasileiro, secundamente os profissionais da saúde e finalmente todos os estudantes de tradução e intérpretes que precisarem de informações acerca das metáforas utilizadas por pacientes na área de especialidade do domínio da saúde.

Por considerar que as definições registradas em bibliografia ou em sites sobre termos metafóricos da dor são escassas, ou inexistentes, consideramos útil e oportuna a edição desta ferramenta, já que reúne informações sobre a terminologia da dor de base linguística e extralinguística. Dessa forma, a pertinência deste glossário de termos álgicos Glos-Dol se justifica por propiciar ao público-alvo e afins a compreensão e ampliação da terminologia dessa experiência complexa que é a dor, visto que glossários que tenham como público-alvo o povo e se proponham a criar uma ponte entre o vocabulário técnico e o linguajar popular são, de veras, escassos.

De acordo com Faulstich, as ferramentas terminográfica são “repertórios em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistêmica seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência” (1995, p. 15). Tendo por assento a referida definição, decidimos criar um glossário no par linguístico Espanhol e Português, intitulado de Glossário Bilíngue de termos da dor “Glos-Dol/Glos-Dor”, como produto final dos resultados alcançados nesta tese.

### **5.1. Como consultar o Glos-Dol**

O corpus do glossário está organizado em um índice geral que arrola em ordem alfabética, todos os termos nas duas línguas, a saber, espanhol e português. Vale recordar, que a língua de partida do glossário é o espanhol e cada termo é apresentado em espanhol com seu equivalente em português.

### **5.2. A macroestrutura**

O Glos-Dol comporta 50 entradas, da área da saúde nas duas línguas oficiais da América do Sul, a saber, português e espanhol. São 50 termos ordenados alfabeticamente; ao termo entrada lhe segue a definição e informações relevantes ao consulente.

No glossário, as entradas representam os conceitos da linguagem da dor e cada termo entrada é apresentado em espanhol e português. Os termos não apresentam marca geográfica, pois, apesar da diversidade do espanhol, há uma relativa unidade linguística —no que tange ao léxico da dor— que permite que falantes de diferentes países latino-americanos se compreendam mutuamente; o português reflete o uso do Brasil.

Destacamos que Glos-Dol/Glos/Dor é uma proposta em extensão; dessa forma, nosso desejo é ampliar a quantidade de línguas contempladas nesta breve obra, até atingir as línguas oficiais faladas nas Américas como inglês e francês e, após a conclusão da tese, alocá-la em uma plataforma de domínio público e gratuito para que todos os migrantes possam utilizá-la amplamente.

### **5.3 A medioestrutura**

Na medioestrutura encontra-se o sistema de remissões, elaborado de modo a remeter o usuário a informações que ampliam e ultrapassam os limites do verbete. As remissivas estão no interior do verbete, sinalizadas com o símbolo ► com significado de “ver” que indica consulta a outro verbete por razões semânticas. A interligação semântica também remete o consulente à categoria na qual o termo está inserido, e estabelece uma rede conceitual entre os termos.

A experiência da dor é complexa e multifacetada, envolvendo diversas formas de percepção e expressão; tendo em vista facilitar a compreensão e o uso de termos relacionados à dor, organizamos os 50 termos em 10 categorias semânticas, apresentadas logo abaixo. Essa divisão foi pensada para ajudar o consulente a identificar, descrever e

interpretar a dor e a sensação de forma mais precisa e detalhada. Cada categoria agrupa termos que abordam diferentes dimensões da dor e as sensações.

**Temporal** explora a relação da dor com o tempo (duração e frequência).

**Temperatura** trata de sensações de calor ou frio relacionadas à dor.

**Compressão** abrange termos ligados a pressões e apertos.

**Intensidade** descreve o grau ou força da dor.

**Movimento** foca nas dores associadas a deslocamento ou esforço físico.

**Sensorial 1** inclui termos ligados a estímulos sensoriais como formigamento, agulhadas.

**Sensorial 2** engloba termos vinculados à vista e ao ouvido.

**Força Física** são os termos que fazem referência à maneira como percebemos a dor em relação às sensações corporais de pressão e tensão.

**Espaço** refere-se à localização da dor pelo corpo como irradiada, referida.

**Percepção** engloba termos de como a dor é subjetivamente sentida e interpretada.

Organizar os termos em categorias semânticas permite uma visão mais clara das múltiplas formas de manifestação da dor. Este recurso é fundamental tanto para os consulentes em geral, que desejam encontrar palavras adequadas para descrever suas dores, quanto para profissionais da saúde, que buscam compreender com precisão as queixas dos pacientes.

#### **5.4 A Microestrutura**

O verbete está organizado para oferecer informação gramatical, marca de uso, definição, contexto, nota, remissiva e categoria semântica. As referências do contexto de uso e da nota podem ser consultadas no Anexo do Glos-Dol. Disposto ao lado direito, está o termo equivalente em português contendo as mesmas informações do verbete em espanhol.

Para ilustrar, apresentamos o modelo de verbete proposto para a presente obra:

Figura 5.1 Verbetes “aguja”

	Entrada Esp.	Inf. Gram.	Definição	Entrada Port.
Marca de uso	<b>aguja</b>	<b>agulhada</b>		
	n.f.	n.f.		
	<i>Metf</i> sensación de múltiples presiones puntiformes, similar a la sensación de ser pinchado por agujas o alfileres.	<i>Metf</i> dor fina e profunda semelhante à sensação de ser furado por agulhas ou alfinetes.		
Fonte	<b>contexto</b> <i>sentía como agujas en la cara cuando maticaba.*1</i>	<b>contexto</b> <i>estou sentindo umas agulhadas na lombar, o que será?</i>		
	<b>nota</b> suele usarse en plural: dolor como agujas.*a	<b>nota</b> usam-se: dor como agulhas e dor agulhada.		
	<b>Ver ▶</b> pinchazo, punzada (Cat. Sensorial 1)	<b>Ver ▶</b> ferroadada, fígada (Cat. Sensorial 1)		

Remissiva e Categoria Semântica entre parênteses.

### 5.3.1. Lista de símbolos

▶ Remissiva

\*1 Fonte do contexto

\*a Fonte da nota

### 5.3.2. Lista de abreviações

adj. Adjetivo

n. nome

v. verbo

f. feminino

m. masculino

metf. metáfora

Cat. Categoria

### 5.3.3 Lista de entradas

## **Espanhol / Português**

1. abrasador / abrasadora
2. acidez / queimação
3. agarrotado / aprisionada
4. agudo / aguda
5. aguja / agulhada
6. ardor / ardência
7. aura / aura
8. calambre / câibra
9. calambre de estômago/ cólica estomacal
10. corriente / choque
11. crónico / crônica
12. desgarró / distensão muscular
13. difuso / espalhada
14. dolor sordo / dor surda
15. entumecimiento / dormência
16. escalofrío/ calafrio
17. explotar / explodir
18. fatiga / fadiga
19. fastidioso / chata
20. fuerte / forte
21. hormigueo / formigamento
22. insoportable / insuportável
23. intenso / intensa
24. intermitente / intermitente
25. irradia / irradiada
26. latido / latejante
27. latigazo / chicotada
28. llaga / afta
29. mareo / tontura
30. martillazo / martelada
31. moderado / moderada
32. moscas volantes / moscas volantes

33. náusea / enjojo
34. opresivo / opressiva
35. picazón / coceira
36. piel de gallina / arrepio
37. pellizco / beliscão
38. pinchazo / ferroadada
39. profundo / profunda
40. pulsátil / pulsante
41. punzada / fisgada
42. referido / referida
43. reflujo / azia
44. retortijón / cólica
45. sensación / sensação
46. superficial / superficial
47. tirón / puxão
48. vértigo / vertigem
49. visión borrosa / vista embaçada
50. zumbido / zumbido

## GLOS-DOL / GLOS-DOR

<p><b>abrasador</b></p> <p><b>adj.</b> <i>metf.</i> que produce una sensación de dolor quemante similar a la que provocan algunas sustancias picantes o corrosivas.</p>	<p><b>Abrasador</b></p> <p><b>adj.</b> <i>metf.</i> que produz uma sensação de dor ardente semelhante à causada por algumas substâncias picantes ou corrosivas.</p>
<p><b>contexto</b> <i>Siento un dolor en la pierna abrasador! es como si tuviera una brasa quemándome. *1</i></p>	<p><b>contexto</b> <i>Estou com uma dor nas costas abrasadora! é como se uma brasa estivesse me queimando. *2</i></p>
<p><b>Ver ►</b> acidez, (como si) quemara. (Cat. Temperatura)</p>	<p><b>Ver ►</b> queimação (Cat. Temperatura)</p>

<p><b>acidez</b></p> <p><b>n.f.</b> sensación de quemazón en el estómago, acompañada de eructos, provocada por un exceso de ácidos en los jugos gástricos.</p>	<p><b>Queimação</b></p> <p><b>n.f.</b> <i>Metf</i> sensação de ardência no estômago semelhante a uma queimação, geralmente acompanhada de gases.</p>
<p><b>contexto</b> <i>no puedo comer salsa y picantes porque me provoca acidez estomacal</i></p>	<p><b>contexto</b> <i>por que sinto uma queimação depois de comer?</i></p>
<p><b>Ver ►</b> reflujo, abrasadora, ardor (Cat. Temperatura)</p>	<p><b>Ver ►</b> azia, abrasadora, ardência (Cat. Temperatura)</p>

<p><b>agarrotado</b></p> <p><b>adj.</b> <i>Metf.</i> sensación de rigidez que dificulta el movimiento de los músculos apesados y doloridos.</p>	<p><b>Enrijecido</b></p> <p><b>adj.</b> sensação de musculatura endurecida e dolorida que dificulta o movimento.</p>
<p><b>contexto</b> <i>“me despierto con los músculos agarrotados”. *3</i></p>	<p><b>contexto</b> <i>“É como se a musculatura estivesse dura, enrijecida, e isso não deixa eu me mexer porque dói muito”.</i></p>
<p><b>Ver ►</b> calambre, pellizco, tirón, desgarro. (Cat. Compresión)</p>	<p><b>Ver ►</b> câibra, beliscão, puxão, distensão muscular. (Cat. Compressão)</p>

<p><b>agudo</b></p> <p><b>adj</b> <i>Metf</i> se dice del dolor que es intenso y súbito, es una respuesta inmediata y natural del cuerpo, avisa que existe algún peligro para la integridad del organismo</p>	<p><b>Agudo</b></p> <p><b>adj</b> <i>Metf</i> diz-se de uma dor que é intensa e repentina, que é uma resposta orgânica imediata e natural e que avisa que há algum perigo para a integridade do corpo</p>
---	---

que merece atención y cuidado. Su duración puede variar en horas, días, semanas.	passível de atenção e cuidado. Pode durar horas, dias, semanas.
<b>contexto</b> <i>Sintió un dolor agudo en el pecho.</i>	<b>contexto</b> <i>Sentiu uma dor aguda no peito.</i>
<b>Ver ►</b> crónico, intermitente. (Cat. Temporal)	<b>Ver ►</b> crônica, intermitente. (Cat. Temporal)

<b>aguja</b>	<b>Agulhada</b>
<b>n.f.</b> <i>Metf</i> sensación de múltiples presiones puntiformes, similar a la sensación de ser pinchado por agujas o alfileres.	<b>n.f.</b> <i>Metf</i> dor fina e profunda semelhante à sensação de ser furado por agulhas ou alfinetes.
<b>contexto</b> <i>sentía como agujas en la cara cuando masticaba.</i>	<b>contexto</b> <i>estou sentindo umas agulhadas na lombar, o que será?</i>
<b>nota</b> suele usarse en plural: dolor como agujas.	<b>nota</b> usam-se: dor como agulhas e dor agulhada.
<b>Ver ►</b> pinchazo, punzada. (Cat. Sensorial 1)	<b>Ver ►</b> ferroadada, físgada. (Cat. Sensorial 1)

<b>ardor</b>	<b>Ardência</b>
<b>n.m.</b> <i>Metf</i> sensación dolorosa de calor intenso como la que produce una quemadura, una herida o una llaga.	<b>n.m.</b> <i>Metf</i> sensação incômoda e dolorida semelhante ao ardor de quemadura. Também, ardor.
<b>contexto</b> <i>Tengo un ardor en los ojos, la garganta y el pecho, creo que me voy a engripar.</i>	<b>contexto</b> <i>Estou sentindo uma ardência nos olhos e nariz, acho que é pela seca.</i>
<b>nota</b> El ardor puede manifestarse en diferentes partes del cuerpo, por ejemplo, en los ojos, la garganta, el pecho, al orinar y en los genitales, o sea, puede ser interna como externa. <sup>*a</sup>	<b>nota</b> a ardência pode se manifestar em diversas partes do corpo, por exemplo, nos olhos, na garganta, no peito, ao urinar e nos órgãos genitais. Pode ocorrer tanto interna quanto externamente. <sup>*b</sup>
<b>Ver ►</b> acidez, (sensación de) quemazón (Cat. Temperatura)	<b>Ver ►</b> (dor em) queimação, azia (Cat. Temperatura)

<b>aura</b>	<b>Aura</b>
<b>n.f.</b> <i>Metf</i> alteraciones en la visión que pueden incluir destellos de luz, luminosos y parpadeantes, u otros cambios que anteceden una crisis de un tipo de migraña.	<b>n.f.</b> <i>Metf</i> alterações na percepção visual, como flashes de luz, luminosos e cintilantes ou outras alterações que prenunciam uma crise de um tipo de enxaqueca.

<b>contexto</b> <i>¿Has experimentado alguna vez la sensación de ver un aura, líneas o destellos de luz en los ojos? *4</i>	<b>contexto</b> <i>Vejo uma aura, luzes, lampejos, flashes e depois tenho dor de cabeça. O que é? *5</i>
<b>Ver ▶</b> moscas volantes, visión borrosa. (Cat. Sensorial 2)	<b>Ver ▶</b> moscas volantes, vista embaçada. (Cat. Sensorial 2)

<b>calambre</b>	<b>Cãibra</b>
<b>n.m.</b> contracción involuntaria de ciertos músculos muy dolorosa, aparece de forma brusca y repentina.	<b>n.m.</b> contração muscular súbita, involuntária e dolorosa, de caráter transitório.
<b>contexto</b> <i>El nadador sufrió un calambre en la pantorrilla y casi no pudo terminar la carrera. *6</i>	<b>contexto</b> <i>O nadador teve uma cãibra na panturrilha e quase não conseguiu terminar a corrida.</i>
<b>Ver ▶</b> calambre de estómago, retortijón (Cat. Compresión)	<b>Ver ▶</b> cólica, pontada (Cat. Compressão)

<b>calambre de estómago</b>	<b>cólica estomacal</b>
<b>n.m.</b> contracción involuntaria de los músculos abdominales que provoca dolores agudos e intermitentes.	<b>n.f.</b> contração involuntária de músculos abdominais, pode ocorrer isolada ou continuamente e provoca dores agudas.
<b>contexto</b> <i>“Sentía náuseas y calambres en el estómago”. *7</i>	<b>contexto</b> <i>Você sente muita cólica estomacal e não faz ideia do que pode ser e nem como aliviá-la? *8</i>
<b>Ver ▶</b> retortijón, puntada. (Cat. Compresión)	<b>Ver ▶</b> cólica, pontada. (Cat. Compressão)

<b>corriente</b>	<b>Choque</b>
<b>adj</b> <i>Metf</i> estímulo anormal repentino de los nervios con contracción de los músculos, por inflamación o compresión, y produce una sensación de descarga eléctrica por el cuerpo.	<b>adj</b> <i>Metf</i> estímulo súbito anormal dos nervos com contração dos músculos causado por inflamação ou compressão que produz a sensação de choque elétrico pelo corpo.
<b>contexto</b> <i>cuando duermo tengo una sensación de corriente en la parte posterior de mi cabeza. Luego por todo el cuerpo. *9</i>	<b>contexto</b> <i>“quando vou dormir, sinto como um choque na parte posterior da cabeça. *10</i>
<b>Ver ▶</b> latido, pulsátil. (Cat. Sensitivo)	<b>Ver ▶</b> latejante, pulsante. (Cat. Sensitivo)

<b>crónico</b>	<b>Crônica</b>
<b>adj</b>	<b>adj.</b>

que persiste más de 6 meses, puede ser constante o esporádico, puede seguir incluso después que la causa inicial se haya resuelto.	que perdura mais de 6 meses, pode ser constante ou esporádica, pode continuar mesmo depois da causa inicial ter sido resolvida.
<b>contexto</b> <i>Hace meses que tengo un dolor en la lumbar, creo que ya es crónico.</i>	<b>contexto</b> <i>Faz alguns meses que sinto uma dor na lombar; acho que já é crónica.</i>
<b>nota</b> el dolor crónico puede asociarse a afecciones como migrañas, artritis, fibromialgia, la articulación temporomandibular; suele afectar significativamente la calidad de vida de los pacientes.* <sup>c</sup>	<b>nota</b> a dor crónica está vinculada à enxaqueca, artrite, fibromialgia, articulação temporomandibular; pode ter um impacto significativo e negativo na qualidade de vida de quem a padece.* <sup>d</sup>
<b>Ver ▶</b> aguda, intermitente. (Cat. Temporal)	<b>Ver ▶</b> aguda, intermitente. (Cat. Temporal)

<b>desgarro</b>	<b>Distensão</b>
<b>n.m.</b> <i>Metf</i> sucede cuando el tejido resistente que une el músculo con el hueso se estira de manera excesiva, provoca dolor, hinchazón y dificulta los movimientos.	<b>n.f.</b> lesão caracterizada pelo estiramento excessivo ou ruptura parcial das fibras musculares, resultando em dor, inchaço e limitação dos movimentos.
<b>contexto</b> <i>¡Se me desgarró el gemelo!</i>	<b>contexto</b> <i>Distendi a panturrilha!</i>
<b>Ver</b> agarrotado, calambre, tirón. (Cat. Compresión)	<b>Ver</b> câibra, distensão muscular, puxão. (Cat. Compressão)

<b>difuso</b>	<b>Espalhado</b>
<b>adj.</b> <i>Metf</i> que se extiende en distintas direcciones del cuerpo, sin limitarse a una localización concreta. No se sabe dónde empieza y termina.	<b>adj.</b> <i>Metf</i> que se distribui amplamente por várias áreas do corpo, sem estar delimitada a uma localização específica. Não se sabe o lugar que ela começa e termina.
<b>contexto</b> <i>Tenía un dolor difuso que se extendía por la espalda y tórax.</i>	<b>contexto</b> <i>Sentía una dor espalhada, que ia de um lado ao outro da cabeça.</i>
<b>Ver ▶</b> referido, irradia (Cat. Movimiento)	<b>Ver ▶</b> referida, irradiada (Cat. Movimento)

<b>dolor</b>	<b>Dor</b>
<b>n.m.</b> experiencia incómoda causada por la activación de terminaciones nerviosas que responden a estímulos de dolor, la	<b>n.f.</b> sensação desagradável produzida pela excitação de terminações nervosas sensíveis aos estímulos dolorosos e

cual se puede categorizar de acuerdo a su ubicación, naturaleza, intensidad, frecuencia, propagación y otras características.	classificada de acordo com o seu lugar, tipo, intensidade, periodicidade, difusão e outras características.
<b>contexto</b> <i>tengo dolor de cabeza.</i> <i>me duele el oído.</i>	<b>contexto</b> <i>estou com dor de cabeça.</i> <i>Meu ouvido está doendo.</i>

<b>dolor sordo</b>	<b>dor surda</b>
<b>n.m.</b> <i>Metf</i> dolor profundo que se manifiesta en intensidad débil y continuada.	<b>n.f.</b> <i>Metf</i> dor profunda e contínua, imprecisa e de baixa intensidade. Também “dor cansada”.
<b>contexto</b> <i>Un dolor sordo y tenaz en los músculos lumbares, lo acompañaba, haciéndolo caminar despacio.</i> *11	<b>contexto</b> <i>sabe aquela dor surda, aquela dor cansada que te acompanha sempre?</i>
<b>Ver ▶</b> fatiga, fastidioso. (Cat. Percepción)	<b>Ver ▶</b> fadiga, chata. (Cat. Percepção)

<b>entumecimiento</b>	<b>Dormência</b>
<b>n.m.</b> <i>Metf</i> pérdida de sensación o sensibilidad en una parte del cuerpo causada por daño, irritación, o compresión de los nervios.	<b>n.f.</b> <i>Metf</i> sensação desagradável caracterizada por ausência de dor e perda da sensibilidade e que geralmente ocorre por irritação, ou pinçamento dos nervos.
<b>contexto</b> <i>¡tengo un entumecimiento en las manos y los pies!</i>	<b>contexto</b> <i>sentia uma dormência do lado esquerdo do corpo que o deixava preocupado!!!</i>
<b>Ver ▶</b> hormigueo, picazón. (Cat. Sensorial 1)	<b>Ver ▶</b> coceira, formigamento. (Cat. Sensorial 1)

<b>escalofrío</b>	<b>Calafrio</b>
<b>n.m</b> indisposición del cuerpo en que se siente frío repentino y pequeñas contracciones musculares de forma involuntaria que puede preceder a la fiebre.	<b>n.m.</b> contração súbita dos músculos superficiais, acompanhada de uma sensação de frio antes da febre.
<b>contexto</b> <i>Desde hace ocho días siente fiebre y un intenso escalofrío.</i> *12	<b>contexto</b> <i>Senti um calafrio que percorreu todo meu corpo.</i> *13
<b>Ver ▶</b> piel de gallina. (Cat. Temperatura)	<b>Ver ▶</b> arrepio. (Cat. Temperatura)

<b>explotar</b>	<b>Explodir</b>
<b>v.</b> <i>Metf</i> experimentar una presión intensa que crece de manera continua hasta	<b>v.</b> <i>Metf</i> experimentar uma pressão intensa que cresce de maneira contínua até

alcanzar la sensación de una explosión de dicha fuerza.	alcançar a sensação de explosão dessa força.
<b>contexto</b> <i>Llevo 5 días con un dolor de cabeza, siento como si fuera a explotar ¿qué hago?</i> *14	<b>contexto</b> <i>doutor, minha cabeça parece que vai explodir!</i> *15
<b>Ver ▶</b> opresivo. (Cat. Fuerza física)	<b>Ver ▶</b> opressiva (Cat. Força física)

<b>fatiga</b>	<b>fadiga</b>
<b>adj</b> sensación y estado de profundo agotamiento y falta de energía que se experimenta después de un esfuerzo físico, intelectual o emocional.	<b>adj.</b> sensação e estado de profunda exaustão e falta de energia experimentada após esforço físico, intelectual ou emocional, que vai além do simples cansaço.
<b>contexto</b> <i>“me siento fatigada después de hacer ejercicios”.</i>	<b>contexto</b> <i>“na subida o cansaço e a fadiga nos faz perder o fôlego”.</i>
<b>Ver ▶</b> dolor sordo, fastidioso. (Cat. Percepción)	<b>Ver ▶</b> dor surda, chata. (Cat. Percepção)

<b>fastidioso</b>	<b>chata</b>
<b>adj.</b> <i>Metf</i> que molesta, que trastoca los niervos.	<b>adj.</b> <i>Metf</i> que irrita, perturba os nervos e preocupa.
<b>contexto</b> <i>¡Qué dolor fastidioso!!!</i>	<b>contexto</b> <i>“sabe aquela dorzinha chata e incômoda que muda seu humor e deixa seu dia desagradável?”</i>
<b>Ver ▶</b> dolor sordo, fatiga. (Cat. Percepción)	<b>Ver ▶</b> dor surda, fadiga. (Cat. Percepção)

<b>fuerte</b>	<b>forte</b>
<b>adv.</b> se dice del dolor que se manifiesta con mucha intensidad.	<b>adv.</b> que se manifiesta com intensidade severa e persistente.
<b>contexto</b> <i>“¡Tengo un dolor de cabeza muy fuerte que me está matando!”</i>	<b>contexto</b> <i>“Estou com uma dor de dente muito forte, tá quase insuportável”.</i>
<b>Ver ▶</b> leve, moderado, intenso, insuportable.. (Cat. Intensidad)	<b>Ver ▶</b> leve, moderado, intenso, insuportável (Cat. Intensidade)

<b>hormigueo</b>	<b>formigamento</b>
<b>n.m.</b>	<b>n.m.</b> <i>Metf</i> sensação anormal como se formigas passassem por dentro de uma parte do

<b>Metf</b> sensación desagradable y molesta que se asemeja a hormigas caminando por alguna parte del cuerpo.	corpo ou sobre a pele devido à compressão de nervos sensitivos.
<b>contexto</b> “siento dolores en las piernas y a veces siento un hormiguelo, esa sensación es muy molesta, y más aún cuando te despiertas y la tienes ahí”.	<b>contexto</b> “do nada comecei a sentir uma sensação de formigamento no pé, como se milhares de formigas estivessem andando por ele”.
<b>Ver ▶</b> entumecimiento, picazón. (Cat. Sensorial 1)	<b>Ver ▶</b> adormecimento, coceira. (Cat. Sensorial 1)

<b>insoportable</b>	<b>insuportável</b>
<b>adj.</b> que casi no se puede aguantar por su intensidad y a molestia que causa, sumado al sufrimiento físico y emocional.	<b>adj.</b> caracterizada por uma intensidade extrema e desagradável que provoca sofrimento físico e emocional significativo.
<b>contexto</b> “Tenía un dolor insoportable en la espalda baja”	<b>contexto</b> “A dor era insuportável. A queimação vinha do nervo das costas, onde estava a ferida, passava por baixo do braço até o seio.” *16
<b>Ver ▶</b> forte, moderado, intenso, leve. (Cat. Intensidad)	<b>Ver ▶</b> forte, moderado, intenso, leve. (Cat. Intensidade)

<b>intenso</b>	<b>intensa</b>
<b>adj.</b> que es fuerte e impide de hacer actividades rutinarias, trastoca el sueño y dificulta la concentración.	<b>adj.</b> que é forte ao ponto de dificultar movimentos, atrapalhar o sono e até o fluxo de pensamentos.
<b>Ver ▶</b> forte, moderado, insoportable, leve (Cat. Intensidad)	<b>Ver ▶</b> forte, moderado, insuportável, leve (Cat. Intensidade)

<b>intermitente</b>	<b>intermitente</b>
<b>adj</b> que se interrumpe o cesa y prosigue y se repite, como las olas del mar.	<b>adj</b> que cessa e recomeça em intervalos, que vai e volta, similar ao movimento das ondas do mar.
<b>contexto</b> ¿Hace cuánto te duele la garganta? Hace una semana, pero me duele de a ratos, es un dolor intermitente	<b>contexto</b> Olá doutor tenho 16 anos e hj comecei a sentir dores intermitentes, q vai e volta no peito, oq pode ser? Sou muito ansioso *17
<b>Ver ▶</b> crónico, agudo. (Cat. Temporal)	<b>Ver ▶</b> crônica, aguda. (Cat. Temporal)

<b>irradiado</b>	<b>irradiada</b>
<b>adj</b> <i>Metf</i> que se origina en un punto específico y se siente a lo largo del trayecto del nervio afectado y de las ramificaciones de ese circuito nervioso.	<b>adj</b> <i>Metf</i> dor sentida à distância de sua origem, mas em estruturas inervadas pela raiz nervosa ou em nervo cuja inflamação ou dano é responsável pela dor.
<b>contexto</b> <i>Tengo un dolor de espalda que se irradia hacia el abdomen, es raro, me tiene preocupado!</i>	<b>contexto</b> <i>Sinto uma dor nas costas que parece estar "viajando" para frente, está irradiando. O que pode ser, doutor?</i>
<b>Ver ▶</b> referido, difuso. (Cat. Local)	<b>Ver ▶</b> referida, espalhada. (Cat. Local)
<b>llaga</b>	<b>afta</b>
<b>n.f.</b> lesión dolorosa, ovalada de color blanco o amarillo, está rodeada por un área roja y brillante.	<b>n.f.</b> ferida dolorida redonda ou oval, com um centro blanco ou amarelado e uma borda vermelha.
<b>contexto</b> <i>Tengo la mucosa bucal, la lengua y la garganta enrojecidas, además de unos puntitos blancos que me duelen mucho. ¡Creo que tengo llagas!</i>	<b>contexto</b> <i>Minha mucosa oral, língua e garganta estão vermelhas e têm uns pontos brancos que doem muito! Acho que estou com afta.</i>
<b>latido</b>	<b>latejante</b>
<b>n.m.</b> <i>Metf</i> sensación dolorosa similar al latido del corazón provocada por inflamación en la zona afectada.	<b>adj</b> <i>Metf</i> que dá a sensação que a parte do corpo afetada se dilata e contrai, como as batidas do coração.
<b>contexto</b> <i>Como latidos. Algo sumamente molesto es que nos lata el ojo, pero más molesto, si bien menos frecuente, es el latido en los oídos.</i>	<b>contexto</b> <i>Minha cabeça está latejando! Meu olho está latejante! Meu dente está latejando.</i>
<b>Ver ▶</b> pulsátil. (Cat. Sensitivo)	<b>Ver ▶</b> pulsante. (Cat. Sensitivo)
<b>latigazo</b>	<b>chicotada</b>
<b>n.m</b> <i>Metf</i> dolor fuerte y agudo, después de un movimiento repentino de la cabeza hacia adelante y hacia atrás, semejante al movimiento energético de un látigo.	<b>n.f</b> <i>Metf</i> é uma dor intensa e aguda após um movimento súbito, brusco e forte da cabeça para frente e para trás, como se fosse uma chicotada.
<b>contexto</b> <i>Sentí un dolor como un latigazo en la espalda cuando frené de repente la bici.</i>	<b>contexto</b> <i>Senti uma dor como uma chicotada nas costas quando brequei a bicicleta rapidamente</i>

<b>nota</b> Este movimiento brusco puede producirse en accidentes automovilísticos, en situaciones de violencia física y en deportes de mucho contacto físico.* <sup>e</sup>	<b>nota</b> esse movimento brusco pode ocorrer em acidentes de trânsito, em situações de violência física e em esportes de alto contato físico.* <sup>f</sup>
<b>Ver ▶</b> martillazo. (Cat. Fuerza Física)	<b>Ver ▶</b> martelada. (Cat. Força Física)

<b>mareo</b>	<b>tontura</b>
<b>n.m</b> <i>Metf</i> es un estado de inestabilidad subjetiva que produce la sensación que uno se va a caer.	<b>n.f.</b> <i>Metf</i> estado de instabilidade subjetiva que produz a sensação de desmaio.
<b>contexto</b> “Si me paro de repente, me mareo, no sé si es un pico de presión u otra cosa”.	<b>contexto</b> “quando faz muito calor sinto uma tontura!!! Parece até que vou desmaiar”.
<b>Ver ▶</b> vértigo. (Cat. Sensorial 2)	<b>Ver ▶</b> vertigem. (Cat. Sensorial 2)

<b>martillazo</b>	<b>martelada</b>
<b>n.m.</b> <i>Metf</i> sensación de dolor intenso y repetitivo que se percibe como si el oído o la cabeza estuviera siendo golpeado repetidamente con un martillo.	<b>n.f.</b> <i>Metf</i> sensação de dor intensa e repetitiva no ouvido ou na cabeça sentida em forma de repetidas marteladas.
<b>contexto</b> “llevo 4 días con dolor de cabeza, pero el dolor lo tengo en la altura de la oreja del lado izquierdo, es como que si me dieran martillazos a cada minuto y me hace estremecer del dolor” * <sup>17</sup>	<b>contexto</b> É um som parecido ao de um prego sendo martelado dentro do ouvido e repercute na cabeça. É horrível!
<b>Ver ▶</b> latigazo. (Cat. Fuerza Física)	<b>Ver ▶</b> chicotada. (Cat. Força Física)

<b>moderado</b>	<b>moderada</b>
<b>adj</b> que no es fuerte ni intenso pero tampoco débil	<b>adj</b> diz-se da dor que não é forte nem intensa, mas também não é leve
<b>contexto</b> <i>Te duele mucho? Más o menos, ni muy, muy, ni tan, tan.</i>	<b>contexto</b> <i>Está doendo muito? mais ou menos, dá pra aguentar</i>
<b>Ver ▶</b> leve, intensa, fuerte, insuportable. (Cat. Intensidad)	<b>Ver ▶</b> leve, intensa, forte, insuportável. (Cat. Intensidade)

<b>moscas volantes</b>	<b>moscas volantes</b>
<b>n.f.</b>	<b>n.f.</b>

<i>Metf</i> puntos o manchas negras que flotan y se mueven por el interior del campo visual que no corresponden a objetos visuales externos.	<i>Metf.</i> pontos ou manchas que lembram mosquitos que parecem flutuar no interior do campo de visão.
<b>contexto</b> <i>También se describen como “moscas” “telarañas”, “filamentos”, “hilos” u otras formas, que flotan de un lado al otro del ojo.</i>	<b>contexto</b> <i>Os pacientes também as descrevem como “moscas” “pontos escuros”, “manchas”, “filamentos”, “círculos” ou “teias de aranha” que parecem se mover na frente dos olhos.</i>
<b>Ver</b> ▶ aura, visión borrosa. (Cat. Sensorial 2)	<b>Ver</b> ▶ aura, vista embaçada. (Cat. Sensorial 2)

<b>náusea</b>	<b>enjoo</b>
<b>n.f.</b> malestar físico caracterizado por las ganas de vomitar y los calambrazos que anteceden al vómito.	<b>n.m.</b> sensação desconfortável de que você vai vomitar a qualquer momento, podendo chegar a vomitar ou não.
<b>contexto</b> <i>Voy a salir a tomar un poco de aire, porque tengo náuseas.</i>	<b>contexto</b> <i>Estou a 4 dias com enjoos constantes, vem e vão, com duração de 20 a 30 min, até agora vomitei apenas 2 vezes. O que pode ser? *18</i>
<b>Ver</b> ▶ mareo, vértigo (Cat. Sensorial 2)	<b>Ver</b> ▶ tontura, vertigem (Cat. Sensorial 2)

<b>opresivo</b>	<b>opressiva</b>
<b>adj</b> que provoca sensación de presión, de aprieto y que suele aumentar con los movimientos respiratorios.	<b>adj.</b> que provoca sensação de pressão, de aperto e de falta de ar.
<b>contexto</b> <i>Me duele el pecho y siento como si un camión estuviera arriba, es opresivo y se me hace difícil respirar.</i>	<b>contexto</b> <i>Tô sentindo uma dor opressiva no meu peito, que me dá até falta de ar.</i>
<b>nota</b> La descripción de este dolor, generalmente, viene acompañada del gesto de la mano en garra a la altura del pecho. *g	<b>nota</b> A descrição dessa dor, geralmente, vem acompanhada do gesto da mão como uma garra na altura do peito. *h
<b>Ver</b> ▶ como si fuera explotar. (Cat. Fuerza Física)	<b>Ver</b> ▶ como se fosse explodir. (Cat. Força Física)

<b>picazón</b>	<b>coceira</b>
<b>n.f.</b> sensación incomoda que despierta la necesidad de rascarse la piel, provocada por irritaciones y reacciones alérgicas.	<b>n.f.</b> sensação incômoda na pele provocada pelo ato continuado de se coçar por irritação ou inflamação na pele.
<b>Contexto</b>	<b>Contexto</b>

<i>Tengo una picazón que me está volviendo loca!</i>	<i>Estou com uma coceira que está me deixando doida!</i>
<b>nota</b> Generalmente, viene acompañada de otros síntomas como: enrojecimiento, sarpullido, piel seca, ampollas; puede presentarse en las partes íntimas.	<b>nota</b> Pode vir acompanhada de outros sintomas como: vermelhidão, erupção cutânea, pele seca, bolhas; pode ocorrer nas partes íntimas.
<b>Ver ▶</b> hormigueo, entumecimiento (Cat. Sensorial 1)	<b>Ver ▶</b> formigamento, dormência (Cat. Sensorial 1)

<b>piel de gallina</b>	<b>arrepio</b>
<b>n.f.</b> <i>Metf</i> es una respuesta termorreguladora del organismo ante cambios bruscos de temperatura en el ambiente externo y ante ciertas emociones.	<b>n.m.</b> diz-se de tremor passageiro provocado por mudança de temperatura no ambiente externo e por certas emoções.
<b>contexto</b> <i>porque a mí el aire fresco me pone la piel de gallina.</i>	<b>contexto</b> <i>Você já sentiu aquele arrepio que percorre todo o corpo, da cabeça aos pés?</i>
<b>Ver ▶</b> escalofrío. (Cat. Sensitivo Térmico)	<b>Ver ▶</b> calafrio. (Cat. Sensitivo Térmico)

<b>pellizco</b>	<b>beliscão</b>
<b>n.m.</b> sensación dolorosa e intensa en torsión que se asemeja a un pellizco, causada por la presión de un órgano o parte de él.	<b>n. m.</b> sensação de dor súbita e intensa como se um órgão ou parte dele estivesse sendo torcido em movimento de rotação, semelhante ao beliscão.
<b>contexto</b> <i>siento como un pellizco acá en el hombro</i>	<b>contexto</b> <i>Do nada senti um beliscão no final das costas</i>
<b>Ver ▶</b> agarrotado, desgarro, tirón, calambre. (Cat. Compresión)	<b>Ver ▶</b> contratura muscular, cãibra, puxão. (Cat. Compressão)

<b>pinchazo</b>	<b>ferroada</b>
<b>n.m.</b> <i>Metf</i> sensación súbita y dolorida de presión concentrada en un punto específico del cuerpo, parecida a la picadura de abejas o avispa.	<b>n.f.</b> <i>Metf</i> sensação súbita e dolorosa concentrada em um ponto específico do corpo, caracterizada pela semelhança com a dor de ter recebido uma ferroada de abelha ou maribondo.
<b>contexto</b> <i>Sintió un pinchazo en la muela del juicio.</i>	<b>contexto</b> <i>Estava com uma dor do lado direito do rosto semelhante a ferroada de abelhas<sup>*19</sup></i>
<b>Ver ▶</b> punzante, agujas, puntada. (Cat. Sensorial 1)	<b>Ver ▶</b> agulhada, pontada, perfurante. (Cat. Sensorial 1)

<b>profundo</b>	<b>profundo</b>
<b>adj.</b> que se siente desde lo recóndito del ser, que viene de las estructuras profundas del cuerpo.	<b>adj.</b> sensação de dor que se origina nas estruturas profundas do corpo, que vem lá do fundo.
<b>contexto</b> Son ejemplos el dolor del corazón, que se siente en lo profundo; el dolor de la <i>pancreatitis</i> también se siente desde lo profundo.	<b>contexto</b> Dor do coração é uma dor profunda, que vem de dentro, lá do coração; a dor da <i>pancreatite</i> também é profunda.
<b>Ver ▶</b> superficial (Cat. Percepción)	<b>Ver ▶</b> superficial (Cat. Percepção)

<b>pulsátil</b>	<b>pulsante</b>
<b>adj.</b> <i>Metf.</i> que pulsa o golpea, como si fuera el corazón, en diferentes partes del cuerpo.	<b>adj</b> <i>Metf.</i> que tende a sentir uma espécie de pulsação na parte afetada, como um coração batendo.
<b>contexto</b> <i>A veces siento como si el ojo me pulsara, en otras es la cabeza que me pulsa.</i>	<b>contexto</b> <i>Sentia uma dor pulsante na cabeça e nos olhos.</i>
<b>Ver ▶</b> latido (Cat. Sensitivo)	<b>Ver ▶</b> latejante (Cat. Sensitivo)

<b>punzada</b>	<b>fisgada</b>
<b>adj.</b> <i>Metf</i> que es agudo y penetrante, similar a una punción, concentrado en un punto específico y profundo.	<b>n.f.</b> <i>Metf</i> puxão forte e rápido, semelhante ao da pesca com fisga, que provoca uma dor repentina e profunda.
<b>contexto</b> <i>Sintió una punzada en la pierna que lo paralizó.</i>	<b>contexto</b> <i>Sentiu uma fisgada na perna que a fez parar de correr.</i>
<b>Ver ▶</b> aguja, pinchazo (Cat. Sensorial 1)	<b>Ver ▶</b> agulha, ferroadá (Cat. Sensorial 1)

<b>referido</b>	<b>referida</b>
<b>adj</b> <i>Metf.</i> que se percibe en una parte del cuerpo diferente y distante del punto de origen del dolor.	<b>adj</b> <i>Metf.</i> que é sentida em uma área do corpo diferente ao da origem da dor.
<b>contexto</b> <i>El infarto del miocardio el dolor se siente en el brazo izquierdo, mandíbula, cuello, y no en el corazón, es un dolor referido.</i>	<b>contexto</b> <i>no infarto do miocárdio a dor é sentida na superfície do ombro e face interna do braço esquerdo, é uma dor referida</i>
<b>Ver ▶</b> irradia, difuso. (Cat. Local)	<b>Ver ▶</b> irradiada, espalhada.. (Cat. Local)

<b>reflujo</b>	<b>azia</b>
<b>n.m.</b> <i>Metf.</i> sensación de ardor provocada por el reflujo frecuente e involuntario del ácido gástrico hacia el esófago, el tubo que conecta la boca con el estómago.	<b>n.m.</b> retorno involuntário e repetitivo do conteúdo do estômago para o esôfago o tubo que conecta a boca ao estômago que provoca sensação de queimação.
<b>contexto</b> <i>"Después de comer alimentos muy picantes, empecé a sentir un fuerte reflujo que me causó una sensación de ardor en la garganta."</i>	<b>contexto</b> <i>"Depois de comer alimentos gordurosos, comecei a sentir uma forte azia que me incomodou por horas."*20</i>
<b>Ver ►</b> acidez (Cat. Sensitivo Térmico)	<b>Ver ►</b> queimação (Cat. Sensitivo Térmico)

<b>retortijón</b>	<b>cólica</b>
<b>n.m.</b> sensación de contracción o retorcimiento en el abdomen y/o útero que produce un dolor agudo y profundo que va y viene, tiene diversas causas.	<b>n.f.</b> sensação espasmódica no abdômen e/ou útero e provoca uma dor aguda e profunda, que vai e vem, tem causas diversas.
<b>contexto</b> <i>De pronto siento un retortijón y luego otro y otro, una reacción de calambrazos en cadena.</i>	<b>contexto</b> <i>acordei com uma cólica tão forte na barriga, parecia que estavam me expremendo.</i>
<b>Ver ►</b> calambre de estómago. (Cat. Compresión)	<b>Ver ►</b> cólica estomacal. (Cat. Compressão)

<b>sensación</b>	<b>sensação</b>
<b>n.f.</b> proceso de orden física percibido cuando uno de los órganos receptores es estimulado interna o externamente.	<b>n.f.</b> processo de natureza física em que um estímulo externo ou interno provoca uma reação física ou emocional.
<b>contexto</b> <i>sensación olfativa, táctil, gustativa, auditiva, visual, de dolor.</i>	<b>contexto</b> <i>sensação olfativa, tátil, visual, auditiva, gustativa, de dor.</i>

<b>superficial</b>	<b>superficial</b>
<b>adj.</b> que se siente en estructuras más superficiales, es ligero, leve y bien localizado.	<b>adj.</b> que se apresenta em estruturas mais superficiais e de forma localizada, é leve e bem localizado.
<b>Ver ►</b> profundo. (Cat. Percepción)	<b>Ver ►</b> profunda. (Cat. Percepção)

<b>tirón</b>	<b>puxão</b>
<b>n.m.</b>	<b>n.m.</b>

<i>Metf</i> dolor súbito y fuerte en los músculos o tendones cuando se estiran de forma exagerada.	<i>Metf</i> dor repentina e forte nos músculos ou tendões quando são tracionados e esticados excessivamente.
<b>contexto</b> <i>sentí un tirón en la espalda que me dejó clavado.</i>	<b>contexto</b> <i>estava caminhando rápido e de repente senti um puxão na nádega que me deixou dura.</i>
<b>Ver ▶</b> agarrotado, desgarró, pellizco, calambre. (Cat. Compresión)	<b>Ver ▶</b> beliscão, cãibra, contratura muscular, distensão muscular. (Cat. Compressão)
<b>vértigo</b>	<b>vertigem</b>
<b>n.m.</b> sensación de movimiento cuando no hay movimiento real, similar al juego infantil de dar vueltas y vueltas y luego detenerse repentinamente y sentir que todo gira a su alrededor.	<b>n.f.</b> sensação de movimento quando não há movimento real, é semelhante à produzida pela brincadeira infantil de girar e girar e então parar subitamente e sentir tudo em volta girando.
<b>contexto</b> <i>Si me paro de golpe, siento que el mundo se me da vueltas.</i>	<b>contexto</b> <i>Em um dia ruim, diz que tem que se deitar em um quarto escuro e "esperar que a vertigem passe".</i>
<b>Ver ▶</b> mareo, náusea. (Cat. Sensorial 2)	<b>Ver ▶</b> tontura, enjoo. (Cat. Sensorial 2)

<b>visión borrosa</b>	<b>vista embaçada</b>
<b>n.f.</b> <i>Metf</i> pérdida de nitidez en la visión en que los objetos se ven borrosos y fuera de foco.	<b>n.f.</b> <i>Metf</i> é a dificuldade em enxergar as coisas com nitidez, resultando em uma incapacidade de ver as coisas nos detalhes.
<b>contexto</b> <i>Porqué veo todo borroso?</i>	<b>contexto</b> <i>Estou enxergando tudo embaçado!</i>
<b>Ver ▶</b> moscas volantes. (Cat. Sensorial 2)	<b>Ver ▶</b> moscas volantes. (Cat. Sensorial 2)

<b>zumbido</b>	<b>zumbido</b>
<b>n.m.</b> <i>metf</i> sensación sonora subjetiva y continuada, no relacionada con una fuente externa de estimulación, parecida al sonido de chicharras, abejas, avispa, cascada, pito.	<b>n.m.</b> <i>metf</i> sensação sonora subjetiva e continua, não vinculada a nenhuma fonte externa de estimulação, semelhante ao som de cigarras, abelhas, vespas, cachoeira, apito.
<b>contexto</b> <i>Hay veces tengo la sensación de que tuviera una avispa zumbándome en el oído. ¿Es esto raro?</i>	<b>contexto</b> <i>As vezes sinto uns sons estranhos no ouvido, ora um zumbido de abelha, ora um vento. Acho que preciso ir ao médico.</i>
<b>Ver ▶</b> martillazo (Cat. Sensorial 2)	<b>Ver ▶</b> martelada (Cat. Sensorial 2)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metáforas especializadas estão presentes em vários campos especializados, porém seu estudo dentro da área da Terminologia é recente, visto que é a partir da década de 80 do século XX que a metáfora vai ser incluída, definitivamente, como elemento fundante da teoria da Linguística Cognitiva. No entanto, é no século XXI que a metáfora vai ser reconhecida nas linguagens de especialidade; a presença desse fenômeno não podia mais ser deixado de lado dos estudos terminológicos. Por isso, estudos sobre as metáforas no viés técnico e científico são escassos; logo, há uma premência de estudos terminológicos e terminográficos que venham preencher essas lacunas no vasto campo das pesquisas científicas. Dessa forma, este estudo coopera com o desenvolvimento de pesquisas dessa temática porque apresenta uma pesquisa linguístico terminológica sobre as metáforas presentes na linguagem de especialidade na área da saúde, em seu uso pelo paciente, ou seja, a variante específica utilizada por ele, além de oferecer uma ferramenta linguística como resultado final da investigação aqui levada a cabo.

Consequentemente, a pergunta de pesquisa emergiu do questionamento sobre quais termos álgicos poderiam ser metafóricos e a quais metáforas conceptuais estariam ligadas, ademais da incógnita se em ambas as línguas -espanhol e português- as metáforas eram correspondentes. A abordagem da LC —especificamente das metáforas conceptuais— cooperou para que o objetivo geral fosse cumprido, a saber: verificar, por meio de uma abordagem teórica de base cognitiva, se e quais metáforas são utilizadas por pacientes migrantes hispanos na descrição de suas queixas, com vistas a elaborar um glossário bilíngue que considere um modelo de microestrutura que atente para as reais necessidades de nosso público-alvo: migrantes hispanos.

Para cumprir com esse objetivo, graduamos a pesquisa em quatro (4) objetivos específicos, a fim de identificar os termos metafóricos e aqueles que não o são, descrever e analisá-los para, finalmente, elaborar as definições terminológicas. A princípio, identificamos os termos e separamos os potencialmente metafóricos para analisá-los de acordo a metodologia PIM e constatar se eram metafóricos ou não; esse procedimento metodológico nos auxiliou nesse reconhecimento para, dessa forma, fundamentar a discussão dos dados levantados nas entrevistas.

A abordagem da Teoria da Metáfora Conceptual fundamentou a análise dos termos metafóricos que revelaram sua representação conceitual e simbólica e possibilitou o detalhamento das metáforas conceptuais na linguagem da dor tanto em espanhol quanto em

português. Ademais, comprovamos que o pensamento humano é amplamente metafórico, ou seja, nós entendemos e estruturamos o nosso mundo mediante metáforas que se originam, em grande medida, de nossas primeiras experiências corpóreas. A terminologia bilíngue veio ao encontro das verificações de correspondência tanto conceptual quanto terminológica no par linguístico aqui analisado, espanhol—português; para tanto, identificamos a terminologia metafórica em ambas as línguas e notamos que grande parte do léxico da dor se origina em metáforas ontológicas, as quais mostram como a nossa cognição está enraizada em experiências físicas e sensoriais.

Quando falamos de dor, recorremos a metáforas para descrever a experiência que, muitas vezes, é difícil de expressar de forma literal. A linguagem da dor é um excelente exemplo de como as metáforas conceptuais ontológicas se manifestam na nossa vida quotidiana, pois as metáforas que usamos para descrever a dor física e/ou emocional estão enraizadas em conceitos que são expressos através de metáforas ontológicas, as quais utilizamos para entender e comunicar experiências abstratas e complexas como a dor que é uma experiência física, mas seus significados originam-se do nosso conhecimento de mundo e se vinculam às formas linguísticas. Portanto, comprovamos que a TMC proposta por Lakoff e Johnson de que a nossa compreensão do mundo abstrato depende das nossas experiências corporais e da maneira como organizamos essas experiências através de metáforas, é real e fidedigna. Dessa forma, as experiências humanas básicas, compartilhadas universalmente, proporcionam um terreno comum para o surgimento de metáforas semelhantes em diversas línguas e culturas, reforçando a ideia de que há um substrato cognitivo universal que orienta sua criação e entendimento.

A metodologia terminográfica bilíngue nos ajudou na elaboração das definições em ambas as línguas, considerando os conceitos e os significados correspondentes a cada uma delas. O produto final que esta pesquisa oferece é a ferramenta terminográfica bilíngue e bidirecional, com verbetes correspondentes no par linguístico estudado, com vistas a ser publicado em formato impresso e on-line, em plataforma de acesso livre, para que todos os migrantes possam consultar essa ferramenta linguística e que ali encontrem a melhor maneira de comunicar suas dores e queixas aos profissionais da saúde brasileiros.

Desse modo, esperamos que o caminho aqui iniciado possa reverberar em futuras pesquisas terminológicas que incluam a TMC em suas reflexões e ponderações sobre a presença de metáforas nas distintas áreas de especialidades e sua importância para a compreensão e apreensão de conceitos nas distintas áreas científicas. Finalmente, nosso desejo é que esta ferramenta se amplie e resulte em benefício de migrantes que falam outras línguas

e circulam por este Brasil afora e, portanto, também precisam expressar e comunicar o que estão sentindo e como o sentem, suas características, sua intensidade, há quanto tempo, para assim, serem melhor escutados, compreendidos e acolhidos nesses espaços onde estão mais vulneráveis e fragilizados pela dor que atravessa o corpo, a emoção e a cognição.

## 6. REFERÊNCIAS

ABREU, Debora Tais Batista de. *Metáfora e emoção: sobre a conceptualização na língua portuguesa*. 2015. Disponível:

<https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3563/D%C3%A9bora+Ta%C3%ADs+Batista+de+Abreu.pdf?sequence=1>

AGGIO, Juliana. Os Usos da Metáfora Em Aristóteles. **Prometheus-Journal of Philosophy**, n. 40, 2022.

ALMEIDA, G. M. de B. O percurso da terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. TradTerm: **Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia**, São Paulo, v. 9, n 1, p. 211-222, 2003.

ALVES, Ieda Maria. Unidades lexicais terminológicas: algumas características. *Estudos Linguísticos*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em:

[https://biblio.fflch.usp.br/Alves\\_IM\\_99\\_1547514\\_UnidadesLexicaisTerminologicasAlgumasCaracteristicas.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Alves_IM_99_1547514_UnidadesLexicaisTerminologicasAlgumasCaracteristicas.pdf). Acesso: 15 jul. 2024

ALVES, Paulo César B.; RABELO, M. C. M. Significação e metáforas na experiência da enfermidade. **Experiência de doença e narrativa**, p. 171-185, 1999.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992. Originalmente publicado no séc. IV a.C.

AUBERT, F.. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. Parábola, 2013.

BARBOSA, M. A. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 48-51, 2006.

BARBOSA, M. A. C. et al. “Positivismos” versus “Interpretativismos”: o que a Administração tem a ganhar com esta disputa?. **Revista Organizações em Contexto**, v. 9, n. 17, p. 1-29, 2013.

BARROS, L. de A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 22-26, 2006.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Nova Fronteira, 2012.

BESSÉ, B. de. **La définition terminologique**. In: CHAURAND, J.; MAZIÈRE, F. (org.). *La définition*. Canadá: Larousse, 1990. p. 252-261.

BERLINCK, Manoel Tosta. A dor. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 2, n. 3, p. 46-58, 1999.

BEVILACQUA, C. R. **Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada.** Revista Língua&Literatura, 7(10-11), 73-86, 2005.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico: **Estudos de filologia e linguística**, p.131-145, 1981.

\_\_\_\_\_. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa: revista de linguística**, v. 40, 1996.

BOCORNHY, A. E. Pereira; REBECHI, R.; KILIAN, C. K. Extração de contextos definitórios do Corpus COVID-19 com CQL. **Tradterm**, v. 42, p. 125-138, 2022.

BRAGA, Célia Maria Leal. A etnometodologia como recurso metodológico na análise sociológica. **Ci. Cult.**, v. 40, n. 10, p. 957-66, out. 1988.

CABRÉ, Maria Teresa. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da Informação**. v. 24, n. 3, 1995.

\_\_\_\_\_. **La terminología: representación y comunicación.** Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Theories of terminology: their description, prescription and explanation.** **Terminology**, v. 9, n. 2, p. 163-200, 2003.

CARVALHO, N. M. Fundamentos Linguísticos da Terminologia. **Cadernos CNLF (CiFEFil)**, Rio de Janeiro, v. IV, n.3, p. 19-25, 2000.

CARVALHO, O.L. de SABOIA. **Lexicografia bilíngue português/alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições.** Brasília. Thesaurus, 2001.

CLARK, E.; LIN YUA, M.; BROWN, Ted. Interocepção e prática da terapia ocupacional pediátrica: um protocolo para uma revisão de escopo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, 32, e 3721, 2024. Disponível: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO28633721> Acesso em: 23/Nov. 2024

COSTA, L. A. Terminografia versus lexicografia especializada: questões concernentes à produção de dicionários especializados e as bases teórico-metodológicas do dicionário de lexicografia brasileira. **Debate Terminológico**. ISSN: 1813-1867, n. 13, p. 43-53, 2015.

DA SILVA, A. S. A linguística cognitiva uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista portuguesa de humanidades**, v. 1, n. 1, p. 59-101, 1997.

DA SILVA, Maurício. As metáforas cognitivas estruturais definidoras do conceito de linguagem e a sua consequência na construção do ponto de vista em que o objeto-linguagem será construído. **Confluência**, p. 113-138, 2018.

DE BARCELLOS ALMEIDA, Gladis Maria. O percurso da terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **TradTerm**, v. 9, p. 211-222, 2003.

DE OLIVEIRA VILARINHO, Michelle Machado. Marcas de uso: estudo e proposta. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 59, n. 2, p. 375-396, 2017.

DEIGNAN, A. Corpus-based research into metaphor. In CAMERON, L; LOW, G. *Reserching and appling metaphor*. Cambridge University Press, p. 177-199, 1999.

DESANTANA, Josimari Melo et al. Definição de dor revisada após quatro décadas. BrJP, v. 3, p. 197-198, 2020.

DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014 –

Disponível em: <https://dle.rae.es/>

DICCIONARIO DEL ESPAÑOL DE MEXICO, 2018 –

Disponível em: <https://dem.colmex.mx/>

DICCIONARIO PANHISPÁNICO DE DUDAS, 2002-

Disponível em: <https://www.rae.es/dpd/>

DICIONÁRIO HOUAISS, 2009 –

Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol\\_www/v7-0/html/index.php#0](https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#0)

DICIONÁRIO CALDAS AULETE, 2007 –

Disponível em: [https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital)

DUQUE, Paulo Henrique. Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical. Sda Parte, p 62-71. Revista Philologus, Ano 8, Nº 22: CiFEFiL, jan./abr. 2002 Rio de Janeiro, 2002.

ESTOPÀ, R. **Construir para desconstruir y volver a construir: elaboración colaborativa de un diccionario escolar de ciências.** n o 32.3. Barcelona: Enseñanza de las Ciencias, 2014.

FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, 1995. Disponível em: <[http://www.brapci.ufpr.br/brapci/\\_repositorio/2011/03/pdf\\_0efcfab087\\_0000458.pdf](http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2011/03/pdf_0efcfab087_0000458.pdf)> Acesso: 22 de fev. 2021.

\_\_\_\_\_. Redes de remissivas em um glossário técnico. In: **Léxico e Terminologia** (Coletânea de Textos). Universidade de Brasília, 1993, p. 174-184.

\_\_\_\_\_. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **TradTerm**, v. 7, p. 11-40, 2001.

FAULSTICH, E. Formação de Termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. En: Faulstich, E.; Abreu, SP de. **Linguística aplicada à terminologia–Cooperação Internacional: Brasil e Canadá**, p. 1-20, 2003.

\_\_\_\_\_. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, p. 27-31, 2006.

[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252006000200012&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252006000200012&script=sci_arttext). Acesso em 11 de fevereiro de 2021.

\_\_\_\_\_. Para gostar de ler um dicionário. In. RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fatima Sopas (Org..). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão**. São Luíz: EDUFMA, 2010.

FAULSTICH, E. VILARINHO, M.M.O. Lexicografia bilíngue: Versatilidade e complexidade. In: NADIN, O. L.; ZAVAGLIA, C. **Estudos do Léxico em contextos bilíngues**. Campinas, SP, 2016. p. 11 -35

FELDMAN, J. **From molecule to metaphor**. Cambridge, USA: MIT Press, 2006.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1.ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

FELTES, H.P. de M. A semântica cognitiva prototípica de George Lakoff. Letras de Hoje, v.27, nº3, Porto Alegre, 1992.

FERREIRA, A. M. de A. A terminologia na encruzilhada. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 3, n. 2, 2004.

FINATTO, M. J. B. Elementos Lexicográficos e Enciclopédicos na Definição Terminológica: Questões de Partida. Organon, n. 12, v. 26, 1998: 1-8. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29563>>.

\_\_\_\_\_ O papel da definição de termos técnico-científicos. Revista da Abralín, v. 1, n. 1, p. 73-97, 2002

\_\_\_\_\_ A definição de termos técnico-científicos no âmbito dos estudos de Terminologia. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.11, n.1, p.197-222, jan./jun. 2003

GERHARDT, A.F.L.M. Teorias e conceitos na linguística cognitiva (in) compreensões. **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 45, p. 21-31, 2003.

GEERAERTS, Dirk "Cognitive Linguistics", in J. Verschueren et al. (eds.), Handbook of Pragmatics, Amsterdam, John Benjamins. 1995

GEHRE, Thiago. O significado da parceria Brasil-Venezuela. **Carta Internacional**, v. 5, n. 2, p. 26-36, 2010.

GÓMEZ GONZÁLEZ-JOVER, Adelina *et al.* Aspectos metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados bilingües destinados al traductor. 2004.

GROSSMAN, Eloísa; CARDOSO, Maria Helena Cabral de Almeida. As narrativas em medicina: contribuições à prática clínica e ao ensino médico. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 30, p. 6-14, 2006.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. (1982). La lexicografía: [de la lingüística teórica a la lexicografía práctica.] Madrid, Gredos, 1982.

HAN, Byung-Chul. Sociedade paliativa: a dor hoje.1. ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2021. [Trad. Luas Machado]

HILGERT, Mariana Cristine. Reflexões Sobre o Conceito de Métafora de Paul Ricoeur e a Noção de Euforia da Tradução. **Ciência & Trópico**, v. 39, n. 1, 2015.

JOHNSON, Mark. The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987

- KÖVECSE, Z. **Metaphor in culture. Universality and variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- KRIEGER, M. da G. Terminologia revisitada. **Delta: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada**, v. 16, n. 2, p. 209-228, 2000.
- KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. **Introdução à Terminologia: teoria & prática.** São Paulo: Contexto, 2004.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana.** São Paulo: Mercado das Letras, 2002 [1980].
- LAKOFF, G. **Woman, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind.** Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **The body in the mind. The embodied basis of meaning, imagination and reason.** Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought.** New York: Basic Books, 1999.
- LANGACKER, Ronald W. Grammar and conceptualization. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- LARA, M. L. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ciência da Informação**, v. 33, p. 91-96, 2004.
- LE BRETON, D. **Antropología del dolor.** Barcelona: Seix Barral, 1999.
- LIMA, A. F. **Socioterminologia da indústria madeireira.** Fortaleza, 2010
- MARQUEZ, Jaime Olavo. A dor e os seus aspectos multidimensionais. **Ciência e Cultura**, v. 63, n. 2, p. 28-32, 2011.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ. Vozes, 4ª reimpressão, 2021.
- MOSÉ, V. **Nietzsche e a grande política da linguagem.** Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2018.
- MOURA, H. M. de M. Metáfora: das palavras aos conceitos. **Letras de Hoje.** Porto Alegre, v. 40, n. 139, p. 20-50. 2005.
- NIETZSCHE, F. Obras Incompletas. Coleção Os pensadores XXXII. São Paulo: Abril Cultural, 1978. [Trad. Rubens Torres Filho]
- NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX.** São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.
- OLIVEIRA, L. P. de. Aspectos linguísticos, comunicativos e cognitivo das metáforas terminológicas: análise baseada em um corpus da genética molecular. 2011. 176 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PEARSON, J. Como ter acesso a elementos definitórios nos textos especializados? **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 17, out-dez, 2004, p. 51-66

Resolução Conselho Nacional de Saúde. Nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 10 de Nov. de 2022.

PESSINI, Leo. Vida e morte na UTI: a ética no fio da navalha. **Revista Bioética**, v. 24, p. 54-63, 2016.

RICHARDS, I.A. *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936

SAGER, J. C. et al. English special languages: principles and practice in science and technology. Wiesbaden: Brandstetter, 1980.

\_\_\_\_\_. Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología (Biblioteca del libro, 57). Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993.

\_\_\_\_\_. **A practical course in terminology processing**. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1998.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelani, José Paulo Paes e Izidoro Bilkstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, M. B. D. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/1488> Acesso: 26 de ago. 2021.

SOARES, M. S.; GAMONAL, ANDRADE, M.; LACERDA, P. F. A. da CUNHA. Rediscutindo a noção de equivalência linguística na tradução a partir da sociolinguística variacionista. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, ano 7, v. 14, 11 f., dez. 2011.

SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C. **Funcionalismo e cognitismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino**. 2014.

STASSI-SÉ, J. C.; PEZATTI, E. G. Estratégias discursivas por meio de orações adverbiais introduzidas por como e se no português. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 33, p. 267-290, PUC/SP, 2017

STREHLER, René G. As marcas de uso nos dicionários. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 1, p. 169-178, 1998.

TEMMERMMAN, R. Sociocognitive terminology theory. In: Simpósio Internacional de Verano de Terminología: Terminologia y cognición. Barcelona : IULA-UPF, p. 75-92, 2001.

\_\_\_\_\_. Metaphorical models and the translator's approach to scientific texts. **Linguistica Antverpiensia, New Series—Themes in Translation Studies**, v. 1, p. 211-226, 2002

\_\_\_\_\_. **Teoria Sociocognitiva da Terminologia**. In: Cadernos de tradução, n.17, p. 31-50. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

UMBELINDO, T. Conheça histórias de venezuelanos que vieram para Brasília em busca de uma vida digna. 26/08/2020 Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4871032-novo-comeco-na-capital.html>. Acesso em: 15/09/2021

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia.** Brasília: Thesaurus, 2004.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica.** Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998

## ANEXO A – Aprovação de Pesquisa Conselho Nacional de Saúde

UNB - INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS DA  
UNIVERSIDADE



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** POR UMA SOCIOTERMINOLOGIA DA DOR INCLUSIVA PARA PACIENTES NATIVOS DE LÍNGUA ESPANHOLA

**Pesquisador:** MARTA INGRITH MOLINA CABRERA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 44159121.0.0000.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Letras

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.627.031

#### Apresentação do Projeto:

O projeto da pesquisadora tem como objetivo descrever e analisar as dificuldades linguísticas que os migrantes hispânicos enfrentam no momento de relatar suas dolências a profissionais de saúde brasileiros. Por ser um fenômeno que opera a nível terminológico, sugere-se aqui identificar os termos da dor, em espanhol, susceptíveis de uso em consultas médicas e buscar seu equivalente em português, com vista a apresentar, num futuro próximo, uma proposta de glossário bilíngue para uso do público-alvo: migrantes hispânicos, profissionais de saúde brasileiros e intérpretes comunitários. Metodologicamente, propõe-se uma pesquisa de inspiração qualitativo-interpretativista seguindo os preceitos epistêmicos da análise socioterminológica nas linguagens de especialidade e a variação sociodialetal. Concretamente, far-se-ão entrevistas semiestruturadas ao público alvo: migrantes hispanófonos, profissionais da saúde brasileiros e intérpretes comunitários.

#### Objetivo da Pesquisa:

Como Objetivo Primário, a pesquisadora relata: Avaliar a constituição dos termos álgicos utilizados pelos pacientes hispanófonos, principalmente venezuelanos, na cidade de Brasília – DF, assim como realizar o registro desses termos. Dentre os Objetivos Secundários, destacam-se:

- a) Localizar a comunidade venezuelana em Brasília;
- b) Identificar os termos vinculados à dor que provocam dificuldades para se chegar a

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de

**Bairro:** ASA NORTE

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3107-1592

**E-mail:** cep\_chs@unb.br

Continuação do Parecer: 4.627.031

um diagnóstico preciso;

c) Realizar entrevistas, semiestruturadas, ao público alvo; migrantes hispanófonos, profissionais da saúde brasileiros e interpretes comunitários.

d) Explicitar as características dos termos a partir de uma análise que leve em conta a variação socioterminológica em seus diferentes níveis em ambas as línguas.

e) Criar um glossário socioterminológico, impresso e on-line, que contemple o par linguístico espanhol/ português, com os termos propostos pelo coletivo entrevistado e torná-lo acessível ao nosso público alvo.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Dentre os Riscos, a pesquisadora salienta que o questionário a ser utilizado versa sobre os termos da dor física, mas esta pode estar atrelada a uma dor emocional. Por isso, a pesquisadora se compromete a dar todo o suporte possível para que o entrevistado se sinta seguro e acolhido. Dessa forma, se pretende minimizar o sofrimento do migrante. Dentre os benefícios, salienta-se que serão diretos e/ou indiretos. Diretos porque o entrevistado será beneficiado com o resultado, pois ao ter que descrever seus sintomas ele terá essa ferramenta disponível para seu uso. Indiretos porque o resultado da pesquisa não beneficiará apenas os entrevistados, mas toda a comunidade hispanófona.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares. No entanto, algumas questões devem ser observadas (ver lista de inadequações).

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A pesquisadora forneceu todos os termos de apresentação obrigatória.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares. No entanto, quatro questões devem ser observadas:

1. A linguagem do TCLE deve ser melhor refletida e adequada aos migrantes hispanos que irão participar da pesquisa. Sugere-se evitar termos técnicos e o uso de palavras mais acessíveis aos participantes.
2. No arquivo "instrumento\_de\_coleta\_de\_dados.pdf" não consta um roteiro de perguntas básico que possa dar insumos aos relator deste parecer sobre a forma em que os participantes serão abordados e que perguntas guiarão a interação durante a pesquisa em campo. Embora a pesquisadora esteja de acordo com os prazos de elaboração dos instrumentos, é necessário um

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de

**Bairro:** ASA NORTE

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3107-1592

**E-mail:** cep\_chs@unb.br

roteiro, mesmo que rudimentar, prototípico, para uma análise mais robusta. No arquivo supramencionado, consta a seguinte informação: "roteiro de perguntas abertas e aplicação de um questionário com termos álgicos, baseado nos princípios da socioterminologia". Sugere-se encaminhar perguntas que darão direção à pesquisa.

3. Sugere-se que haja mais reflexão por parte da pesquisadora sobre como minimizar os riscos para os participantes. Embora esteja especificado nas informações do projeto que "a pesquisadora se compromete a dar todo o suporte possível para que o entrevistado se sinta seguro e acolhido", precisa operacionalizar essa acolhida. Na carta de revisão ética, encontra-se: "Os riscos que podem chegar a ocorrer, são de ordem emocional, porque ao reviver

o momento de não saber como descrever sua dor e sintomas em outra língua, o migrante

provavelmente se sinta fragilizado e emocionalmente entristecido. Para tanto, a pesquisadora se compromete a criar um ambiente de confiança que promova o maior conforto possível ao entrevistado para que, chegado o momento do relato, a pessoa se sinta segura e confiante ao ter que reviver momentos delicados de sua experiência migrante". Como isso será feito?

### Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1712226.pdf	05/03/2021 14:48:22		Aceito
Outros	CurriculoLattespesquisadores.pdf	05/03/2021 14:47:39	MARTA INGRITH MOLINA CABRERA	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.pdf	05/03/2021 14:43:47	MARTA INGRITH MOLINA CABRERA	Aceito
Cronograma	Cronograma_projeto.pdf	05/03/2021 14:43:10	MARTA INGRITH MOLINA CABRERA	Aceito
Outros	CartadeRevisaoEtica.pdf	03/03/2021 21:54:29	MARTA INGRITH MOLINA CABRERA	Aceito
Outros	CartadeencaminhamentoaoCEP.pdf	03/03/2021 21:53:43	MARTA INGRITH MOLINA CABRERA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Aceite_Institucional.pdf	03/03/2021 21:49:03	MARTA INGRITH MOLINA CABRERA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCompleto.pdf	03/03/2021 21:48:17	MARTA INGRITH MOLINA CABRERA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE.pdf	03/03/2021 21:46:52	MARTA INGRITH MOLINA CABRERA	Aceito

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de

**Bairro:** ASA NORTE

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3107-1592

**E-mail:** cep\_chs@unb.br

Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	03/03/2021 21:46:52	MARTA INGRITH MOLINA CABRERA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	03/03/2021 21:46:38	MARTA INGRITH MOLINA CABRERA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Pendente

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA, 03 de Abril de 2021

---

**Assinado por:**

**ANDRE VON BORRIES LOPES**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASILIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_chs@unb.br

## ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “*POR UMA SOCIOTERMINOLOGIA SOBRE A DOR INCLUSIVA PARA PACIENTES MIGRANTES HISPANÓFONOS NO BRASIL*”, de responsabilidade de *Marta Ingrith Molina Cabrera*, estudante de doutorado da *Universidade de Brasília*. O objetivo desta pesquisa é identificar os termos vinculados à dor que provocam dificuldades para se chegar a um diagnóstico preciso, a partir de entrevistas semiestruturadas aos profissionais da saúde nos centros de atenção de saúde pública da cidade de Brasília, e aos migrantes hispanos. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de um questionário e entrevistas semiestruturadas. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa realizar e deixar disponível uma ferramenta socioterminológica bilíngue com alto poder explicativo que possa auxiliar tanto aos migrantes quanto aos profissionais da saúde em consulta médica.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode contatar a pesquisadora *Marta Ingrith Molina Cabrera*, através do telefone (61) 98213-7756 ou pelo e-mail [martamolnacabrera@gmail.com](mailto:martamolnacabrera@gmail.com)

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de um glossário socioterminológico que contemple o par linguístico espanhol/ português, com os termos propostos pelo coletivo entrevistado podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: [cep\\_chs@unb.br](mailto:cep_chs@unb.br) ou pelo telefone: (61) 3107-1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/da participante

  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, \_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_

## 7.7. Cuestionario de Dolor de McGill (McGill Pain Questionnaire, MPQ)

Indique sus sentimientos y sensaciones en el momento actual.

**Temporal I**

- A golpes
- Continuo

**Temporal II**

- Periódico
- Repetitivo
- Insistente
- Interminable

**Localización I**

- Impreciso
- Bien delimitado
- Extenso

**Localización II**

- Repartido
- Propagado

**Punción**

- Como un pinchazo
- Como agujas
- Como un clavo
- Punzante
- Perforante

**Incisión**

- Como si cortase
- Como una cuchilla

**Constricción**

- Como un pellizco
- Como si apretara
- Como agarrotado
- Opresivo
- Como si exprimiera

**Tracción**

- Tirantez
- Como un tirón
- Como si estirara
- Como si arrancara
- Como si desgarrara

**Térmico I**

- Calor
- Como si quemara
- Abrasador
- Como hierro candente

**Térmico II**

- Frialdad
- Helado

**Sensibilidad táctil**

- Como si rozara
- Como un hormigueo
- Como si arañara
- Como si raspara
- Como un escozor
- Como un picor

**Consistencia**

- Pesadez

**Miscelánea sensorial I**

- Como hinchado
- Como un peso
- Como un flato
- Como espasmos

**Miscelánea sensorial II**

- Como latidos
- Concentrado
- Como si pasara corriente
- Calambrazos

**Miscelánea sensorial III**

- Seco
- Como martillazos
- Agudo
- Como si fuera a explotar

**Tensión emocional**

- Fastidioso
- Preocupante
- Angustioso
- Exasperante
- Que amarga la vida

**Signos vegetativos**

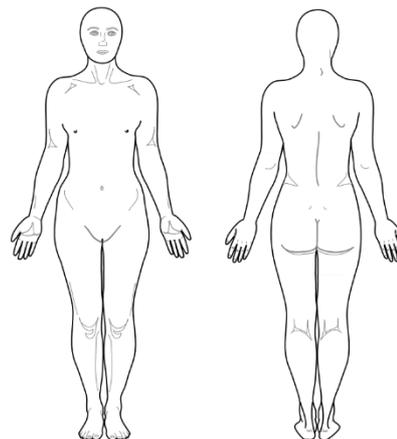
- Nauseoso

**Miedo**

- Que asusta
- Temible
- Aterrador

**Categoría valorativa**

- Débil
- Soportable
- Intenso
- Terriblemente molesto



Indique la expresión que mejor refleja la intensidad del dolor, en su conjunto, en el momento actual.

- Leve, débil, ligero
- Moderado, molesto, incómodo
- Fuerte
- Extenuante, exasperante
- Insoportable

Marque una cruz sobre la línea, indicando cuánto dolor tiene actualmente.

Sin dolor | | | | | Dolor insoportable

PRI-S: \_\_\_\_ PRI-E: \_\_\_\_ PRI-V: \_\_\_\_ PRI-M: \_\_\_\_ PRI-TOTAL: \_\_\_\_

Número de palabras: \_\_\_\_ PPI: \_\_\_\_ EAV (0-10): \_\_\_\_

PRI, pain rating intensity score; PRI-S, PRI sensorial; PRI-E, PRI emocional; PRI-V, PRI valorativa; PPI, present pain intensity.

## ANEXO D - GLOS-DOL/GLOS-DOR

### Referência Contextos

- \*1 <https://www.vista-laser.com/destellos-luz-ojo/>
- \*2 [https://youtu.be/1mJ3q3vysUk?si=rQis-Cdy\\_q6mbfic](https://youtu.be/1mJ3q3vysUk?si=rQis-Cdy_q6mbfic)
- \*3 <https://www.spine-health.com/es/condiciones/dolor-piernas/dolor-neural-pierna>
- \*4 [https://www.medicinanet.com.br/conteudos/acpmedicine/7637/sindromes\\_de\\_dor\\_alem\\_das\\_cefaleias.htm](https://www.medicinanet.com.br/conteudos/acpmedicine/7637/sindromes_de_dor_alem_das_cefaleias.htm)
- \*5 <https://www.infosalus.com/salud-investigacion/noticia-nos-agarrotan-musculos-aliviarlo-20180611084435.html>
- \*6 <https://www.diariovasco.com/20080106/deportes/mas-deportes/meca-cruza-tres-veces-200801061344.html>
- \*7 <https://dem.colmex.mx/Ver/calambre>
- \*8 <https://www.buscopan.com.br/blog/colicas/o-que-e-colica-estomacal-o-que-causa-como-aliviar>
- \*9 <https://www.elmundo.es/elmundosalud/2007/04/10/neurocienciadudasypreguntas/1176217996.html>
- \*10 <https://www.doctoralia.com.br/perguntas-respostas/tenho-sofrido-muito-com-esse-problema-sinto-choque-nas-pernas-que-quando-atacam-fico-a-noite-inte>
- \*11 <https://apps2.rae.es/CREA/org/publico/pages/consulta/entradaCompleja.view>
- \*12 <https://corpus.rae.es/cgi-bin/crpsrvEx.dll>
- \*13 <https://www.rededorsaoluz.com.br/doencas/calafrios>
- \*14 <https://www.doctoralia.es/preguntas-respuestas/>
- \*15 <https://www.saudemais.med.br/canal-saude-mais/doutor-minha-cabeca-parece-que-vai-explodir>
- \*16 <https://g1.globo.com/especial-publicitario/gsk-herpes-zoster/noticia/2023/12/22/>
- \*17 <https://www.mundodeportivo.com/uncomo/salud/articulo/tipos-de-dolores-de-cabeza-17056.html>
- \*18 <https://drconsulta.com/conteudo/o-enjoo-nao-passa-e-agora/>
- \*19 <https://neurocirurgiasp.com.br/artigos/servico-de-neurocirurgia/tudo-sobre-neuralgia-do-trigemeo/>

[\\*20https://www.drfelipemalafaia.com.br/9-alimentos-que-prejudicam-a-saude-do-estomago/#:~:text=1\)%20Frituras&text=A1%C3%A9m%20disso%2C%20ingerir%20frituras%20e,azia%E2%80%9D%20e%20o%20refluxo%20%C3%A1cido.](https://www.drfelipemalafaia.com.br/9-alimentos-que-prejudicam-a-saude-do-estomago/#:~:text=1)%20Frituras&text=A1%C3%A9m%20disso%2C%20ingerir%20frituras%20e,azia%E2%80%9D%20e%20o%20refluxo%20%C3%A1cido.)

## **Referência Notas**

\*a <https://www.merckmanuals.com/es-us>

\*b <https://www.merckmanuals.com/es-us>

\*c <https://bestpractice.bmj.com/topics/es-es/694>

\*d<https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/dist%C3%BArbios-neuro%C3%B3gicos/dor/dor-cr%C3%B4nica>

\*e<https://newyorkspinespecialist.com/es/c%C3%B3mo-saber-si-se-tiene-un-latigazo-cervical/>

\*f <https://www.itcvertebral.com.br/sindrome-do-chicote/>

\*g<https://www.semg.es/index.php/component/k2/item/505-cuando-preocuparnos-por-un-dolor-toracico>

\*h <https://www.einstein.br/doencas-sintomas/dor-toracica>

\*i <https://www.leti.com/vivetupiel/picor-en-la-piel-causas/>

\*j <https://www.tuasaude.com/principais-causas-de-coceira-na-pele/>